



Departamento de Educação e Ensino à Distância

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

**CONCEÇÕES SOBRE O IMPACTO
DA
BIBLIOTECA ESCOLAR
NA
COMUNIDADE EDUCATIVA SENENSE**

Licínio Alberto Nogueira Amaral

2014



Departamento de Educação e Ensino à Distância

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

**CONCEÇÕES SOBRE O IMPACTO
DA
BIBLIOTECA ESCOLAR
NA
COMUNIDADE EDUCATIVA SENENSE**

Licínio Alberto Nogueira Amaral

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em
Administração e Gestão Educacional

Orientadora: Professora Doutora Teresa Margarida Loureiro Cardoso

Lisboa, 2014

Resumo

Com este estudo pretendemos analisar o grau de satisfação da comunidade educativa senense quanto às atividades e recursos disponibilizados pela Biblioteca Escolar, e verificar até que ponto esta promove os objetivos educativos delineados de acordo com as finalidades da escola. Assim, as nossas questões de investigação são: (i) Quais os contributos da Biblioteca Escolar para a satisfação da comunidade educativa? (ii) Que conceções possuem os elementos da comunidade educativa relativamente à Biblioteca Escolar? (iii) De que forma contribui a Biblioteca Escolar para a promoção e dinamização cultural da comunidade educativa? (iv) Como são perspetivados os benefícios resultantes da existência da Biblioteca Escolar?

O enquadramento teórico deste estudo está organizado em três partes: a primeira apresenta algumas das conceções sobre a biblioteca escolar; a segunda aborda a importância da biblioteca escolar para a satisfação da comunidade educativa; e, a terceira diz respeito à gestão e dinamização da biblioteca escolar, referindo o papel desempenhado quer pelo professor bibliotecário, quer pela direção da escola.

Para esta investigação, adotámos uma abordagem mista, com um carácter maioritariamente quantitativo, por se recorrer a inquéritos por questionário aos alunos, aos professores, aos assistentes operacionais e técnicos e aos encarregados de educação, mas também, com um cariz qualitativo, uma vez que recorreremos, ao inquérito por entrevista à professora bibliotecária e à diretora do Agrupamento de Escolas.

Os resultados deste estudo revelam que quase toda a comunidade escolar reconhece a importância da existência da biblioteca escolar, mas que existem pequenos aspetos que terão que ser corrigidos para que, desse modo, tenha um papel e uma preponderância mais eficaz. Verificamos que há plena consciência dos órgãos responsáveis pela sua gestão e organização, que ainda há muito a fazer para a concretização de todos os objetivos que conduzam à plena satisfação e tenham impacto efetivo na melhoria da qualidade dos serviços prestados, nomeadamente e de forma significativa, na aprendizagem dos alunos, que consiste no objetivo primeiro de todo o trabalho educativo.

Palavras-chave: comunidade educativa, satisfação, biblioteca escolar, conceções.

Abstract

The current study intends to analyse the degree of satisfaction among the school community of Seia regarding the activities and resources provided by the School Library, as well as to verify to what extent it promotes the educational aims outlined according to the school purposes. Thus, one research questions are: (i) Which benefits does the School Library bring to the school community? (ii) Which perceptions do the school community members have towards the School Library? (iii) In which way does the School Library contribute to the cultural promotion and dynamics of the school community? (iv) How are the School Library benefits perceived?

The theoretical framework of the current study is organized in three parts: the first one focus the School Library in general; the second approaches the importance of the School Library to meet the satisfaction of the school community; and the third refers to the management and dynamics of the School Library, namely the role played both by the librarian teacher and the school management.

A mixed methodological approach was adopted for this investigation prevailing a quantitative character, using surveys to teachers, operational and technical assistants, students and parents, but resorting as well to a qualitative procedure, by using interviews to the librarian teacher and the school director.

The results of the present study show that almost the entire school community recognizes the importance of the School Library, in spite of some details that have to be improved so that it can gain a more effective role and preponderance. We realize that the responsible bodies for its management and organization are fully aware that there is still a lot to be done in order to achieve all the aims leading to satisfaction and effective impact on improving the quality of one services provided, namely and meaningfully on students' learning, which is the first aim of all educational work.

Keywords: school community, satisfaction, school library, perceptions.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível devido ao apoio de muitas pessoas.

Particularmente refiro a orientadora da dissertação, Professora Doutora Teresa Margarida Loureiro Cardoso, pelo apoio, interesse e disponibilidade manifestada ao longo de todo o trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos alunos, professores, encarregados de educação, assistentes operacionais, assistentes técnicos, professora bibliotecária e diretora do agrupamento pela forma como se disponibilizaram para responder aos inquéritos.

A todas as pessoas que ao longo deste percurso, em especial, a todos os elementos do MAGE, que me forneceram elementos preciosos e me deram força e estímulo neste projeto.

À minha família que ao longo de todo este percurso nunca me negou o seu “ombro amigo”, em especial, aos meus pais, à minha esposa e aos meus filhos, cujo apoio revigorou de forma definitiva o projeto que agora termina,

BEM HAJAM !!!

ÍNDICE GERAL

Resumo	I
Abstract	III
Agradecimentos	V
Índice geral	VII
Índice de figuras	XI
Índice de gráficos	XIII
Índice de quadros	XV
Índice de tabelas	XVII
Glossário de siglas	XIX
CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
1. A escola de cultura	1
2. Cultura de escola	5
3. A diversidade no contexto escolar	11
4. A inovação como meta	15
5. A biblioteca escolar: uma luz ao fundo do túnel?	20
CAPÍTULO II - A BE: DAS CONCEÇÕES À SATISFAÇÃO DA COMUNIDADE EDUCATIVA	23
1. Conceções sobre a Biblioteca Escolar	23
1.1. Conceções sobre a BE: do conceito à multiplicidade	26
1.1.1. Objetivos e funções da Biblioteca Escolar	28
1.1.2. Conceções dos alunos e dos professores sobre a leitura	32
1.1.3. Conceções dos alunos e dos professores sobre as TIC	34
2. A importância da BE para a satisfação da comunidade educativa	37
3. A gestão e dinamização da Biblioteca Escolar	41
3.1. O papel do professor bibliotecário	41
3.2. O papel da Direção da Escola	46

CAPÍTULO III - INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	49
1. Descrição da investigação	49
2. Opções metodológicas	51
2.1. As metodologias quantitativas	51
2.2. As metodologias qualitativas	52
2.3. As metodologias mistas	54
3. População e amostra do estudo	56
4. Técnicas e instrumentos de pesquisa	60
4.1. O questionário	60
4.1.1. Questionário aplicado aos alunos	62
4.1.2. Questionário aplicado aos professores	63
4.1.3. Questionário aplicado aos AOT	64
4.1.4. Questionário aplicado aos EE	65
4.1.5. Validação dos questionários	65
4.2. A entrevista	66
4.2.1. Elaboração e validação das entrevistas	67
5. Procedimentos de análise da informação obtida	69
 CAPÍTULO IV - INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS RESULTADOS	 73
1. Interpretação e análise das entrevistas	73
1.1. Entrevista à Diretora do Agrupamento de Escolas de Seia	73
1.2. Entrevista à Professora bibliotecária	75
1.3. Síntese das entrevistas	76
2. Tratamento e análise dos questionários	78
2.1. Alunos	78
2.2. Professores	89
2.3. Assistentes operacionais e técnicos	103
2.4. Encarregados de Educação	112
 CONCLUSÕES	 123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
REFERÊNCIAS WEBOGRÁFICAS	135
REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS	139
ANEXOS	141
Anexo 1 - Questionários piloto	143
Anexo 2 - Estudo piloto	159
Anexo 3 - Pedido de autorização, à direção da escola, para aplicar os questionários à comunidade educativa	181
Anexo 4 - Pedido de autorização, aos Encarregados de Educação, para aplicar o questionário aos seus educandos	183
Anexo 5 - Guiões das entrevistas	185
Anexo 6 - Entrevistas	191
Anexo 7 - Análise de conteúdo das entrevistas	201
Anexo 8 - Matriz de objetivos dos questionários	207
Anexo 9 - Questionários finais	213
Anexo 10 - Distribuição das sugestões apresentadas pela comunidade educativa para que a BE crie mais satisfação	229

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 - Manifestações da cultura organizacional	6
Figura n.º 2 - A biblioteca escolar como um centro de aprendizagem	21
Figura n.º 3 - Uma Biblioteca de Escola	24

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico n.º 1 - Distribuição dos alunos por sexo	161
Gráfico n.º 2 - Distribuição dos alunos por idade	161
Gráfico n.º 3 - Importância para os alunos da existência da BE	161
Gráfico n.º 4 - Periodicidade de frequência da BE por parte dos alunos	162
Gráfico n.º 5 - Parecer dos alunos sobre a frequência da BE	162
Gráfico n.º 6 - Razões pelas quais os alunos não frequentam mais vezes a BE	162
Gráfico n.º 7 - Finalidades dos alunos em utilizar a BE	163
Gráfico n.º 8 - Recursos mais utilizados pelos alunos na BE	163
Gráfico n.º 9 - Atividades realizadas pela BE consideradas mais interessantes pelos alunos	164
Gráfico n.º 10 - Recursos que os alunos consideram em falta na BE	164
Gráfico n.º 11 - Características atribuídas pelos alunos à equipa da BE	165
Gráfico n.º 12 - Distribuição dos professores por sexo	166
Gráfico n.º 13 - Distribuição dos professores por idade	166
Gráfico n.º 14 - Distribuição dos professores por grupo de recrutamento	167
Gráfico n.º 15 - Situação profissional dos professores	167
Gráfico n.º 16 - Tempo de lecionação nesta escola	167
Gráfico n.º 17 - Importância para os professores da existência da BE	168
Gráfico n.º 18 - Frequência com que os professores sugerem aos alunos a utilização da BE para a realização de trabalhos de pesquisa	168
Gráfico n.º 19 - Periodicidade de frequência da BE por parte dos professores	169
Gráfico n.º 20 - Conhecimento por parte dos professores dos materiais existentes na BE para o seu grupo de recrutamento	169
Gráfico n.º 21 - Parecer dos professores sobre os materiais existentes na BE	170
Gráfico n.º 22 - Indicação dos materiais a adquirir pela BE por parte dos professores	170
Gráfico n.º 23 - Conhecimento do blogue da BE pelos professores	171
Gráfico n.º 24 - Aspetos que mais agradam aos professores na BE	171
Gráfico n.º 25 - Importância atribuída pelos professores à BE na consecução dos objetivos educativos	172

Gráfico n.º 26 - Distribuição dos assistentes por sexo	173
Gráfico n.º 27 - Distribuição dos assistentes por idade	173
Gráfico n.º 28 - Situação profissional dos assistentes	173
Gráfico n.º 29 - Função desempenhada pelos assistentes	173
Gráfico n.º 30 - Tempo de serviço dos assistentes nesta escola	174
Gráfico n.º 31 - Conhecimento da BE pelos assistentes	174
Gráfico n.º 32 - Frequência com que os assistentes se deslocam à BE	174
Gráfico n.º 33 - Finalidade com que os assistentes frequentam a BE	175
Gráfico n.º 34 - Grau de satisfação dos assistentes relativamente à BE	175
Gráfico n.º 35 - Aspectos considerados mais importantes na BE pelos assistentes	176
Gráfico n.º 36 - Conhecimento das atividades da BE pelos assistentes.....	176
Gráfico n.º 37 - Meio utilizado pelos assistentes para obter conhecimento sobre as atividades da BE	176
Gráfico n.º 38 - Distribuição dos EE por sexo	177
Gráfico n.º 39 - Distribuição dos EE por idade	177
Gráfico n.º 40 - Conhecimento da BE pelos EE	177
Gráfico n.º 41 - Frequência com que os EE se deslocam à BE	177
Gráfico n.º 42 - Motivos da frequência da BE pelos EE	178
Gráfico n.º 43 - Aspectos considerados mais importantes na BE pelos EE	178
Gráfico n.º 44 - Preferências dos EE quanto aos aspectos mais importantes na BE	178
Gráfico n.º 45 - Importância atribuída pelos EE à BE para o desenvolvimento das aprendizagens dos seus educandos	179
Gráfico n.º 46 - Conhecimento pelos EE das atividades realizadas pela BE	179
Gráfico n.º 47 - Meio utilizado pelos EE para obter conhecimento sobre as atividades da BE	179

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 - Caraterísticas gerais da amostra participante de alunos	57
Quadro n.º 2 - Caraterísticas gerais da amostra participante de professores	58
Quadro n.º 3 - Caraterísticas gerais da amostra participante de AOT e EE	58
Quadro n.º 4 - Objetivos das questões do questionário aplicado aos alunos	62
Quadro n.º 5 - Objetivos das questões do questionário aplicado aos professores .	63
Quadro n.º 6 - Objetivos das questões do questionário aplicado aos AOT	64
Quadro n.º 7 - Objetivos das questões do questionário aplicado aos EE	65
Quadro n.º 8 - Outras razões pelas quais os alunos não frequentam mais vezes a BE	81
Quadro n.º 9 - Finalidades dos alunos em utilizar a BE	82
Quadro n.º 10 - Outras finalidades dos alunos em utilizar a BE	82
Quadro n.º 11 - Recursos mais utilizados pelos alunos na BE	83
Quadro n.º 12 - Atividades realizadas pela BE consideradas mais interessantes pelos alunos	83
Quadro n.º 13 - Outras caraterísticas atribuídas pelos alunos à equipa da BE	85
Quadro n.º 14 - Análise de conteúdo da questão aberta aos alunos (Síntese)	86
Quadro n.º 15 - Distribuição dos professores mediante o GR e a média do tempo de serviço	91
Quadro n.º 16 - Relação dos materiais que os professores consideram insuficientes na BE	96
Quadro n.º 17 - Parecer dos professores sobre o que mais lhes agrada na BE	98
Quadro n.º 18 - Análise de conteúdo da questão aberta aos professores (Síntese)	99
Quadro n.º 19 - Distribuição dos assistentes mediante a idade e o tempo de serviço na escola	105
Quadro n.º 20 - Outros motivos que levam os assistentes a frequentar a BE	107
Quadro n.º 21 - Parecer dos assistentes de acordo com o tempo na escola sobre o que lhes agrada mais na BE	108
Quadro n.º 22 - Relação dos outros meios pelos quais os assistentes tomam conhecimento das atividades da BE	110
Quadro n.º 23 - Análise de conteúdo da questão aberta aos AOT (Síntese)	110
Quadro n.º 24 - Outras razões referidas pelos EE para que não frequentem mais a BE	114

Quadro n.º 25 - Distribuição dos outros motivos apresentados pelos EE que originam a frequência da BE	115
Quadro n.º 26 - Análise de conteúdo da questão aberta aos EE (Síntese)	118

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela n.º 1 - Distribuição dos alunos de acordo com a idade e o género	78
Tabela n.º 2 - Distribuição dos alunos mediante a idade e o ano de escolaridade .	79
Tabela n.º 3 - Opinião dos alunos sobre a importância da existência da BE	80
Tabela n.º 4 - Distribuição da periodicidade de frequência da BE por parte dos alunos	80
Tabela n.º 5 - Parecer dos alunos sobre a frequência da BE	81
Tabela n.º 6 - Razões pelas quais os alunos não frequentam mais vezes a BE	81
Tabela n.º 7 - Recursos que os alunos consideram em falta na BE	84
Tabela n.º 8 - Outros recursos que os alunos consideram em falta na BE	84
Tabela n.º 9 - Características atribuídas pelos alunos à equipa da BE	85
Tabela n.º 10 - Distribuição dos professores mediante a idade e o género	89
Tabela n.º 11 - Distribuição dos professores de acordo com o GR e o género	90
Tabela n.º 12 - Distribuição dos professores de acordo com o GR e a situação profissional	91
Tabela n.º 13 - Opinião dos professores sobre a importância da existência da BE	92
Tabela n.º 14 - Frequência com que os professores sugerem aos alunos a utilização da BE, para a realização de trabalhos de pesquisa	93
Tabela n.º 15 - Distribuição da periodicidade de frequência da BE por parte dos professores	94
Tabela n.º 16 - Parecer dos professores sobre o conhecimento dos materiais existentes na BE e com interesse para o seu GR	94
Tabela n.º 17 - Parecer dos professores sobre se são suficientes os materiais da BE	95
Tabela n.º 18 - Distribuição da frequência com que os professores indicam os materiais a adquirir pela BE	96
Tabela n.º 19 - Parecer dos professores sobre o conhecimento do blogue da BE ..	97
Tabela n.º 20 - Parecer dos professores sobre a importância da BE na consecução dos objetivos educativos	99
Tabela n.º 21 - Distribuição dos assistentes mediante a idade e o género	103
Tabela n.º 22 - Distribuição dos assistentes de acordo com a idade e a situação profissional	104
Tabela n.º 23 - Distribuição dos assistentes de acordo com a função e o género ..	105

Tabela n.º 24 - Parecer dos assistentes de acordo com o género sobre o conhecimento da BE	106
Tabela n.º 25 - Distribuição da periodicidade de frequência da BE por parte dos assistentes	106
Tabela n.º 26 - Parecer dos assistentes sobre os motivos que os levam a frequentar a BE	106
Tabela n.º 27 - Parecer dos assistentes sobre o seu grau de satisfação relativamente à BE	107
Tabela n.º 28 - Parecer dos assistentes de acordo com o tempo na escola sobre o conhecimento das atividades realizadas pela BE	108
Tabela n.º 29 - Distribuição dos assistentes mediante a idade e o meio pelo qual tomam conhecimento das atividades da BE	109
Tabela n.º 30 - Distribuição dos EE mediante a idade e o género	112
Tabela n.º 31 - Parecer dos EE sobre o conhecimento da BE de acordo com o ano de escolaridade dos educandos	113
Tabela n.º 32 - Distribuição da periodicidade de frequência da BE por parte dos EE	113
Tabela n.º 33 - Parecer dos EE sobre a frequência da BE	113
Tabela n.º 34 - Parecer dos EE para não frequentarem mais vezes a BE	114
Tabela n.º 35 - Distribuição dos motivos que estão na origem da frequência da BE por parte dos EE	115
Tabela n.º 36 - Parecer dos EE sobre o que consideram mais importante na BE ..	116
Tabela n.º 37 - Opinião dos EE sobre a importância da BE para o desenvolvimento das aprendizagens dos seus educandos	116
Tabela n.º 38 - Parecer dos EE sobre o conhecimento das atividades realizadas pela BE	117
Tabela n.º 39 - Meio utilizado pelos EE para obter conhecimento das atividades da BE	117
Tabela n.º 40 - Parecer dos EE sobre a sua satisfação perante a BE	118

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

Nesta dissertação são utilizadas siglas para referenciar alguns termos.

Indicam-se, seguidamente, as siglas utilizadas e o respetivo significado.

AALS – American Association of School Libraries

AES – Agrupamento de Escolas de Seia

AOT – Assistentes Operacionais e Técnicos

BE – Biblioteca escolar

EE – Encarregado de Educação

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

CNE – Conselho Nacional da Educação

IASL – *International Association of School Librarianship*

IFLA – *International Federation of Library Associations and Institutions*

GR – Grupo de Recrutamento

OCDE – Organização para a Cooperação Económica e Desenvolvimento

PBX – *Private Branch Exchange* (Centro de distribuição telefónica)

PISA – *Programme for International Student Assessment*

PNL – Plano Nacional de Leitura

PQND – Professor do Quadro de Nomeação Definitiva

PQZP – Professor do Quadro de Zona Pedagógica

RBE – Rede de Bibliotecas Escolares

RBEMS – Rede de Bibliotecas Escolares e Municipal de Seia

SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*
(Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura)

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. A Escola como Cultura

Uma conceptualização da escola como cultura que recolha a unanimidade ou, pelo menos, o acordo de uma grande parte dos especialistas é uma tarefa difícil, senão mesmo impossível, devido ao facto de esta temática ser atravessada por uma questão fundamental: pode/deve falar-se de cultura da organização ou de culturas da organização? Os investigadores (e, destes, sobretudo os que adotam metodologias qualitativas-descritivas na análise das organizações) tendem a tomar partido pela segunda hipótese enquanto os executivos das organizações sublinham, sobretudo, a importância e utilidade do conceito de cultura de organização.

A escola deve ser vista como uma organização cultural, havendo por tal facto a necessidade da interligação entre escola e cultura.

A educação é hoje unanimemente considerada um dos principais veículos de socialização e de promoção do desenvolvimento individual. Inserindo-se num contexto histórico, social e cultural mais amplo, os sistemas educativos acabam por ilustrar os valores que orientam a sociedade e que esta quer transmitir. É neste sentido que se pode falar, globalmente, de uma cultura, que se cria e preserva através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade e, especificamente, numa cultura escolar, isto é, num conjunto de aspectos, transversais, que caracterizam a escola como instituição. (Carvalho, 2006, p.1)

Pensar a escola pela perspectiva cultural significa ver cada escola não só diferente de qualquer outra organização, como também de qualquer outra organização escolar, através da sua cultura particular: isto é, por intermédio dos seus pressupostos de base e dos seus valores. E significa ver estas realidades, mais ou menos visíveis, não apenas como partilhadas pelos membros da escola mas também como construções sociais que se tornam referências fundamentais, nomeadamente, para: a definição dos padrões internos de interação, a construção da identidade coletiva e a definição da orientação da ação.

A escola, mais que transmissora de cultura, da “verdadeira cultura”, passa a ser

concebida como um espaço de “cruzamento de culturas” (Gomez, 2001), conflitos e diálogo entre diferentes culturas. Esta nova conceção de escola assenta nas manifestações de mal-estar, em tensões e conflitos, cada vez mais, denunciados pelos seus atores. Por outro lado, os desafios do mundo atual revelam a fragilidade e a insuficiência dos ideais “modernos”, obrigando à formulação de novas questões e procura de novos rumos. Tal perspetiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar e, assim, reinventar a escola.

Ao reconhecer o que especifica, identifica e distingue a escola de outros espaços de socialização, assim como o exercício de “mediação reflexiva” sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem no seu universo e nos seus atores, caminha-se para a representação/conceção de uma nova escola.

O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos e alunas aprendem na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da *cultura crítica*, que se situa nas disciplinas científicas, artística e filosóficas; as determinações da *cultura académica*, que se refletem no currículo; as influências da *cultura social*, constituídas pelos valores hegemónicos do cenário social; as pressões cotidianas da *cultura institucional*, presente nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola como instituição social específica, e as características da *cultura experiencial*, adquirida por cada aluno através da experiência dos intercâmbios espontâneos com seu entorno. (Gomez, 2001, p.17)

A relação entre as culturas, que caracteriza o universo escolar, é atravessada por tensões e conflitos que se acentuam quando as culturas, crítica, académica, social e institucional, articuladas, se tornam hegemónicas e tendem a ser absolutizadas em detrimento da cultura experiencial, de raízes socioculturais.

Assim, a escola tem sido chamada a lidar com a pluralidade de culturas, a reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes no seu contexto e a abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. De facto, abrir espaços para a diversidade e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que a escola terá de enfrentar, em detrimento da homogeneização e padronização a que está habituada.

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural e de (re)produção social. Cada escola é um mundo particular e com a sua própria cultura, de acordo com a sua realidade, o seu contexto, os seus atores e as suas vivências.

Assim, as mudanças educativas desenhadas a nível central não funcionam de

uma maneira uniforme quando aplicadas nas escolas, pois cada escola é única, na medida em que tem uma realidade interna, uma “história” e um modo próprio de “fazer as coisas” através da sua identidade, coerência e modo organizacional (Bolívar, 2003, pp.59-60).

É nesse sentido que se pode falar da escola como cultura, que se cria e preserva através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade e, especificamente, numa cultura escolar, isto é, num conjunto de aspetos, transversais, que caracterizam a escola como instituição. A cultura é algo que se constrói e se desenvolve durante o percurso da interação social dentro de cada escola (Guerra, 2002, p.194).

Há quem considere a escola o espelho da sociedade em que se insere e ao mesmo tempo o local privilegiado para transmitir a sua cultura, mas será mais adequado e pertinente considerar cada instituição escolar com a sua própria cultura, adquirida ao longo da sua existência.

A escola como cultura remete, assim, para a existência, em cada escola, de um conjunto de fatores organizacionais e de processos sociais específicos que relativizam a cultura escolar (enquanto expressão dos valores, hábitos, comportamentos, transmitidos pela forma escolar de educação a partir de determinações exteriores) (Barroso, 2005) e que, por isso, demonstram que não se trata de um recetáculo passivo de instruções exteriores, mas um elemento ativo na sua reinterpretação e operacionalização.

Cada instituição escolar é vista como um grupo social e detentora de uma cultura própria, que se consolidou ao longo do tempo de forma dinâmica. A cultura, de facto, não é algo que se impõe na pirâmide da organização, mas sim algo que se constrói e se desenvolve durante o percurso da interação social (Guerra, 2002, p.194).

Assim, a especificidade própria de cada escola constitui a sua cultura, que é assente em manifestações simbólicas (valores, crenças, linguagem, rituais, cerimónias) que lhe dão o seu cariz único e identidade própria.

A qualidade e o sucesso de cada organização escolar depende do seu tipo de cultura, verificando-se que aquelas que apresentam uma “cultura forte” entre os seus membros (identidade e valores partilhados) são as mais bem sucedidas e eficazes (Costa, 1996, p.109).

Segundo esta conceção, cada escola tem os seus pressupostos de base, os seus valores e/ou os seus artefactos, os quais são partilhados pelos seus membros e servem

de referência fundamentais, nomeadamente para:

- a) a definição dos padrões internos de interação;
- b) a construção da identidade coletiva;
- c) a definição da orientação da ação.

Segundo esta visão, gerir uma escola de forma cultural quer dizer assumir a tarefa de compreender, clarificar e operacionalizar a sua cultura através da gestão, alteração e reconstrução do seu património simbólico, visto que a cultura também é, como afirma Ott, citado por Costa (1996, p.119), “(...) uma força social que controla os padrões de comportamento organizacional (...)”.

Assim, ao surgir na escola o Diretor fez com que se cimentasse no seu seio uma cultura própria e mais enraizada, dado que a liderança é mais centralizada e unipessoal, facilitando a sua propagação pelos diversos atores de uma forma mais eficaz e contagiante. Cabe então ao Diretor o papel fundamental para, através de boas práticas de liderança, isto é, saber ajustar-se aos contextos multifacetados já existentes, ir inculcando devagar a sua própria visão e missão, que quer instituir na escola.

Para a concretização dos pressupostos enunciados é determinante que em cada escola haja o envolvimento de todos os seus agentes, mas para além disso, que possua, entre outros aspetos, uma biblioteca escolar dinâmica e que esta saiba interagir com toda a comunidade educativa.

2. Cultura de escola

A cultura é um fator decisivo no funcionamento organizacional. Muitos autores, entre eles Bilhim (1996), consideram que a cultura distingue as organizações e agrega os membros de cada uma em torno de uma identidade partilhada, facilitando a sua adesão aos objetivos gerais da organização a que pertencem.

A cultura é fundamental na criação de uma linguagem e de outros aspetos de natureza conceptual comuns, como as crenças e valores, que permitam o estabelecimento de relações e a socialização entre os seus membros.

A escola, enquanto organização, apresenta-se com um papel determinante no crescimento e na aquisição de competências educativas e sociais no seu público-alvo – as crianças e jovens – que as frequentam diariamente. A escola, e cada escola na sua especificidade, é transmissora da sua própria cultura, da socialização dos indivíduos e da sua preparação para intervir de forma responsável e ativa na sociedade. Entendemos, pois,

(...) cultura como o conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o qual facilita e ordena, limita e potencia os intercâmbios sociais, as produções simbólicas e materiais e as realizações individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado. A cultura, portanto, é o resultado da construção social, contingente às condições materiais, sociais e espirituais que dominam um espaço e um tempo. (Pérez Gómez, citado por Basei, 2007).

Consideramos portanto que cada vez mais a escola tenderá a ser recetáculo de um conjunto diversificado de diferentes culturas, sendo importante estar preparada para lidar com todas elas e aproveitar as sinergias positivas de todas e não apenas das dominantes, para concretizar os seus projetos educacionais. Isto, porque,

(...) qualquer cultura tende a explicar o mundo através dos seus valores e das suas opções, que, certamente, acredita serem as verdadeiras. Então, o grande papel da educação, nas escolas, será o de proporcionar a **todos** - minorias e maioria - um espaço de aprendizagens, competências, conhecimento mútuo, diálogo, respeito, aceitação, trabalho conjunto, tendo em vista um futuro melhor. (Silva, 2008, p.43).

Não existe consenso relativamente à definição de “cultura” o que tem permitido que não haja unanimidade de perspetivas a nível da investigação. Tylor define cultura (do latim colere, que significa cultivar) como “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e

capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Laraia, 2006).

Foram surgindo, entretanto, outras definições de cultura, tendo Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn (1952) encontrado pelo menos 167 definições diferentes para este conceito. No século XVIII, a cultura confunde-se com: desenvolvimento, educação, bons costumes, etiqueta e comportamentos de elite. Esta polissemia também se aplica ao contexto escolar, e nomeadamente no tocante à definição de “cultura de escola”.

Segundo Barroso (2005, p.56), a expressão “cultura de escola” corresponde a uma “metáfora com que se pretende significar os elementos e processos organizacionais que identificam o *ethos* de uma determinada escola, como por exemplo, valores, crenças, ideologias, normas, condutas, rotinas, hábitos, símbolos, etc.”. Assim, a “cultura de escola” remete para a existência em cada escola de um conjunto de fatores organizacionais e processos sociais específicos que resultam do jogo de relações e das práticas dos seus atores (Barroso, 2005, pp.56-57).

Por sua vez, Góis e Gonçalves (2005, p.19) consideram que “a cultura de escola (...) é vital para o êxito de qualquer processo de melhoria” e para que essa aconteça será essencial existir “colegialidade, o trabalho em equipa, onde os valores e a missão da escola resultam de ampla discussão”.

Embora o conceito de “cultura de escola” seja polissémico verificamos, através da pesquisa bibliográfica realizada, que existem “traços” comuns no tocante ao seu *ethos*, identidade, valores partilhados, projetos, crenças, entre outros.

Segundo Torres e Palhares (2008, p.104) a cultura organizacional pode ter várias manifestações conforme mostra a figura nº 1:

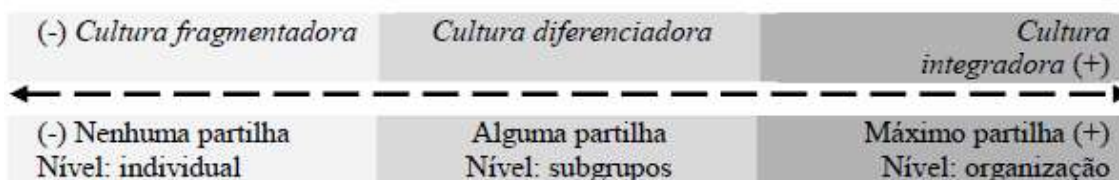


Figura nº 1: Manifestações da cultura organizacional (in Revista Crítica de Ciências Sociais, 83, dezembro 2008, p.104)

A explicitação desta “representação gráfica”, segundo o autor, refere que:

(...) é possível encontrar no seio das organizações escolares pelo menos três tipos de cultura, consoante o grau e a especificidade das suas manifestações: a *cultura integradora*, quando o grau de partilha e de identificação colectiva com os objectivos e valores da organização escolar é elevado; a *cultura diferenciadora*, quando o grau de partilha cultural apenas se restringe ao grupo de referência, sendo provável a coexistência de distintas subculturas no mesmo contexto organizacional; por fim, a *cultura fragmentadora*, quando se constata o grau mínimo de partilha cultural, frequentemente adstrita à mera esfera individual (cf. Meyerson & Martin, 1987; Martin & Meyerson, 1988; Frost et al., eds., 1991; e Martin, 1992, 2002).

As organizações devem basear-se num conjunto de ideias e crenças partilhadas através da interação humana e, portanto dependem da ação humana que contribui em maior ou menor grau para o desenvolvimento da imagem cultural da escola. O grau de partilha de um conjunto de crenças, valores e rituais distingue os tipos de cultura de escola e esta é chave para o progresso educativo.

A cultura de escola pode surgir através de duas formas distintas, através das ocorrências do seu dia a dia, isto é, das inter-relações estabelecidas entre os seus atores e das aprendizagens que delas se retiram ou através de uma forte liderança que consegue que os diversos atores interiorizem os valores pretendidos para a instituição.

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural e com uma missão pedagógica e educativa onde a educação escolar desempenha um papel de sociabilização, contribuindo para a interiorização pelo indivíduo dos valores da sociedade. É neste sentido que a escola representa uma instituição de primeira linha na constituição de valores que indicam os rumos pelos quais a sociedade trilhará o seu futuro (Souza, 2001). Assim,

(...) uma abordagem política e sociológica da escola não pode ignorar a sua dimensão cultural, quer numa perspectiva global, no quadro da relação que ela estabelece com a sociedade em geral, quer numa dimensão mais específica, em função das próprias formas culturais que ela produz e transmite. (Barroso, 2005, p.41).

Nesse sentido, este autor refere que é necessário analisar as diferentes dimensões da cultura escolar quanto aos seus pressupostos e modos de operacionalização. Apresenta e distingue três tipos de perspectivas quanto à cultura escolar. Numa perspectiva funcionalista, a instituição educativa é um simples transmissor de uma cultura definida e produzida exteriormente e que se traduz nos princípios, finalidades e normas que o poder político determina como constituindo o substrato do processo educativo e da aculturação das crianças e dos jovens. Numa perspectiva estruturalista, a

cultura escolar é produzida pela forma escolar de educação, principalmente através da modelização das suas formas e estruturas, seja o plano de estudos, as disciplinas, o modo de organização pedagógica, os meios auxiliares de ensino, etc. Por fim, a perspectiva interacionista, em que a cultura escolar é a cultura organizacional da escola. Considera-se, portanto, cada escola em particular e na sua especificidade própria. Nesta abordagem o que está em causa é a “cultura” que se produz no seu interior através das relações que se desenvolvem (relações entre pessoas, relações com o espaço e relações com os saberes) (Barroso, 2005, p.42).

Nesta perspectiva, cabe à cultura um papel preponderante dentro da escola, assumindo a integração de todos os seus elementos e ao mesmo tempo a diferenciação entre eles, gerando uma escola de mais qualidade, rumo à excelência.

Considerando a educação como um processo contínuo que acompanha, assiste e marca o desenvolvimento do indivíduo, e que o envolve na preservação e na transmissão da herança cultural, facilmente se deduz a importância que o sistema educativo, em geral, e a escola, em particular, assume na socialização e perpetuação da cultura.

A educação e o sistema educativo como fenómenos que assumem grande complexidade, dada a intervenção de diversas variáveis, requerem uma perspetivação e uma postura que contemplem os seus diversos níveis de intervenção. Apesar de inicialmente ter existido um maior enfoque nos níveis micro e macro (Nóvoa, 1995), tem-se registado uma evolução no sentido da valorização do nível meso de intervenção, o que se traduz numa maior preocupação com o estudo da escola e dos traços que a caracterizam enquanto sistema e organização. Ou seja,

Trata-se de procurar escapar ao vaivém tradicional entre uma perceção micro e um olhar macro, privilegiando o nível meso de compreensão e de intervenção. As instituições escolares adquirem uma dimensão própria, enquanto espaço organizacional, com uma cultura própria e onde se toma importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas. (Nóvoa, 1995, p.15).

Segundo o mesmo autor, “a modernização do sistema educativo deve passar pela sua descentralização e por um investimento das escolas como lugares de formação, que têm de adquirir mobilidade e flexibilidade, incompatível com a inércia burocrática e administrativa que as tem caracterizado” (Nóvoa, 1995, p.17).

As organizações escolares, ainda que estejam integradas num contexto cultural mais alargado, produzem uma cultura interna que lhes é própria e que exprime os valores e as crenças que os membros da organização partilham. As organizações educacionais, como afirma Brunet (1995), apesar de estarem integradas num contexto cultural mais amplo, relacionado com a cultura nacional, produzem uma cultura interna que as diferencia umas das outras.

Autores como Deal (1985) e Costa (1996) defendem que as escolas mais eficazes são aquelas que apresentam uma “cultura de escola” forte e enraizada no tempo. Para estes autores, as escolas eficazes são aquelas que, ao longo dos tempos, construíram um sistema de crenças, suportado por formas culturais que atribuem significado ao processo educativo.

Costa (1996, p.131), aludindo ao relatório da OCDE (1992) sobre as “Escolas e a Qualidade”, realça que:

(...) as motivações e os resultados dos alunos são profundamente afectados pela cultura ou espírito particular de cada escola e (que) as escolas nas quais os alunos obtêm bons resultados têm, essencialmente, as mesmas características”. Realça ainda que “as escolas eficazes são aquelas que, ao longo dos tempos, construíram um sistema de crenças, suportado por formas culturais que atribuem significado ao processo educativo.

Para Séguin (1987), a “cultura de escola” é um fator determinante nos resultados académicos dos alunos, referindo que “ao estudar as escolas eficazes, podemos identificar características que reagrupadas criem uma cultura de escola capaz de conduzir os alunos a um bom rendimento escolar” (citado por Costa, 1996, p.130).

Mas, temos escolas plenamente eficazes? Pensamos que a grande maioria não o são, porque tal pressupõe terem uma cultura própria e para que isso aconteça terão que ser preponderantes num variadíssimo e enorme conjunto de fatores, tais como: autonomia, organização curricular, lideranças fortes, formação adequada, estabilidade e envolvimento e empenhamento de toda a comunidade, entre outros. Caberá a cada organização escolar olhar para o seu interior e, dentro do quadro de autonomia relativa que lhe é atribuída, criar uma nova dinâmica organizacional capaz de melhorar a sua “performance”, tornando-a mais eficaz, bem como de dar resposta aos constantes desafios e solicitações da sociedade civil em geral.

A escola de hoje está cada vez está mais multicultural, pelo que deverá respeitar a diversidade e aproveitá-la para a construção da sua própria cultura, que se pretende o mais integradora possível, de modo a tornar-se mais eficiente e eficaz, pois só assim poderá acompanhar as mudanças que vão ocorrendo, quer no seu interior, quer no exterior.

A escola, e cada escola na sua especificidade, é transmissora da sua própria cultura, da socialização dos indivíduos e da sua preparação para intervir de forma responsável e ativa na sociedade.

3. A diversidade no contexto escolar

A diversidade no contexto social e educativo pode ser definida como afirma Escudeiro (1997), citado por Sabariego (2002, p.163), pela “expressão das diferenças individuais e sociais em forma de necessidades educativas diferentes. Trata-se de um conceito polivalente que engloba diferenças étnicas, religiosas, de origem social, de género, de capacidade e de interesses”.

No que diz respeito à diversidade dos alunos, na sala de aula, Guijarro (1999, p.4) considera que “todos os alunos têm umas necessidades educacionais individuais próprias e específicas, para poder aproveitar das experiências de aprendizagem necessárias para sua socialização, cuja satisfação requer uma atenção pedagógica individualizada”. Contudo, a diversidade existente no grupo favorecerá a troca de experiências e o crescimento de cada um.

De acordo com Barroso (1995), citado por Grave-Resendes (2008), a escola evolui no sentido de “ensinar a muitos, como se fossem um só (...) ou seja, a escola evolui para uma estrutura compartimentada e sectorial, como forma de homogeneizar as escolas e os próprios alunos”. É seguindo esta linha de pensamento da homogeneidade que funciona, por exemplo, a organização das turmas, o tipo dos projetos curriculares, as pedagogias implementadas na sala de aula.

Contudo, esta homogeneização é ilusória visto que a diversidade dos alunos permanece mesmo quando pensamos que homogeneizamos; continua sempre a haver a diversidade quer pelas diferenças culturais, pelos ritmos das aprendizagens, pelas inteligências múltiplas, quer através dos conhecimentos adquiridos no contexto informal.

Costa (1998, p.75) afirma que “valorizar a diferença é reconhecermos que a diferença distingue mas não divide, que o encontro e a unidade na diferença enriquece, ao passo que a unidade uniformizadora empobrece”.

Sendo a educação um direito inalienável de todos nós, cabe, então, à escola propor uma verdadeira atitude de mudança, onde o professor deverá refletir sobre a sua prática, analisando as situações e melhorando-as, adaptando os pressupostos teóricos à sua própria realidade, como forma de atender à diversidade presente.

No contexto educativo, segundo Carvalho (1998), citado por Pereira (2003, p.20), as “práticas têm revelado necessidade de mudança no sentido de dar voz à

diferença tendo como alvo a democratização do ensino”.

Atualmente é a escola que tem de se adaptar a todos os alunos, nomeadamente:

(...) com a democratização do ensino e a abertura da escola a alunos provenientes das mais diversas origens não só étnico, religiosa mas também sócio-económicas e culturais é urgente a tomada de consciência por parte de todos os professores para a urgência de refletir sobre as questões e de tentar dar respostas satisfatórias aos múltiplos desafios. (Miranda, 2004, p.33)

Neste sentido, a perspectiva multicultural no quotidiano da escola e da sala de aula provoca muitas questões importantes para a metodologia específica, relacionada com “as estratégias de ensino, o relacionamento professor-aluno e aluno-aluno, o sistema de avaliação, o papel do professor, organização da sala de aula, as atividades extra-aula e a relação escola comunidade entre outras” (Miranda, 2004, p.25).

Diante de uma realidade culturalmente diversificada, a escola é desafiada a rever conceções e paradigmas, respeitando e valorizando a diversidade dos alunos criando espaços inclusivos, de modo a reconhecer e responder às diversas dificuldades dos seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade para todos, mediante currículos apropriados, modificações organizacionais, estratégias de ensino, recursos e parcerias com a comunidade.

As mudanças em curso exigem novas posturas do professor perante uma realidade imposta, que só podem desenvolver-se integralmente através de um trabalho reflexivo, e autónomas, também partilhando experiências e saberes. Assim, torna-se necessário que, de acordo com Teixeira (2000, p.4), o professor deixe de ser o único detentor do saber para passar a ser um gestor das aprendizagens e um parceiro de um saber coletivo. Para isso, deve possuir uma experiência profunda e necessária, em termos de comunicação e relações humanas, relevando um novo perfil de professor, capaz de acompanhar as mudanças da sociedade.

Também Nóvoa (1991, p.16) refere que “(...) é urgente inventar uma nova maneira de ser professor, não continuando em busca de um tempo definitivamente perdido, mas antes participando activamente na construção do tempo presente.”

Nos nossos dias, encontramos cada vez mais nas nossas salas de aulas jovens/crianças oriundos de famílias com estratos sociais, culturais e económicos bastante diversificados e diferentes uns dos outros, que de uma ou outra forma criam diferentes motivações e ritmos de aprendizagem, para além de cada vez ser também

mais frequente ter pela nossa frente uma panóplia de raças.

Estas situações exigem que o professor utilize um conjunto vasto de procedimentos, baseados na tolerância, afetividade e respeito, capazes de tornar a aprendizagem acessível a todos, que permitam a inclusão, sendo por isso conducentes ao sucesso educativo.

Segundo Perrenoud (2001, p.78), o professor é quem dentro de um grupo, melhor “enfrenta a diversidade”, isto porque:

(...) dispõe de antemão de uma experiência mais vasta e, em princípio, de esquemas de comunicação mais diferenciados do que os outros membros, (...) ele possui uma bagagem teórica que deve ajudá-lo a compreender as diferenças de desenvolvimento, de personalidade, de cultura. (...) dispõe de um status e de um poder, (...) que lhe dão a iniciativa e a vantagem em todas as interações.

De facto, a escola precisa de acolher a diversidade dos alunos, reconhecer e valorizar as suas diferentes capacidades, permitir e conseguir mudar as suas práticas, se e quando necessário, para que o aluno encontre na escola um ambiente adequado, sem qualquer tipo de discriminações, que lhe proporcione uma educação de qualidade.

No entanto, não basta as escolas proporcionarem uma educação de qualidade a todos os jovens. É necessária uma política educativa que possibilite a educação inclusiva, que altere o sentido dos percursos da escola, a prática letiva dita “tradicional” como a conhecemos, e que a diferenciação pedagógica seja uma realidade nas nossas escolas. A diferenciação assume uma particular relevância como fator de inclusão.

Para Delors (2001), que entre outras funções assumiu a de presidente da Comissão Internacional da Educação para o século XXI, da UNESCO, a educação deve ser concebida como um todo, que se apoia em 4 grandes pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Assim,

(...) o único meio de se aceder a uma escolarização que dê oportunidade a um futuro melhor. (...) é a passagem obrigatória, a via de sentido único, a ponte que é necessário atravessar para se atingir a margem do futuro melhor. (...) é preciso frequentá-la, vivê-la dia a dia, apropriar-se do seu espaço, estabelecer relações com quem a habita, aprender a aprender os diversos conhecimentos que ela transmite. (Silva, 2008, p.182).

Por um lado, as características do meio ambiente escolar e a qualidade curricular da educação influenciarão o progresso dos alunos. Por outro, a família desempenha um

papel importante, devendo informar a escola das características e experiência dos seus filhos. Escola e família devem juntar forças e colaborar no processo educativo.

O esforço para conhecer os estudantes não deve ocorrer separado do processo de ensino. Acima de tudo, a escola deve desenvolver as necessárias condições em termos organizacionais e curriculares, nomeadamente optar por encorajar uma diferenciação pedagógica como princípio de aprendizagem e um direito do aluno, implementar percursos curriculares diversificados que tenham em consideração as necessidades dos alunos, de forma a assegurar o cumprimento da escolaridade obrigatória e combater a exclusão. Em suma,

(...) se o ensino consiste em transmitir a um aluno conhecimentos, de forma a que este os compreenda e assimile, a educação consistirá no emprego dos meios adequados para assegurar a formação, o desenvolvimento e a realização completa do ser humano. São imprescindíveis ensino e formação atentos à pluralidade de culturas, (...) culturas em relação, culturas que se abram ao saber ouvir, ao saber ver, ao conhecimento mútuo, ao questionamento, ao diálogo, ao contacto que se torna a fonte essencial de enriquecimento e progresso. (Silva, 2008, p.66)

4. A inovação como meta

A escola, como organização específica, foi evoluindo ao longo dos tempos, constatando-se que as várias transformações ocorridas na sociedade e a massificação do ensino se refletiram de forma direta nas organizações escolares; “a escola de hoje é infinitamente melhor do que a escola de ontem. É mais aberta, mais inteligente, mais sensível à diferença. Mas não chega” (Nóvoa, 2005, p.15).

Para Guerra (2000, p.38), a escola deverá permitir aumentar “os níveis de criatividade, contextualização, participação, abertura à comunidade, flexibilidade organizacional e autorreflexão”, para poder acompanhar as mudanças que vão ocorrendo com alguma frequência.

Assim, a escola é, nos nossos dias, confrontada com novas “realidades” e uma grande heterogeneidade de alunos, que trouxeram para a escola novos problemas, novas necessidades e novos desafios.

Cabe então à escola transformar-se e para tal necessita de aproveitar ao máximo a tecnologia que vai surgindo, levando-a para o contexto da sala de aula, para conseguir ser um espaço mais atraente e motivante aos olhos dos alunos. Neste sentido, a escola deixa de ser um local de transmissão de saberes, atitudes e valores para passar a ser um local de construção dessas mesmas competências.

No sentido de dar resposta a esta nova realidade, a escola deve desenvolver, no seu interior, processos de mudança que vão ao encontro desta nova “complexidade social” e necessidade educativa; “a escola está diferente. Mas o que mudou, não foi a escola, foram as circunstâncias (o “mundo”)” (Barroso, 2005, p.174).

Deverão as escolas apostar e implementar esforços de inovação, uma vez que só desse modo conseguirão enfrentar e acompanhar as mudanças que vão surgindo na sociedade em que vivemos, a um ritmo cada vez mais alucinante.

González e Escudeiro (1987), citado por Bolívar (2003, p.54), consideram como inovação educativa uma “série de mecanismos e processos mais ou menos deliberados e sistemáticos por meio dos quais se procura introduzir e proporcionar certas mudanças nas práticas educativas vigentes”.

Góis e Gonçalves (2005, p.15) consideram “a inovação pedagógica como uma acção cuja essência reside no processo (sucessão de acontecimentos que podem ser identificados por etapas) mais do que na própria natureza do que é introduzido de

novo”. Além disso,

A inovação não se decreta. A inovação não se impõe. A inovação não é um produto. É um processo. Uma atitude. É uma maneira de ser e estar na educação. Parafraseando António Sérgio, diria que a inovação é actividade, movimento: não é ser, mas sim devir; não é estar, mas sim ir sendo. (Nóvoa, 1988, p.8)

Nóvoa (1988) defende ainda, que a inovação gira em torno de três polos: “Investigação - Acção – Formação”, e só através deles assenta a modernização das nossas escolas e o futuro do nosso sistema educativo.

As escolas devem converter-se em “organizações estratégicas” e com capacidade de decidir sobre os seus projetos de mudança de acordo com as suas necessidades e prioridades. Pretende-se, com esta atitude, criar um compromisso entre as comunidades escolares e a educação que se deseja. Deste modo, a inovação gerada internamente tem como finalidade uma mudança “instituinte”, baseada na escola, no seu desenvolvimento e crescimento organizativo (Bolívar, 2003, p.21-23).

O mesmo autor refere que, qualquer proposta de mudança educativa gera resistências, ao pretender alterar os modos habituais de fazer as coisas já estabelecidos na cultura de ensino. Logo, mudar implica a interiorização, por parte de cada escola, de uma nova cultura baseada na inovação.

Assim, a mudança educativa é complexa, deverá envolver todos os agentes educativos e ser perspectivada por todos como um processo dinâmico, coletivo e relacional. Aliás, Bolívar (2003, p.51) refere a este respeito que “as inovações costumam gerar-se a partir das instâncias de base” ou, nas palavras de outro autor,

(...) as inovações que vêm da base são submetidas a autorização prévia e devem, à priori, provar que serão mil vezes melhores que as práticas em vigor, que não terão custos acrescentados, que não introduzirão nenhuma perturbação, que não darão a ninguém razões de descontentamento, que não farão baixar as performances, que não criarão nenhum precedente, que não darão lugar a nenhuma reclamação. (Perrenoud, 2004, p.24)

Será então fundamental o apoio das estruturas do topo, para que as mudanças ocorram e sejam consentidas por todos os membros da escola, permitindo a sua própria autorrenovação.

Caberá a cada organização educativa criar mecanismos internos que propiciem o trabalho colaborativo, em todos os seus agentes na nova cultura, baseada na inovação, e

interiorizando-a, o que levará à “construção”, no seu interior, do processo de melhoria: “os propósitos e as metas da mudança não podem vir de fora, devem ter a sua origem dentro da escola; é preciso, além disso, revitalizar a paixão pelo ensino” (Hargreaves, 1997, citado por Bolívar, 2003, p.58).

Este mesmo autor faz referência às políticas de melhoria da educação que se fizeram sentir nas últimas décadas, considerando que nos encontramos atualmente na era da “reestruturação escolar”, que coloca o enfoque na aprendizagem dos alunos e na melhoria/qualidade da escola (articulando internamente os conceitos de melhoria e inovação com o desenvolvimento da organização no seu todo). De acordo com Fullan (1987, citado por Bolívar, 2003, p.55), “entende-se por inovação/melhoria, uma alteração da prática existente para se passar para uma prática nova ou revista, com vista a obter determinados resultados desejados na aprendizagem dos alunos”.

Bolívar (2003, pp.65-66) refere ainda que todo o processo de mudança e inovação tem como finalidade melhorar a aprendizagem dos alunos e permitir o desenvolvimento profissional dos professores. As escolas só melhoram se os professores individualmente e coletivamente aprenderem a desenvolver melhor todo o processo de ensino-aprendizagem.

Nesta perspetiva Gómez (2007, p.213) cita (Resnick, 1996) para recordar que:

(...) inovação é o “construcionismo”, que é tanto uma teoria do aprendizado quanto uma estratégia para a educação. (...) o aprendizado é um processo ativo a partir do qual os participantes constroem conhecimento de suas experiências no mundo. Dito de outro modo, as pessoas não «adquirem» idéias e sim «criam-nas». (...) a construção do conhecimento torna-se particularmente efetiva quando os participantes constroem pessoalmente produtos significativos para si mesmos.

Cardoso (2002, p.22) define inovação como a “introdução de uma novidade no sistema educativo, promotora de uma real mudança, subentendendo um esforço deliberado e conscientemente assumido, bem como uma acção persistente, integrada num processo dinâmico, visando a melhoria pedagógica”, opinião esta antes partilhada por Correia (1989, p.31) referindo que “ a inovação é uma mudança deliberada e conscientemente assumida (...) visando objectivos bem precisos: a melhoria do sistema, o aumento da sua eficácia no cumprimento dos seus objectivos (...)”.

Esta conceção, a que aludem os dois últimos autores, emerge das definições adotadas nos anos setenta, por organizações como a OCDE e a UNESCO, aliás como

assume o próprio Correia (1989, p.31), mais tarde,

Fullan (1991) reconhecia que qualquer tipo de mudança no ensino, no currículo, depende em grande parte dos professores, (...) cada vez mais se assume que o professor é um construtivista (Clark e Peterson, 1986; Marcelo, 1987c) que processa informação, toma decisões, gera conhecimento prático, possui crenças, rotinas, etc.. (Garcia, 1999, p.47)

Tudo passará pelos professores abrirem os seus olhos às profundas transformações que vão ocorrendo na sociedade e que se refletem para o interior da escola, devendo saber adaptar-se a essas mudanças e ter (alguma) mestria para que os seus alunos desejem mais e sempre mais.

Assim, e segundo Nóvoa (1999, p.117), os professores devem “assimilar as profundas transformações que se produziram no ensino, na sala de aula e no contexto social que a rodeia, adaptando conseqüentemente os seus estilos de ensino e o papel que vão desempenhar”. Caberá então aos professores serem agentes facilitadores e dinamizadores de todo o processo de inovação e mudança dentro das organizações escolares. Contudo, não nos podemos alhear ao facto de a escola ser um “universo” mais globalizante e, por conseguinte, a comunidade educativa, no seu todo, ser fundamental no e para o processo de mudança.

A escola do século XXI necessita e exige soluções inovadoras para ultrapassar todos os variadíssimos problemas com que se confronta no seu dia a dia e tal só será possível desde que haja maior responsabilização e comprometimento de todos os seus atores, que poderá passar por um trabalho conjunto em substituição do trabalho individualizado para possibilitar uma outra dimensão da própria escola.

Bolívar (2003, p.110) cita Dalin e Rust (1983) para quem a mudança “tem a ver com os mecanismos e métodos para gerir e mudar a escola, para tomar decisões, para renovar e incentivar a sua estrutura, estilos de liderança e procedimentos para conjugar valores, relações e estruturas”.

Cardoso (2002, pp.72-73) apresenta, para uma instituição escolar inovadora, a perspectiva de Havelock (1973), que deve conter os seguintes traços: uma atitude positiva face à inovação em geral; um subsistema interno de inovação; orientação externa da instituição escolar e perspectiva futura. E refere, por outro lado, a perspectiva de Morrish (1981), que apresenta as seguintes características: dispõe de apoios financeiros a utilizar de forma criteriosa; tem professores mais capacitados, que

encaram os conflitos como indicadores de mudança; tem um conceito claro dos seus objetivos institucionais; possui uma adequada e sólida rede de comunicações entre a comunidade educativa, bem como elevada coesão e moral do pessoal; a melhoria escolar é encarada como um procedimento normal, pelo que se geram novas práticas e procuram soluções; revela sensibilidade a novas ideias; os seus membros sentem que podem influenciar na tomada de decisões e revelam um sentido de autonomia.

Além disso, “a reflexão sobre a própria prática é, em si mesma, um motor essencial de inovação” e esta é facilitada por “um nível elevado de qualificação, uma forte identidade, a participação numa cultura comum, o gosto e os meios para uma cooperação profissional, uma formação contínua livremente assumida. (Perrenoud, 1993, pp.186-187)”.

Góis e Gonçalves (2005, p.77) fazem referência a Carneiro (1994, p.23), que afirma que “os sistemas educativos necessitam, como estratégia de sobrevivência e como garantia de sucesso, orientar-se para a inovação”.

Hoje mais do que nunca, e comungando da opinião de Correia (1989, p.15), é necessário e fundamental “introduzir mudanças na escola, reformar a instituição escolar ou difundir inovações nos sistemas de ensino”, isto porque só assim se consegue “estar num mundo em contínua transformação”. Portanto,

(...) a escola precisa ter projeto, precisa de dados, precisa fazer sua própria inovação, planejar-se a médio e a longo prazos, fazer sua própria reestruturação curricular, elaborar seus parâmetros curriculares, enfim, ser cidadã. As mudanças que vêm de dentro das escolas são mais duradouras. Da sua capacidade de inovar, registrar, sistematizar a sua prática/experiência, dependerá o seu futuro. (Gadotti, 2000, p.8)

5. A biblioteca escolar: uma luz ao fundo do túnel?

Abordámos a cultura de escola, a escola de cultura, a diversidade e a necessidade de inovação no contexto educacional da atualidade. Urge a questão de como articular estes assuntos, factos atuais e importantes no desenvolvimento de uma Escola que se procura o mais eficaz possível na consecução dos objetivos traçados pela sociedade que integra.

Poderá a biblioteca escolar ser a luz ao fundo do túnel? Permitirá a ou contribuirá para a articulação procurada? Será capaz de colaborar nas intenções socioeducativas da sociedade atual, contribuindo, por exemplo, para a inclusão?

Atendendo a que um dos objetivos da BE, segundo o Manifesto das Bibliotecas escolares da UNESCO, é “Trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola” e, embora reconhecendo que, atualmente, a missão da escola não é consensual, é certo que desempenha um papel privilegiado na transmissão dos saberes e na promoção do desenvolvimento integral do aluno, por isso, a sua missão é preparar para a vida, o que exige um trabalho coletivo e colaborativo, podendo a BE ter um papel ativo no mesmo.

É missão e objetivo da BE, no contexto atual, entender-se como estrutura capaz de produzir alterações em todos os setores da escola, enquanto instrumento facilitador de metodologias inovadoras e do desenvolvimento de competências nos alunos, tendo em conta, ou em articulação com, o projeto educativo de cada escola, na perspetiva de contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

A mudança dos paradigmas de ensino tem sido comum nas duas últimas décadas e tem vindo a contribuir para um maior reconhecimento do papel das Bibliotecas Escolares enquanto centros de recursos e espaços inovadores de aprendizagem na Escola. Reconhecem-se como centros disseminadores da informação, de produção em diferentes suportes, "de cultura e de formação", de acordo com Silva (2002, p.97), ou como "um centro de iniciativas, inseridas na vida pedagógica da escola e aberto à comunidade local", como referem Veiga, Barroso, Calixto, Calçada e Gaspar (1996, p.16).

A existência de um novo paradigma na escola que considera o espaço de aprendizagem como sendo mais que a sala de aula, em que os estudantes passam a ser tomados como parceiros ativos na e produtores de aprendizagem, que considera

aprendizagens diversificadas, múltiplas estratégias, em que a preocupação é o processo de aprendizagem e os resultados dando ênfase a uma abordagem interdisciplinar dos conteúdos, revela que a Biblioteca é um espaço ideal para o seu desenvolvimento.

Comungando da opinião de Rodrigues (2007), atualmente a biblioteca escolar é a porta de entrada e saída da informação, isto é, o local onde os alunos constroem o seu próprio conhecimento e o divulgam (Figura nº 2) em interação e partilha com o professor, a escola, a comunidade, produzindo e ganhando cultura e promovendo a qualidade e o sucesso.

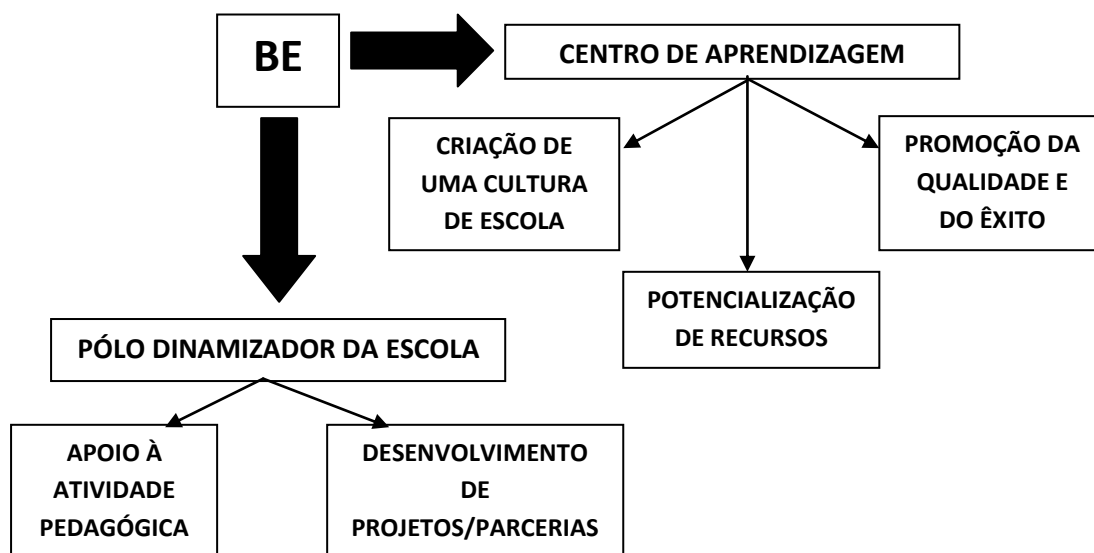


Figura nº 2 – A biblioteca escolar como um centro de aprendizagem (adaptado de Rodrigues, 2007, p.16)

A utilização da BE em vários domínios, como o da promoção cultural dos alunos e no apoio institucional e pedagógico à escola, contribui para a melhoria do sucesso na escola, uma vez que conduz a uma maior coordenação e articulação de todos os intervenientes educativos, a uma maior eficácia em termos de prática pedagógica, ao desenvolvimento e à aplicação de estratégias de ensino-aprendizagem adequadas à diversidade e, conseqüentemente, para uma melhor organização da escola (Guilard & Spallarosa, 1983).

Nesta perspetiva, a BE é, com certeza, a luz ao fundo túnel, pois, no acompanhamento aos alunos, favorece a construção das aprendizagens, o acesso à cultura e a construção da cidadania e, ao nível da organização, trabalha em parceria com

outros órgãos da escola no apoio pedagógico, na organização do espaço e dos recursos, na organização de atividades e no desenvolvimento e dinamização de projetos promovendo um trabalho colaborativo, contribuindo para uma cultura de escola, respeitando a diversidade na escola e procurando, sempre, a inovação.

Este é o caminho que com certeza conduz à satisfação dos utilizadores da BE, na nossa perspetiva, a comunidade educativa. Contudo, o grau de alcance da satisfação da comunidade educativa relativamente aos serviços prestados pela BE, varia com a variedade das suas conceções.

CAPÍTULO 2

A BE: DAS CONCEÇÕES À SATISFAÇÃO DA COMUNIDADE EDUCATIVA

1. Conceções sobre a Biblioteca Escolar

Na segunda metade do século passado, em grande parte das escolas não existia um espaço próprio destinado à biblioteca e naquelas em que existia era pequeno e por vezes utilizado com finalidades diferentes das da sua criação e com um fundo documental de fraca dimensão, dado que a sua aquisição era efetuada com as sobras da rubrica de outros materiais e equipamentos, ocupando, deste modo, pouca notoriedade no seio da comunidade educativa.

A obrigatoriedade das bibliotecas nas escolas de nível secundário surge através de lei em 1948 e, só três anos depois, surgiu uma circular a fazer referência aos professores responsáveis pela mesma (Calixto, 1996).

Ainda está nas nossas memórias a visão de uma sala pouco iluminada, sem cor, cheia de armários com livros, um espaço pouco convidativo e simpático a permanências superiores a alguns minutos, onde os alunos e/ou os professores se deslocavam, esporadicamente, para consultar um livro ou requisitá-lo para consulta em casa ou para ler. Esta sala era o espaço concedido à Biblioteca que poderia, em alguns casos, estar inserida no edifício da Escola e que denominávamos por Biblioteca da escola, hoje reconhecida por biblioteca escolar.

A conceção de biblioteca escolar que se tinha há trinta anos (e até menos), não era muito positiva, consideravam-se “lugares de grande solenidade; onde muito poucos iam; verdadeiros templos da cultura silenciosa, (...) um apêndice, um enfeite, um pequeno luxo (...)” (Calixto, 1996, pp.25-26). Podemos, então, perguntar: O que mudou? Mudou o espaço (fig. nº 3), deixou de ser um ambiente fechado para ser considerado um ambiente aberto de aprendizagem, mudou a escola, a educação, os objetivos, a sociedade enfim, a conceção.



Figura nº 3 – Uma Biblioteca de Escola: [(1) – 1980 ; (2) – 2010]
(Fonte: Google Images)

Teresa Calçada (1996, p.30) considera a biblioteca como “um bem cultural muito útil, necessário e estimável, indispensável. Fonte e forma de progresso, um lugar por excelência onde habita a formação (...). Um local de curiosidade, saber e prazer”.

Atualmente a biblioteca escolar tem um papel tanto no mundo digital, como no antigo mundo impresso, é um lugar onde os alunos passam mais tempo do que outrora, onde aprendem como aprender, em vários suportes, que estimula o desenvolvimento do conhecimento e a aprendizagem ao longo da vida.

Hoje, a biblioteca escolar é parte integrante da escola que, considerada uma organização aprendente, tudo deve fazer para contribuir para o sucesso educativo. A BE é um recurso fundamental para o ensino e para a aprendizagem e, tendo em conta as mudanças dos paradigmas educacionais, deve ser um espaço físico apropriado para leitura, consulta ao acervo, estudo individual e/ou em grupo, pesquisa *online*, para atender ao trabalho pedagógico e ao número de alunos existentes na escola. Para Furtado (2008, p.2), “a biblioteca escolar é fundamental dentro do sistema educacional de um país, pois, como parte integrante do sistema de informação, pode colaborar consideravelmente para a adoção desses novos paradigmas”.

Objetivos como a criação de hábitos da leitura, as novidades tecnológicas e as exigências cada vez maiores da sociedade de informação têm conduzido a novas concepções de biblioteca escolar no que respeita ao seu papel pedagógico. Com o atual excesso de informações e a multiplicação de suportes, o trabalho tem de ser partilhado e realizado em rede, justificando a existência da RBE.

A RBE foi lançada em 1996 e, desde logo, vem promovendo a cooperação entre as Autarquias e as Bibliotecas Escolares, efetuando acordos de cooperação, que

permitiram apetrechar a biblioteca com fortes recursos materiais e humanos, começando a ser sentida como a pedra angular da comunidade educativa.

O programa da RBE refere que:

Cada BE/CRE deverá ser entendida como um centro de recursos multimédia de livre acesso, destinado à consulta e produção de documentos em diferentes suportes, devendo dispor de espaços flexíveis e articulados, mobiliário e equipamento específicos, fundo documental diversificado e uma equipa de professores e técnicos com formação adequada.

Assim, hoje, a biblioteca não pode restringir-se a um papel meramente didático-pedagógico, uma vez que o aspeto cultural é essencial, mais abrangente e apelativo. Daí o interesse de trazer autores para palestras, sessões de autógrafos, formar círculos de leitores, entre outras estratégias que permitam que a BE se reveja como uma ponte entre o ambiente escolar e o mundo externo.

A inserção da BE nas atividades desenvolvidas nas escolas faz com que possa atuar de forma efetiva no sistema educacional, cumprindo o seu papel dentro da sociedade da informação.

O direito à informação é comum a todos os alunos e é uma das formas de inclusão dos mesmos em qualquer sociedade, ajudando-os a ter um maior espírito crítico e mais cultura. Assim, a biblioteca escolar tenderá a fomentar e incrementar uma cultura de escola em que todos, sem exceções, terão as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento, tornando-se por isso um espaço integrador da escola.

Deverá considerar-se a biblioteca escolar como um local transversal e interativo, isto é, o “coração” da escola, através da qual toda a comunidade escolar poderá recolher informação, quer através de fontes impressas, quer através de fontes eletrónicas, que lhes permitirão alargar os seus conhecimentos, tornando-se por esse motivo, o “motor” do sistema educativo.

Para Antunes (2006), não é necessário apenas haver uma biblioteca na escola com todos os recursos materiais disponíveis para o seu funcionamento, mais que isso, é imprescindível que esta seja utilizada por todos os que constituem a comunidade escolar.

Nesta perspetiva, a BE deve ser vista como um lugar de aprendizagens múltiplas, como espaço de trabalho e de lazer de professores, alunos, encarregados de educação e assistentes técnicos e operacionais, ou seja, como recurso educativo por

excelência da comunidade educativa. Citando Veiga (1996, p.16):

No mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto.

Para que tal seja possível, terá que a biblioteca escolar disponibilizar à comunidade um serviço de qualidade, pelo que são condições necessárias uma boa organização, recursos atuais e de acordo com as necessidades de quem a procura e, acima de tudo, com pessoal competente e devidamente qualificado e atualizado.

Fizemos referência ao que deve ser e é, de uma forma geral, a BE no contexto da escola, põe-se agora a questão: Que conceções tem a comunidade educativa sobre o impacto da BE no seu dia-a-dia? É o que se aborda no ponto seguinte.

1.1. Conceções sobre a BE: do conceito à multiplicidade

Por conceção, epistemologicamente, entendemos a compreensão, perceção ou entendimento, habilidade ou capacidade de entendimento, no caso da nossa investigação, sobre o impacto que a BE exerce sobre a comunidade educativa que a rodeia.

A conceção que temos acerca da BE é que se trata de um lugar único e por excelência dentro da escola, capaz de ir ao encontro das motivações de toda a comunidade educativa (alunos, professores, assistentes técnicos e operacionais e EE), isto é, possibilitar-lhes não só a informação desejada em termos de conhecimento, mas também um pouco de lazer, pelo convívio que poderá proporcionar e até mesmo pelas atividades recreativas que desenvolve. Mas, será esta a conceção que a comunidade educativa tem da BE? O que nos dizem outros estudos?

A resposta à primeira questão, procuraremos dar no final deste trabalho e especificamente relativa à comunidade educativa senense. Quanto à segunda questão, podemos afirmar que são múltiplas as conceções sobre a BE, o que se justifica tendo em conta que cada escola é possuidora da sua própria realidade e comunidade e, uma vez parte integrante da escola, a BE é percecionada e entendida de variadíssimas formas.

Todd (2011, pp.12-13) apresenta um vasto registo de estudos dos quais retirou

oito generalizações importantes sobre como é percebida a relação das bibliotecas escolares com a aprendizagem, que são:

1. Uma filosofia educativa partilhada, centrada na aprendizagem através da pesquisa, fornece um clima adequado e comum para envolver os professores bibliotecários e docentes da escola em oportunidades de aprendizagem colaborativas e integradas. A "filosofia de aprendizagem partilhada" (Kuhlthau, 1993) sustenta uma visão partilhada dos resultados da aprendizagem e um compromisso com um processo colaborativo também partilhado.
2. Uma abordagem centrada no processo com foco no desenvolvimento sistemático e explícito da capacidade dos alunos para ligar e utilizar as informações para construir a sua compreensão pessoal resulta num desempenho melhor em termos de domínio dos conteúdos de aprendizagem.
3. O desenvolvimento sistemático e explícito das competências dos alunos na obtenção, interação e utilização da informação, para construir a sua compreensão pessoal tem como resultado uma atitude mais positiva em relação à aprendizagem, o aumento da participação ativa no ambiente de aprendizagem e uma percepção mais positiva de si mesmos como estudantes ativos e construtivos. Kuhlthau tem estudado, em especial, as atitudes e os sentimentos de segurança e confiança no processo de pesquisa e demonstra como os sentimentos de incerteza e baixa autoestima podem mudar positivamente através do envolvimento numa aprendizagem ativa centrada na pesquisa.
4. O desenvolvimento da competência do aluno é mais eficaz quando é integrado num ensino de sala de aula, flexível e à medida das necessidades.
5. Programas de leitura ativos promovem maiores níveis de leitura, compreensão, desenvolvimento de vocabulário e competências linguísticas.
6. Há benefícios para os alunos quando as bibliotecas escolares e públicas comunicam e cooperam de forma mais eficaz. As evidências sugerem que os alunos que são utilizadores frequentes e ativos da biblioteca escolar são mais propensos a ter atitudes mais positivas perante as bibliotecas públicas e sua utilização.
7. Os programas de bibliotecas escolares de sucesso são aqueles que estabelecem expectativas claras e objetivos viáveis, estabelecem cronogramas realistas e recolhem um feedback significativo e sistemático de alunos e professores sobre os impactos desses programas.
8. Os diretores das escolas tendem a dar mais apoio quando veem a biblioteca ativamente envolvida no processo de ensino e aprendizagem e quando conseguem enunciar impactos específicos desse envolvimento. Para eles, essas evidências dão força a uma visão centrada nas pessoas e na aprendizagem.

Silva (2002) refere ser essencial o empenho das escolas na boa organização, a todos os níveis, da Biblioteca Escolar. Quanto mais eficiente for a gestão, melhor o desempenho da Biblioteca Escolar e a sua consequente articulação na vida da escola e, em especial, na construção do sucesso educativo.

Outras conceções que fujam desta linha de entendimento da ou das funções da BE só poderão revelar o desconhecimento dos seus objetivos, conforme se analisam a seguir.

1.1.1. Objetivos e Funções da Biblioteca Escolar

Numa sociedade em constantes mutações, cabe à biblioteca escolar encontrar respostas adequadas, que permitam o seu acompanhamento e ao mesmo tempo preparar toda a comunidade escolar para a interiorização dos novos saberes.

Segundo o Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO (1999, pp.2-3), são objetivos essenciais da biblioteca escolar:

- Apoiar e promover os objectivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;
- Criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida:
 - a. proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;
 - b. apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;
 - c. providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;
 - d. organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
 - e. trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;
 - f. defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia;
 - g. promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela;
- Desenvolver políticas e serviços, seleccionando e adquirindo recursos, proporcionando acesso material e intelectual a fontes de informação apropriadas, disponibilizando equipamentos e dispendo de pessoal treinado.

Verificamos, mais uma vez, que a biblioteca escolar poderá e deverá ter uma ação preponderante na escola, ao disponibilizar um conjunto diversificado de prestação de serviços, não só ao nível da informação, mas sobretudo e essencialmente ao nível do conhecimento e desenvolvimento de competências dos seus utilizadores.

A Declaração Política da IASL (1993) refere que a biblioteca da escola deve ser considerada como um instrumento fundamental no processo educativo, e não como uma entidade separada isolada do programa escolar mas envolvida no processo de ensino e aprendizagem. Os seus objetivos podem ser expressos através das seguintes funções:

- Informativa - fornecer informação confiável, rápido acesso, recuperação e transferência de

informações, a biblioteca escolar deve ser parte de redes de informação regionais e nacionais.

- Educacional - para oferecer educação ao longo da vida através da prestação contínua das instalações e ambiente de aprendizagem: orientação na seleção, localização e utilização de material e formação em competências de informação, através da integração com o ensino em sala de aula, a promoção da liberdade intelectual.
- Cultural - para melhorar a qualidade de vida através da apresentação e apoio da experiência estética, orientação na apreciação das artes, encorajamento da criatividade e do desenvolvimento de relações humanas positivas.
- Recreio - para suportar e melhorar uma vida equilibrada e enriquecida e encorajar o uso significativo do tempo de lazer através do fornecimento de informação recreativa, materiais e programas de valor recreativo e orientação para o uso do tempo de lazer.

Por sua vez, de acordo com Silva (2002, pp.199-203), as bibliotecas são acessíveis aos alunos e por isso devem:

- a) Satisfazer as exigências do Sistema Educativo.
- b) Ajudar na construção do sucesso educativo.
- c) Ajudar na preparação para a vida.
- d) Ajudar a instituir pluralidade na escola.
- e) Ensinar a ler.
- f) Enraizar o gosto pela leitura.
- g) Apoiar o trabalho de projecto.
- h) Abrir acesso a outras Bibliotecas.
- i) Criar um espaço específico de aprendizagem.
- j) Estimular os mais dotados e os mais carenciados.
- k) Servir de apoio às actividades lectivas.
- l) Individualizar o atendimento.
- m) Ir ao encontro dos alunos.

O mesmo autor (2002, p.204) refere que a biblioteca escolar é especial e “a sua finalidade é servir a comunidade educativa (...) ajudar na construção do sucesso educativo, (...) de modo motivador e o mais possível individualizado”.

Para a concretização destes fins, é imperativo que haja uma boa e adequada gestão do fundo documental e dos recursos e suportes de informação que vá ao encontro das necessidades e interesses de toda a comunidade educativa.

O Manifesto IFLA / UNESCO sobre a internet-directrizes (2006) refere, ao longo do documento, entre outras disposições, as seguintes:

- As bibliotecas estão inerentemente ligadas à liberdade de expressão e à liberdade de acesso à informação, não só por causa dos recursos de informação que mantêm, como pela variedade de serviços que oferecem para acessá-los.
- As bibliotecas devem assegurar que o acesso à informação pela Internet esteja à disposição de todos, independentemente de idade, raça, nacionalidade, religião, cultura, filiação política, incapacidade física ou mental, género ou orientação sexual.
- As bibliotecas e os serviços de informação são instituições vibrantes que põem as pessoas

em contato com os recursos globais de informação, e com as ideias e trabalhos de criação que estão procurando. Eles fazem com que a riqueza da expressão humana e a diversidade cultural estejam à disposição em todos os meios.

- As bibliotecas devem contribuir para a democracia desempenhando um papel de ponte na relação entre o estado e os cidadãos, particularmente divulgando o e-governo na comunidade.
- As bibliotecas devem facilitar o acesso de qualidade através de pessoal bem treinado, plenamente informado sobre a capacidade tecnológica da biblioteca e seu potencial para atender a demanda dos usuários.
- As bibliotecas e serviços de informação devem respeitar a privacidade de seus usuários e reconhecer que os recursos que eles usam devem permanecer confidenciais.
- As bibliotecas devem procurar sempre fornecer acesso à Internet gratuitamente para garantir que o acesso aos serviços de informação em linha seja igualitário e equitativo.
- As bibliotecas devem criar orientações claras e transparentes para o acesso à Internet, enfatizando principalmente o equilíbrio de responsabilidades entre o pessoal da biblioteca e os usuários.

Temos um leque variado de objetivos e só deste modo se entende e faz todo o sentido a afirmação de Calixto (1996, p.27): “à biblioteca de uma escola, já não pode ser atribuído um papel marginal, secundário, de adorno ou puro entretenimento. Ela será um verdadeiro centro de informação e documentação baseada na pesquisa e para autonomia.”

Com a criação do programa Rede de Bibliotecas Escolares houve uma reestruturação e atualização da grande maioria das bibliotecas escolares, começando estas a ser consideradas, na opinião de Alçada (1996, p.18), como “centros de recursos multimédia de livre acesso, que englobem um conjunto significativo de livros, programas informáticos, periódicos, registos vídeo e áudio, diapositivos, CD-Rom, etc, dispondo de espaços e equipamentos onde são recolhidos e disponibilizados todos os tipos de documentos.”

Surge em 1998 o documento “Information Power: Building partnerships for learning”, publicado pela AASL, no qual são mencionados dez princípios que deverão ser incluídos no programa da biblioteca escolar:

- 1º. o programa da biblioteca escolar é essencial para o ensino e aprendizagem e deve estar totalmente integrado no curriculum, para promover nos alunos o conhecimento e as ferramentas para a aprendizagem;
- 2º. os standards que os alunos devem conhecer sobre literatura da informação (Ciências da Informação, Biblioteconomia, Organização da Biblioteca, etc.), são conteúdos e objectivos do curriculum da escola;
- 3º. o programa da biblioteca escolar desenha e promove a planificação colaborativa e o desenvolvimento curricular;
- 4º. o programa da biblioteca escolar desenha e promove criatividade e ensino colaborativo;
- 5º. o acesso a múltiplas fontes de informação através do programa e serviços da biblioteca escolar é fundamental para a aprendizagem;

-
- 6°. o programa da biblioteca escolar encoraja e conquista os alunos para a leitura, observação, audição e compreensão de fontes;
 - 7°. o programa da biblioteca escolar suporta a aprendizagem de todos os alunos, e restantes membros da comunidade escolar que tenham diferentes capacidades, estilos e níveis de aprendizagem;
 - 8°. o programa da biblioteca escolar encoraja a investigação individual e colaborativa;
 - 9°. o programa da biblioteca escolar integra o uso das TIC para o ensino e aprendizagem;
 - 10°. o programa da biblioteca escolar é um link essencial para a comunidade aprendente.

Nesta linha, Veiga (1996, pp.16-17), refere que:

Cada biblioteca deverá tornar-se um núcleo da vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante onde os alunos : i) se sintam num ambiente que lhe pertence e se habituem a considerar o livro e a informação como necessidades do dia-a-dia e como inesgotáveis fontes de prazer e de desenvolvimento pessoal; ii) tenham acesso à informação e ao conhecimento através de grande diversidade de livros, jornais, revistas, audiovisuais e tecnologias de informação; iii) possam descobrir e alimentar o prazer de ler e de se informarem, recorrendo a fontes documentais disponíveis nos mais variados suportes; iv) possam estudar e encontrar com facilidade fontes documentais, se habituem a seleccionar e a gerir informação para realizarem actividades curriculares (...); v) adquiram competências e autonomia no domínio da informação escrita, digital e multimédia e produzam documentos em suportes e linguagens diversificadas.

O mesmo autor refere ainda que:

Deve também ser um lugar onde os professores: i) se sintam num ambiente que lhes pertence e adquiram o hábito de tomar iniciativas e participar na sua animação, actualização e enriquecimento; ii) encontrem informação variada, utilizável no seu trabalho docente, e possam requisitar livros e outros documentos nos mais variados tipos de suportes para as actividades da sala de aula; iii) recolham sugestões, ideias e materiais que os inspirem e apoiem no seu trabalho docente e no ajustamento aos alunos e às turmas; iv) possam recorrer ao professor bibliotecário, ao técnico adjunto de biblioteca e documentação ou a outros professores da equipa para debater modalidades de incentivar nos alunos o prazer de ler e a aprendizagem centrada na procura autónoma de informação; v) possam encaminhar os seus alunos para que ali realizem actividades de estudo ou de ocupação de tempos livres.

Assim, a BE deve ser um lugar onde todos encontram registos de memórias da escola e do seu meio envolvente, através de documentos ali produzidos, contribuindo assim para reforçar a identidade da escola e da comunidade local.

São muitos os objetivos, mas como funções convergem para uma globalizante – contribuir para o sucesso educativo.

Segundo Eco (2002, p.29), “(...) a função ideal de uma biblioteca é de ser um pouco como a loja de um alfarrabista, algo onde se podem fazer verdadeiros achados, e esta função só pode ser permitida por meio do livre acesso aos corredores das estantes.”

Estamos convencidos que para atingir todas as metas a que fizemos referência,

terá que necessariamente existir uma convergência de concepções, uma grande cumplicidade entre toda a comunidade educativa que passará por um trabalho profundo e colaborativo, que conduzirá ao êxito e por sua vez a uma maior satisfação.

No que respeita às concepções, consideramos ser pertinente perceber como entendem os alunos e os professores a leitura e uso das TIC no processo ensino-aprendizagem por nos parecerem os mais referenciados na bibliografia. Não pretendemos, contudo, descurar todos os outros membros da comunidade educativa, cujas concepções conheceremos melhor depois do estudo empírico e que se esperam concordantes com as definidas nos princípios registados no documento “Information Power: Building partnerships for learning”, publicado pela AASL e no Manifesto IFLA / UNESCO, a que antes aludimos.

1.1.2. Concepções dos alunos e professores sobre a leitura

Ler é uma atividade extremamente rica e complexa, que envolve não só conhecimentos fonéticos ou semânticos, mas também culturais e ideológicos. Pode ser um processo de descoberta, uma tarefa desafiadora, ou mesmo lúdica. Porém, será sempre uma atividade de assimilação de conhecimentos, de interiorização, de reflexão. Mais que descodificação, a leitura é uma atividade de interação, onde leitor e texto interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.

A leitura sempre esteve no centro de interesse dos educadores, que a defendem como instrumento que desenvolve habilidades cognitivas e auxiliam na construção da autonomia e da cidadania. Ser cidadão ativo pressupõe o desenvolvimento de uma série de competências e capacidades gerais, entre elas a da leitura, mas também o desenvolvimento do espírito crítico e a capacidade de agir de forma participativa na sociedade em que vivemos – a sociedade de informação. Já desde há quatro décadas a leitura se assume como “condição indispensável para o exercício da cidadania, num país democrático” contribuindo para “a afirmação do indivíduo na comunidade, conferindo-lhe a possibilidade de exercer plenamente o acto de escolher” (Sousa, 1999, p.132).

Atualmente, e de acordo com estudos realizados, podemos considerar que os nossos jovens, relativamente à leitura, se dividem em dois grandes grupos. O dos que leem por obrigação, para dar cumprimento ao imposto pelos professores e por ser objeto de avaliação (Neta, 2008), e outro, dos que leem por prazer (Sanches e Freitas, 2006).

Assim, podemos referir que uns apresentam uma atitude passiva e outros uma atitude ativa perante a atividade de leitura.

Qualquer atividade, como a leitura, desenvolve-se na convivência com o próprio mundo. Um indivíduo aprende a ler quando relaciona o que lê com o seu conhecimento do mundo, ou seja, com as experiências que vivencia, o que pressupõe interação.

Cabe ao professor guiar o aluno e encorajá-lo a usar todo o seu conhecimento prévio para que possa participar ativamente do processo de leitura, utilizando procedimentos de interpretação de modo a interagir com o que lê, na procura do seu significado.

A maioria dos professores reconhece a importância do ato de ler para os alunos e com os alunos, dando-lhes oportunidade de começar a construir críticas em relação ao que foi lido, desenvolvendo o espírito crítico e outras habilidades, como por exemplo a capacidade argumentativa.

A leitura tem de estar presente na vida do professor, pois caso contrário não será capaz de formar leitores. Não podemos esquecer a função primeira do professor que é ensinar e destacamos a opinião de Freire (1996), no momento em que nos diz que ensinar exige compromisso:

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar (...) Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo. (p.108)

Assim, se a leitura não tiver significado e/ou interesse para os professores, estes não serão capazes de transmitir esse interesse e significado aos alunos.

É óbvia a necessidade de desenvolver a interação professor, texto e leitor, transformando a leitura num ato de prazer, não servindo apenas para descodificação, ou como pretexto para o ensino de conteúdos.

Para que isso ocorra, no entanto, é necessário que a escola traga o universo da leitura para o seu interior, não no sentido de ler por obrigatoriedade, mas com o intuito de fazer com que os alunos tenham o direito de ler o que querem, quando e como quiserem. Nesse sentido, Silva (2003, p.70) afirma que:

(...) introduzir uma criança para o mundo da leitura é, exatamente trazer esse universo para a

escola e dinamizá-lo ininterruptamente junto às novas gerações que precisam ser educadas para se tornarem cidadãos de deveres e de direitos, incluindo o direito de ler.

Nesta dinamização, não temos dúvidas, a Biblioteca, num trabalho colaborativo e interativo com os professores, tem um papel preponderante na escola.

1.1.3. Concepções dos alunos e professores sobre as TIC

No meio tecnológico, a leitura é o processo de descodificação de dados armazenados num suporte diferente do livro, por exemplo, a leitura dos dados de um CD através do computador. Portanto, ao referirmo-nos à leitura podemos ter em conta vários suportes.

É certo que a biblioteca escolar é também centro de recursos multimédia, centro de informação, mediateca, um centro de aprendizagem aberto onde as TIC constituem uma ferramenta preponderante.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm vindo a assumir um papel cada vez mais influente e imprescindível, quer no âmbito educativo como no organizacional.

A escola está a mudar e os alunos também. Segundo Das (2008, p.3):

A individualização desempenha um papel importante e os alunos trabalham de forma autónoma e também fora da escola. A aprendizagem na sala de aula é só um formato; há muitos outros. Os recursos digitais de aprendizagem e o processo e-learning estão a substituir os livros e as revistas.

Os alunos estão motivados para a utilização desses recursos e tanto a posição dos alunos como a dos professores neste novo ambiente de aprendizagem é reconhecido, mas muitas vezes sem salientar o papel da biblioteca, o qual não se pode dissociar do referido ambiente.

As ferramentas de comunicação e interação à distância proporcionadas pelas TIC podem ser potenciadas na promoção de boas práticas nos vários contextos e modelos de aprendizagem, de que são exemplo o trabalho colaborativo e as comunidades virtuais de aprendizagem. Por esta razão, cada vez mais os professores incluem as TIC como ferramentas potenciadoras e geradoras de novas situações de aprendizagem e metodologias de trabalho, dentro e fora da sala de aula. Tendo como objetivo, entre outros, o desenvolvimento da autonomia dos alunos, o recurso às TIC e a utilização de

espaços como o da BE, são estratégias cada vez mais utilizadas pelos professores e com a adesão dos alunos.

O uso que o professor faz da linguagem audiovisual e virtual tem o objetivo de tornar as aulas mais motivadoras e interessantes. Contudo, é importante considerar, na sua utilização, a ideia de modelos implícitos de aprendizagem. Se, para os professores, aprender se baseia na memorização, na motivação e na atenção, é provável que mesmo utilizando as TIC, as suas práticas pedagógicas mantenham atividades mais tradicionais que podem ser acompanhadas nos momentos da introdução ou conclusão de conteúdos, por um recurso tecnológico, ou na avaliação se realizada por trabalhos de pesquisa em grupo ou individualmente. Por sua vez, para o aluno aprender não é só preciso memorizar mas também ser capaz de fazer e, na utilização dos recursos estão, muitas vezes, um passo à frente dos professores. No entanto, o professor tem a obrigação de mediar e guiar essa utilização.

Rodrigues (2011, p.19) cita Nunes (2007) referindo que as Bibliotecas servem para promover “a prestação de serviços de acesso, não apenas à informação mas, mais exatamente, ao conhecimento e para o desenvolvimento de competências de literacia, nomeadamente literacia informacional, e para o acesso aos produtos culturais”. Cita ainda Rusbridge (1998), para quem “a biblioteca tem um papel no novo mundo digital assim como no antigo mundo impresso, não apenas excluindo o acesso ao lixo, mas encorajando caminhos de acesso à qualidade”.

A escola do século XXI está diferente, fruto das constantes e bruscas transformações que ocorrem na sociedade, que direta ou indiretamente repassam para o espaço escolar, devendo ser dada uma resposta adequada, que poderá passar pela biblioteca escolar, atuando como um recurso educativo transmissor de competências informacionais, que possibilitem o sucesso e a evolução de toda a comunidade.

Gitlin (2003), citado por Gómez (2007, p.211), afirma que os “(...) meios de comunicação e tecnologias da informação amoldam-se às rotinas, horários, rituais, interesses, expectativas e trabalho das pessoas. As tecnologias existem e convivem como diversas opções para conseguir informação, construir conhecimento ou simplesmente, entreter.”

É cada vez mais premente a existência da biblioteca escolar, por forma a ir ao encontro da nova realidade escolar, tornando a prática pedagógica mais cativante e valorizada

pelos seus intervenientes, permitindo o acesso a todas as ferramentas e suportes. Não deverá ser vista apenas como um centro de recursos, antes pelo contrário como um centro de aprendizagem.

2. A importância da BE para a satisfação da comunidade educativa

O desenvolvimento e crescimento económico passa pela evolução, entre outros fatores, da inovação tecnológica e esta só é possível pelo conhecimento científico e cultural, tendo um papel preponderante para atingir essa finalidade, a escola e nesta a biblioteca escolar.

Para Silva (2002, p.206), “as bibliotecas escolares são pois um espaço privilegiado para a construção do sucesso educativo, disponibilizando formação, educação, informação, ocupação dos tempos livres e cultura, sendo assim consideradas como “os verdadeiros centros do saber”.”

Nos nossos dias, verificamos que a biblioteca escolar tem aumentado a sua importância para toda a comunidade educativa, uma vez que a informação é necessária à sobrevivência humana e no seu interior encontramos os meios adequados para a sua obtenção.

Para isso muito contribuiu o SABE; Veiga (1996, pp.55-56) refere que este serviço a criar nas Autarquias, mais concretamente nas Bibliotecas Municipais, deve coordenar localmente o desenvolvimento de redes concelhias de bibliotecas escolares, sendo-lhe atribuídas as seguintes funções:

- apoiar as bibliotecas escolares, estimulando a sua criação onde não existam ou acompanhando o desenvolvimento das existentes;
- promover a articulação das bibliotecas escolares com as outras bibliotecas do concelho, procurando formas de cooperação e rentabilização de recursos;
- fornecer recursos físicos e de informação às bibliotecas escolares, nomeadamente às escolas de menor dimensão, e apoiar projectos específicos;
- prestar colaboração técnica às escolas no domínio da organização, gestão e funcionamento das bibliotecas escolares;
- participar na formação contínua dos profissionais envolvidos no serviço de bibliotecas escolares;
- fornecer recursos suplementares aos existentes nas escolas, seja através do empréstimo prolongado, seja por empréstimos especiais para projectos específicos;
- apoiar o uso eficaz dos recursos, através do aconselhamento na selecção dos recursos ou no desenvolvimento do serviço de biblioteca.

Vivemos tempos difíceis, em que vigora uma feroz competitividade, cabendo, também, à biblioteca escolar dar resposta a essas exigências, contribuindo para que os cidadãos obtenham a informação e o conhecimento adequados à sua sobrevivência, a que antes se aludiu.

Canário (1994, p.47) refere que:

(...) a mediateca, enquanto inovação, se não entendida, de forma redutora, como um meio de “modernizar” as escolas através do fornecimento, administrativo, de um acréscimo de bens e equipamentos, tem potencialidades para influenciar uma mudança, qualitativa, da relação entre a escola e o contexto local e que tendem a modificar o funcionamento interno do estabelecimento de ensino.

Por sua vez, Contiero (1999, p.6) considera que:

(...) é importante se ter na escola uma biblioteca, pois, entende-se que ela é o centro cultural e de apoio pedagógico da escola, por onde deveriam passar o currículo e os programas educacionais. Tudo o que o professor realiza em sala de aula deveria ser buscado na biblioteca: mapas, revistas, jornais, livros, músicas, jogos, enfim, tudo; a biblioteca deveria ser o coração da escola.

Nas Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares (2006, p.8) é referido que “a biblioteca escolar desempenha uma função importante enquanto portal para a nossa sociedade actual, cada vez mais baseada na informação. Por esse motivo, deve disponibilizar acesso a todos os equipamentos necessários: electrónicos, informáticos e audiovisuais.”

Nesta perspetiva, a biblioteca escolar é cada vez mais um local privilegiado para que toda a comunidade escolar se sinta bem e um espaço propício a que a prática pedagógica se desenrole de forma mais inovadora, tornando as aprendizagens mais eficazes.

Segundo o Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO (1999, p.1),

(...) a biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A Biblioteca Escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e estimula a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis.

Também Contiero (1999, p.1) refere que:

(...) a biblioteca escolar possui papel importante na formação do cidadão que se quer crítico, consciente e autónomo. Sendo o núcleo cultural e de apoio às actividades pedagógicas da escola, em sintonia com os currículos e os programas educacionais. Tudo o que se realiza em sala deveria ser feito em parceria com a biblioteca da escola. A biblioteca deveria ser o coração da escola. A partir dela, a escola seria alimentada.

Hoje, a biblioteca escolar é um espaço onde é facultada a partilha e a igualdade de oportunidades no acesso à informação, tornando-se por isso um local de excelência para a inclusão e ao mesmo tempo para minorar as desigualdades que se verificam

devido à diversidade de culturas encontrada, ultimamente, no contexto escolar.

Cada vez mais a nossa sociedade exige que se possua mais saber e só é possível a sua concretização e satisfação se em cada escola existir uma biblioteca apetrechada com os meios físicos e humanos capazes de dar resposta adequada e cabal a essa necessidade.

É fundamental conhecer as necessidades da comunidade educativa, para que desse modo a biblioteca escolar consiga cativar a mesma, através de atividades e recursos adequados à sua plena satisfação, permitindo que cada vez mais pessoas a procurem, aumentando o leque de utilizadores e tornando a comunidade mais conhecedora de saberes e mais bem sucedida, nomeadamente nas literacias do século XXI.

Calixto (1996, p.124) refere que o progresso educativo depende “em grande parte da capacidade de dotar as escolas com bibliotecas actualizadas (...), e de instituir nas escolas um currículo de habilidades de informação. Só assim (...) poderão desempenhar o seu papel na sociedade da informação.”

A biblioteca escolar dos nossos dias mudou bastante, conforme mencionado previamente, adaptando-se às mudanças aceleradas que têm ocorrido no contexto escolar e na sociedade em geral. Essas transformações são notórias em vários aspetos, mas têm um significado relevante no caso das estantes, que passaram de espaços fechados para espaços abertos, em que os seus utentes podem e devem tirar os livros e manuseá-los de forma mais livre, espontânea e autónoma.

A biblioteca escolar, à semelhança do referido pelo CNE (2005, p.55) e citando MacBeath (2004), relativamente à auto-avaliação, pode ser entendida como:

(...) um encontro de corações e de mentes, o forjar de novos caminhos de ver e de fazer, vital e contínuo, pois está no centro da vida educacional da escola. É a essência da comunidade aprendente, da escola inteligente, da escola que aprende.

Segundo Eco (2002, pp.44-45), a biblioteca deve transformar-se “à medida do homem” devendo para isso ser:

alegre, com a possibilidade de se tomar um café, com a possibilidade de dois estudantes numa tarde se sentarem num maple e, não digo de se entregarem a um amplexo indecente, mas de consumirem parte do seu flirt na biblioteca, enquanto retiram ou voltam a pôr nas estantes alguns livros de interesse científico, isto é, uma biblioteca onde nos apeteça ir, e que se vá

transformando gradualmente numa grande máquina de tempos livres.

Calixto (2007, p.18) refere, do discurso proferido pela então Ministra da Educação, professora Maria de Lurdes Rodrigues, que:

As bibliotecas escolares podem e devem apoiar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, conferindo instrumentos centrais ao desenvolvimento do currículo e promovendo um conjunto diversificado e transversal de actividades de alunos e professores. (...), proporcionando espaços e ferramentas que prolongam e enriquecem as aprendizagens para lá da sala de aula. (...). É um espaço vivo que estimula o desenvolvimento cognitivo e cultural dos alunos, desde que sejam criadas as dinâmicas de efectiva utilização dos recursos.

O programa da RBE (1996) define um conjunto de atributos, que só por si, em nosso entender são mais que suficientes para atrair a comunidade educativa à BE, levando-a a:

(...) aprender a pesquisar, avaliar e utilizar a informação disponível e saber mobilizá-la na produção de novos conhecimentos, adquirindo competências que constituem o meio essencial para fazer face às rápidas mutações da sociedade, ao desenvolvimento científico e tecnológico acelerados que caracterizam o nosso tempo, à constante desactualização do conhecimento.

Segundo as Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares (2006, p.3),

(...) a biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida e estimula a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis.

Deste modo, há argumentos mais que suficientes para que a BE seja um local dentro da escola que possibilite mais satisfação a toda a comunidade educativa que a frequente.

3. A gestão e dinamização da Biblioteca Escolar

Cabral (1996, p.80) considera que:

(...) as bibliotecas escolares são unidades pedagógicas criadas num determinado espaço com o objectivo prioritário de servir a escola e os seus programas, (...). O espaço da biblioteca escolar e a maneira como é gerido desempenha função vital no sucesso da própria biblioteca.

Será de todo fundamental que haja rigor, eficácia e coerência na aquisição e gestão dos variados recursos documentais, pois são eles que constituem uma mais-valia para o desenvolvimento pedagógico e pessoal de toda a comunidade educativa e ao mesmo tempo promovem o sucesso educativo, desde que se tenha em consideração as necessidades curriculares e não curriculares, isto é, ir ao encontro dos objetivos e das atividades da escola.

No programa da RBE podemos ler que:

Cada BE/CRE deverá ser entendida como um centro de recursos multimédia de livre acesso, destinado à consulta e produção de documentos em diferentes suportes, devendo dispor de espaços flexíveis e articulados, mobiliário e equipamento específicos, fundo documental diversificado e uma equipa de professores e técnicos com formação adequada.

Segundo Isabel Veiga (1996, p.33),

(...) o conceito de biblioteca escolar inclui os espaços e equipamentos onde são recolhidos, tratados e disponibilizados todos os tipos de documentos (qualquer que seja a sua natureza e suporte) que constituem recursos pedagógicos quer para as actividades quotidianas de ensino, quer para as actividades curriculares não lectivas, quer para ocupação de tempos livres e de lazer.

É nesta perspetiva que pretendemos que se entenda a BE enquanto um espaço de trabalho, de aprendizagem e de lazer, cuja gestão e dinamização se requer cuidada, de acordo com o projeto educativo de cada escola, porque cada uma é possuidora da sua cultura e da sua realidade. Quem assume em primeira instância essa gestão é o professor bibliotecário o que não invalida a responsabilidade, também, da Direção da escola.

3.1. O papel do professor bibliotecário

Calixto (1996, p.19) refere que o responsável pela equipa da biblioteca escolar “é muitas vezes escolhido entre os que têm deficiências ou problemas de saúde, ou de idade mais avançada”.

O mesmo autor (2007, p.23), que temos vindo a citar, refere ainda que “as equipas das bibliotecas escolares são muitas vezes constituídas por um número demasiado elevado de membros com horários muito reduzidos. A formação é diversificada e claramente escassa”.

Cabral (1996, p.106) considera que:

(...) afinal, bibliotecas e arquivos são serviços especializados como os hospitais, por exemplo, e estes, como todos agora concordamos, devem ser geridos por médicos (...) estão abertos com o propósito de servir os utilizadores, só o fazendo com qualidade quando governados por técnicos especializados ainda que estes possam, e devam, ser coadjuvados por técnicos com outras qualificações.

No Manifesto da IFLA/UNESCO das Bibliotecas Escolares (1999, p.2) salienta-se que:

O bibliotecário escolar é o elemento do corpo docente profissionalmente habilitado, responsável pelo planeamento e gestão da biblioteca escolar. É apoiado por uma equipa tão adequada quanto possível, trabalhando em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e em ligação com a biblioteca pública e outras.

De acordo com o Despacho Conjunto n.º 198/99, de 3 de março, “A afirmação desta escola de qualidade (...) depende, em grande medida, (...) da formação de pessoal docente devidamente qualificado para o exercício de cargos e funções de administração e de gestão das escolas”; e, em anexo, encontra-se o referencial de perfis de formação especializada dos docentes, nomeadamente o que diz respeito ao professor bibliotecário, a saber o anexo H - Área de formação especializada comunicação educacional e gestão da informação, onde para além dos objetivos, descreve as competências a desenvolver a vários níveis - análise crítica, intervenção, formação, de supervisão e de avaliação e consultoria.

No entanto, a função de professor bibliotecário, apesar de já antiga, só recentemente, através da Portaria n.º 755/2009 de 14 de julho, foi criada. Esta portaria estabeleceu um conjunto de regras a cumprir na designação de tal cargo, de entre as quais se destacam as competências que lhe são inerentes, conforme artigo 3º, ponto 2:

- a) Assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada;
- b) Promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do projecto educativo,

-
- do projecto curricular de agrupamento/escola e dos projectos curriculares de turma;
- c) Assegurar a gestão dos recursos humanos afectos à(s) biblioteca(s);
 - d) Garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afectos à biblioteca;
 - e) Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos;
 - f) Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada;
 - g) Apoiar actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de actividades ou projecto educativo do agrupamento ou da escola não agrupada;
 - h) Estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projectos de parceria com entidades locais;
 - i) Implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um relatório anual de auto - avaliação a remeter ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE);
 - j) Representar a biblioteca escolar no conselho pedagógico, nos termos do regulamento interno.

Por sua vez, nas Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares (2006, p.13), indicam-se os deveres do professor bibliotecário:

- analise os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar
- formule e promova políticas para o desenvolvimento dos serviços
- desenvolva políticas e sistemas de aquisição para os recursos da biblioteca
- catalogue e classifique documentos e recurso em geral
- forme para a utilização da biblioteca
- forme nas competências de literacia da informação e de conhecimento da informação
- apoie alunos e professores na utilização de recursos da biblioteca e de tecnologia da informação
- dê resposta a pedidos de referência e de informação utilizando os materiais adequados
- promova programas de leitura e eventos culturais
- participe em actividades de planificação relacionadas com a gestão do curriculum
- participe na preparação, promoção e avaliação de actividades de aprendizagem
- promova a avaliação de serviços de biblioteca enquanto componente normal e regular do sistema de avaliação global da escola
- construa parcerias com organizações externas
- prepare e aplique orçamentos
- conceba planeamento estratégico
- faça a gestão e a formação da equipa da biblioteca.

Estamos cientes que se o professor bibliotecário possuir algumas das competências e cumprir com alguns dos principais deveres que lhe são exigidos se caminhará para a satisfação plena da comunidade educativa.

Ainda de acordo com as Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares (2006, p.12), “o bibliotecário deve criar um ambiente para o lazer e a aprendizagem que seja atractivo, acolhedor e acessível a todos sem medo nem preconceitos. Todo aquele que trabalhe na biblioteca escolar deve ter uma boa relação com crianças, jovens e adultos.” Para tal, é fundamental ser possuidor de algumas

características, tais como: “conhecimento, competência e perícia”, permitindo-lhe fornecer toda a “informação e a resolução de problemas de informação”. Deverá, ainda, “observar padrões éticos elevados ao lidar com todos os membros da comunidade escolar. Todos os utilizadores devem ser tratados com igualdade, independentemente das suas competências ou história pessoal.”

Além disso, e igualmente nas referidas diretrizes (idem), é referido que:

A cooperação entre professores e bibliotecário escolar é essencial para otimizar o potencial dos serviços da biblioteca. Professores e bibliotecários trabalham em conjunto para atingir o seguinte:

- Desenvolver, instruir e avaliar a aprendizagem dos alunos ao longo do curriculum;
- Desenvolver e avaliar as competências dos alunos em literacia da informação e em conhecimento da informação;
- Desenvolver planificações de atividades letivas;
- Preparar e conduzir programas de leitura e eventos culturais;
- Integrar tecnologias de informação no curriculum;
- Explicar aos pais a importância da biblioteca escolar.

Deste modo, cabe ao professor bibliotecário um papel de colaborador e consultor para o ensino e, das várias tarefas que lhe estão destinadas para a prossecução de tais fins, é de salientar a seleção e identificação dos materiais necessários ao apoio do currículo, necessitando do apoio de toda a comunidade educativa, mas fundamentalmente de alunos e professores.

O documento da IFLA, a que temos feito referência, agrupa as competências do professor bibliotecário em três grandes áreas:

- a informação (desenvolver e gerir a colecção e assegurar serviços de informação de qualidade);
- a gestão (liderar, delinear metas e estratégias, criar um programa, avaliar o programa, estabelecer parcerias, gerir recursos humanos e financeiros, espaços e serviços);
- o ensino (cooperar no desenvolvimento curricular, integrar a literacia da informação no currículo e promover e orientar no uso da informação).

Ao bibliotecário está associado o saber e a forma de facilitação de o pesquisar e difundir por toda a comunidade educativa, sendo deste modo o elemento da escola mais atualizado.

Delannoy (1983, p.64) refere, em relação ao professor bibliotecário, que deverá atender a todas as solicitações de alunos e professores no âmbito de uma “disciplina ou programa” e que “é-lhes também necessário, para além de uma cultura geral, que deve ser constantemente enriquecida, um bom conhecimento dos grandes domínios do saber

e das principais obras de referência correspondentes, assim como uma grande familiaridade com o ensino”.

Só com uma boa capacidade de liderança consegue envolver toda a equipa na prossecução dos objetivos da biblioteca escolar e ao mesmo tempo realizar um trabalho colaborativo com os vários departamentos curriculares, fator fundamental para que haja uma cultura de escola, a que antes se aludiu.

Cabe ao professor bibliotecário, e à sua equipa, conhecer as características e necessidades dos utilizadores da biblioteca escolar por forma a dar uma resposta adequada à sua plena satisfação. Para além disso, devem, em conjunto, manter um relacionamento afável e ter qualidades (quer técnicas, quer pedagógicas) a fim de promoverem, deste modo, a biblioteca escolar e a sua plena integração na cultura da escola em que se insere.

Da mesma forma que a biblioteca escolar soube acompanhar os tempos de mudança, tornando-se um espaço aberto e atrativo para a comunidade, também se pede que toda a equipa bibliotecária seja constituída por verdadeiros agentes inovadores dentro da escola, conduzindo a que a comunidade educativa acompanhe a evolução dos tempos.

Nesse sentido, ao professor bibliotecário cabe um papel preponderante quer a nível interno, quer a nível externo, no que respeita a um conjunto de ações que poderá construir e articular com as mais variadas instâncias ou organismos. Assim, entre outros atributos, deverá possuir capacidade de gerir todo o fundo documental e, ao mesmo tempo, saber ouvir e motivar toda a equipa de trabalho, isto é, ser um verdadeiro líder.

Daí a importância de uma liderança forte, capaz de alterar as perceções que a comunidade escolar possui relativamente à biblioteca escolar e poder acompanhar o processo de mudança que ocorre na escola, fruto das transformações constantes que ocorrem à sua volta.

Para Veiga (1996, p.40), “a biblioteca escolar deve ser gerida, organizada e dinamizada por uma equipa educativa com competências no domínio da animação pedagógica, da gestão de projectos, da gestão da informação e das ciências documentais”.

Exige-se, desse modo, que o professor bibliotecário tenha grande visibilidade, devendo para tal manter ótimas relações interpessoais com todos sem exceção, porque

só com essa postura consegue cativar e ser aceite por toda a comunidade educativa.

De acordo com Das (2008):

A falta de interesse dos gestores e decisores quanto às bibliotecas escolares tem um enorme impacto no desenvolvimento daquelas e na profissionalização dos professores bibliotecários. É por isso vital enfatizar o papel específico da biblioteca escolar e do professor bibliotecário e mostrar a sua mais valia e contributos para a aprendizagem.

O uso eficaz dos recursos da biblioteca não depende apenas dos recursos materiais, mas também dos recursos humanos, mais especificamente da equipa da biblioteca escolar, gerida pelo professor bibliotecário e em parceria e cooperação com os professores são, como refere Das (2008) ”fundamental para justificar a mais-valia que é a biblioteca escolar.”

O envolvimento de todos no reconhecimento do papel da BE, bem como na criação de condições que conduzam a um uso mais eficaz dos espaços e dos recursos, é crucial no desenvolvimento das literacias para o século XXI.

3.2. O papel da Direção da Escola

É fundamental que todas as atividades da BE estejam voltadas para o processo educativo, sejam diversificadas, possibilitando a ampliação da prática pedagógica que conduza a uma aprendizagem holística.

A Direção da escola tem responsabilidades na abertura e no funcionamento da BE (Orientações da RBE, 2011), de acordo com o projeto educativo e a gestão de recursos humanos, tendo em conta o serviço prestado pela mesma e as linhas de ação do projeto de intervenção do diretor.

Uma forma de operacionalizar tais obrigações passa por:

- Mobilizar a escola para o impacto da biblioteca escolar na formação dos alunos e na melhoria das práticas de ensino/ aprendizagem.
- Desenvolver, em colaboração com o professor bibliotecário, uma gestão integrada, otimizando recursos e possibilidades de trabalho no agrupamento.
- Promover a valorização e a integração da BE nos objetivos estratégicos e de aprendizagem do agrupamento.
- Garantir a valorização do papel da BE e o incremento do seu uso, nos projetos da escola e no desenvolvimento curricular.
- Assegurar o trabalho formativo no sentido de sensibilizar para as mais-valias que a BE pode trazer à prática letiva dos docentes e à formação e aprendizagem dos alunos.
- Assegurar o reconhecimento do valor pedagógico da BE.

Também é da responsabilidade da direção a atribuição de um orçamento anual para dar resposta a necessidades de equipamento e atualização de materiais e providenciar a avaliação dos serviços prestados e do impacto da BE no sucesso educativo dos alunos.

A sua função é de gestão, mas de forma integrada e em colaboração com o professor bibliotecário (Orientações RBE, 2011). Contudo, a gestão das bibliotecas escolares, no quadro da escola ou do agrupamento, e a sua otimização pedagógica devem favorecer o trabalho escolar dos professores e alunos. Só assim se permitirá a efetivação de uma boa prestação de serviços em educação, conforme esperamos aconteça na BE onde se realizou a nossa investigação, de que daremos conta no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

1. Descrição da Investigação

Partindo dos factos da biblioteca escolar:

- Proporcionar informação e conhecimento para sermos bem sucedidos;
- Desenvolver nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida;
- Ser essencial ao cumprimento das metas e dos objetivos de aprendizagem da escola (promovendo-os através de um plano de aquisição e organização de documentos em suportes variados, de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes);
- Proporcionar um vasto leque de recursos (incluindo meios eletrónicos) e o acesso a dados que promovem em cada utente (alunos, professores e outros) a consciência da sua própria herança cultural e uma base para a compreensão da diversidade de culturas,

e concluindo que as funções da biblioteca escolar - informativa, educativa, cultural e recreativa - são complementares, entendemos procurar saber mais sobre a sua utilização e o seu impacto na comunidade educativa que integramos.

O estudo levado a cabo procurou averiguar as conceções que professores, alunos, assistentes técnicos e operacionais e encarregados de educação possuem sobre o impacto da utilização da BE, especificamente na Escola Secundária de Seia pertencente ao agrupamento de escolas de Seia, com vista a atingir os objetivos seguintes:

- Analisar o grau de satisfação da comunidade educativa senense quanto às atividades e recursos disponibilizados pela BE;
- Verificar até que ponto a BE promove os objetivos educativos delineados de acordo com as finalidades da escola.

Para o efeito, aplicámos quatro inquéritos por questionário (aos alunos, professores, assistentes e encarregados de educação) e dois inquéritos por entrevista (à

diretora do Agrupamento de Escolas de Seia e à professora bibliotecária da Escola Secundária de Seia).

O estudo em questão assume características de estudo exploratório, em contexto da escola secundária, tem um carácter maioritariamente quantitativo, por se recorrer a técnicas nucleares/chave - inquéritos por questionário constituídos por questões colocadas sob a forma de uma escala que permitirá medir as atitudes e opiniões dos inquiridos. No entanto, tem também um cariz qualitativo, uma vez que se recorre, ainda, a técnicas complementares - inquérito por entrevista utilizando equipamento áudio para registo. Assim, não se optou por uma metodologia qualitativa ou quantitativa mas sim por uma metodologia mista que pressupõe a associação das duas, não obstante as suas vantagens e/ou desvantagens.

Pretendemos, com este trabalho de investigação, identificar os contributos da biblioteca escolar para a satisfação de toda a comunidade educativa, para além de despoletar a reflexão que poderá alterar mentes e procedimentos mais adormecidos e, acima de tudo, verificar o que poderá ser incrementado em prol da satisfação plena da mesma.

2. Opções metodológicas

Bogdan e Biklen (1994) referem a *teoria* comparando-a a um paradigma que consiste num conjunto aberto de asserções, conceitos ou proposições logicamente relacionados e que orientam o pensamento e a investigação. Por outras palavras, podemos dizer que o paradigma é o sistema de princípios, crenças e valores que orienta a metodologia e fundamenta as suas conceções numa dada epistemologia (Coutinho, 2011). Por seu turno, a metodologia utilizada numa investigação assenta num método. Este pode ser considerado como o conjunto de procedimentos ou instrumentos usados com a finalidade de alcançar os objetivos da investigação (Bisquerri, 1989).

Assim, ao falar-se de orientação teórica está a falar-se de um modo de entendimento do mundo, das asserções que as pessoas têm sobre o que é importante e o que é que faz o mundo funcionar e por isso pode ser alicerçada a um paradigma.

Qualquer trabalho que visa uma pesquisa pressupõe uma metodologia, cujo caráter pode ser qualitativo, quantitativo e/ou orientado para a prática.

A investigação a que nos propomos, embora assente numa orientação teórica, atenderá em especial às asserções que os intervenientes (elementos da comunidade educativa da Escola Secundária de Seia) tiverem dos assuntos a serem analisados, seguindo um plano de ação que conduza ao alcance das respostas às questões colocadas.

2.1. As metodologias quantitativas

Segundo Richardson (1989), o método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto na recolha como no tratamento de dados usando técnicas estatísticas, desde as mais simples até às mais complexas.

Os estudos quantitativos seguem um modelo de pesquisa onde o pesquisador parte de referências bem estruturadas, a partir das quais formula hipóteses sobre as situações do objeto de estudo. Assim, tem a intenção de garantir maior precisão nos resultados, sendo os dados analisados, normalmente, com apoio da Estatística.

Ainda de acordo com Richardson (1989), este método é aplicado com muita frequência em estudos descritivos como os que propõem investigar “o que é”, ou seja a descobrir as características de um fenómeno como tal.

Também nesta perspetiva, Carmo e Ferreira (2008) referem que a investigação quantitativa pressupõe a observação de fenómenos, a formulação de hipóteses

explicativas dos mesmos, o controlo de variáveis, a seleção aleatória dos sujeitos de investigação (amostragem), a verificação ou rejeição das hipóteses mediante uma recolha rigorosa de dados, posteriormente sujeitos a uma análise estatística e uma utilização de modelos matemáticos para testar essas mesmas hipóteses. O objetivo é a generalização dos resultados a uma determinada população em estudo a partir da amostra, o estabelecimento de relações causa-efeito e a previsão de fenómenos, consistindo, essencialmente, em encontrar relações entre variáveis, fazer descrições, recorrendo ao tratamento estatístico de dados recolhidos, e testar teorias.

Para satisfazer os propósitos definidos neste trabalho optámos por um instrumento de recolha de dados que permitisse a obtenção de um conjunto de dados num curto espaço de tempo. Posto isto, o inquérito por questionário foi a técnica de recolha de dados que considerámos mais adequada à consecução dos nossos objetivos.

2.2. As metodologias qualitativas

As metodologias qualitativas são constituídas por um conjunto de técnicas interpretativas que têm por meta retratar, decodificar ou traduzir fenómenos sociais naturais, com vista à obtenção de elementos relevantes para descrever ou explicar esses fenómenos (Van Maanen, 1983).

A investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994, pp.47-51), apresenta cinco características principais:

- 1 – A situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento chave da recolha de dados.
- 2 – A sua primeira preocupação é descrever e só depois analisar os dados.
- 3 – A questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final.
- 4 – Os dados são usados indutivamente, como se reunissem, em conjunto, todas as partes de um puzzle.
- 5 – Diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “o quê”.

Este tipo de metodologia de investigação fundamenta-se nos seguintes pressupostos (Wilson, 1977):

-
- Os acontecimentos devem estudar-se em situações naturais, ou seja, integrados no terreno.
 - Os acontecimentos só podem compreender-se se compreendermos a percepção e a interpretação feitas pelas pessoas que neles participam.

Os meios de recolha de dados que utiliza podem ser variados mas, o mais importante é que o investigador, a partir de todos os dados recolhidos, obtenha um conjunto de informações que lhe permita dar sentido àquilo que está a estudar de forma que a sua análise seja pertinente e o mais verdadeira possível. Esta análise de dados, compreende três etapas: a codificação dos dados, a sua apresentação de forma mais estruturada e a análise propriamente dita (Silverman, 1995).

De acordo com Amado (2009, p.25-26), a investigação qualitativa consiste:

- numa pesquisa sistemática;
- sustentada em princípios teóricos (multiparadigmáticos) e em atitudes éticas;
- realizada por indivíduos informados (teórica, metodológica e tecnicamente) e treinados para o efeito;
- pesquisa que tem como objetivo obter junto dos sujeitos a investigar (amostras não estatísticas, casos individuais e casos múltiplos) a informação e a compreensão (o sentido) de certos comportamentos, emoções, modos de ser, de estar e de pensar (modos de viver e de construir a vida);
- trata-se de uma compreensão que se deve alcançar tendo em conta os contextos humanos (institucionais, sociais e culturais) em que aqueles fenómenos de atribuição de sentido se verificam e tornam únicos (perspetiva naturalista, ecológica);
- quando for oportuno, a curto ou a médio prazo, direta ou indiretamente, mediante a aplicação desse conhecimento ou, até, mediante o processo da sua construção, a Investigação Qualitativa visa contribuir para o melhoramento das situações e para a resolução dos problemas existentes no contexto.

Ainda de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.48), a investigação qualitativa é descritiva, conferindo à palavra escrita particular importância: “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números”.

Na investigação qualitativa são evidentes os conflitos de interpretações e notória

a subjetividade do investigador.

É evidente que este tipo de metodologia, assenta em conceitos como, subjetividade, qualidade e compreensão e, utiliza, essencialmente, para recolha de material empírico, técnicas diretas, como os inquéritos por entrevista.

Constata-se que a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo. Foi neste sentido que, embora tratando-se de um estudo interessado em conhecer a satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar, se considerou pertinente fazer conhecer as dinâmicas internas da mesma, de forma a melhor compreender comportamentos e experiências, conhecendo a opinião da diretora do Agrupamento e da própria professora bibliotecária.

2.3. As metodologias mistas

A investigação mista não é mais do que a combinação da investigação quantitativa e da qualitativa. Esta investigação pode aproximar-se mais de um dos anteriores tipos ou do outro e o grau de semelhança a cada um deles pode ser muito variado. Por esse motivo, podemos ter uma variedade de tipos de investigação mista.

Embora existam autores, como Smith e Heshusus (1986) e Brannen (1992), que referem as dificuldades que advém da utilização conjunta dos dois métodos anteriormente referidos, numa investigação, existem outros como Denzin (1978), Cronbach e al. (1980), Miles e Hubermann (1984) e Patton (1990), citados por Carmo e Ferreira (2008, p.201), que apoiam a utilização dos referidos métodos conjuntamente. Patton (1990) refere que através da triangulação, isto é, da combinação de metodologias no estudo dos mesmos fenómenos ou programas, é possível tornar um plano de investigação mais consistente, atendendo a que a lógica da triangulação assenta no facto de cada método revelar diferentes aspetos da realidade empírica e conseqüentemente ser relevante utilizar diferentes métodos de observação da realidade. Reichardt & Cook (1986), citados por Carmo e Ferreira (2008, p.203), referem as vantagens de combinar métodos, especialmente, quando se trata de trabalhos de investigação com propósitos múltiplos, uma vez que a utilização de métodos diferentes permite uma melhor compreensão dos fenómenos, do mesmo modo que a triangulação de técnicas conduz a

resultados mais seguros.

Na nossa opinião, a utilização de métodos de investigação diferentes (questionário e entrevista), torna-se essencial para melhor se poder confirmar os resultados do trabalho empírico, conforme se procurou fazer neste estudo.

3. População e amostra do estudo

A falta de tempo e de recursos para proceder à recolha e análise de dados pode, por vezes, condicionar uma investigação. Assim, é extremamente importante a definição da população que será alvo de recolha de informação de forma a evitar amostras restritas que podem delimitar as conclusões (Hill & Hill, 2008).

A população-alvo deste estudo inclui toda a comunidade educativa da Escola Secundária de Seia, constituída por 79 professores, 28 assistentes operacionais e 14 assistentes técnicos, num total de 42 assistentes, 536 alunos repartidos pelo 10º ano de escolaridade (207), 11º ano de escolaridade (174), 12º ano de escolaridade (132) e ensino noturno, Cursos EFA's (23) e respetivos encarregados de educação.

No nosso estudo, o referido por Sousa e Baptista (2011, p.73) de que “é necessário que a amostra apresente características idênticas às da população ou universo, por outras palavras, que seja representativa”, não se coloca, uma vez que procurámos atingir todo o universo e assim minimizamos o risco de delimitar as conclusões.

Tendo como referência as considerações de vários autores (McMillan, & Schumacher, 2006; Hill & Hill, 2008; Ghiglione & Matalon, 1997), e tendo em conta os objetivos da investigação, a sua natureza e os recursos de que dispomos, consideramos que a dimensão do universo dos inquiridos é adequada para análise (Hill & Hill, 2008).

Após a obtenção da autorização, da direção da escola (**Anexo 3**), para a aplicação dos questionários (**Anexo 9**) à comunidade educativa, procedeu-se à sua entrega em mão, com uma breve justificação para a sua implementação, no dia 17 de abril 2013 aos assistentes e a 24 do mesmo mês aos professores, que depois de preenchidos deveriam depositar no PBX, numa urna improvisada para o efeito, procedendo a funcionária à baixa na respetiva listagem no momento da entrega. Por sua vez, em relação aos alunos e encarregados de educação deslocámo-nos à sala de aula e após uma breve explicação e justificação da importância do nosso estudo, procedemos à entrega dos questionários ao 12º ano de escolaridade nos dias 2 e 3 de maio, ao 11º ano de escolaridade nos dias 8 a 10 de maio, ao 10º ano de escolaridade nos dias 15 a 17 de maio e ao ensino noturno nos dias 20 e 21 do mesmo mês. Após o preenchimento dos mesmos, passariam pela reprografia, colocando-os numa urna para o efeito, cabendo à funcionária a tarefa de registar a entrega nas diversas listagens de relação de turma.

Contudo, sabíamos de antemão que não teríamos a colaboração da totalidade desta população-alvo, mas apesar da estratégia usada para recolher o maior número de respostas possível, estas ficaram muito aquém das nossas expectativas.

Dos questionários aplicados à totalidade da amostra (1190 inquiridos) responderam 564 o que perfaz uma taxa de retorno da ordem dos 47%, que apesar de tudo consideramos ainda representativa.

Tivemos a colaboração de 65 professores (82%), 28 assistentes operacionais e 14 assistentes técnicos, num total de 42 assistentes (100%), 279 alunos (52%), repartidos pelo 10º ano de escolaridade (114), 11º ano de escolaridade (78), 12º ano de escolaridade (67) e ensino noturno, Cursos EFA's (20) e 178 encarregados de educação (33%).

Através da informação relativa aos dados pessoais dos alunos, professores, assistentes operacionais e técnicos e encarregados de educação, retirada dos inquiridos, foi possível elaborar três quadros resumo onde procurámos sistematizar as características da amostra participante dos professores, dos alunos e da restante comunidade educativa (assistentes e EE).

CARATERÍSTICAS	f	%
IDADE		
15	40	14
16	80	29
17	80	29
18	43	15
19	14	5
20 ou +	22	8
SEXO		
Masculino	122	44
Feminino	157	56

Quadro nº 1 - Características gerais da amostra participante de alunos

Fazendo a leitura do quadro nº 1 verificou-se que a grande parte dos alunos que efetivamente participaram nos questionários tem idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos e são maioritariamente do sexo feminino (56%).

CARATERÍSTICAS	f	%
IDADE		
Entre 30 e 35	3	5
Entre 36 e 40	8	12
Entre 41 e 45	5	8
Entre 46 e 50	14	22
Entre 51 e 55	25	38
Entre 55 e 60	8	12
Entre 61 e 65	2	3
SEXO		
Masculino	24	37
Feminino	41	63
TEMPO DE SERVIÇO		
Entre 5 a 10	6	9
Entre 11 a 15	2	3
Entre 16 a 20	14	21,5
Entre 21 e 25	7	11
Entre 25 e 30	22	34
31 ou +	14	21,5

Quadro nº 2 - Caraterísticas gerais da amostra participante de professores

Da análise do quadro nº 2 constatou-se que: os respondentes estão maioritariamente contidos na faixa etária dos 46 aos 55 anos (60%) e possuem bastante tempo de serviço (mais de 25 anos de serviço, 55,5%). Verifica-se que maioritariamente são do sexo feminino (63%).

CARATERÍSTICAS	f	%
IDADE		
Entre 30 e 35	6	3
Entre 36 e 40	38	17
Entre 41 e 45	67	30
Entre 46 e 50	68	31
Entre 51 e 55	31	14
Entre 56 e 60	6	3
Entre 61 e 65	4	2
SEXO		
Masculino	50	23
Feminino	170	77

Quadro nº 3 - Caraterísticas gerais da amostra participante de AOT e EE

Da leitura do quadro nº 3 verificou-se que a grande parte da amostra participante da restante comunidade (AOT e EE) são maioritariamente, mais uma vez, do sexo feminino (77%).

Optámos, ainda, por entrevistar a Diretora do Agrupamento de Escolas de Seia e a professora bibliotecária, ambas exercendo os cargos há mais de 10 anos.

4. Técnicas e instrumentos de pesquisa

Carmo e Ferreira (2008, p.139) apresentam o significado de um inquérito: segundo o dicionário, “como um conjunto de actos e diligências designados a apurar alguma coisa”; de acordo com a etimologia da palavra, “processo em que se tenta descobrir alguma coisa de forma sistemática”; e no âmbito das Ciências Sociais, “processos de recolha sistematizada, no terreno, de dados susceptíveis de poder ser comparados”.

Por tratar-se de um instrumento de recolha de dados salvaguardados pelo anonimato de respostas a questões estandardizadas garante-se a comparabilidade dos dados obtidos entre os vários grupos de respondentes (McMillan & Schumacher, 2006; Ghiglione & Matalon, 1997).

Na nossa investigação tivemos em consideração, na elaboração dos inquéritos (questionário e entrevista), o referido por Foddy (1996, p.34), ao citar Sudman & Bradburn (1974):

- a) não formular perguntas concretas sem ter reflectido cuidadosamente sobre a questão que preside à investigação;
- b) escrever a questão que preside à investigação e tê-la presente quando se formulam as perguntas concretas;
- c) perguntar sistematicamente «Porque é que é importante saber isto?» (apenas porque seria interessante saber não é resposta que possa considerar-se aceitável).

4.1. O questionário

Para Afonso (2005, p.101),

(...) os questionários consistem em conjuntos de questões escritas a que se responde também por escrito. Na construção de questionários, o objectivo principal consiste em converter a informação obtida dos respondentes em dados pré-formatados, facilitando o acesso a um número elevado de sujeitos e a contextos diferenciados.

O mesmo autor refere que “a informação recolhida através da técnica do questionário consiste não no que as pessoas pensam, mas no que elas dizem que pensam, não no que elas preferem, mas sim no que elas dizem que preferem” (p. 103).

Sousa e Baptista (2011, pp.90-91) mencionam que:

(...) um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações

baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos.

Quando se elabora e administra um inquérito por questionário, atendendo à interação indireta que existe entre o investigador e os inquiridos, terá de se cuidar da linguagem e do tipo de questões que constituem esse mesmo questionário. Assim, é necessário ser cuidadoso na forma como se formulam as questões, bem como na apresentação do questionário. É importante ter em conta as habilitações do público-alvo a quem vai ser administrado, sendo que o conjunto de questões deve ser bem organizado e conter uma forma lógica para os inquiridos, devendo evitar-se as questões irrelevantes, insensíveis, intrusivas, desinteressantes, com uma estrutura confusa e/ou complexa, ou ainda questões demasiado longas. É essencial ter o cuidado de não utilizar questões ambíguas que possam ter mais do que um significado, que por sua vez levem a ter diferentes interpretações. Não se deve incluir duas questões numa só (*double-barrelled questions*), o que pode levar a respostas induzidas ou nem sempre relevantes, além de não ser possível determinar qual das “questões” foi respondida, aquando do tratamento da informação.

As questões devem ser reduzidas e adequadas à pesquisa em questão. Assim, elas devem ser desenvolvidas tendo em conta três princípios básicos (Muñoz, 2003): o Princípio da Clareza (devem ser claras, concisas e unívocas), Princípio da Coerência (devem corresponder à intenção da própria pergunta) e Princípio da Neutralidade (não devem induzir uma dada resposta mas sim libertar o inquirido do referencial de juízos de valor ou do preconceito do próprio autor).

O tipo de questão (de resposta aberta ou fechada) é escolhido conforme o fim para o qual a informação é usada, as características da população em estudo e o método escolhido para divulgar os resultados, tendo em conta as vantagens e desvantagens de cada tipo de respostas.

Foi nosso propósito, para além do contraste entre diferentes pontos de vista (Gomez, Flores & Jimenez, 1999), explorar as opiniões dos respondentes, para que a informação qualitativa funcionasse como complemento útil na contextualização da informação quantitativa obtida (Hill & Hill, 2008). Sendo assim, foram implementadas um conjunto de questões de tipo aberto e fechado e, por conseguinte, os questionários

são do tipo misto.

Ao aplicar-se um questionário a pretensão é medir aspetos como atitudes ou opiniões do público-alvo, e tal só é possível com a utilização de escalas. A escala a utilizar neste trabalho é a escala de Likert.

A escala de Likert apresenta uma série de cinco proposições, das quais os inquiridos devem selecionar uma (exemplo: concorda totalmente, concorda, sem opinião, discorda, discorda totalmente). É efetuada uma cotação das respostas que varia de modo consecutivo: +2, +1, 0, -1, -2 (ou utilizando pontuações de 1 a 5). É necessário ter em atenção quando a proposição é negativa. Nestes casos a pontuação atribuída deverá ser invertida. Esta escala facilita a introdução dos dados (respostas) no SPSS, *software* escolhido para o tratamento dos mesmos.

A aplicação de um inquérito por questionário possibilita uma maior sistematização dos resultados fornecidos, permite uma maior facilidade de análise bem como reduz o tempo que é necessário despendido para recolher e analisar os dados, é mais vantajoso em termos de custos. Contudo, a sua conceção não é fácil, pois é necessário ter em conta vários parâmetros tais como: a quem se vai aplicar, o tipo de questões a incluir, o tipo de respostas que se pretende e o tema abordado.

4.1.1. Questionário aplicado aos alunos

No quadro seguinte registam-se os objetivos das questões do questionário aplicado aos alunos.

Parte	Objetivos	Item
Dados Pessoais	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a amostra quanto ao ano de escolaridade, género, e idade. 	1; 2; 3
Conceções sobre a BE	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a importância da existência da BE; • Averiguar da frequência da BE; • Identificar os motivos para a frequência, os recursos mais usados e as atividades mais relevantes. 	4 5 6; 7; 8; 9;10
Grau de satisfação	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a satisfação relativamente à BE. 	11; 12

Quadro nº 4 – Objetivos das questões do questionário aplicado aos alunos

Neste questionário, embora tendo os mesmos objetivos gerais, as questões foram elaboradas de forma diferente atendendo à faixa etária e aos hábitos respectivos e por se reconhecerem diferentes asserções sobre a BE, da parte dos alunos, comparativamente com a restante comunidade.

De uma forma esquemática podemos referir que o questionário aplicado aos alunos foi dividido em três partes, tendo cada uma a sua finalidade específica:

Parte 1 – recolher um conjunto de informações referentes aos dados pessoais de cada respondente, nomeadamente, caracterizar a amostra, atendendo ao género e à idade;

Parte 2 – obter dados sobre as conceções que os alunos possuem sobre a BE no âmbito da sua frequência, dos recursos existentes e mais utilizados e das atividades mais relevantes desenvolvidas pela BE. Nesta parte procurou-se, também, inferir que importância tem a BE para os alunos;

Parte 3 – avaliar o grau de satisfação relativamente à BE.

4.1.2. Questionário aplicado aos professores

No quadro seguinte registam-se aspetos relativos ao questionário aplicado aos professores.

Parte	Objetivos	Item
Dados Pessoais	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a amostra quanto ao género, idade, grupo de recrutamento, tempo de serviço, situação profissional e tempo de permanência na escola. 	1; 2; 3; 4; 5; 6
Conceções sobre a BE	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a importância da existência da BE; • Averiguar da frequência da BE; • Identificar o (des)conhecimento dos materiais existentes na BE. 	7; 8 9 10; 11; 12; 13
Grau de satisfação	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a satisfação relativamente à BE 	14; 15; 16

Quadro nº 5 – Objetivos das questões do questionário aplicado aos professores

À semelhança do anterior, o questionário aplicado aos professores foi dividido em três partes, cada uma com a sua finalidade:

Parte 1 – recolher um conjunto de informações referentes aos dados pessoais de cada respondente, nomeadamente, à caracterização da amostra, atendendo ao género, à idade, grupo de recrutamento, tempo de serviço, situação profissional e tempo de permanência na escola;

Parte 2 – obter dados sobre as conceções que os professores possuem sobre a BE no âmbito da sua frequência e dos recursos existentes;

Parte 3 – avaliar o grau de satisfação relativamente à BE.

4.1.3. Questionário aplicado aos AOT

Tendo à partida a percepção de que os AOT seriam o grupo participante que, embora conhecesse a BE, não a frequentariam regularmente, propusemo-nos a averiguar a veracidade dessa suposição. Registam-se no quadro seguinte, os objetivos das questões do questionário aplicado aos AOT.

Parte	Objetivos	Item
Dados Pessoais	<ul style="list-style-type: none"> • Caraterizar a amostra quanto ao género, idade, situação profissional, função e tempo de permanência na escola. 	1; 2; 3; 4; 5
Conceções sobre a BE	<ul style="list-style-type: none"> • Averiguar sobre o conhecimento da BE; • Avaliar a frequência da BE; • Identificar os motivos da frequência. 	6; 11 7 8
Grau de satisfação	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a satisfação relativamente à BE. 	9; 10; 12

Quadro nº 6 – Objetivos das questões do questionário aplicado aos AOT

No caso deste questionário, dividido em três partes conforme os anteriores, as finalidades foram as seguintes:

Parte 1 – recolher um conjunto de informações referentes aos dados pessoais de cada respondente, nomeadamente, atendendo ao género e à idade, situação profissional, função e tempo de permanência na escola;

Parte 2 – obter dados sobre as conceções que os AOT possuem sobre a BE no âmbito da sua frequência, motivos e, conseqüentemente, sobre a importância da BE;

Parte 3 – avaliar o grau de satisfação relativamente à BE.

4.1.4. Questionário aplicado aos EE

À semelhança do referido para os AOT mas, neste caso, reconhecendo que os EE não vêm muito à Escola, procurámos averiguar das concepções dos EE relativamente à BE com maior ênfase na importância que lhe é imputada.

Parte	Objetivos	Item
Dados Pessoais	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a amostra quanto ao género, idade, ano de escolaridade do educando. 	1; 2; 3
Concepções sobre a BE	<ul style="list-style-type: none"> • Averiguar sobre o conhecimento da BE; • Avaliar da frequência da BE; • Identificar a importância atribuída à BE. 	4; 10 5; 6; 7 8; 9
Grau de satisfação	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a satisfação relativamente à BE 	11; 12

Quadro nº 7 – Objetivos das questões do questionário aplicado aos EE

O questionário aplicado aos EE foi dividido em três partes, à semelhança dos anteriores, cada uma com a sua finalidade específica. Assim:

Parte 1 – recolher um conjunto de informações referentes aos dados pessoais de cada respondente, nomeadamente, ao género, à idade e ano de escolaridade dos educandos;

Parte 2 – obter dados sobre as concepções que os EE possuem sobre a BE no âmbito do conhecimento e grau de afluência da mesma e, ainda sobre a importância que lhe conferem;

Parte 3 – avaliar o grau de satisfação relativamente à BE.

Refira-se que optámos por formular uma questão aberta (a última de cada questionário), comum aos quatro grupos de respondentes, de modo a permitir a livre exposição das suas opiniões e permitir o comentário que considerem relevante (Ghiglione & Matalon, 1997) acerca das concepções que possuíam sobre a BE e afirmar o seu grau de satisfação. Esta estratégia espera-se que conduza a uma análise de conteúdo mais rica e esclarecedora em termos de pormenorização (Hill & Hill, 2008).

4.1.5. Validação dos questionários

Após termos elaborado as quatro versões de questionários, estes foram

submetidos a amostras de características similares às nossas (McMillan & Schumacher, 2006; Gomez, Flores & Jiménez, 1999), procedendo a um estudo piloto (**Anexo 2**) e à apreciação de especialistas. Após corrigidas algumas imprecisões de linguagem e objetividade de algumas questões (**Anexo 9**) aplicámos os questionários à nossa população alvo.

4.2. A entrevista

Na metodologia qualitativa, uma das técnicas mais utilizadas para recolha de informações é, sem dúvida, a entrevista, por desempenhar um papel preponderante na atividade científica e de pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994, p.134) consideram que “uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (Morgan, 1988), dirigida por uma das pessoas, com o objectivo de obter informações sobre a outra”.

Por sua vez, Ghiglione e Matalon (1997, p.64) referem que “a entrevista é um encontro interpessoal que se desenrola num contexto e numa situação social determinados, implicando a presença de um profissional e de um leigo”.

Para Afonso (2005, p.97), a entrevista “constitui uma das técnicas de recolha de dados mais frequente (...), e consiste numa interacção verbal entre o entrevistador e o respondente em situação de face a face ou por intermédio do telefone”.

Sousa e Baptista (2011, p.79) citam Ketele (1999) para quem “a entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas cuidadosamente seleccionadas, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspectiva dos objectivos da recolha de informações”.

Assim, através desta técnica, consegue-se captar informação de forma direta e imediata e ao mesmo tempo ter acesso ao que o entrevistado pensa sobre determinado assunto e aos seus pontos de vista. Neste sentido, Bogdan e Biklen (1994, p.134) consideram que “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

Sendo a entrevista um “acontecimento social” é importante ter em linha de conta

determinados aspetos, tal como o local onde decorre, daí a opção por um espaço acolhedor, agradável, sem ruído e com alguma privacidade, para que o entrevistado se sinta confortável.

Antes de ocorrer a entrevista, é necessário que o sujeito de investigação seja contactado e informado do objetivo da mesma e de que as informações fornecidas são utilizadas apenas para fins de pesquisa, para deste modo obter o consentimento para a realização da mesma. Após essa autorização, optou-se pelo tipo de entrevista estruturada ou dirigida. Os motivos desta opção, são, essencialmente, o acesso a grande quantidade de informação e possível esclarecimento da mesma.

Na concretização deste estudo, a técnica de inquérito por entrevista a aplicar à Diretora do Agrupamento de Escolas de Seia e à professora Bibliotecária exigiu um trabalho intenso em termos de tempo despendido desde a sua preparação até à realização da mesma (McMillan & Schumacher, 2006; Gall & Borg, 2003). Contudo, a justificação desta escolha prendeu-se com o facto de possibilitar a recolha de dados necessários ao aprofundamento da informação desejada para proceder à sistematização, comparação e obtenção de conclusões sobre o estudo que realizámos (Gomez et al, 1999). Todavia, não podemos negar algumas desvantagens desta técnica, que podem afetar os níveis de confiança dos resultados obtidos. Assim, para que a formulação das questões fosse a mais rigorosa e precisa possível, evitando-se ambiguidades e subjetividades (McMillan & Schumacher, 2006; Gall & Borg, 2003; Ghiglione & Matalon, 1997), procedeu-se à sua validação.

4.2.1. Elaboração e validação das entrevistas

Uma vez decidida a técnica e atendendo aos objetivos pretendidos, procedeu-se à construção do guião das entrevistas (**Anexo 5**), que deverá ser entendido como um “instrumento de gestão, (...) construído a partir das questões da pesquisa e eixos de análise do projecto de investigação, (...) com carácter matricial, (...) organizada por objectivos, questões e itens ou tópicos” (Afonso, 2005, p.99), cuja elaboração decorre de um trabalho consolidado anteriormente, envolvendo fases de pesquisa sobre métodos de recolha de dados e sobre a utilização da entrevista. Deverá ainda conter o propósito da entrevista, bem como o local, o tipo e a duração aproximada. Deverá ser garantido o consentimento, a privacidade, o anonimato e a proteção de dados pessoais em relação ao

entrevistado.

O guião da entrevista está orientado para três temas. Por sua vez, para cada tema delinear-se duas ou mais questões encadeadas sequencialmente.

Optámos pela realização de entrevistas estruturadas ou dirigidas, tendo-nos permitido manter, entre o entrevistador e cada entrevistada, uma comunicação de carácter informal, orientada segundo um conjunto de questões definidas à priori (Benjamin & Rodolphe, 2001).

Para efeitos de validação, os guiões foram analisados por duas especialistas. Processadas as alterações propostas passámos à realização das entrevistas quando as entrevistadas mostraram disponibilidade.

5. Procedimentos de análise da informação obtida

Relativamente à validade do questionário Ghiglione e Matalon (1997), Bravo (2001), Ketele e Roegiers (1995) e Contandriopoulos, Champagne, Potrin, Denis & Boyle (1999) definem-na como sendo a comprovação que existe uma adequação entre os objetivos e os fins, e que os resultados ou dados obtidos estão em conformidade com a realidade; para Hill e Hill (2008) “uma medida tem validade se for uma medida da variável que o investigador pretende medir”. Segundo estes últimos autores e Contandriopoulos, Champagne, Potrin, Denis & Boyle (1999), existem três tipos de validade que são a validade de conteúdo, a validade prática e a validade de construção. Nos nossos instrumentos utilizamos a validade de conteúdo e a validade de construção.

A validade de conteúdo, de acordo com os autores supra citados, consiste em determinar até que ponto os itens selecionados, que podem ter por base a literatura, para medir uma construção teórica, representam todos os aspetos do conceito a ser medido.

Segundo Henerson, Morris e Gibbon (1987), este tipo de validade refere-se à representatividade da amostra de questões incluídas no instrumento; a mesma envolve a avaliação sistemática do conteúdo do teste com vista a certificar se inclui uma amostra representativa do que se pretende medir. Neste tipo de validade, Hill e Hill (2008) descrevem os seguintes passos:

- determinar as componentes;
- para cada componente escrever os aspetos que caracterizam a variável;
- para cada um dos aspetos serão escritos itens que os possam medir.

Quando os itens do questionário formam uma amostra representativa de todos os itens disponíveis para medir os aspetos das componentes podemos dizer que existe uma validade de conteúdo adequada.

Neste aspeto, aquando da elaboração dos inquéritos por questionário foi tida em conta e como base a literatura e o conhecimento empírico especulativo que possuíamos acerca da temática sobre a qual construímos o conjunto total de itens para cada variável.

Quanto à validade de construção, Contandriopoulos, Champagne, Potrin, Denis & Boyle (1999) referem-na como sendo aquela que trata da relação entre os conceitos teóricos e a sua operacionalização. Henerson, Morris e Gibbon (1987) referem que este tipo de validade através do método designado por apelo à lógica, se baseia na verificação de dois fatores:

- aplicar o instrumento aos sujeitos dando-lhes tempo suficiente como forma de evitar que os mesmos sejam forçados a responder rapidamente;
- ausência de pressões (ambiente; formato do instrumento; personalidade do aplicador...) para evitar surgir determinado tipo de respostas.

Consideramos, no nosso caso, que o tempo dado para o preenchimento dos questionários foi suficiente. As instruções para serem dadas as respostas são claras e objetivas e o conteúdo do instrumento revela total imparcialidade. O ambiente em que foi aplicado não foi por nós estabelecido o que evita qualquer tipo de pressão e de características de personalidade do aplicador uma vez que o mesmo não foi preenchido na sua presença.

Relativamente à análise dos dados de ordem dinâmica (obtidos nas entrevistas), foi utilizada a análise de conteúdo, visto ser uma técnica que se adequa para analisar documentos escritos e apresentar resultados finais. Segundo Berelson (1954), citado por Estrela (1994, p.455), “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que visa a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”, é uma técnica que deverá conter objetivos descritivos e classificatórios. Bravo (2001) refere que os principais aspetos que caracterizam a análise de conteúdo podem ser resumidos a ser-se objetivo, sistemático, quantitativo sobre o conteúdo manifesto, cujo fim é interpretá-lo. Assim:

- objetivo, o que pressupõe o emprego de procedimentos de análise que podem ser reproduzidos de forma a que os resultados obtidos sejam sempre passíveis de serem verificados;
- sistemático: exige que a análise seja sujeita a uma avaliação objetiva de todo o conteúdo a analisar;
- quantitativo, ou seja, pode-se quantificar numericamente os resultados da análise (das unidades e indicadores dos fenómenos em que estamos interessados);
- conteúdo manifesto sugere que se analisa os conteúdos expressos da comunicação;
- com o fim interpretativo uma vez que a análise não permanece no conteúdo expresso mas produz inferências de natureza psicológica, sociológica, política, ... sobre a origem e aspetos das mensagens.

Segundo o mesmo autor, o objetivo da análise de conteúdo consiste na observação e reconhecimento do significado dos elementos que formam os documentos e em classificá-los adequadamente para a sua análise e posterior explicação.

Na opinião de Quivy e Campenhout (1998), a análise de conteúdo tem uma função heurística, ou seja, tem como função a descoberta de ideias e pistas de trabalho, que se constituem como hipóteses, e permite ao investigador ultrapassar a subjetividade das suas interpretações. Krippendorff (1980), citado por Vala (1999), acrescenta que a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que permite realizar “inferências válidas e replicáveis” para o seu contexto e, de acordo com Bardin (1979), citado por Vala (1999), permite também a passagem da descrição para a interpretação. Retira da sua noção a quantitatividade uma vez que, segundo Vala (1999), a análise de conteúdo não se deve restringir à mesma, esquecendo o carácter qualitativo, além de que a quantificação não garante a validade e a fidelidade. Na opinião do autor, a análise de conteúdo tem duas vantagens:

- pode exercer-se sobre material que não foi produzido com o fim de servir a investigação empírica;
- pode incidir sobre material não estruturado: correspondência, entrevistas abertas, mensagens dos massmedia...

Podemos também referir, segundo Bravo (2001), que esta técnica pode ser resumida à aplicação do método científico nas Ciências Sociais:

- amostra: que consiste no tipo e número de documentos que pretendemos analisar;
- determinação de unidades de análise: são concretas, de contexto e registo que se extrai do documento que analisamos, e se codifica (ex: palavras, temas, afirmações...) e atribui uma frequência ou número de vezes que se repetiu a unidade de registo no texto;
- eleição de categorias: são os elementos ou dimensões das variáveis investigadas e que nos vão servir para classificar ou agrupar, segundo as mesmas, as unidades de análise do texto;
- elaboração do quadro de recolha de dados: deverá compreender todas as categorias sobre as quais vamos recolher a informação. Em cada categoria terá de existir o espaço necessário para registar a intensidade, a frequência e

as características a anotar.

À análise de conteúdo colocam-se problemas no que respeita à fidelidade ligada ao processo de codificação assente em dois pilares: a fidelidade do codificador (inter-codificador e intra-codificador) e a fidelidade das categorias de análise, que não deverá ser ambígua para não existirem dificuldades em classificar a unidade de registo. E, também, problemas quanto à validade que assenta na adequação entre os objetivos e os fins; para tal dever-se-á ter em conta as diferentes fases: representatividade da amostra, escolha das categorias e índices de quantificação.

CAPÍTULO 4

INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS RESULTADOS

Recolhidos todos os dados referentes ao estudo levado a cabo, usando a técnica do inquérito (por questionário e entrevista) foram, posteriormente, escolhidos os métodos de tratamento dos mesmos. Estes, segundo Gomez, Flores e Jiménez (1999), constituem um dos processos mais atrativos da investigação, pois é a partir deles que os dados recolhidos dão sentido a um conjunto de evidências que se incorporam num esquema de significados conducente ao entendimento da realidade que se sujeitou a estudo. Assim, neste capítulo apresentam-se a discussão, interpretação e análise dos resultados obtidos advindos dos inquéritos por entrevista e questionário com o intuito de identificar e caracterizar, de uma maneira geral, as concepções de toda a comunidade educativa sobre a BE e o seu grau de satisfação quanto ao serviço prestado pela mesma.

1. Interpretação e análise das entrevistas

Usando a técnica de análise de conteúdo propomo-nos analisar o que é explícito no texto transcrito das entrevistas (**Anexo 6**), para obtenção de indicadores que permitam fazer inferências. Para o tipo de entrevistas em apreço é indicada a modalidade de análise qualitativa.

Depois de uma leitura prévia das entrevistas a analisar, pretendeu-se salientar, classificar, agregar e categorizar trechos das mesmas, que apresentámos em forma de quadro.

1.1. Entrevista à Diretora do Agrupamento de Escolas de Seia

A entrevista foi realizada no Gabinete da Diretora. Decorreu de acordo com o planeado, tendo, contudo, uma duração superior à planeada (30 minutos).

Na coluna Categoria foram agregados os três temas da entrevista:

- Análise da caracterização social da entrevistada;

- Análise genérica da importância atribuída à existência da BE no Agrupamento;
- Análise das motivações para a envolvimento e a satisfação da comunidade educativa.

Na coluna subcategorias foram agrupadas as questões colocadas em cada tema.

Na coluna Unidade de Registo encontram-se os fragmentos de texto tomados como indicativos de uma característica (subcategoria e categoria).

Na coluna Unidade de Contexto encontram-se os fragmentos do texto que englobam a unidade de registo e que contextualizam a mesma no decurso da entrevista.

O resultado destes procedimentos encontra-se sistematizado no anexo 7.

Numa análise de dados qualitativa o investigador pretende apreender algo a partir do que lhe é confiado, reconhecendo que, conforme Amado (2000, p.60), “(...) a análise nunca está acabada, suficientemente completa. As zonas de sombra inquietam-no tanto quanto o sentido escondido e o mais fundamentado das suas deduções; mas a marcha da análise é limitada pelas possibilidades práticas”.

Segundo a IFLA/UNESCO (2006, p.16), o diretor de uma escola deve:

- “(...) estar ciente da importância de um serviço eficaz de biblioteca escolar e encorajar a sua utilização.”;
- “(...) trabalhar de perto com a biblioteca na elaboração dos planos de desenvolvimento da escola.”;
- “(...) garantir uma gestão flexível do tempo e dos recursos para permitir aos docentes e aos alunos o acesso à biblioteca e aos seus serviços.”;
- “ (...) assegurar a cooperação entre a equipa docente e a equipa da biblioteca.”;
- integrar a avaliação da biblioteca na avaliação global da escola e “(...) destacar o contributo vital que um serviço de biblioteca escolar sólido presta ao cumprimento de padrões educativos”.

Constatamos, a partir dos dados do quadro nº 8, que a Diretora do Agrupamento tem experiência no cargo e um conhecimento objetivo e profundo do agrupamento que gere.

Demonstrou, ao longo da entrevista, ter conhecimento da realidade da BE a todos os níveis. Reconhece a importância da mesma, no bom desenvolvimento das competências dos alunos em várias áreas e, conseqüentemente, no caminho para a

melhoria da eficácia dos serviços prestados pela Escola. Revelou sentimento de orgulho e efetivo reconhecimento no que concerne às atividades e aos resultados obtidos pelo trabalho desenvolvido na e pela BE. Conhece os seus recursos e promove o apoio total da Direção à BE por forma a contribuir para uma melhor satisfação de toda a comunidade escolar, desta forma, cumpre com os requisitos da IFLA/UNESCO.

1.2. Entrevista à Professora bibliotecária

A entrevista foi realizada numa sala de trabalho da professora bibliotecária, no pavilhão C da Escola Secundária de Seia. Decorreu de acordo com o previamente planeado.

Na coluna Categoria foram agregados os três temas da entrevista:

- Análise da caracterização social da entrevistada;
- Análise genérica da Biblioteca, sobre as atividades que desenvolve e os principais recursos que possui;
- Análise das motivações para a envolvimento e a satisfação da comunidade educativa.

Na coluna subcategorias foram agrupadas as questões colocadas em cada tema.

Na coluna Unidade de Registo encontram-se os fragmentos de texto tomados como indicativos de uma característica (subcategoria e categoria).

Na coluna Unidade de Contexto encontram-se os fragmentos do texto que englobam a unidade de registo e que contextualizam a mesma no decurso da entrevista.

O resultado destes procedimentos encontra-se sistematizado no anexo 7.

Constatamos, a partir dos dados do anexo referido anteriormente, que a professora bibliotecária tem experiência acumulada ao longo dos anos em que desempenha o cargo, para além da formação adequada e desejada para o mesmo.

Demonstrou, ao longo da entrevista, ter conhecimento da realidade da BE no que concerne aos seus materiais e às características e aos anseios dos seus frequentadores, reconhecendo que muito haveria que fazer para uma melhor satisfação de toda a comunidade escolar.

Enumera que alguns dos materiais estão desatualizados e que outros seriam necessários para um funcionamento ainda mais eficaz, mas que não há verbas adequadas para suprir e inverter tal situação e também não há um envolvimento

adequado por parte dos professores, para sugerirem os materiais a adquirir.

Toda a equipa bibliotecária se empenha em atividades, utilizando todos os meios ao dispor na sua divulgação, com vista à obtenção de meios monetários que proporcionem a aquisição de materiais que julgam mais necessários, para além de algumas dádivas pessoais.

Na generalidade, a professora bibliotecária, revelou possuir o perfil exigido ao cargo e cumprir com tudo o que lhe é exigido e está inerente a um excelente desempenho, conforme o que foi referido no capítulo 2, no ponto 3.1. “O papel do professor bibliotecário”.

1.3. Síntese das entrevistas

Segundo as orientações da RBE (2011, p.2),

A política de criação e desenvolvimento de bibliotecas escolares (BE) considera o agrupamento como unidade organizacional e pedagógica com objectivos educativos comuns. Cada agrupamento deve contar com uma ou mais bibliotecas ou serviço de biblioteca, que faculte recursos capazes de apoiar o percurso formativo e curricular dos alunos.

A gestão das bibliotecas escolares, no quadro do agrupamento, e a sua optimização pedagógica devem favorecer o trabalho escolar de professores e alunos. Essa gestão implica uma visão de aproveitamento e uso comum das possibilidades da BE.

O envolvimento de todos no reconhecimento do papel da BE, bem como na criação de condições que conduzam a um uso mais eficaz dos espaços e dos recursos, é crucial no desenvolvimento das literacias para o século XXI.

É inegável a perceção das entrevistadas sobre o impacto da biblioteca na aprendizagem, nos resultados educativos dos alunos, no clima de escola e, conseqüentemente, na sociedade envolvente e no desenvolvimento de práticas colaborativas entre toda a comunidade educativa.

Reconhecem a necessidade de bibliotecas escolares fortes o que só será possível “com um bibliotecário escolar que seja agente dinâmico no processo de aprendizagem do aluno e no seu sucesso educativo” (Das, 2008). Existe um desafio real quer para os professores bibliotecários, quer para os diretores das escolas e outros responsáveis pelas decisões políticas para uma gestão integrada do espaço biblioteca escolar atendendo a que os alunos são os seus utentes “alicerce” e, cada vez mais, o poder de decisão quanto às formas e locais de aprendizagem está nas suas mãos. À escola e sua direção cabe permitir todos os meios para que a aprendizagem se realize, criar um ambiente

agradável para que os alunos gostem da escola; ao professor bibliotecário cabe o desenvolvimento de atividades que promovam não só o gosto pela leitura mas pela utilização dos recursos da BE e capazes de trazer mais elementos da comunidade educativa às escolas, através da BE e das atividades promovidas pela mesma.

Na perspetiva de ambas as entrevistadas a BE é um espaço social, pelo que contribuem, cada uma na sua função, para a criação de um ambiente agradável para os alunos e restante comunidade, que potencia o trabalho escolar, a troca de informação, ideias, conhecimento e lazer. Aludem ao trabalho e apoio oferecido pela equipa da biblioteca escolar e ao valor acrescido da BE para a melhoria do sucesso educativo dos alunos. Lamentam a falta de recursos mais atualizados e tudo fazem para colmatar, ao máximo, qualquer lacuna.

2. Tratamento e análise dos questionários

2.1. Alunos

Tendo por base a tabela nº 1, verificamos que os respondentes são 43,7% (122) do género masculino e 56,3% (157) do género feminino. Há pouca discrepância percentual comparativamente à idade/género, com uma ligeira vantagem para o feminino, à exceção dos 16 anos em que tende para o masculino. Outra nota importante, é que a partir dos 39 anos, quase a totalidade dos alunos é do género feminino.

Idade \ Género	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
15 anos	15	12,3	25	15,9	40	14,3
16 anos	41	33,6	39	24,8	80	28,7
17 anos	31	25,4	49	31,2	80	28,7
18 anos	16	13,1	27	17,2	43	15,4
19 anos	11	9,0	3	1,9	14	5,0
20 anos	0	0,0	2	1,3	2	0,7
21 anos	1	0,8	0	0,0	1	0,4
23 anos	1	0,8	0	0,0	1	0,4
29 anos	1	0,8	0	0,0	1	0,4
31 anos	0	0,0	1	0,6	1	0,4
34 anos	2	1,6	1	0,6	3	1,1
35 anos	0	0,0	2	1,3	2	0,7
39 anos	2	1,6	0	0,0	2	0,7
47 anos	0	0,0	1	0,6	1	0,4
48 anos	0	0,0	1	0,6	1	0,4
51 anos	1	0,8	2	1,3	3	1,1
54 anos	0	0,0	1	0,6	1	0,4
55 anos	0	0,0	1	0,6	1	0,4
56 anos	0	0,0	1	0,6	1	0,4
61 anos	0	0,0	1	0,6	1	0,4
	122	100,0	157	100,0	279	100,0

Tabela nº 1 - Distribuição dos alunos de acordo com a idade e o género

De acordo com a tabela nº 2, predomina, numa análise mais geral, que as idades dos respondentes se situam nos 16 e 17 anos (58%; n=160). Em termos mais específicos, verificamos que predominam no 10º ano de escolaridade as idades de 15 e

16 anos (77%; n=87), no 11º ano de escolaridade as idades de 16 e 17 anos (86%; n=68), no 12º ano de escolaridade as idades de 17 e 18 anos (82%; n=55) e no ensino noturno uma grande disparidade de idades a variar entre os 21 e 61 anos, sendo que 55% está abaixo dos 39 anos de idade.

Idade \ Ano de escolaridade	10º ano		11º ano		12º ano		Ensino noturno		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
15 anos	40	35,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	40	14,3
16 anos	47	41,5	33	41,8	0	0,0	0	0,0	80	28,7
17 anos	16	14,2	35	44,3	29	43,3	0	0,0	80	28,7
18 anos	9	8,0	8	10,1	26	38,8	0	0,0	43	15,4
19 anos	1	0,9	3	3,8	10	14,9	0	0,0	14	5,0
20 anos	0	0,0	0	0,0	2	3,0	0	0,0	2	0,7
21 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
23 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
29 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
31 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
34 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	15,0	3	1,1
35 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	10,0	2	0,7
39 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	10,0	2	0,7
47 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
48 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
51 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	15,0	3	1,1
54 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
55 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
56 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
61 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	0,4
	113	100,0	79	100,0	67	100,0	20	100,0	279	100,0

Tabela nº 2 - Distribuição dos alunos mediante a idade e o ano de escolaridade

Na tabela nº 3, constatamos que a maioria dos alunos respondentes (90,3%; n=252) considera importante a existência da BE, dos quais 41,2% (n=115) considera uma importância elevada e 49,1% (n=137) média, verificando-se alguma consonância, nos diferentes anos de escolaridade, nas respostas apresentadas.

Ano de escolaridade Importância	10º ano		11º ano		12º ano		Ensino noturno		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Elevada	46	40,7	30	38,0	28	41,8	11	55,0	115	41,2
Média	57	50,4	42	53,2	32	47,8	6	30,0	137	49,1
Baixa	6	5,3	5	6,3	5	7,5	1	5,0	17	6,1
Nenhuma	4	3,5	2	2,5	0	0,0	1	5,0	7	2,5
Sem opinião	0	0,0	0	0,0	2	3,0	1	5,0	3	1,1
	113	100,0	79	100,0	67	100,0	20	100,0	279	100,0

Tabela nº 3 - Opinião dos alunos sobre a importância da existência da BE

Apenas 11,5% dos respondentes frequenta a BE diariamente, enquanto que 7,5% não a frequenta. Há 41,9% dos alunos cuja frequência é relativamente fraca. Estes dados de certa forma contradizem a opinião dos alunos acerca da importância da existência da BE (tabela 3). Particularizando por ano de escolaridade, os alunos do 10º ano são quem mais a frequenta (60,1%; n=68), enquanto que os alunos do ensino noturno (75,0%; n=15) nunca a frequentam, por não estar aberta no período noturno (tabela nº 4).

Ano de escolaridade Frequência	10º ano		11º ano		12º ano		Ensino noturno		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Todos os dias	17	15,0	10	12,7	4	6,0	1	5,0	32	11,5
Uma a três vezes por semana	51	45,1	28	35,4	30	44,8	0	0,0	109	39,1
Uma a três vezes por mês	25	22,1	17	21,5	16	23,9	1	5,0	59	21,1
Uma a três vezes por período	12	10,6	16	20,3	12	17,9	1	5,0	41	14,7
Uma a três vezes por ano letivo	5	4,4	6	7,6	4	6,0	2	10,0	17	6,1
Nunca	3	2,7	2	2,5	1	1,5	15	75,0	21	7,5
	113	100,0	79	100,0	67	100,0	20	100,0	279	100,0

Tabela nº 4 - Distribuição da periodicidade de frequência da BE por parte dos alunos

A maioria dos alunos (77,4%; n=216) considera ser suficiente a sua frequência da BE, enquanto uma minoria (22,6%; n=63) considera a sua frequência insuficiente (tabela nº 5). Destaca-se o 10º ano pela positiva e o ensino noturno pela negativa, pelo motivo referido anteriormente.

Ano de escolaridade Suficiente a freq. da BE	10º ano		11º ano		12º ano		Ensino noturno		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	96	85,0	63	79,7	56	83,6	1	5,0	216	77,4
Não	17	15,0	16	20,3	11	16,4	19	95,0	63	22,6
	113	100,0	79	100,0	67	100,0	20	100,0	279	100,0

Tabela nº 5 - Parecer dos alunos sobre a frequência da BE

São várias as razões pelas quais os alunos não frequentam mais vezes a BE (tabela nº 6); no entanto, ressalta-se a falta de tempos livres (30,2%; n=19).

Ano de escolaridade Razões	10º ano		11º ano		12º ano		Ensino noturno		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Porque não tem nada de interessante	4	23,5	2	12,5	2	18,2	0	0,0	8	12,7
Porque o espaço não é atraente	2	11,8	6	37,5	1	9,1	0	0,0	9	14,3
Porque não tenho tempos livres	9	52,9	1	6,3	1	9,1	8	42,1	19	30,2
Porque os professores não solicitam para tal	1	5,9	5	31,3	6	54,5	0	0,0	12	19,0
Outras	1	5,9	2	12,5	1	9,1	11	57,9	15	23,8
	17	100,0	16	100,0	11	100,0	19	100,0	63	100,0

Tabela nº 6 - Razões pelas quais os alunos não frequentam mais vezes a BE

Das outras razões apresentadas (23,8%; n=15), salienta-se o facto de a BE “não está aberta no período da noite” assinalado por 10 respondentes (quadro nº 8).

Ano de escolaridade Outras razões	10º ano	11º ano	12º ano	Ensino noturno	Total
Não está aberta no período da noite.	0	0	0	10	10
Não há livros que sejam do meu agrado. Gostava que tivesse livros mais atuais.	0	0	1	0	1
Por causa do mau atendimento dos funcionários. A D. X é antipática.	0	2	0	0	2
Porque gosto mais de frequentar outros espaços da escola.	1	0	0	0	1
Porque não preciso.	0	0	0	1	1

Quadro nº 8 - Outras razões pelas quais os alunos não frequentam mais vezes a BE

Da análise do quadro nº 9, verifica-se que os alunos utilizam a BE, essencialmente, com a finalidade de usar o computador (n=227), efetuar pesquisas para a execução de trabalhos escolares (n=222) e estudar (n=144). Salienta-se que as duas primeiras finalidades escolhidas foram em grande maioria a 1ª opção dos alunos.

Finalidades \ Ano de escolaridade	10º ano			11º ano			12º ano			Ensino noturno			Total
	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	
Prioridade de escolha													
Efetuar pesquisas para a execução de trabalhos escolares	29	28	34	26	25	14	33	18	11	1	2	1	222
Ver filmes	1	3	8	0	1	2	0	1	1	0	0	0	17
Ouvir música	4	5	5	0	2	4	0	0	2	0	0	0	22
Participar em atividades culturais	0	5	3	1	3	6	1	6	7	0	0	1	33
Utilizar o computador	52	33	11	31	21	19	21	21	15	3	0	0	227
Estudar	12	17	14	13	18	20	10	20	17	1	0	2	144
Ler	4	10	13	3	2	3	0	0	9	0	2	1	47
Jogar	6	7	13	2	5	5	1	0	4	0	0	0	43
Outras	3	1	6	1	0	4	0	0	0	0	1	0	16

Quadro nº 9 - Finalidades dos alunos em utilizar a BE

Através do quadro nº 10, são indicadas outras finalidades, onde se destaca a requisição de livros, assinalada por 5 respondentes.

Outras finalidades \ Ano de escolaridade	10º ano	11º ano	12º ano	Ensino noturno	Total
Requisitar livros	3	1	0	0	4
Requisitar portáteis para as aulas.	2	0	0	0	2
Requisição de dicionários	2	0	0	0	2
Requisição de livros e filmes.	0	1	0	0	1
Realizar trabalhos no âmbito escolar.	0	0	0	1	1
Consulta de dicionários.	0	1	0	0	1
Facebook	0	1	0	0	1
Facebook; ask	1	0	0	0	1
Repor aulas.	1	0	0	0	1
Não indica.	1	0	0	0	1
Comer bolos e beber chá quando se realizam atividades.	0	1	0	0	1

Quadro nº 10 - Outras finalidades dos alunos em utilizar a BE

Os recursos mais utilizados na BE (quadro nº 11) são o computador (n=251), os livros (n=182) e os dicionários (n=130). O computador é o recurso cuja 1ª opção sobressai em relação aos restantes recursos. O outro recurso referido são os sofás.

Ano de escolaridade Recursos	10º ano			11º ano			12º ano			Ensino noturno			Total
	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	
Prioridade de escolha													
Livros	17	24	24	15	17	21	12	33	14	3	1	1	182
Filmes	8	13	8	0	7	5	0	3	7	0	0	1	52
Computador	76	24	7	57	13	5	54	9	3	2	1	0	251
Jornais	1	14	18	1	7	9	1	7	9	0	1	0	68
Enciclopédias	1	3	9	0	3	8	0	7	14	1	1	2	49
Revistas	1	4	13	0	4	9	0	1	5	0	0	0	37
Dicionários	8	22	25	4	26	19	0	7	15	0	2	2	130
Outros	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1

Quadro nº 11 - Recursos mais utilizados pelos alunos na BE

Do vasto conjunto de atividades realizadas pela BE destacam-se nas opções dos alunos (quadro nº 12): as exposições (n=203), as feiras do livro (n=178) e as comemorações “Dia de ...” (n=124). Estas escolhas posicionam-se na sua grande maioria nas primeiras e segundas opções dos alunos. No que respeita a outras atividades, 4 respondentes consideram nenhuma e um outro respondente do 11º ano sugere a realização de uma Feira de Banda Desenhada.

Ano de escolaridade Atividades	10º ano			11º ano			12º ano			Ensino noturno			Total
	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	
Prioridade de escolha													
Exposições	38	22	20	30	14	14	24	10	14	12	4	1	203
Palestras	15	10	6	10	14	13	13	8	5	2	1	0	97
Debates	1	7	14	4	3	11	1	5	2	1	1	2	52
Sessões de poesia	4	2	3	0	3	1	1	1	2	1	1	2	21
Sessões de contos	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	6
Dramatizações	5	6	5	2	4	2	1	0	0	1	0	1	27
Feiras do livro	22	24	21	15	24	12	20	21	7	3	7	2	178
Ações de formação/sensibilização	2	6	6	6	1	3	0	7	5	0	1	1	38
Comemorações "Dia de ..."	7	21	15	10	11	12	4	11	23	0	3	7	124
Concursos	15	10	19	0	3	10	3	3	9	0	1	3	76
Outras	3	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	5

Quadro nº 12 - Atividades realizadas pela BE consideradas mais interessantes pelos alunos

Tendo em consideração o apresentado na tabela nº 7, verificamos que, na opinião dos alunos e, mesmo sendo a razão principal da sua frequência, os recursos que estão em maior falta na BE são os computadores (28,1%; n=98) e a mesa de som (25,8%; n=90), com maior incidência pelos alunos dos 12º e 10º anos de escolaridade respetivamente. Surge, ainda, com algum significado os livros (14,6%; n=51), com maior incidência nos alunos do ensino noturno.

Ano de escolaridade \ Recursos	10º ano		11º ano		12º ano		Ensino noturno		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Computadores	35	22,9	25	26,8	32	40,0	6	26,1	98	28,1
Videoprojetores	13	8,5	8	8,6	4	5,0	2	8,7	27	7,7
Livros	17	11,1	10	10,8	11	13,7	13	56,5	51	14,6
Mesa de som	50	32,6	30	32,3	10	12,5	0	0,0	90	25,8
Nenhum	31	20,3	18	19,4	19	23,8	0	0,0	68	19,5
Outros	7	4,6	2	2,1	4	5,0	2	8,7	15	4,3
	153	100	93	100	80	100	23	100	349	100

Tabela nº 7 - Recursos que os alunos consideram em falta na BE

Dos outros recursos considerados pelos alunos em falta na BE (tabela nº 8), e de acordo com os objetivos fundamentais da BE referidos no nosso estudo, destacam-se os DVD's de documentários e o Material multimédia.

Ano de escolaridade \ Outros recursos	10º ano		11º ano		12º ano		Ensino noturno		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Computadores especializados em jogos	1	14,3	1	50,0	0	0,0	0	0,0	2	13,3
Desconheço	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	100,0	2	13,3
DVD's de documentários	1	14,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	6,7
Instrumentos musicais	1	14,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	6,7
Livros novos	1	14,3	0	0,0	1	25,0	0	0,0	2	13,3
Manuais escolares	0	0,0	0	0,0	1	25,0	0	0,0	1	6,7
Material multimédia	0	0,0	0	0,0	1	25,0	0	0,0	1	6,7
Playstation 3	0	0,0	0	0,0	1	25,0	0	0,0	1	6,7
Televisões	0	0,0	1	50,0	0	0,0	0	0,0	1	6,7
Videojogos	2	28,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	13,3
Revistas sobre moda e livros com testes para praticar	1	14,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	6,7
	7	100,0	2	100,0	4	100,0	2	100,0	15	100,0

Tabela nº 8 - Outros recursos que os alunos consideram em falta na BE

Do conjunto das várias características apresentadas, os alunos consideram que os membros da equipa da BE são prestáveis (44,0%; n=133) e simpáticos (17,2%; n=52). No entanto, há um número significativo de alunos (20,5%; n=62) que não tem qualquer opinião formada (tabela nº 9).

Ano de escolaridade Características	10º ano		11º ano		12º ano		Ensino noturno		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
São prestáveis	43	37,7	43	48,3	42	55,3	5	21,7	133	44,0
São indiferentes	9	7,9	7	7,9	5	6,6	0	0,0	21	7,0
Pouco assertivos	10	8,7	3	3,4	0	0,0	0	0,0	13	4,3
Simpáticos	18	15,8	10	11,2	23	30,3	1	4,4	52	17,2
Não tenho opinião formada	26	22,8	15	16,9	5	6,6	16	69,5	62	20,5
Outras caraterísticas	8	7,1	11	12,3	1	1,3	1	4,4	21	7,0

Tabela nº 9 - Características atribuídas pelos alunos à equipa da BE

Os 21 respondentes que consideraram outras caraterísticas (quadro nº 13), referem o mau estar proporcionado por alguns funcionários, em especial o X, à exceção de um que desconhece a equipa.

Ano de escolaridade Outras características	10º ano	11º ano	12º ano	Ensino noturno	Total
A funcionária Y é por vezes agressiva.	0	1	0	0	1
Alguns são antipáticos.	4	3	0	0	7
Arrogantes. A funcionária X devia sair da biblioteca.	1	0	1	0	2
As funcionárias não são simpáticas, em especial a funcionária X.	0	1	0	0	1
As funcionárias são antipáticas e demasiado rigorosas.	0	1	0	0	1
As funcionárias são por vezes antipáticas, à exceção de uma.	0	1	0	0	1
D. X é antipática, enquanto os outros funcionários são excelentes, não tenho razão de queixa.	1	0	0	0	1
Depende da pessoa que estiver lá, às vezes ao mínimo de barulho dizem-nos logo para sair.	1	0	0	0	1
Estão sempre a falar alto e a mandar-nos calar.	1	0	0	0	1
Não conheço os funcionários.	0	0	0	1	1
Não gosto da funcionária X.	0	1	0	0	1

Os funcionários não respeitam os alunos.	0	1	0	0	1
Os funcionários por vezes fazem mais barulho que os alunos.	0	1	0	0	1
Os funcionários por vezes são mal-educados.	0	1	0	0	1

Quadro nº 13 - Outras características atribuídas pelos alunos à equipa da BE

Os alunos apresentaram um enorme leque de sugestões para que a BE os cativasse mais, sendo as mesmas transcritas na íntegra (**Anexo 10**). Destas, procedeu-se à sua análise de conteúdo, resumida no quadro seguinte:

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
Sugestões para melhorar a satisfação relativa à utilização da BE	Acervo literário, fundo documental e outros		<ul style="list-style-type: none"> - A BE precisa de mais livros técnicos, principalmente mecânica, eletricidade e hidráulica. Os de eletrónica estão desatualizados (1964) e alguns volumes foram furtados, necessitando atualização; - Aquisição de mais livros e filmes; - Ter livros mais variados e atuais; - Ter mais computadores; - Aumentar a qualidade dos livros e de outros produtos de pesquisa.
	Atividades culturais e de lazer	Que atividades deve a BE desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> - (...) devia realizar mais exposições de arte quer para os alunos do curso, quer para a restante comunidade escolar. E não dar tanta “atenção” a sessões de contos e poesias. - (...) na última semana de aulas de cada período poderia dinamizar, em conjunto com os alunos e professores, uma semana cultural com atividades de humanidades, artes entre outros para alunos de ciências assim como vice-versa. - Convidar pessoas para darem palestras sobre assuntos do dia-a-dia, uma espécie de semana em que não nos focássemos apenas nas disciplinas do nosso curso, mas sim ganhássemos asas e pudéssemos voar para outros horizontes. Acho que isso iria cativar os alunos, não todos como é óbvio, mas aqueles que procuram aplicar o ditado “o saber não ocupa lugar” nas suas vidas.

	Assistentes operacionais afetos à BE	Que perfil devem ter os AO?	<ul style="list-style-type: none"> - A biblioteca deveria ter funcionárias mais simpáticas, que em vez de fazer com que os alunos não tenham apetite de lá ir, façam para que existam mais alunos na biblioteca. - (...) que não estivessem sempre de mau humor e que ajudassem os alunos. -(...) e um serviço mais tolerante. - (...) com bom caráter e personalidade. - (...)que respeitem mais os alunos.
	Sugestões de melhoria	O que fazer para melhorar?	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de vários livros. - Aquisição de mais livros e filmes. Criação de teatros. - Arranjar playstations para nas horas de almoço jogarmos - Campanhas de promoção à leitura. - Concursos de Karaoke. - Criação de um espaço mais interativo, que cativa os alunos à leitura. (...) com mais computadores e atividades educativas. - Deixar jogar nos computadores. - Dinamizar clubes -Devia ter horário noturno, para possibilitar consultar os vários materiais e usufruir de livros que nem sempre é possível adquirir por motivos financeiros pelos alunos do ensino noturno. - Divulgar melhor as atividades realizadas -Fazer mais chá de letras. (...)Fazer mais concursos e sessões de sensibilização. - Fazer mais palestras e exposições. - Incentivar atividades entre alunos das várias turmas. - Mais palestras e debates. - Não ocupar a biblioteca com aulas, deslocar as turmas para salas com computadores. (...) por vezes os alunos que não têm aulas, necessitam de utilizar a biblioteca e não podem. - Desenvolver atividades como: feiras de cultura, religiões, etc.(...) que permitissem aos alunos a apresentação de poemas e a escrita de artigos científicos. - Realização de concursos de trabalhos de pesquisa relacionados com a matéria das várias disciplinas. - Realizar e promover concursos. - Realizar sessões de filmes e/ou comentários com o objetivo de aproximar os alunos da dimensão cinematográfica. - Realizar mais ações de formação, (...)

			<p><i>Workshops e outras atividades atrativas para os alunos.</i></p> <p><i>- Melhorar o serviço de acesso à internet na biblioteca, pois certas vezes os alunos necessitam de tal para estudarem e não têm acesso à mesma.</i></p> <p><i>- Tornar o espaço mais atraente (...) e colorido.</i></p>
--	--	--	---

Quadro nº 14 - Análise de conteúdo da questão aberta aos alunos (Síntese)

Do quadro anterior, ressaltam-se algumas situações:

- O mau clima proporcionado por uma das funcionárias - porque consideramos essencial a criação de um ambiente agradável no seio da Biblioteca escolar e pressupomos a equipa da BE constituída por docentes e por um ou mais assistentes operacionais, consoante as populações escolares servidas, com perfil adequado à função, o que parece não acontecer (Orientações RBE, 2011, p.5).
- O não estar a funcionar no período noturno – inerente à sua missão, o facto de a BE estar ao serviço de todos e, não nos parece, cumprir este objetivo (Manifesto da Biblioteca Escolar, 1999).
- A realização de mais atividades de lazer – também inerente à sua missão, o lazer também proporciona formas de enriquecimento dos indivíduos, na medida em que fornece informação de carácter informal e incentiva hábitos de sociabilidade e cidadania. Não podemos esquecer que a BE também é um espaço lúdico, de possíveis tertúlias culturais enriquecedoras.
- O possuir um acervo atual e um fundo documental que deve ter em conta os interesses dos utilizadores. Pois, não podemos esquecer que, a BE, tem como desígnio a formação e elevação do nível cultural dos cidadãos, devendo, para isso, pautar-se por critérios de qualidade a todos os níveis (Manifesto da Biblioteca Escolar, 1999).

Em conclusão, verificamos que a BE em muito contribui para a satisfação dos alunos, concorrendo para o efeito a promoção e a dinamização de um conjunto variado de atividades culturais. No entanto, julgamos que poderia ser um meio ainda mais eficaz para que um maior número de alunos usufruísse das suas valências com vista ao sucesso educativo.

2.2. Professores

Dos professores respondentes (tabela nº 10) uma grande maioria tem mais de 50 anos (61,5%; n=40). Verifica-se que a professora mais nova tem 32 anos, o que significa alguma experiência do corpo docente desta escola, e, por sua vez, o professor mais velho tem 63 anos de idade. Há uma grande maioria de professores do género feminino (63,1%; n=41).

Idade \ Género	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
32 anos	0	0,0	1	2,4	1	1,5
34 anos	1	4,2	0	0,0	1	1,5
35 anos	0	0,0	1	2,4	1	1,5
37 anos	1	4,2	1	2,4	2	3,1
38 anos	1	4,2	2	4,9	3	4,6
39 anos	0	0,0	1	2,4	1	1,5
40 anos	0	0,0	2	4,9	2	3,1
41 anos	1	4,2	1	2,4	2	3,1
42 anos	0	0,0	1	2,4	1	1,5
43 anos	0	0,0	2	4,9	2	3,1
46 anos	1	4,2	0	0,0	1	1,5
47 anos	2	8,3	1	2,4	3	4,6
48 anos	1	4,2	0	0,0	1	1,5
49 anos	1	4,2	3	7,3	4	6,2
50 anos	2	8,3	3	7,3	5	7,7
51 anos	2	8,3	3	7,3	5	7,7
52 anos	4	16,6	1	2,4	5	7,7
53 anos	2	8,3	2	4,9	4	6,2
54 anos	0	0,0	4	9,8	4	6,2
55 anos	3	12,4	4	9,8	7	10,8
56 anos	0	0,0	1	2,4	1	1,5
57 anos	1	4,2	0	0,0	1	1,5
58 anos	0	0,0	2	4,9	2	3,1
59 anos	0	0,0	4	9,8	4	6,2
61 anos	0	0,0	1	2,4	1	1,5
63 anos	1	4,2	0	0,0	1	1,5
	24	100,0	41	100,0	65	100,0

Tabela nº 10 - Distribuição dos professores mediante a idade e o género

Verifica-se a existência de dois grupos de recrutamento (Economia e Contabilidade e Educação Especial 1), cujos elementos são todos do género masculino, enquanto que, por sua vez, há outros cinco (Educação Pré-escolar, Inglês, História, Geografia e Artes Visuais) que só têm elementos do género feminino. O GR com mais elementos é o de Física e Química e os que têm apenas um elemento são os de Educação Pré-escolar, História e Educação Especial 1, de acordo com a tabela nº 11.

GR \ Género	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
100 - Educação Pré-escolar	0	0,0	1	2,4	1	1,5
290 - EMRC	1	4,2	1	2,4	2	3,1
300 - Português	1	4,2	6	14,6	7	10,8
330 - Inglês	0	0,0	4	9,8	4	6,2
400 - História	0	0,0	1	2,4	1	1,5
410 - Filosofia	2	8,3	2	4,9	4	6,2
420 - Geografia	0	0,0	2	4,9	2	3,1
430 - Economia e Contabilidade	3	12,5	0	0,0	3	4,6
500 - Matemática	3	12,5	2	4,9	5	7,7
510 - Física e Química	4	16,6	5	12,2	9	13,8
520 - Biologia e Geologia	1	4,2	6	14,6	7	10,8
530 - Educação Tecnológica	1	4,2	5	12,2	6	9,2
540 - Eletrotecnia	1	4,2	1	2,4	2	3,1
550 - Informática	2	8,3	1	2,4	3	4,6
600 - Artes Visuais	0	0,0	2	4,9	2	3,1
620 - Educação Física	4	16,6	2	4,9	6	9,2
910 - Educação Especial 1	1	4,2	0	0,0	1	1,5
	24	100,0	41	100,0	65	100,0

Tabela nº 11 - Distribuição dos professores de acordo com o GR e o género

Os grupos de recrutamento cuja média de tempo de serviço é mais elevada são os de Geografia, Educação Tecnológica e Educação Especial 1, com trinta e três anos. Por sua vez, o grupo de recrutamento cuja média de tempo de serviço é mais baixo é o de História, com dez anos (Quadro 15). Este quadro vem reforçar o que foi dito na tabela 10, ou seja, trata-se de um corpo docente com bastante experiência.

Grupo de recrutamento	Média do tempo de serviço
100 - Educação Pré-escolar	18 anos
290 - EMRC	14 anos
300 - Português	29 anos
330 - Inglês	28 anos
400 - História	10 anos
410 - Filosofia	22 anos
420 - Geografia	33 anos
430 - Economia e Contabilidade	26 anos
500 - Matemática	23 anos
510 - Física e Química	24 anos
520 - Biologia e Geologia	27 anos
530 - Educação Tecnológica	33 anos
540 - Eletrotecnia	13 anos
550 - Informática	23 anos
600 - Artes Visuais	14 anos
620 - Educação Física	20 anos
910 - Educação Especial 1	33 anos

Quadro nº 15 - Distribuição dos professores mediante o GR e a média do tempo de serviço

Através da tabela nº 12, constatamos que os professores na sua grande maioria pertencem ao quadro de agrupamento (84,6%; n=55), ao quadro de zona (6,2%; n=4), sendo os restantes contratados (9,2%; n=6). Os grupos de recrutamento de Filosofia e Educação Física são aqueles que apresentam maior número de professores que não pertencem ao quadro de agrupamento.

Situação profissional GR	PQND		QZP		Professor contratado		Total
	N	%	N	%	N	%	N
100 - Educação Pré-escolar	0	0,0	1	25,0	0	0,0	1
290 - EMRC	1	1,8	0	0,0	1	16,7	2
300 - Português	7	12,7	0	0,0	0	0,0	7
330 - Inglês	4	7,3	0	0,0	0	0,0	4
400 - História	0	0,0	0	0,0	1	16,7	1
410 - Filosofia	2	3,6	2	50,0	0	0,0	4
420 - Geografia	2	3,6	0	0,0	0	0,0	2
430 - Economia e Contabilidade	3	5,5	0	0,0	0	0,0	3
500 - Matemática	5	9,1	0	0,0	0	0,0	5
510 - Física e Química	8	14,5	0	0,0	1	16,7	9

520 - Biologia e Geologia	7	12,7	0	0,0	0	0,0	7
530 - Educação Tecnológica	6	10,9	0	0,0	0	0,0	6
540 - Eletrotecnia	1	1,8	1	25,0	0	0,0	2
550 - Informática	3	5,5	0	0,0	0	0,0	3
600 - Artes Visuais	1	1,8	0	0,0	1	16,7	2
620 - Educação Física	4	7,3	0	0,0	2	33,3	6
910 - Educação Especial 1	1	1,8	0	0,0	0	0,0	1
	55	100,0	4	100,0	6	100,0	65

Tabela nº 12 - Distribuição dos professores de acordo com o GR e a situação profissional

Quase a totalidade dos professores respondentes consideram de importância elevada a existência da BE (86,2%; n=56) e apenas 1,5% (n=1) a considera de baixa importância. Apenas se estranha, nesta questão, que dois respondentes do GR de Filosofia consideram a BE de média importância, pois os restantes pertencem às Ciências e como tal é normal as suas opções (tabela nº 13). O referido assenta no facto de se considerar e verificar, de uma forma geral, que as áreas das Ciências Sociais e Humanidades utilizam mais a Biblioteca como recurso às atividades letivas do que as áreas das Ciências Exatas e Experimentais.

GR \ Importância da BE	Elevada		Média		Baixa		Nenhuma e Sem opinião		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N
100 - Educação Pré-escolar	1	1,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
290 - EMRC	2	3,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2
300 - Português	7	12,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	7
330 - Inglês	4	7,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4
400 - História	1	1,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
410 - Filosofia	2	3,6	2	25,0	0	0,0	0	0,0	4
420 - Geografia	2	3,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2
430 - Economia e Contabilidade	1	1,8	2	25,0	0	0,0	0	0,0	3
500 - Matemática	3	5,4	1	12,5	1	100,0	0	0,0	5
510 - Física e Química	8	14,3	1	12,5	0	0,0	0	0,0	9
520 - Biologia e Geologia	7	12,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	7
530 - Educação Tecnológica	6	10,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6
540 - Eletrotecnia	2	3,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2
550 - Informática	2	3,6	1	12,5	0	0,0	0	0,0	3
600 - Artes Visuais	1	1,8	1	12,5	0	0,0	0	0,0	2
620 - Educação Física	6	10,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6
910 - Educação Especial 1	1	1,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
	56	100,0	8	100,0	1	100,0	0	0,0	65

Tabela nº 13 - Opinião dos professores sobre a importância da existência da BE

Em termos gerais, todos os professores respondentes sugerem aos alunos que frequentem a BE. Contudo, há um número reduzido que raramente o faz (6,2%; n=4) e um número mais significativo (23,1%; n=15) só a sugere por vezes. Os restantes sugerem-na sempre (30,7%; n=20) e muitas vezes (40%; n=26). Constatamos que só em três GR, Educação Pré-escolar, História e Educação Especial 1, cuja composição é apenas de um elemento, o fazem sempre (tabela nº 14).

GR \ Sugere a frequência da BE	Sempre		Muitas vezes		Às vezes		Raramente		Nunca		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
100 - Educação Pré-escolar	1	5,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
290 - EMRC	0	0,0	1	3,8	1	6,7	0	0,0	0	0,0	2
300 - Português	3	15,0	4	15,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	7
330 - Inglês	2	10,0	2	7,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4
400 - História	1	5,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
410 - Filosofia	1	5,0	2	7,7	1	6,7	0	0,0	0	0,0	4
420 - Geografia	1	5,0	1	3,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2
430 - Econ. e Contabilidade	0	0,0	1	3,8	2	13,3	0	0,0	0	0,0	3
500 - Matemática	1	5,0	1	3,8	2	13,3	1	25,0	0	0,0	5
510 - Física e Química	1	5,0	5	19,2	2	13,3	1	25,0	0	0,0	9
520 - Biologia e Geologia	1	5,0	2	7,7	3	20,0	1	25,0	0	0,0	7
530 - Educação Tecnológica	3	15,0	3	11,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6
540 - Eletrotecnia	0	0,0	0	0,0	1	6,7	1	25,0	0	0,0	2
550 - Informática	0	0,0	3	11,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3
600 - Artes Visuais	0	0,0	0	0,0	2	13,3	0	0,0	0	0,0	2
620 - Educação Física	4	20,0	1	3,8	1	6,7	0	0,0	0	0,0	6
910 - Educação Especial 1	1	5,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
	20	100,0	26	100,0	15	100,0	4	100,0	0	100,0	65

Tabela nº 14 - Frequência com que os professores sugerem aos alunos a utilização da BE, para a realização de trabalhos de pesquisa

Verificamos, ao analisar a tabela nº 15, que ainda há 9,2% (n=6) de professores a frequentar apenas uma a três vezes por ano letivo a BE e o mesmo número a frequentá-la todos os dias. Por seu turno, há 30,8% (n=20) que a frequenta uma a três vezes por semana, 32,3% (n=21) que a frequenta uma a três vezes por mês e 18,5% (n=12) que a frequenta uma a três vezes por período. Um dos GR que mais a frequenta é o de Português.

GR \ Freqüência da BE	Todos os dias		Uma a três vezes por semana		Uma a três vezes por mês		Uma a três vezes por período		Uma a três vezes por ano letivo		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
100 - Educação Pré-escolar	0	0,0	1	5,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
290 - EMRC	0	0,0	0	0,0	1	4,8	0	0,0	1	16,7	2
300 - Português	2	33,2	5	25,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	7
330 - Inglês	1	16,7	1	5,0	0	0,0	2	16,7	0	0,0	4
400 - História	0	0,0	0	0,0	1	4,8	0	0,0	0	0,0	1
410 - Filosofia	0	0,0	1	5,0	1	4,8	2	16,7	0	0,0	4
420 - Geografia	1	16,7	0	0,0	1	4,8	0	0,0	0	0,0	2
430 - Econ. e Contabilidade	0	0,0	0	0,0	1	4,8	1	8,3	1	16,7	3
500 - Matemática	0	0,0	1	5,0	2	9,5	1	8,3	1	16,7	5
510 - Física e Química	1	16,7	2	10,0	3	14,3	2	16,7	1	16,7	9
520 - Biologia e Geologia	0	0,0	1	5,0	3	14,3	2	16,7	1	16,7	7
530 - Ed. Tecnológica	0	0,0	4	20,0	2	9,5	0	0,0	0	0,0	6
540 - Eletrotecnia	0	0,0	0	0,0	1	4,8	1	8,3	0	0,0	2
550 - Informática	0	0,0	1	5,0	1	4,8	1	8,3	0	0,0	3
600 - Artes Visuais	0	0,0	0	0,0	1	4,8	0	0,0	1	16,7	2
620 - Educação Física	1	16,7	3	15,0	2	9,5	0	0,0	0	0,0	6
910 - Educação Especial 1	0	0,0	0	0,0	1	4,8	0	0,0	0	0,0	1
	6	100,0	20	100,0	21	100,0	12	100,0	6	100,0	65

Tabela nº 15 - Distribuição da periodicidade de freqüência da BE por parte dos professores

Grande maioria dos professores (92,3%; n=60) conhece os materiais existentes na BE com interesse para o seu grupo de recrutamento, e apenas 7,7% (n=5) assume que não tem conhecimento dos mesmos, destacando-se, neste número, o GR de Física e Química (tabela nº 16).

GR \ Conhece os materiais	Sim		Não		Total
	N	%	N	%	
100 - Educação Pré-escolar	1	1,7	0	0,0	1
290 - EMRC	2	3,3	0	0,0	2
300 - Português	7	11,7	0	0,0	7
330 - Inglês	4	6,6	0	0,0	4
400 - História	1	1,7	0	0,0	1
410 - Filosofia	4	6,6	0	0,0	4
420 - Geografia	2	3,3	0	0,0	2
430 - Economia e Contabilidade	3	5,0	0	0,0	3
500 - Matemática	4	6,6	1	20,0	5
510 - Física e Química	7	11,7	2	40,0	9
520 - Biologia e Geologia	7	11,7	0	0,0	7
530 - Educação Tecnológica	6	10,0	0	0,0	6

540 - Eletrotécnia	2	3,3	0	0,0	2
550 - Informática	3	5,0	0	0,0	3
600 - Artes Visuais	1	1,7	1	20,0	2
620 - Educação Física	5	8,4	1	20,0	6
910 - Educação Especial 1	1	1,7	0	0,0	1
	60	100,0	5	100,0	65

Tabela nº 16 - Parecer dos professores sobre o conhecimento dos materiais existentes na BE e com interesse para o seu GR

Muitos dos professores respondentes (58,5%; n=38) consideram suficientes os materiais existentes na BE e os restantes (41,5%; n=27) respondem que não são suficientes (tabela nº 17).

GR	Materiais suficientes		Não		Total
	Sim	Não	N	%	
100 - Educação Pré-escolar	1	2,7	0	0,0	1
290 - EMRC	2	5,2	0	0,0	2
300 - Português	5	13,2	2	7,4	7
330 - Inglês	3	7,9	1	3,7	4
400 - História	0	0,0	1	3,7	1
410 - Filosofia	2	5,2	2	7,4	4
420 - Geografia	1	2,7	1	3,7	2
430 - Economia e Contabilidade	3	7,9	0	0,0	3
500 - Matemática	3	7,9	2	7,4	5
510 - Física e Química	5	13,2	4	14,8	9
520 - Biologia e Geologia	2	5,2	5	18,5	7
530 - Educação Tecnológica	4	10,5	2	7,4	6
540 - Eletrotécnia	0	0,0	2	7,4	2
550 - Informática	2	5,2	1	3,7	3
600 - Artes Visuais	0	0,0	2	7,4	2
620 - Educação Física	5	13,2	1	3,7	6
910 - Educação Especial 1	0	0,0	1	3,7	1
	38	100,0	27	100,0	65

Tabela nº 17 - Parecer dos professores sobre se são suficientes os materiais da BE

Os materiais que os vinte e sete respondentes consideram insuficientes encontram-se descritos no quadro nº 16 e são, essencialmente, livros técnicos e científicos mais atuais ou audiovisuais.

Alguns livros técnicos.	1
Coletâneas de poesia de autores portugueses em número suficiente.	1
Livros científicos atualizados. Vídeos/documentários vocacionados para as temáticas filosóficas. Laboratório psico pedagógico.	1
Livros científicos e técnicos em falta.	1
Livros de arte.	1
Livros e DVD's.	1
Livros e revistas de conteúdo científico mais atualizados e em áreas mais diversificadas, considerando as temáticas que são estudadas nos vários cursos.	1
Livros sobre informática.	1
Livros técnicos de apoio aos cursos técnicos.	1
Livros técnicos de eletrotecnia.	1
Mais audiovisuais.	1
Mais livros técnicos.	1
Materiais de Biologia e Geologia.	1
Materiais didáticos/ de educação específica para crianças com NEE.	1
Materiais específicos de Biologia.	1
Materiais mais atuais , como por exº DVD's.	1
Materiais mais recentes.	1
Material de vídeo e DVD adaptado aos conteúdos lecionados.	1
Material videográfico com filmes e documentários temáticos.	1
Na área da multimédia.	1
Não responde.	4
Revistas científicas.	1
Revistas da área matemática/ensino. Literatura de referência.	1
Vídeos sobre temas das várias disciplinas a disponibilizar para as aulas.	1

Quadro nº 16 - Relação dos materiais que os professores consideram insuficientes na BE

São poucos os professores, com alguma frequência, a darem indicações dos materiais a adquirir pela BE, pois a maioria só o faz às vezes (55,4%; n=36). Os GR que têm mais notoriedade na indicação dos materiais são os de Português e Inglês e o que tem menos é o de História (tabela nº 18).

GR \ Periodicidade	Sempre		Muitas vezes		Às vezes		Raramente		Nunca		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
	100 - Educação Pré-escolar	0	0,0	0	0,0	1	2,8	0	0,0	0	0,0
290 - EMRC	0	0,0	0	0,0	2	5,6	0	0,0	0	0,0	2
300 - Português	1	20,0	2	20,0	4	11,1	0	0,0	0	0,0	7
330 - Inglês	2	40,0	1	10,0	1	2,8	0	0,0	0	0,0	4
400 - História	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	9,1	0	0,0	1
410 - Filosofia	0	0,0	1	10,0	2	5,6	1	9,1	0	0,0	4

420 - Geografia	0	0,0	1	10,0	1	2,8	0	0,0	0	0,0	2
430 - Econ. e Contabilidade	0	0,0	0	0,0	3	8,3	0	0,0	0	0,0	3
500 - Matemática	1	20,0	0	0,0	2	5,6	2	18,2	0	0,0	5
510 - Física e Química	0	0,0	1	10,0	5	13,9	3	27,3	0	0,0	9
520 - Biologia e Geologia	0	0,0	2	20,0	4	11,1	0	0,0	1	33,3	7
530 - Educação Tecnológica	0	0,0	0	0,0	4	11,1	2	18,2	0	0,0	6
540 - Eletrotécnica	0	0,0	0	0,0	1	2,8	1	9,1	0	0,0	2
550 - Informática	0	0,0	1	10,0	1	2,8	0	0,0	1	33,3	3
600 - Artes Visuais	0	0,0	0	0,0	1	2,8	1	9,1	0	0,0	2
620 - Educação Física	1	20,0	1	10,0	3	8,3	0	0,0	1	33,3	6
910 - Educação Especial 1	0	0,0	0	0,0	1	2,8	0	0,0	0	0,0	1
	5	100,0	10	100,0	36	100,0	11	100,0	3	100,0	65

Tabela nº 18 - Distribuição da frequência com que os professores indicam os materiais a adquirir pela BE

Ainda são alguns os professores que não têm conhecimento do blogue da BE (27,7%; n=18) e os restantes conhecem-no (72,3%; n=47). Há sete GR em que todos os seus elementos o conhecem e apenas um GR em que o seu único elemento o não conhece (tabela nº 19).

GR	Conhece o blogue		Total	
	Sim	Não	N	%
100 - Educação Pré-escolar	1	0	1	2,1
290 - EMRC	2	0	2	4,2
300 - Português	6	1	7	12,8
330 - Inglês	4	0	4	8,5
400 - História	0	1	1	0,0
410 - Filosofia	3	1	4	6,4
420 - Geografia	2	0	2	4,2
430 - Economia e Contabilidade	3	0	3	6,4
500 - Matemática	3	2	5	6,4
510 - Física e Química	6	3	9	12,8
520 - Biologia e Geologia	4	3	7	8,5
530 - Educação Tecnológica	6	0	6	12,8
540 - Eletrotécnica	1	1	2	2,1
550 - Informática	1	2	3	2,1
600 - Artes Visuais	1	1	2	2,1
620 - Educação Física	3	3	6	6,4
910 - Educação Especial 1	1	0	1	2,1
	47	18	65	100,0

Tabela nº 19 - Parecer dos professores sobre o conhecimento do blogue da BE

De acordo com o quadro nº 17, o que mais agrada aos professores na BE, atendendo a todas as suas opções, são os recursos/o fundo documental e logo a seguir muito próximo as atividades que realiza. Um pouco mais distante surge o espaço e a equipa da biblioteca. Mas, se atendermos apenas à 1ª opção, os recursos/o fundo documental salienta-se das outras escolhas.

Opção	Recursos/ Fundo documental			Atividades			Equipa da Biblioteca			Espaço			Horário			Outros		
	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª
100 - Educação Pré-escolar	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
290 - EMRC	1	-	-	1	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
300 - Português	6	-	1	-	5	2	1	1	3	-	1	1	-	-	-	-	-	-
330 - Inglês	3	-	1	-	2	-	1	1	1	-	1	1	-	-	1	-	-	-
400 - História	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
410 - Filosofia	3	1	-	1	3	-	-	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-
420 - Geografia	2	-	-	-	1	1	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-
430 - Econ. e Contabilidade	3	-	-	-	3	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-
500 - Matemática	3	1	1	1	1	1	1	1	-	-	2	3	-	-	-	-	-	-
510 - Física e Química	6	3	-	-	2	5	1	1	1	2	3	2	-	-	1	-	-	-
520 - Biologia e Geologia	5	1	-	-	2	4	-	-	-	1	4	1	1	-	2	-	-	-
530 - Educação Tecnológica	3	-	1	1	4	1	2	1	2	-	1	2	-	-	-	-	-	-
540 - Eletrotecnia	2	-	-	-	1	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-
550 - Informática	2	-	1	-	1	-	1	1	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-
600 - Artes Visuais	1	-	-	1	-	1	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
620 - Educação Física	6	-	-	-	2	2	-	2	3	-	2	1	-	-	-	-	-	-
910 - Educação Especial 1	1	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	48	6	6	5	29	18	8	11	17	3	18	19	1	0	4	0	0	0
	60			52			36			40			5			0		

Quadro nº 17 - Parecer dos professores sobre o que mais lhes agrada na BE

De um modo geral, e com base na tabela nº 20, quase todos os professores consideram a BE importante para a consecução dos objetivos escolares, sendo que 53,8% (n=35) lhe atribuem importância elevada e 41,6% (n=27) média e apenas um número restrito a considera de baixa importância (4,6%; n=3).

GR \ Importância	Elevada		Média		Baixa		Nenhuma e S/opinião		T
	N	%	N	%	N	%	N	%	N
100 - Educação Pré-escolar	1	2,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
290 - EMRC	1	2,9	1	3,7	0	0,0	0	0,0	2
300 - Português	5	14,2	2	7,4	0	0,0	0	0,0	7
330 - Inglês	2	5,7	2	7,4	0	0,0	0	0,0	4
400 - História	0	0,0	1	3,7	0	0,0	0	0,0	1
410 - Filosofia	1	2,9	2	7,4	1	33,3	0	0,0	4
420 - Geografia	1	2,9	1	3,7	0	0,0	0	0,0	2
430 - Econ. e Contabilidade	1	2,9	2	7,4	0	0,0	0	0,0	3
500 - Matemática	3	8,6	1	3,7	1	33,3	0	0,0	5
510 - Física e Química	4	11,4	5	18,5	0	0,0	0	0,0	9
520 - Biologia e Geologia	2	5,7	5	18,5	0	0,0	0	0,0	7
530 - Educação Tecnológica	5	14,2	1	3,7	0	0,0	0	0,0	6
540 - Eletrotécnica	1	2,9	1	3,7	0	0,0	0	0,0	2
550 - Informática	2	5,7	1	3,7	0	0,0	0	0,0	3
600 - Artes Visuais	0	0,0	2	7,4	0	0,0	0	0,0	2
620 - Educação Física	5	14,2	0	0,0	1	33,3	0	0,0	6
910 - Educação Especial 1	1	2,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1
	35	100,0	27	100,0	3	100,0	0	100,0	65

Tabela nº 20 - Parecer dos professores sobre a importância da BE na consecução dos objetivos educativos

Os professores apresentaram algumas sugestões para que a BE preste um melhor serviço, sendo as mesmas transcritas na íntegra (**Anexo 10**). Destas, procedeu-se à sua análise de conteúdo, resumida no quadro seguinte:

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
			<p>- Melhor apetrechamento em livros técnicos relacionados com os cursos que a escola oferece.</p> <p>- Aquisição de mais recursos - filmes, documentários e manuais.</p>

Sugestões para melhorar a satisfação relativa à utilização da BE	Acervo literário, fundo documental e outros		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Mais materiais de apoio para as atividades letivas.</i> - <i>Melhoria dos recursos a disponibilizar em função das disciplinas lecionadas.</i> - <i>Necessidade de mais e melhores equipamentos informáticos.</i> - <i>Ter livros mais variados e atuais.</i>
	Atividades culturais e de lazer	Que atividades deve a BE desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Dinamizar seminários para professores sobre aspetos didáticos/pedagógicos ou em geral das suas práticas educativas. Organização de tardes culturais, com professores e/ou alunos para divulgação e discussão de recensões de artigos, livros ou estudos na área da educação.</i> - <i>Promover debates sobre temas variados.</i> - <i>Mais atividades que envolvam os alunos.</i> - <i>Promoção de ações/atividades que vão de encontro ao interesse dos alunos. Maior envolvimento de alunos/turmas na divulgação de atividades. Promover a participação, sobretudo, do corpo docente. Melhorar a coordenação da equipa da biblioteca, envolvendo todos os que a compõem a participar nas atividades.</i>
	Pessoal afeto à BE	Quem deve estar afeto à BE?	<ul style="list-style-type: none"> - <i>A equipa deve integrar professores de todas as áreas disciplinares e também alunos.</i> - <i>Integrar alunos e EE na equipa da BE.</i> - <i>Colocar um docente, de cada área disciplinar, pelo menos um tempo semanal, para ajudar os alunos na elaboração de trabalhos.</i> - <i>Quem tem horas de biblioteca deve ser escolhido aleatoriamente e com carácter rotativo, para não adquirirem exclusividade.</i>

	Sugestões de melhoria	<p>O que fazer para melhorar?</p> <p><i>criação de outros nichos de salas a ela ligadas que ampliassem a sua função e ter mais computadores.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Estar aberta à Quarta-Feira à tarde.</i> - <i>Promover debates sobre temas variados.</i> - <i>Integrar alunos e EE na equipa da BE.</i> - <i>Ir junto dos grupos disciplinares procurar sugestões.</i> - <i>Maior abertura para ser utilizada como local de estudo/trabalho individual.</i> - <i>Mais silêncio e menos perturbação.</i> - <i>Melhorar a divulgação dos recursos que possui. Possibilitar a consulta, registo e pedido online dos recursos disponíveis através de uma aplicação informática.</i> - <i>Não deve ser utilizada para implementação de castigo, quando há ordem de saída da sala de aula.</i> - <i>Prolongamento do horário. Espaço reservado para visualização de vídeos, filmes, talvez com a utilização de auriculares.</i> - <i>Requalificar o espaço tornando-o mais acolhedor e confortável.</i> - <i>Rentabilizar e atualizar as obras de carácter científico e pedagógico.</i> - <i>Colocação em rede com bibliotecas do concelho e com as nacionais.</i> - <i>Reformular procedimentos consulta e requisição de livros e vídeos.</i> - <i>Revitalizar os sistemas informáticos direta e indiretamente ligados aos serviços da biblioteca.</i> - <i>Estar aberta no horário noturno.</i> - <i>Incentivar a comunidade educativa, em particular os alunos, para a utilização/aproveitamento dos recursos da BE.</i> - <i>Espaço para divulgação de novos materiais. Serem criados estímulos de verdadeira leitura e esquisa.</i>
--	-----------------------	--

Quadro nº 18 - Análise de conteúdo da questão aberta aos professores (Síntese)

Da análise anterior, salientam-se, como melhorias a efetuar, um maior envolvimento dos professores das várias áreas disciplinares, melhor apetrechamento de recursos e o funcionamento no horário noturno, entre outras. Interessante de referir, por inferência, que são os professores a não frequentar a BE, tanto quanto consideram necessário e/ou essencial, embora tentem motivar os alunos para a sua frequência.

Em síntese, podemos considerar que o corpo docente do AES possui bastante tempo de serviço e mantém-se estável, com poucas alterações de ano para ano. Considera de elevada importância a BE, mesmo na consecução dos objetivos escolares e, por esse motivo, a sugerem aos alunos como um local por excelência, dentro da escola, a ser frequentado; no entanto, alguns dão o exemplo ao frequentá-la com maior regularidade.

Quase a totalidade dos professores conhece os materiais adequados ao seu GR, existentes na BE, mas ainda há um número significativo que os considera insuficientes, sobretudo livros técnicos e audiovisuais. Porém, nem sempre sugerem à PB os materiais que deveriam ser adquiridos.

Do que mais agrada aos professores na BE, sobressaem os recursos/o fundo documental e as atividades realizadas. Contudo, sugerem que ainda há necessidade de melhorar os mesmos, para que deste modo se sintam mais cativados.

2.3. Assistentes Operacionais e Técnicos

Dos 42 assistentes, 69,0% (n=29) é do género feminino e 31,0% (n=13) do género masculino. As suas idades variam entre os 33 e 63 anos, situando-se a maioria abaixo dos 48 anos (tabela nº 21).

Idade \ Género	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
33 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
34 anos	1	7,7	0	0,0	1	2,4
35 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
36 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
37 anos	0	0,0	2	6,8	2	4,7
38 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
39 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
42 anos	1	7,7	2	6,8	3	7,2
43 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
44 anos	2	15,4	0	0,0	2	4,7
45 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
46 anos	1	7,7	1	3,5	2	4,7
47 anos	1	7,7	1	3,5	2	4,7
48 anos	1	7,7	2	6,8	3	7,2
49 anos	1	7,7	0	0,0	1	2,4
50 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
51 anos	0	0,0	4	13,7	4	9,5
52 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
53 anos	1	7,7	2	6,8	3	7,2
55 anos	0	0,0	2	6,8	2	4,7
56 anos	1	7,7	0	0,0	1	2,4
57 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
58 anos	1	7,7	0	0,0	1	2,4
60 anos	0	0,0	1	3,5	1	2,4
61 anos	2	15,4	0	0,0	2	4,7
63 anos	0	0,0	2	6,8	2	4,7
	13	100,0	29	100,0	42	100,0

Tabela nº 21 - Distribuição dos assistentes mediante a idade e o género

Dois dos assistentes apresentam a sua situação profissional diferente da maioria, sendo que um deles tem Contrato Individual de Trabalho em funções públicas por tempo indeterminado e um outro é contratado. Dos restantes 40 assistentes, a maioria tem contrato de trabalho em regime de proteção social convergente (60,0%, n=24) e

alguns em regime geral de segurança social (40,0%; n=16), conforme tabela nº 22.

Idade \ Situação profissional	CTT/(Quadro RPSC)		CTT/(Quadro RGSS)		Outra		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
33 anos	0	0,0	1	6,2	0	0,0	1	2,4
34 anos	0	0,0	1	6,2	0	0,0	1	2,4
35 anos	0	0,0	1	6,2	0	0,0	1	2,4
36 anos	0	0,0	1	6,2	0	0,0	1	2,4
37 anos	0	0,0	2	12,5	0	0,0	2	4,7
38 anos	1	4,2	0	0,0	0	0,0	1	2,4
39 anos	0	0,0	1	6,2	0	0,0	1	2,4
42 anos	3	12,5	0	0,0	0	0,0	3	7,2
43 anos	1	4,2	0	0,0	0	0,0	1	2,4
44 anos	1	4,2	1	6,2	0	0,0	2	4,7
45 anos	1	4,2	0	0,0	0	0,0	1	2,4
46 anos	1	4,2	1	6,2	0	0,0	2	4,7
47 anos	1	4,2	0	0,0	1	50,0	2	4,7
48 anos	1	4,2	2	12,5	0	0,0	3	7,2
49 anos	0	0,0	1	6,2	0	0,0	1	2,4
50 anos	1	4,2	0	0,0	0	0,0	1	2,4
51 anos	4	16,7	0	0,0	0	0,0	4	9,5
52 anos	1	4,2	0	0,0	0	0,0	1	2,4
53 anos	2	8,3	1	6,2	0	0,0	3	7,2
55 anos	1	4,2	1	6,2	0	0,0	2	4,7
56 anos	0	0,0	0	0,0	1	50,0	1	2,4
57anos	1	4,2	0	0,0	0	0,0	1	2,4
58 anos	1	4,2	0	0,0	0	0,0	1	2,4
60 anos	1	4,2	0	0,0	0	0,0	1	2,4
61 anos	2	8,3	0	0,0	0	0,0	2	4,7
63 anos	0	0,0	2	12,5	0	0,0	2	4,7
	24	100,0	16	100,0	2	100,0	42	100,0

Tabela nº 22 - Distribuição dos assistentes de acordo com a idade e a situação profissional

De acordo com a tabela nº 23 e tendo por base a função desempenhada pelos assistentes, estes dividem-se em assistentes operacionais (66,7%; n=28), assistentes técnicos (30,9%; n=13) e técnico superior (2,4%; n=1).

Função \ Gênero	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Assistente Operacional	10	76,9	18	62,1	28	66,7
Assistente Técnico	3	23,1	10	34,5	13	30,9
Técnico Superior	0	0,0	1	3,4	1	2,4
	13	100,0	29	100,0	42	100,0

Tabela nº 23 - Distribuição dos assistentes de acordo com a função e o gênero

Grande número de assistentes (78,6%; n=33) encontra-se nesta escola há mais de 6 anos e menos de 36 anos, pois apenas 21,4% (n=9) está nesta escola há 2/3 anos, aquando da constituição do agrupamento de escolas (quadro nº 19).

Anos na escola \ Idade	2	3	6	7	8	9	11	12	13	14	15	16	17	18	22	24	25	36	Total
33 anos	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
34 anos	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
35 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
36 anos	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
37 anos	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
38 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
39 anos	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
42 anos	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	3
43 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
44 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	2
45 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
46 anos	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2
47 anos	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
48 anos	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3
49 anos	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
50 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
51 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	1	0	0	0	0	4
52 anos	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
53 anos	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3
55 anos	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
56 anos	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
57 anos	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
58 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
60 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
61 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2

63 anos	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	
	2	7	1	1	3	1	2	2	2	4	2	2	4	3	3	1	1	1	42

Quadro nº 19 - Distribuição dos assistentes mediante a idade e o tempo de serviço na escola

Quase a totalidade de assistentes conhece a BE (96,6%; n=41), há apenas 2,4% (n=1) que a não conhece (tabela nº 24).

Conhece a BE \ Gênero	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Sim	13	100,0	28	96,6	41	97,6
Não	0	0,0	1	3,4	1	2,4
	13	100,0	29	100,0	42	100,0

Tabela nº 24 - Parecer dos assistentes de acordo com o gênero sobre o conhecimento da BE

Apenas um assistente nunca foi à BE. Verificamos, pela tabela nº 25, que são os assistentes operacionais que a frequentam de forma mais assídua (35,7%; n=15). Contudo, há ainda um número razoável de assistentes (21,4%; n=9) que durante o ano letivo a frequenta uma a três vezes.

Frequência da BE \ Função	Assistente Operacional		Assistente Técnico		Técnico Superior		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Todos os dias	8	28,5	0	0,0	0	0,0	8	19,0
Uma a três vezes por semana	7	25,0	2	15,4	0	0,0	9	21,4
Uma a três vezes por mês	5	17,9	5	38,4	1	100,0	11	26,3
Uma a três vezes por período	2	7,1	2	15,4	0	0,0	4	9,5
Uma a três vezes por ano letivo	5	17,9	4	30,8	0	0,0	9	21,4
Nunca	1	3,6	0	0,0	0	0,0	1	2,4
	28	100,0	13	100,0	1	100,0	42	100,0

Tabela nº 25 - Distribuição da periodicidade de frequência da BE por parte dos assistentes

Alguns assistentes (tabela nº 26) apresentaram mais do que um motivo para frequentarem a BE, salientando-se a requisição/consulta de livros (43,2%; n=22).

Motivos \ Gênero	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Ler jornais/revistas	9	52,9	1	2,9	10	19,6
Assistir a atividades culturais	1	5,9	10	29,4	11	21,6
Requisitar/consultar livros	5	29,4	17	50,0	22	43,2

Outros	2	11,8	6	17,7	8	15,6
	17	100,0	34	100,0	51	100,0

Tabela nº 26 - Parecer dos assistentes sobre os motivos que os levam a frequentar a BE

Nos outros motivos, três nada respondem, quatro indicaram questões de trabalho e apenas um indicou alugar filmes, quando talvez quisesse dizer requisitar em vez de alugar (quadro nº 20).

Alugar filmes.	1
Entregar os jornais.	1
Funcionária.	1
Não responde.	3
Questões de trabalho.	2

Quadro nº 20 - Outros motivos que levam os assistentes a frequentar a BE

De um modo geral, verificamos, através da tabela nº 27, que mais de metade dos assistentes (52,4%; n=22) apresenta um elevado grau de satisfação, muito contribuindo para tal os que permanecem na escola entre os 13 e 15 anos. Os restantes assistentes (47,6%; n=20) apresentam um grau de satisfação moderado, contribuindo para tal os que permanecem há menos tempo na escola, abaixo dos 12 anos.

Anos na escola \ Grau de Satisf.	Elevado		Moderado		Baixo		Nulo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
2 anos	1	4,5	1	5,0	0	0,0	0	0,0	2	4,8
3 anos	3	13,6	4	20,0	0	0,0	0	0,0	7	16,7
6 anos	0	0,0	1	5,0	0	0,0	0	0,0	1	2,4
7 anos	1	4,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	2,4
8 anos	2	9,1	1	5,0	0	0,0	0	0,0	3	7,1
9 anos	0	0,0	1	5,0	0	0,0	0	0,0	1	2,4
11 anos	1	4,5	1	5,0	0	0,0	0	0,0	2	4,8
12 anos	0	0,0	2	10,0	0	0,0	0	0,0	2	4,8
13 anos	2	9,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	4,8
14 anos	4	18,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	9,5
15 anos	2	9,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	4,8
16 anos	0	0,0	2	10,0	0	0,0	0	0,0	2	4,8
17 anos	2	9,1	2	10,0	0	0,0	0	0,0	4	9,5
18 anos	2	9,1	1	5,0	0	0,0	0	0,0	3	7,1
22 anos	0	0,0	3	15,0	0	0,0	0	0,0	3	7,1
24 anos	0	0,0	1	5,0	0	0,0	0	0,0	1	2,4

25 anos	1	4,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	2,4
36 anos	1	4,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	2,4
	22	100,0	20	100,0	0	0,0	0	0,0	42	100,0

Tabela nº 27 - Parecer dos assistentes sobre o seu grau de satisfação relativamente à BE

Os assistentes, e tendo em conta o quadro nº 21 e apenas a sua 1ª opção, consideram que o que mais lhes agrada são os recursos/o fundo documental (52,4%; n=22), mas se atendermos às três opções é o espaço o que mais lhes agrada e logo a seguir os recursos/o fundo documental.

Item	Prioridade	Anos na escola															TOTAL				
		2	3	6	7	8	9	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	3			
Espaço	1ª	0	0	0	1	1	0	1	2	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	8	40
	2ª	1	4	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	2	0	1	0	14	
	3ª	1	3	0	0	1	1	0	0	1	2	2	1	3	2	0	0	0	1	18	
Mobiliário	1ª	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	2	16
	2ª	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	4	
	3ª	0	0	1	0	0	0	1	1	1	1	0	1	0	1	2	0	1	0	10	
Recursos/Fundo documental	1ª	2	5	1	0	1	1	1	0	1	1	2	1	3	2	1	0	0	0	22	37
	2ª	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	1	1	0	1	0	0	1	9	
	3ª	0	1	0	0	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	6	
Disponibilidade e do pessoal de apoio à BE	1ª	0	2	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	1	1	1	0	1	1	10	31
	2ª	1	2	0	0	2	0	0	0	1	1	2	1	2	2	0	0	0	0	14	
	3ª	1	3	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	7	
Outros		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		6	21	3	3	9	3	6	4	6	12	6	6	12	9	9	3	3	3	124	124

Quadro nº 21 - Parecer dos assistentes de acordo com o tempo na escola sobre o que lhes agrada mais na BE

A grande maioria dos assistentes (85,7%; n=36) diz conhecer as atividades da BE e apenas 14,3% (n=6) as não conhece (tabela nº 28).

Anos na escola	Conhece as atividades		Sim		Não		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
2 anos	1	2,8	1	16,7	2	4,8		
3 anos	6	16,6	1	16,7	7	16,7		
6 anos	1	2,8	0	0,0	1	2,4		
7 anos	1	2,8	0	0,0	1	2,4		
8 anos	3	8,4	0	0,0	3	7,1		

9 anos	1	2,8	0	0,0	1	2,4
11 anos	2	5,5	0	0,0	2	4,8
12 anos	1	2,8	1	16,7	2	4,8
13 anos	2	5,5	0	0,0	2	4,8
14 anos	2	5,5	2	33,3	4	9,5
15 anos	2	5,5	0	0,0	2	4,8
16 anos	2	5,5	0	0,0	2	4,8
17 anos	3	8,4	1	16,7	4	9,5
18 anos	3	8,4	0	0,0	3	7,1
22 anos	3	8,4	0	0,0	3	7,1
24 anos	1	2,8	0	0,0	1	2,4
25 anos	1	2,8	0	0,0	1	2,4
36 anos	1	2,8	0	0,0	1	2,4
	36	100,0	6	100,0	42	100,0

Tabela nº 28 - Parecer dos assistentes de acordo com o tempo na escola sobre o conhecimento das atividades realizadas pela BE

Através da tabela nº 29, verificamos que o meio mais utilizado pelos assistentes para terem conhecimento das atividades da BE é a página da escola (53,8%; n=28), seguindo-se o boletim informativo (32,7%; n=17). Salienta-se que os respondentes indicaram mais do que um meio.

Idade \ Meios	Boletim Informativo		Página da escola		Blogue da biblioteca		Outros		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
33 anos	1	5,9	1	3,6	0	0,0	0	0,0	2	3,8
34 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	1	16,7	2	3,8
35 anos	1	5,9	1	3,6	0	0,0	0	0,0	2	3,8
36 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	1	16,7	2	3,8
37 anos	1	5,9	2	7,1	0	0,0	0	0,0	3	5,7
38 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	1	16,7	2	3,8
39 anos	1	5,9	1	3,6	0	0,0	0	0,0	2	3,8
42 anos	2	11,8	3	10,7	0	0,0	0	0,0	5	9,6
43 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	0	0,0	1	1,9
44 anos	1	5,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,9
45 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	0	0,0	1	1,9
46 anos	0	0,0	2	7,1	0	0,0	0	0,0	2	3,8
47 anos	1	5,9	2	7,1	0	0,0	1	16,7	4	7,7
48 anos	2	11,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	3,8
49 anos	1	5,9	1	3,6	1	100,0	0	0,0	3	5,7

50 anos	1	5,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,9
51 anos	3	17,6	2	7,1	0	0,0	1	16,7	6	11,4
52 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
53 anos	0	0,0	2	7,1	0	0,0	0	0,0	2	3,8
55 anos	1	5,9	1	3,6	0	0,0	0	0,0	2	3,8
56 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	0	0,0	1	1,9
57 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	0	0,0	1	1,9
58 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	0	0,0	1	1,9
60 anos	0	0,0	1	3,6	0	0,0	0	0,0	1	1,9
61 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
63 anos	1	5,9	1	3,6	0	0,0	1	16,7	3	5,7
	17	100,0	28	100,0	1	100,0	6	100,0	52	100,0

Tabela nº 29 - Distribuição dos assistentes mediante a idade e o meio pelo qual tomam conhecimento das atividades da BE

Conforme o quadro nº 22 verificamos que existem meios diversificados para publicitar as atividades a realizar pela BE.

Cartazes informativos.	1
Colegas da biblioteca.	1
E-mail.	2
Informação passada por colegas.	1
Reuniões do Conselho Pedagógico.	1

Quadro nº 22 - Relação dos outros meios pelos quais os assistentes tomam conhecimento das atividades da BE

São poucas as sugestões apresentadas pelos assistentes para que a BE preste um melhor serviço, sendo as mesmas transcritas na íntegra (**Anexo 10**). Destas, procedeu-se à sua análise de conteúdo, resumida no quadro seguinte:

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
Sugestões para melhorar a satisfação relativa à utilização da BE	Sugestões de melhoria	O que fazer para melhorar?	<ul style="list-style-type: none"> - Mais atividades e informações para aumentar o seu precioso contributo. - Que os alunos se saibam comportar perante o espaço que frequentam. - Ter mais livros, entre os quais os de apoio ao estudo, em certas disciplinas. -Ter uma atividade noturna.

Quadro nº 23 - Análise de conteúdo da questão aberta aos AOT (Síntese)

Foi interessante a sugestão de “ter uma atividade noturna”, pois, apenas à noite é que consideram ser possível a sua frequência.

Em resumo, concluímos que os assistentes operacionais e técnicos, em seu grande número, se encontram nesta escola há mais de seis anos, variando a sua idade entre os 33 e 63 anos. Dos 42 respondentes, 28 são assistentes operacionais, 13 assistentes técnicos e uma técnica superior.

Um número significativo de assistentes manifesta elevado grau de satisfação relativamente à BE. No entanto, ainda há muitos cuja frequência não é regular; o que os leva a frequentá-la é essencialmente ler jornais/revistas ou requisitar livros.

Privilegiam o espaço, e quase de igual modo, os recursos/o fundo documental como os aspetos que mais lhes agrada na BE.

Têm um grande conhecimento das atividades realizadas e o meio que mais utilizam para obter são, entre outros, a página da escola e o boletim informativo.

Sugerem, para que a biblioteca preste um melhor serviço, que deveria esta “ter uma atividade noturna”, para além de mais computadores, atividades e livros.

2.4. Encarregados de Educação

Dos 178 respondentes (tabela nº 30), uma grande maioria é do género feminino (79,2%; n=141) e os restantes (20,8%; n=37) do género masculino. As suas idades variam entre os 32 e os 59 anos (e a moda é de 9,5%, n=17).

Idade \ Género	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
32 anos	0	0,0	1	0,7	1	0,5
34 anos	0	0,0	2	1,4	2	1,1
36 anos	1	2,7	2	1,4	3	1,7
37 anos	0	0,0	3	2,1	3	1,7
38 anos	1	2,7	5	3,5	6	3,4
39 anos	2	5,4	9	6,4	11	6,2
40 anos	1	2,7	9	6,4	10	5,6
41 anos	2	5,4	11	7,8	13	7,3
42 anos	1	2,7	8	5,7	9	5,1
43 anos	3	8,1	14	9,9	17	9,5
44 anos	2	5,4	11	7,8	13	7,3
45 anos	2	5,4	6	4,2	8	4,5
46 anos	6	16,2	8	5,7	14	7,9
47 anos	5	13,5	11	7,8	16	9,0
48 anos	1	2,7	10	7,1	11	6,2
49 anos	4	10,8	5	3,5	9	5,1
50 anos	0	0,0	9	6,4	9	5,1
51 anos	1	2,7	5	3,5	6	3,4
52 anos	2	5,4	4	2,8	6	3,4
53 anos	2	5,4	4	2,8	6	3,4
54 anos	0	0,0	1	0,7	1	0,5
55 anos	0	0,0	2	1,4	2	1,1
56 anos	1	2,7	0	0,0	1	0,5
59 anos	0	0,0	1	0,7	1	0,5
	37	100,0	141	100,0	178	100,0

Tabela nº 30 - Distribuição dos EE mediante a idade e o género

Atendendo à tabela nº 31, os EE dos educandos a frequentar o 11º ano de escolaridade são os que mais conhecem a BE (41,5%; n=17), mas são ao mesmo tempo aqueles que em maior número a desconhecem (40,1%; n=55). Verificamos que um número significativo de EE (77%; n=137) desconhece a BE da escola que os seus educandos frequentam e apenas 23% (n=41) tem conhecimento da BE.

Conhece a BE Ano de escolaridade	Sim		Não		Total	
	N	%	N	%	N	%
10º ano	9	21,9	47	34,3	56	31,5
11º ano	17	41,5	55	40,1	72	40,4
12º ano	15	36,6	35	25,6	50	28,1
	41	100,0	137	100,0	178	100,0

Tabela nº 31 - Parecer dos EE sobre o conhecimento da BE de acordo com o ano de escolaridade dos educandos

Dos respondentes que conhecem a BE, são poucos os que a ela se deslocam com alguma regularidade (19,5%; n=8), contribuindo de forma mais elevada para tal os EE dos alunos que frequentam o 10º ano de escolaridade (33,3%; n=3), com base na tabela nº 32.

Ano de escolaridade Frequência	10º ano		11º ano		12º ano		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Uma vez por semana	3	33,3	2	11,8	3	20,0	8	19,5
Uma vez por mês	0	0,0	0	0,0	1	6,6	1	2,4
Uma vez por período	1	11,1	5	29,4	4	26,7	10	24,4
Uma vez por ano letivo	4	44,5	4	23,5	4	26,7	12	29,3
Nunca	1	11,1	6	35,3	3	20,0	10	24,4
	9	100,0	17	100,0	15	100,0	41	100,0

Tabela nº 32 - Distribuição da periodicidade de frequência da BE por parte dos EE

Na tabela nº 33, verificamos que há um EE que não responde e dos respondentes grande número (70%; n=28) considera insuficiente a sua frequência da BE, contribuindo para essa situação os EE dos alunos que frequentam o 11º ano de escolaridade (50,0%; n=14). Apenas 30% (n=12) considera suficiente a frequência da BE, salientando-se os EE dos alunos que frequentam o 12º ano de escolaridade (50,0%; n=6).

Suficiente a freq. da BE Ano de escolaridade	Sim		Não		Total	
	N	%	N	%	N	%
10º ano	4	33,3	5	17,9	9	22,5
11º ano	2	16,7	14	50,0	16	40,0
12º ano	6	50,0	9	32,1	15	37,5
	12	100,0	28	100,0	40	100,0

Tabela nº 33 - Parecer dos EE sobre a frequência da BE

Entre as várias razões escolhidas para que não haja uma maior frequência da BE (tabela nº 34), é notório a falta de tempo dos respondentes (46,0%; n=17). Duas outras razões, com algum significado, são: a BE não os solicitar (21,6%; n=8) e o facto de não serem promovidas atividades (18,9%; n=7).

Razões \ Ano de escolaridade	10º ano		11º ano		12º ano		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Porque não são promovidas atividades específicas para os EE/Pais	1	12,5	5	26,3	1	10,0	7	18,9
Porque o espaço é inadequado para EE/Pais	0	0,0	1	5,3	1	10,0	2	5,4
Porque a biblioteca não solicita para tal	3	37,5	2	10,5	3	30,0	8	21,6
Por falta de tempo	4	50,0	9	47,4	4	40,0	17	46,0
Outras	0	0,0	2	10,5	1	10,0	3	8,1
	8	100,0	19	100,0	10	100,0	37	100,0

Tabela nº 34 - Parecer dos EE para não frequentarem mais vezes a BE

Das outras três razões apresentadas, verificamos, pelo quadro nº 24, que se deve a situações de trabalharem ou frequentarem uma outra biblioteca.

	10º ano	11º ano	12º ano	Total
Porque se pode solicitar os materiais a partir de uma outra biblioteca do concelho.	0	1	0	1
Porque trabalho numa biblioteca.	0	1	1	2
	0	2	1	3

Quadro nº 24 - Outras razões referidas pelos EE para que não frequentem mais a BE

Os motivos apontados pelos EE para a sua deslocação à biblioteca da escola frequentada pelos seus educandos e, tendo em conta a sua 1ª opção, deve-se, essencialmente, no 10º ano de escolaridade, em acompanhar os seus educandos, no 11º ano de escolaridade, em requisitar/consultar livros e, no 12º ano de escolaridade, em assistir a atividades culturais. Há, deste modo, propósitos distintos de acordo com o ano dos educandos frequentado; no entanto, em termos gerais, os motivos andam muito próximos uns dos outros (tabela nº 35).

Prioridade Motivos	Ano de escolaridade										
	10º ano		11º ano		12º ano		Totais				
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Acompanhar o meu educando	1ª	5	25,0	3	10,4	2	6,7	10	12,7	23	29,1
	2ª	1	5,0	1	3,4	3	10,0	5	6,3		
	3ª	1	5,0	4	13,7	3	10,0	8	10,1		
Assistir a atividades culturais	1ª	1	5,0	3	10,4	7	23,3	11	13,9	25	31,7
	2ª	5	25,0	5	17,3	1	3,3	11	13,9		
	3ª	0	0,0	1	3,4	2	6,7	3	3,8		
Requisitar/consultar livros	1ª	3	15,0	4	13,7	3	10,0	10	12,7	25	31,7
	2ª	0	0,0	2	6,9	4	13,3	6	7,6		
	3ª	4	20,0	3	10,4	2	6,7	9	11,4		
Outros		0	0,0	3	10,4	3	10,0	6	7,6	6	7,6
		20	100,0	29	100,0	30	100,0	79	100,0	79	100,0

Tabela nº 35 - Distribuição dos motivos que estão na origem da frequência da BE por parte dos EE

No quadro nº 25 são apresentados os outros seis motivos pelos quais os EE, de acordo com o ano de escolaridade dos seus educandos, frequentam a BE.

Outros motivos	Ano de escolaridade			Total
	10º ano	11º ano	12º ano	
Fazer atividades.	0	0	1	1
Motivos profissionais.	0	0	1	1
O posto de trabalho não permite a ida frequentemente à biblioteca.	0	1	0	1
Requisição de vídeos.	0	0	1	1
Sou professora no Agrupamento.	0	1	0	1
Ver a biblioteca da Escola do meu educando.	0	1	0	1
	0	3	3	6

Quadro nº 25 - Distribuição dos outros motivos apresentados pelos EE que originam a frequência da BE

Os aspetos que os EE consideram mais importantes na BE (tabela nº 36), e se tivermos em conta apenas a 1ª opção, são os recursos/o fundo documental que se situam muito além dos outros aspetos (24,1%; n=128). Com base nas três opções, verificamos que o espaço e a disponibilidade do pessoal de apoio à biblioteca se aproximam do anteriormente referido. No outro aspeto, o respondente nada focou.

Aspetos \ Prioridade	Ano de escolaridade										
	10º ano		11º ano		12º ano		Totais				
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Espaço	1ª	12	7,1	11	5,1	6	4,1	29	5,5	166	31,3
	2ª	7	4,1	21	9,7	11	7,5	39	7,4		
	3ª	31	18,5	37	17,1	30	20,4	98	18,5		
Mobiliário	2ª	5	3,0	2	1,0	0	0,0	7	1,4	27	5,0
	3ª	7	4,1	11	5,1	2	1,4	20	3,7		
Recursos/Fundo documental	1ª	36	21,4	51	23,6	41	27,9	128	24,1	170	32,1
	2ª	15	8,9	16	7,4	6	4,1	37	6,9		
	3ª	2	1,2	0	0,0	3	2,0	5	1,0		
Disponibilidade do pessoal de apoio à biblioteca	1ª	8	4,8	10	4,6	3	2,0	21	3,9	167	31,4
	2ª	29	17,3	33	15,3	32	21,8	94	17,7		
	3ª	16	9,6	23	10,6	13	8,8	52	9,7		
Outros		0	0,0	1	0,5	0	0,0	1	0,2	1	0,2
		168	100,0	216	100,0	147	100,0	531	100,0	531	100,0

Tabela nº 36 - Parecer dos EE sobre o que consideram mais importante na BE

Para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, os EE consideram de alguma importância a BE pois indicam ser elevada (46,1%; n=82) e média (47,7%; n=85), e apenas 6,2% (n=11) manifesta opinião que podemos considerar contraditória (tabela nº 37).

Importância \ Ano de escolaridade	10º ano		11º ano		12º ano		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Elevada	27	48,2	30	41,7	25	50,0	82	46,1
Média	27	48,2	37	51,3	21	42,0	85	47,7
Baixa	2	3,6	2	2,8	2	4,0	6	3,4
Nenhuma	0	0,0	1	1,4	0	0,0	1	0,6
Sem opinião	0	0,0	2	2,8	2	4,0	4	2,2
	56	100,0	72	100,0	50	100,0	178	100,0

Tabela nº 37 - Opinião dos EE sobre a importância da BE para o desenvolvimento das aprendizagens dos seus educandos

Atendendo à tabela nº 38, grande número dos respondentes (62,9%; n=112) diz ter conhecimento das atividades realizadas pela BE, ressaltando os EE dos alunos do 11º ano de escolaridade com (41,9%; n=47). Considera-se que ainda há um número significativo (37,1%; n=66) que as não conhece.

Ano de escolaridade \ Conhece as ativ. da BE	Sim		Não		Total	
	N	%	N	%	N	%
10º ano	34	30,4	22	33,3	56	31,5
11º ano	47	41,9	25	37,9	72	40,4
12º ano	31	27,7	19	28,8	50	28,1
	112	100,0	66	100,0	178	100,0

Tabela nº 38 - Parecer dos EE sobre o conhecimento das atividades realizadas pela BE

Os EE tomam conhecimento das atividades da BE através de diversificados meios, mas aquele que é mais eficaz para o efeito é o seu educando (45,6%; n=63). Os outros dois meios referidos pelos EE são através da Diretora de Turma e pela RBEMS (tabela nº 39).

Meios \ Prioridade	Ano de escolaridade										
	10º ano		11º ano		12º ano		Totais				
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Educando	1ª	20	48,8	21	38,3	15	35,7	56	40,5		
	2ª	1	2,4	1	1,8	1	2,4	3	2,2		
	3ª	0	0,0	2	3,6	2	4,8	4	2,9	63	45,6
Boletim informativo	1ª	1	2,4	0	0,0	1	2,4	2	1,5		
	2ª	5	12,3	5	9,1	7	16,6	17	12,3		
	3ª	1	2,4	5	9,1	3	7,2	9	6,5	28	20,3
Página da escola	1ª	0	0,0	3	5,4	2	4,8	5	3,6		
	2ª	3	7,3	8	14,6	4	9,5	15	10,9		
	3ª	7	17,2	4	7,3	5	11,8	16	11,6	36	26,1
Blogue da biblioteca	1ª	1	2,4	2	3,6	0	0,0	3	2,2		
	2ª	1	2,4	1	1,8	0	0,0	2	1,5		
	3ª	1	2,4	3	5,4	0	0,0	4	2,9	9	6,5
Outros	1ª	0	0,0	0	0,0	1	2,4	1	0,7		
	3ª	0	0,0	0	0,0	1	2,4	1	0,7	2	1,5
		41	100,0	55	100,0	42	100,0	138	100,0	138	100,0

Tabela nº 39 - Meio utilizado pelos EE para obter conhecimento das atividades da BE

A maioria dos EE (tabela nº 40) considera que a sua satisfação é moderada (62,9%; n=112) relativamente à BE, enquanto que 20,8% (n=37) a considera elevada, sendo que um número reduzido a considera baixa (9,0%; n=16) e nula (7,3%; n=13).

Ano de escolaridade \ Grau de satisfação	10º ano		11º ano		12º ano		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Elevado	13	23,2	14	19,4	10	20,0	37	20,8
Moderado	35	62,5	46	63,9	31	62,0	112	62,9
Baixo	3	5,4	7	9,8	6	12,0	16	9,0
Nulo	5	8,9	5	6,9	3	6,0	13	7,3
	56	100,0	72	100,0	50	100,0	178	100,0

Tabela nº 40 - Parecer dos EE sobre a sua satisfação perante a BE

Foram várias e diversificadas as sugestões referidas pelos EE para que a BE preste um melhor serviço ao seu educando, sendo as mesmas transcritas na íntegra (**Anexo 10**). Muitas coincidem com o mencionado pelos alunos. Destas, procedeu-se à sua análise de conteúdo, resumida no quadro seguinte:

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
satisfação relativa à utilização da BE	Acervo literário, fundo documental e outros		<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar o número de livros para preparar os exames. - Haver mais recursos tecnológicos e bibliográficos. - Mais dicionários de Inglês para os alunos. - Aquisição de mais livros e filmes - Mais livros e cadernos de exercício a determinadas disciplinas. - Mais livros, menos jogos e clubes. - Mais materiais didáticos, que facilitem e incentivem a aprendizagem dos alunos. - Mais materiais educativos e meios informáticos. - Melhorar os recursos para a pesquisa de informação para a realização de trabalhos escolares. - Ter mais computadores - Possua diversidade de documentos e outras formas de informação que facultem aos alunos informação atual e credível. - Proceder a uma atualização sistemática dos materiais didáticos e científicos. - Recursos atualizados e suficientes, que permitam aos alunos a utilização de forma rápida e eficiente.

Sugestões para melhorar a	Atividades culturais e de lazer	Que atividades deve a BE desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> - Promover atividades educativas, ações de leitura e informações aos EE. Alargar o horário de funcionamento. Mais mobiliário. - Promover atividades relacionadas com os interesses atuais. - Apoio ao estudo. Realização de atividades culturais. - Atividades de apoio ao estudo, principalmente a Matemática. - Concursos de leituras e outras atividades com interesse para os alunos. (...) Dar apoio direto aos alunos. - Desenvolvimento de mais atividades para a motivação da leitura recreativa. - Mais concursos, com trabalhos realizados nas várias disciplinas e com prémio, para levar os alunos a serem mais competitivos.
	Assistentes operacionais afetos à BE	Que perfil devem ter os AO?	<ul style="list-style-type: none"> - Funcionários capazes de auxiliar na consulta e pesquisa. - Funcionárias mais simpáticas e atenciosas para com os alunos. - Mais colaboração e funcionários mais simpáticos.
	Sugestões de melhoria	O que fazer para melhorar?	<ul style="list-style-type: none"> - Disponibilizar professores para a ajuda da realização de trabalhos. - Melhoramento dos serviços. - Melhorar e revitalizar os seus espaços físicos. - Fornecimento de material escolar. - Ter conhecimento do Boletim Informativo. - Boa disponibilidade e variedade dos serviços. (...) Mostrar aos alunos que a biblioteca não é apenas um sítio de livros. - Mais divulgação da informação sobre as atividades realizadas. - Mais ligação da BE aos EE, nomeadamente através de atividades conjuntas com os pais e educadores. - Maior publicitação das atividades, através da edição de um Boletim para a população Senense. Solicitar apoio aos EE para a realização de atividades.

		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Mudar de funcionários. (Mudar de funcionárias, X e Y, estão sempre a implicar com alguns e outros não).(...) Sejam tomadas medidas com alguns funcionários, porque são antipáticos e criam mau ambiente.</i> - <i>Prolongar o horário de funcionamento, inclusive à quarta-feira à tarde, para possibilitar aos alunos a ocupação de tempos livres de forma mais saudável.</i> - <i>Promover mais atividades práticas, como ver filmes relacionados com as matérias lecionadas, entre outros.</i> - <i>Que a biblioteca tenha uma verba para a renovação do fundo bibliográfico das diferentes disciplinas, em diferentes suportes.</i> - <i>Que os professores adiram mais à articulação de atividades com a biblioteca. A biblioteca é de todos e é um excelente recurso de aprendizagens.</i> - <i>Que seja diversificada a nível de informação, que tenha um bom apoio de auxílio ao aluno e que seja diversificada a nível de atividades escolares.</i> - <i>Que um professor siga de guia aos alunos, que os motive à leitura fazendo ver as diferenças entre os vários escritores.</i> - <i>Realização de atividades educativas.</i> - <i>Seja apelativa e que sirva melhor as funções para que foi criada, nomeadamente informar melhor sobre a possibilidade dos pais poderem usar a biblioteca e requisitar livros.</i> - <i>Tenha tudo o que eles necessitam.</i> - <i>Tornar mais fácil a requisição de livros/material escolar.</i> - <i>Um bom ambiente.</i> - <i>Um espaço maior! Mais computadores e mais simpatia a nível de funcionários. Mais colaboração a nível escolar.</i>
--	--	--

Quadro nº 26 - Análise de conteúdo da questão aberta aos EE (Síntese)

Os EE são os elementos, de entre a comunidade educativa, que menos conhecimento têm da BE, e os que a conhecem pouco a frequentam. No entanto, demonstram estar ao corrente do que nela ocorre, por diálogo com os seus educandos, pela consulta da página da escola, e alguns, pela leitura do boletim informativo da BE do AES.

Há grande unanimidade em considerar que a BE é de elevada ou média importância para a concretização e o desenvolvimento das aprendizagens dos seus educandos. Revelam conhecimento das atividades realizadas pela BE, mas salientam que estas deveriam estar também direcionadas para eles e ao mesmo tempo envolvê-los na sua organização.

A exemplo dos restantes elementos de toda a comunidade escolar, também os EE privilegiam os recursos/o fundo documental e o espaço como aspetos essenciais, bem como a disponibilidade do pessoal de apoio à biblioteca, reforçando, nas sugestões para que a BE preste um melhor serviço aos seus educandos, a necessidade de alguns funcionários terem uma atitude/postura diferente daquela que por vezes assumem.

O seu grau de satisfação relativamente à BE é sobretudo moderado, validando este posicionamento o vasto número de sugestões apresentadas para que haja uma efetiva melhoria no apoio aos seus educandos, destacando-se a existência de mais computadores, a realização de mais atividades e a existência de materiais mais atualizados e em maior número. Contudo, destacamos a sugestão: *“Que os professores adiram mais à articulação de atividades com a biblioteca. A biblioteca é de todos e é um excelente recurso de aprendizagens”*, pois revela reconhecimento de um dos mais importantes objetivos da BE, bem como o entendimento da necessidade dos professores, com os seus alunos, estarem comprometidos e dispostos a conceber atividades de leitura ou outras, no contexto da BE, não apenas como pretexto de promover o estudo, mas também num contexto significativo.

Para que qualquer aprendizagem seja significativa tem de ser conduzida. Sendo a BE reconhecida como um excelente recurso promotor de aprendizagens deve ser utilizada como tal e, em especial pelos professores, não apenas pelos alunos. Esta ideia é reconhecida por toda a comunidade escolar e significativamente pelos EE.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento deste trabalho de investigação permitiu consolidar a perspectiva que já possuíamos da importância que a BE tem para a comunidade educativa senense.

Verificámos que a BE satisfaz a comunidade educativa, no entanto, há vários aspetos que terão que ser alterados ou corrigidos para que haja uma satisfação mais ampla, isto porque consideramos que é quase impossível ser plena. Assim:

- os alunos, em grande número consideram que a equipa da BE é prestável e simpática, havendo um número restrito que a caracterizam de indiferentes e pouco assertivos, enquanto um número ainda significativo não tenha opinião formada, devido a não frequentar a BE. Não estão satisfeitos com os funcionários X e Y, chegando a pedir a sua substituição e avaliam os recursos como insuficientes e o fundo documental escasso e desatualizado, para além de considerarem que deveriam ser promovidas mais atividades.

- os professores demonstraram bastante apreço pelos recursos/fundo documental existentes e pelas atividades desenvolvidas pela BE, reconhecendo tratar-se de um local que permite a consecução dos objetivos educativos. No entanto, são sugeridos mais e melhores equipamentos informáticos e que a equipa integre mais elementos de toda a comunidade educativa, para além de professores, que deveriam pertencer às várias áreas disciplinares, além de alunos e EE.

- os assistentes operacionais e técnicos sentem um grau de satisfação elevado ou moderado relativamente à BE. Privilegiam o espaço e os recursos/o fundo documental como o que mais lhes agrada, mas apontam para a necessidade de haver mais computadores e livros, para, desse modo, melhorar o seu precioso contributo.

- os EE revelam alguma prudência quanto à importância da BE, uma vez que um grande número a considera moderada, havendo um número mais restrito com opiniões muito diversificadas. Sugerem, para que haja uma maior ligação entre pais e BE, o desenvolvimento de atividades em conjunto. Sugerem, ainda, que deve possuir mais livros e computadores, para além da necessidade de um espaço maior e com pessoas que possibilitem aos alunos ainda melhores aprendizagens e que os professores articulem

mais as suas atividades com a BE.

Quanto às concepções que a comunidade educativa revela acerca da BE, destacamos o seguinte:

- os alunos não atribuíram tanta importância à existência da BE, no entanto, reconhecem-lhe alguma utilidade atendendo à periodicidade da sua frequência, podendo ser um local frequentado com maior regularidade. Os motivos que os levam a frequentá-la são diversificados com maior incidência na utilização do computador, para, entre outras coisas, realizar pesquisas para a execução de trabalhos escolares e estudar. O computador, os livros e os dicionários são os recursos mais utilizados, daí a valorização atribuída à Feira do Livro, só superada pelas Exposições no que concerne às atividades realizadas pela BE, onde sobressaem ainda, as Comemorações do “Dia de ...”.

- os professores atribuem muita importância à BE, pelo que a recomendam com alguma frequência aos alunos, embora não a frequentem eles próprios com a regularidade recomendada. Até que ponto o “dar o exemplo” desenvolverá maiores e melhores hábitos quanto à frequência da BE? Questão pertinente para um estudo futuro. Além disso, os professores revelam ter conhecimento dos materiais existentes na BE, havendo ainda um número significativo que os consideram insuficientes, mas nem sempre mantêm um trabalho colaborativo com a equipa da BE, na indicação dos que porventura lhes fazem falta. A BE é considerada, quase pela totalidade, como uma mais-valia para a consecução dos objetivos educativos contribuindo para o efeito os recursos/o fundo documental e as atividades realizadas ao longo do ano letivo. Privilegiam ainda o espaço e a própria equipa da BE. Contudo, alguns professores questionam a frequência da BE, caso não existissem computadores na mesma. Será que a sua inexistência condicionará a utilização da BE, atendendo a que possui outras valências? Esta seria uma questão para um outro possível estudo.

- os assistentes operacionais e técnicos não frequentam a BE com alguma regularidade e os poucos que o fazem deve-se a motivos profissionais, sendo que um afirma, para nossa surpresa, que a não conhece. A leitura e as atividades culturais são os outros motivos que mais os levam a ir à BE, obtendo o conhecimento, essencialmente, através da página da escola e do boletim informativo da BE do AES.

- os EE são os elementos de toda a comunidade educativa que menos a frequentam, um

número bastante significativo nem sequer a conhece, lamentando alguns deles, que não há solicitação para tal e que as atividades por norma não são destinadas a pais e EE. Consideram que a BE contribui para as aprendizagens dos alunos, daí enumerarem os recursos/o fundo documental, o pessoal de apoio e o espaço, como fatores vitais para a sua consecução.

Constatámos que tanto a professora bibliotecária como o próprio órgão de gestão através da sua diretora estão conscientes das perceções e do grau de satisfação da comunidade educativa, mas que de alguma forma se sentem impotentes, devido a aspetos de vária natureza, para alterar o que de menos bom vai ocorrendo.

Por outro lado, inferimos uma sugestão geral para o desenvolvimento de um trabalho colaborativo de toda a comunidade com a BE. Um trabalho colaborativo assenta numa cultura de escola, onde se cruzam a cultura global e os contextos locais, ao desenvolver uma cultura que a identifica face às outras, que mobiliza as suas forças, os seus agentes e a faz caminhar no sentido da excelência e qualidade que, hoje em dia, são exigidos. Contudo, a escola tem também o seu papel socializador e transmissor de cultura, conforme afirma Costa (1996, p.137); “A escola enquanto instituição nunca deixou de privilegiar a *metáfora cultural*”. Em nosso entender, o recurso da escola que melhor permite tal transmissão é sem a dúvida a BE. Esta é um local diferente dos outros espaços educativos da escola ao promover uma interação entre o aluno, professor e pessoal afeto à BE, ao estar vinculada a uma variada gama de informações e ao operar quase como um laboratório de autoaprendizagem.

O processo de ensino e aprendizagem supõe uma dinâmica de atos que ocorrem para a formação de hábitos e habilidades que os alunos vão adquirindo no decorrer da sua vida escolar (Bezerra, 2008). Nesta perspetiva, a biblioteca é um recurso imprescindível, dado que os professores ao orientarem os alunos adequadamente para a frequência da BE, promovem o seu desenvolvimento cognitivo.

Um bom clima de escola conduz à satisfação da sua comunidade, e esta apenas se conseguirá unindo esforços, colaborando e utilizando com finalidades comuns todos os recursos, entre eles a BE. Necessário será, esta, estar preparada para o desafio.

Para que este estudo tenha um impacto mais relevante, seria fundamental que tivéssemos acesso ao relatório final de avaliação da RBE, uma vez que no ano letivo de 2012/2013 se encerrou o ciclo de avaliação dos quatro domínios que compõem o

Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares e fosse possível estabelecer um novo estudo comparativo.

Por último, ficámos cientes que com este nosso estudo contribuímos para que toda a comunidade educativa sinta e viva mais a BE e a gestão da mesma, a reconheça como fundamental para que a escola seja um centro de cultura capaz de corresponder e satisfazer toda a comunidade educativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores.
- Alçada, I. (1996). As novas bibliotecas escolares. *Noesis*, 38, 18.
- Alves, M. (1999). *Biblioteca escolar: tecnologias de informação e currículo*. Liberpolis: Revista das Bibliotecas Públicas, 2, 69-80.
- Alves, M. (2000). *Intervenção da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: Estudo de Caso*. (Dissertação para Mestrado). Universidade de Lisboa.
- Amado, J. (2000). A técnica da análise de conteúdo. Referência. *Revista de Educação e formação em enfermagem* (E.S.E. Dr. Ângelo da Fonseca - Coimbra), 5, 53-63.
- Amado, J. (2009). *Introdução à investigação qualitativa em educação*. (Relatório de Disciplina apresentado nas Provas de Agregação). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Antunes, W. (2006). *Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil*. São Paulo: Global.
- Barroso, J. (1995). Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola. *Cadernos de organização e gestão curricular*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Barroso, J. (2005). *Políticas educativas e organização escolar*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Benjamin, M. & Rodolphe, G. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Lisboa: Celta Editora.
- Bilhim, J. (1996). *Teoria organizacional – Estruturas e pessoas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de investigación educativa. Guia Prático*. Barcelona: CEAC.
- Bolívar, A. (2003). *Como melhorar as escolas – Estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas*. Porto: Edições ASA.
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.

- Benjamin, M. & Rodolphe, G. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Lisboa: Celta Editora.
- Bertrand, Y. & Valois, P. (1994). *Paradigmas educacionais: Escola e sociedades*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bravo, S. (2001). *Técnicas de investigación social: teoría y ejercicios*. Madrid: Paraninfo - Thomson learning.
- Brunet, L. (1995). “*Clima de trabalho e eficácia da escola*”, in NÓVOA, A. (ed.): *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote.
- Cabral, M. (1996). *Bibliotecas: acesso, sempre*. Lisboa: Edições Colibri.
- Calixto, J. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade da informação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Calixto, J. (2007). *Ter ou não ter bibliotecário escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Canário, R. (1994). *Mediatecas escolares. Génesis e desenvolvimento de uma inovação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Canário, R. (1996). Que futuro para as bibliotecas?. *Noesis*, 37, 60-62.
- Canário, R. & Sousa, J. (1997). *Formação especializada de professores responsáveis de bibliotecas escolares*. Lisboa: Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares.
- Canário, R. (1998). *Desenvolvimento de bibliotecas escolares e formação contínua de professores*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento.
- Cardoso, A. (2002). *A receptividade à mudança e à inovação pedagógica. O professor e o contexto escolar*. Porto: Edições ASA.
- Carion Gútiéz, M. (1993). *Manual de biblioteca*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Conde, E. (2010). Bibliotecas escolares, ambientes de aprendizagem permanente. *Noesis*, 82.

-
- Contandriopoulos, A., Champagne, F., Potrin, L., Denis, J. & Boyle P. (1999). *Saber preparar uma pesquisa*. São Paulo: Haditec.
- Correia, J. (1989). *Inovação pedagógica e formação de professores*. Porto: Edições ASA.
- Cosme, A. & Trindade, R. (2007). *Escola a tempo inteiro: Escola para que te quero?* Porto: Profedições.
- Costa, B. (1998). *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Costa, E. (1989). *O crescer numa biblioteca como unidade pedagógica*. *Correio Pedagógico*. Porto: Edições Asa.
- Costa, J. (1996). *Imagens organizacionais da escola*. Porto: Edições ASA.
- Costa, R. (2002). Rede de bibliotecas públicas e bibliotecas escolares: sobram as intenções, faltam os meios. *A página da educação*, 112, (p. 24).
- Coutinho, C. (2011). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. In *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas* (pp. 9-41). Lisboa: Almedina.
- Dagge, A. F. M. (2004). *As bibliotecas escolares e o papel do bibliotecário*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Évora.
- Delannoy, J.P. (1983). *Guia para a transformação de bibliotecas escolares*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Delors, J. (2001). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI*. Porto: Edições Asa.
- D'Hainaut, L. (1990). *Conceitos e métodos da estatística – Uma variável a uma dimensão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Eco, U. (2002). *De bibliotheca. A biblioteca*, (5ª Ed.) Tradução de Maria Luísa Rodrigues de Freitas. Lisboa: Difel.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. (4ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Foddy, W. (1996). *Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

- Gall, M. & Borg, W. (2003). *Educational Research: an Introduction*. Boston: Allyn and Bacon.
- Garcia, C. (1999). *Formação de professores - para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Gascuel, J. (1987). *Um espaço para o livro: como criar, animar ou renovar uma biblioteca*. Lisboa: Dom Quixote.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Góis, E. & Gonçalves, C. (2005). *Melhorar as escolas práticas eficazes*. Porto: Edições ASA.
- Gomez, A., (2001). *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Gómez, G., Flores, J. & Jiménez, E. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Archidona: Aljibe
- Gonçalves, M. (2001). *Bibliotecas, mediatecas, centro de recursos nas escolas – com quem?* Lisboa: Ministério da Educação.
- Gonçalves, M. (2007). *Bibliotecas escolares centros de recursos educativos: (Texto policopiado): Emergência e formação de professores(as) bibliotecários(as): Análise de narrativas na primeira pessoa*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa.
- Guerra, M. (2000). *A escola que aprende*. Porto: Edições ASA.
- Guerra, M. (2002). *Entre bastidores – o lado oculto da organização escolar*. Porto: Edições ASA.
- Guilardi, F. & Spallarosa, C. (1983). *Guia para a organização da escola*. Lisboa: Edições ASA.
- Grave-Resendes, L. (2008). *Inclusão educativa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Hargreaves, A. (1998). *Os professores em tempo de mudança*. Lisboa: Editora Mac GrawHill.
- Henerson, M., Morris. L. & Fitz-Gibbon, C. (1987). *How to Measure Attitudes*. Newbury Park: SAGE.
- Hill, M. & Hill, A. (2008). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

-
- Ketele, J. & Roegiers, X. (1995). *Metodología para la recogida de información*. Madrid: La Muralla.
- Lima, G. (2000). *A mediateca escolar: individualização e diferenciação do ensino*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Lima, J. (2002). *As culturas colaborativas nas escolas*. Porto: Porto Editora.
- Lima, J. (2008). *Em busca da boa escola. Instituições eficazes e sucesso educativo*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Lopes, M. (1998). *As bibliotecas e organização do conhecimento (evolução e perspectiva)*. Lisboa: Didáctica Editora.
- Maroy, C., (2005). A análise qualitativa das entrevistas. In C. Maroy, D. Ruquov, F. Digneffe, J. P. Hiernaux, L. Albarello e P. Saint-Georges. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 117-155). Lisboa: Gradiva.
- Matos, C. (2001). A geração.com – Investem-se novas escolas. *Noesis*, 59.
- McMillan, J. & Schumacher, S. (2006). *Research in Education: Evidence-based inquiry*. New York: Pearson.
- Miranda, F. (2004). *Educação intercultural e formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Moreira, J. (2004). *Questionários: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Novo, A. I. (2010). *Biblioteca escolar, com ou sem bibliotecário? Estudo de impacto no sucesso escolar em escolas básicas integradas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Évora.
- Nóvoa, A. (1991). *Um tempo de ser professor*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Nóvoa, A. (1995). Para uma análise das instituições escolares. In *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote / Instituto de Inovação Educacional.
- Nóvoa, A. (1999). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (1999). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (2005). *Evidentemente – histórias da educação*. Porto: Edições ASA.
- Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

- Pessoa, A. (1994). *A biblioteca escolar*. Porto: Campo das Letras.
- Pessoa, A. (1996). *A biblioteca na(s) escola(s): de um desnecessário passado a um futuro cheio de esperança*. Lisboa: Cadernos BAD, (pp. 15-30).
- Pereira, A. (2003). *Educação multicultural: teorias e práticas*. Lisboa: Asa Editores, S.A.
- Pereira, A. (2008). *SPSS – Guia prático de utilização. Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pereira, A. & Poupá, C. (2012). *Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o word* (5ª ed.- revista). Lisboa: Edições sílabo.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Perrenoud, P. (2001). *A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Perrenoud, P. (2004). *Aprender a negociar a mudança em educação - novas estratégias de inovação*. Porto: Asa Editores, S.A..
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Richardson, R. (1989). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas,
- Sabariego, M. (2002). *La educación intercultural ante los retos del siglo XXI*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer.
- Silva, E. (2003). *Conferências sobre Leitura*. São Paulo: Autores Associados.
- Silva, M. (2008). *Diversidade cultural na escola. Encontros e desencontros*. Lisboa; Edições Colibri.
- Silva, L. (2000). *Bibliotecas escolares. Um contributo para a sua justificação, organização e dinamização*. Braga: Livraria Minho.
- Silva, L. (2002). *Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Silverman, D. (1995). *Interpreting qualitative data: Methods for analyzing talk, text and interaction*. Newbury Park (CA): Sage Publications.
- Sousa, J. & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios* (2ª Ed.). Lisboa: Pactor.

-
- Sousa, M. (1999). Condições Sociais de Produção de Leitores. In *Revista Portuguesa de Educação*, 12(1), pp. 127-148
- Sousa, M. (2000). Atitudes dos professores face à biblioteca escolar. In M. de F. Sequeira (org.), *Formar leitores. O contributo da biblioteca escolar* (pp. 27-42). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Terraseca, M. (2002). Entrevista. *A Página da Educação*, (p.7).
- Todd, R. (2010). Aprendizagem na escola da era da informação: oportunidades, resultados e caminhos possíveis. *Noesis*, 82, 24-29.
- Usherwood, B. (1999). *A biblioteca pública como conhecimento público*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Vala, J. (1999). A Análise de Conteúdo. In A. S. Silva e M. Pinto (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Van Maanen, J. (1983). *Qualitative methodology*. Newbury Park (CA): Sage Publications.
- Veiga, I. (coord.) Barroso, C., Calixto, J. A., Calçada, T. & Gaspar, T. (1996). *Lançar a rede de bibliotecas escolares – relatório síntese*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Wilson, S. (1977). The use of ethnographic techniques in educational research. *Review of Educational Research*, 47, (pp. 245-265).

REFERÊNCIAS WEBOGRÁFICAS

- Baganha, F. (2004). Novas bibliotecas, novos conceitos. Consultado em <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/616/1/93-97FCHS2004-11.pdf>. (Acedido em novembro de 2012).
- Basei, A. (2007). Escola e cultura(s): repercussões e possibilidades para uma prática pedagógica intercultural. Consultado em <http://www.efdeportes.com/efd111/escola-e-culturas.htm>. (Acedido em janeiro 2013).
- Bezerra, M. (2008). O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto educacional. Consultado em <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/24/24>. (Acedido em novembro 2013).
- Conselho Nacional de Educação (2005). Estudo sobre Avaliação das Escolas: Fundamental Modelos e Operacionalizar Processos. Consultado em http://www.confap.pt/docs/cne_avaliacao.pdf. (Acedido em janeiro de 2013).
- Carvalho, R. (2006). Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria. Revista Iberoamericana de Educacion. (ISSN 1681-5653). Consultado em <http://www.rieoei.org/deloslectores/1434GilGomes.pdf>. (Acedido em outubro de 2012).
- Contiero, V. (1999). Leitura: da Biblioteca Escolar ao Lar. Consultado em <http://www.moderna.com.br/artigos/arte/0018>. (Acedido em novembro de 2012).
- Das, L. (2008). *Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho*. RBE, newsletter nº 3. Consultado em: http://www.rbe.min-edu.pt/news/newsletter3/newsleter_n3_ficheiros/page0005.htm. (Acedido em outubro de 2013).
- Deal, T. (1985). *The symbolism of effective schools*. Consultado em <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1001515?uid=3738880&uid=2&uid=4&sis=21104578655497>. (Acedido em outubro 2012).
- Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares (1993). Consultado em <http://www.oei.es/pdfs/rbe5.pdf>. (Acedido em outubro de 2013).
- DIRECTRIZES DA IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECAS ESCOLARES (2006). <http://www.ifla.org/files/assets/schoollibrariesresourcecenters/publications/school-library-guidelines/school-library>. (Acedido em outubro 2012).

- Dudziak, E. (2007). O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. Consultado em www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/download/1396/878 (Acedido em junho 2012).
- Fragoso, G. (2005). Biblioteca na escola – uma relação a ser construída. Consultado em <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11136> (Acedido em junho 2012).
- Freire, A. (2007). Biblioteca Escolar e Sala de Aula: Intersecção de duas realidades através do trabalho colaborativo: Estudo numa escola secundária. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Aberta. Consultado em <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/577>. (Acedido em junho de 2012).
- Furtado, C. (2008). A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação. Consultado em <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/317.pdf>. (Acedido em setembro 2013).
- Gadotti, M. (2000). Perspectivas atuais da educação. Consultado em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>. (Acedido em janeiro 2013).
- Galler, A. (1999). La biblioteca escolar en el siglo XXI. Consultado em http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/115460/1/EB11_N104_P24-32.pdf. (Acedido em maio 2012).
- Gómez, G. (2007). Podemos ser mais criativos ao adotar a inovação tecnológica em educação? Uma proposta em comunicação. Consultado em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/37/59>. (Acedido em setembro de 2012).
- Guerrero, J. (2001). La biblioteca escolar. Por su pausada integración en la práctica y en el currículo. Consultado em <http://www.fundaciongsr.org/documentos/6217.pdf>. (Acedido em maio 2012).
- Guijarro, R. (1999). Aprendendo na diversidade: implicações educativas. Consultado em <http://www.entreamigos.com.br/textos/educa/aprendendodiversi.htm>. (Acedido em fevereiro 2012).
- IFLA/UNESCO (2006). MANIFESTO IFLA / UNESCO SOBRE A INTERNET-DIRETRIZES. Consultado em <http://www.ifla.org/files/assets/faife/publications/policy-documents/internet-manifesto-guidelines-pt.pdf>. (Acedido em outubro 2012).
- Kroeber, A. & Kluckhohn C. (1952). *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*. Consultado em <http://www.archive.org/details/papersofpeabodyvol47no1peab>. (Acedido em janeiro 2013).

-
- Laraia, R. (2006). Cultura. Rio de Janeiro: Zahar, J. Consultado em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura>. (Acedido em outubro de 2013).
- Manifesto da Unesco sobre as Bibliotecas Escolares (1999). Consultado em <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf>. (Acedido em outubro 2012).
- Ministério da Educação (2003). Documentos sobre BE's/CRE's. Relatório síntese. Consultado em <http://www.dapp.min-edu.pt/rbe/documentos/relatorio-sintese.htm>. (Acedido em junho 2012).
- Muñoz, T. (2003). El Cuestionario como instrumento de investigación/Evaluación. Consultado em http://www.univsantana.com/sociologia/El_Cuestionario.pdf. (Acedido em julho de 2013).
- Neta, M. (2008). O jovem (não) gosta de ler: um estudo sobre a relação entre juventude e leitura. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás. Consultado em: http://ppge.fe.ufg.br/uploads/6/original_Resumo%20Dissert%20%20Maria%20Aurora.pdf. (Acedido em outubro de 2013).
- Nóvoa, A. (1988). Inovação para o sucesso educativo escolar. Revista aprender nº 6. Escola Superior de Educação de Portalegre. Consultado em <http://www.esep.pt/publicacoes/aprender/006.php>. (Acedido em junho 2012).
- RBE, Orientações (2011). Para uma gestão integrada da biblioteca escolar do agrupamento. Disponível em: <http://rbe.min-edu.pt/np4/36.html>. (Acedido em outubro 2013).
- Rodrigues, A. (2007). A biblioteca escolar - Desafios e metas. Consultado em <http://www.slideshare.net/paula.rodrigues/biblioteca-escolar-desafios-e-metas>. (Acedido em julho 2013).
- Rodrigues, C. (2011). A biblioteca escolar em rede e a sua contribuição para novas práticas de aprendizagem. Centro de Estudos em Educação e Formação (CEEf), Universidade Lusófona do Porto/ Centro de Estudos e Intervenção em Educação e Formação (Ceief), ULHT. Consultado em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/eduscience/article/view/2155/1662>. (Acedido em janeiro 2013).
- Sanches, S. & Freitas, T. (2006). As concepções de leitura no ensino fundamental. In. E. Silva, F. Gaffo, G. Santos e R. Rodrigues (Org.). *Anais do IV Encontro Científico do Curso de Letras*. Consultado em: http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2006_g/textos/013.htm. (Acedido em outubro de 2013).

- Santos, M. (2010). BIBLIOTECAS ESCOLARES: QUE COLABORAÇÃO? O trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores. Estudo de Caso. Consultado em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1574/1/BEsColabora%C3%A7%C3%A3oLSantosVol.I.pdf>. (Acedido em junho 2012).
- Silva, A. & Pimenta, J. (2009). Biblioteca escolar: concepção de professores em formação inicial. Consultado em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9818/1/prof%20ant.pdf>. (Acedido em janeiro 2013).
- Souza, Â. (2001). A escola por dentro e por fora: a cultura da escola e a descentralização financeira, in Revista Ibero-americana de Educação. Consultado em http://www.rioei.org/fin_edu3.htm. (Acedido em janeiro 2012).
- Teixeira, G. (2000). Sociedade do conhecimento e educação. Consultado em <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/textos.php?modulo=10>. (Acedido em fevereiro 2012).
- Todd, R. (2011). O que queremos para o futuro das bibliotecas escolares. Consultado em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/396/01_bibliotecarbe.pdf. (Acedido em fevereiro 2013).
- Torres, L. & Palhares, J. (2008). Cultura, formação e aprendizagens em contextos organizacionais. Revista Crítica de Ciências Sociais, 83, pp. 99-120. Consultado em <Downloads/RCCS83-099/120/LLTorres-JAPalhares.pdf>. (Acedido em janeiro 2013).
- Veiga, I. (coord.), Barroso, C., Calixto, J. A., Calçada, T. & Gaspar, T. (1996). Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares. Consultado em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/94/lancar_rbe.pdf. (Acedido em novembro 2012).

REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS

Despacho Conjunto n.º 198/99, de 3 de março.

Despacho Conjunto n.º 872/2001, de 28 de agosto.

Portaria n.º 755/2009, de 14 de julho.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIOS PILOTO

QUESTIONÁRIO

ALUNOS

Este questionário destina-se à recolha de dados para a elaboração de uma dissertação, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Averiguar da satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Por isso, o teu contributo é precioso.

Agradeço, desde já, a tua colaboração no preenchimento deste questionário.

Preenche-o com sinceridade, mostrando o que realmente pensas.

Este questionário é anónimo, por isso ninguém vai saber as respostas que deres.

1. Que ano frequentas? 10.º Ano 11.º Ano 12.º Ano Ensino Noturno

2. Sexo: Masculino Feminino

3. Que idade tens? _____ anos

4. Qual a importância da existência da biblioteca escolar na tua escola?

- Elevada.
- Muita.
- Pouca.
- Nenhuma.
- Sem opinião.

5. Com que frequência costumás utilizar a biblioteca escolar?

- Todos os dias.
- Uma a três vezes por semana.
- Uma a três vezes por mês.
- Uma a três vezes por período.
- Nunca.

6. Consideras suficiente a tua frequência da biblioteca escolar?

- Sim (Se foi esta a tua opção passa à questão 7.)
- Não

6.1. Indica as razões porque não frequentas mais vezes a biblioteca escolar.

- Porque não tem nada de interessante.
- Porque o espaço não é atraente.
- Porque não tenho tempos livres.
- Porque os professores não solicitam para tal.
- Outras (diz quais). _____
- _____
- _____

7. Com que finalidade utilizas a biblioteca escolar?

(Indica apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolheres).

- Efetuar pesquisas para a execução de trabalhos escolares.
- Ver filmes.
- Ouvir música.
- Participar em atividades culturais.
- Utilizar a internet.
- Ler.
- Jogar.
- Outras (diz quais). _____
- _____
- _____

8. Indica os recursos que mais utilizas na biblioteca escolar.

(Indica apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolheres).

- | | | |
|--|---|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Livros. | <input type="checkbox"/> Jornais. | <input type="checkbox"/> Revistas. |
| <input type="checkbox"/> Filmes. | <input type="checkbox"/> Enciclopédias. | <input type="checkbox"/> Dicionários. |
| <input type="checkbox"/> Computador. | | |
| <input type="checkbox"/> Outros (diz quais). | _____ | |
- _____
- _____

9. Quais as atividades realizadas pela biblioteca escolar que consideras mais interessantes. *(Indica apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolheres).*

- Exposições.
- Palestras.
- Debates.
- Sessões de poesia.
- Sessões de contos.
- Dramatizações.
- Feira do livro.
- Ações de formação/sensibilização.
- Comemorações “Dia de ...”
- Concursos.

10. Que recursos consideras que fazem falta na biblioteca escolar?

- Computadores
- Videoprojector
- Livros técnicos
- Mesa de som
- nenhuns
- Outros (diz quais). _____

11. Como caracterizas a equipa da biblioteca escolar?

- São prestáveis
- São indiferentes
- Pouco assertivos
- Simpáticos
- Não tenho opinião formada
- Outras características (diz quais). _____

QUESTIONÁRIO

PROFESSORES

Este questionário destina-se à recolha de dados para a elaboração de uma dissertação, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Averiguar da satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Por isso, o seu contributo é precioso.

Agradeço, desde já, a sua colaboração no preenchimento deste questionário.

Este questionário é anónimo.

1. Sexo?

Masculino Feminino

2. Idade?

Menos de 35 Anos 35 a 45 Anos Mais de 45 Anos

3. Indique o seu grupo de recrutamento.

4. Qual a sua situação profissional?

PQND.

PQZP.

Professor contratado.

Outra.(Indique qual) _____

5. Há quanto tempo leciona nesta escola?

- 0 - 2 anos.
- 3 - 5 anos.
- 6 - 10 anos.
- 11 - 15 anos.
- 16 - 20 anos.
- Mais do que 21 anos.

6. Que importância atribui à existência da biblioteca escolar?

- Elevada.
- Muita.
- Pouca.
- Nenhuma.
- Sem opinião.

7. Sugere aos alunos a utilização da biblioteca escolar para a elaboração de trabalhos de pesquisa?

- Frequentemente.
- Ocasionalmente.
- Nunca.

8. Com que frequência utiliza a biblioteca escolar?

- Todos os dias.
- Uma a três vezes por semana.
- Uma a três vezes por mês.
- Uma a três vezes por período.
- Nunca.

9. Conhece os materiais escolares existentes na biblioteca escolar com interesse para o seu grupo de recrutamento?

- Sim. Não.

10. Considera suficientes os materiais existentes na biblioteca escolar?

- Sim.
- Não.
- Ignoro.

11. Dá indicações de materiais a adquirir pela biblioteca escolar?

- Sim.
- Não.
- Ignoro.

12. Conhece o blogue da biblioteca escolar?

- Sim.
- Não.

13. Que lhe agrada mais na biblioteca escolar? (Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher)

- Recursos/Fundo documental.
- Atividades.
- Pessoal bibliotecário.
- Espaço.
- Horário.
- Outros (Indique quais). _____
- _____
- _____
- _____

14. Que importância atribui à biblioteca escolar na consecução dos objetivos educativos?

- Elevada.
- Muita.
- Pouca.
- Nenhuma.
- Sem opinião.

QUESTIONÁRIO

ASSISTENTES OPERACIONAIS E TÉCNICOS

Este questionário destina-se à recolha de dados para a elaboração de uma dissertação, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Averiguar da satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Por isso, o seu contributo é precioso.

Agradeço, desde já, a sua colaboração no preenchimento deste questionário.

Este questionário é anónimo.

1. Sexo?

Masculino Feminino

2. Idade?

Menos de 35 Anos 35 a 45 Anos Mais de 45 Anos

3. Situação profissional?

CIT/Quadro (RPSC) CIT/Quadro (RGSS)
 Outra (*Indique qual*) _____

4. Função?

Assistente Técnico Assistente Operacional

5. Número de anos de permanência na escola?

Menos de 3 Entre 3 e 10 Mais de 10

6. Conhece a biblioteca escolar?

Sim Não (**Se foi esta a sua opção passe à questão 9.**)

7. Com que frequência se desloca à biblioteca escolar?

- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Nunca

8. Que motivos estão na origem da frequência da biblioteca escolar?

- Ler jornais/revistas.
- Assistir a atividades culturais.
- Requisição/consulta de livros.
- Outros (*Indique quais*). _____
- _____
- _____
- _____

9. Como classifica o seu grau de satisfação relativamente à biblioteca escolar?

- Elevado
- Moderado
- Baixo
- Nulo

10. Que aspetos considera mais importantes na biblioteca escolar?

(*Indique 2 opções que considera mais importantes*)

- Espaço.
- Mobiliário.
- Recursos/Fundo documental.
- Disponibilidade do pessoal de apoio à biblioteca.
- Outros (*Indique quais*). _____
- _____
- _____
- _____

QUESTIONÁRIO

ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Este questionário destina-se à recolha de dados para a elaboração de uma dissertação, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Averiguar da satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Por isso, o seu contributo é precioso.

Agradeço, desde já, a sua colaboração no preenchimento deste questionário.

Este questionário é anónimo.

1. Sexo?

Masculino Feminino

2. Idade?

Menos de 35 Anos 35 a 45 Anos Mais de 45 Anos

3. Que ano frequenta o seu educando?

10.º Ano 11.º Ano 12.º Ano Ensino Noturno

4. Conhece a biblioteca escolar da escola que o seu educando frequenta?

Não (Se foi esta a sua opção passe à questão 7.)

Sim

5. Com que frequência se desloca à biblioteca escolar?

Frequentemente

Raramente

6. Que motivos estão na origem da frequência da biblioteca escolar?

(Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher).

Acompanhar o meu educando.

Assistir a atividades culturais.

Requisição/consulta de livros.

Outros (diga quais). _____

7. Que aspetos considera mais importantes na biblioteca escolar?

(Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher).

Espaço.

Mobiliário.

Recursos/Fundo documental.

Disponibilidade do pessoal de apoio à biblioteca.

Outros (diga quais). _____

8. Que importância atribui à biblioteca escolar para o desenvolvimento das aprendizagens do seu educando?

Muito importante.

Importante.

Pouco importante.

Nada importante.

9. Tem conhecimento das atividades realizadas pela biblioteca escolar da escola que o seu educando frequenta?

Não. (Se foi esta a sua opção passe à questão 10.)

Sim.

9.1. Porque meio toma conhecimento das atividades da biblioteca escolar?

(Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher).

- Educando.
- Boletim informativo.
- Página da escola.
- Blogue da biblioteca.
- Outros (diga quais). _____

10. Que sugestões indica para que a biblioteca escolar satisfaça/cative mais o seu educando?

Terminou o seu questionário

O meu bem-haja!

ANEXO 2

ESTUDO PILOTO

ESTUDO PILOTO

Por considerarmos que através do estudo piloto podemos testar os questionários que vamos utilizar na nossa investigação e deste modo proceder a possíveis alterações que permitam a melhoria dos mesmos, decidimos pela sua implementação numa escola (Agrupamento de Escolas de Gouveia) com as características semelhantes à escolhida para o nosso estudo.

Aliás, Sousa e Baptista (2011, p.102) referem que:

(...) estes procedimentos, têm em vista poder, então, lançar-se a fase definitiva de recolha de dados, evitando que a mesma seja prejudicada por algum erro grave que, neste ponto, é irreversível e sua correcção necessariamente implicaria começar todo o processo de aplicação do questionário corrigido desde o princípio, algo inviável na maior parte dos casos.

Foddy (1996, p.201) cita Hunt et al. (1982) que partilham as ideias de Payne (1951), para o qual o pré-teste servia “para detectar e prevenir os cinco defeitos identificados como muito frequentes” que eram “perguntas capciosas; duplas perguntas; perguntas com vocabulário ambíguo; utilização de conjuntos inadequados de opções de resposta e insuficiência dessas opções”. No entanto, também acrescentam, “que não se deve descansar na capacidade de reacção dos inquiridos para indicar quais os problemas que as perguntas apresentam”, pelo que deverá o investigador ter um papel adequado que leve os inquiridos a demonstrar a sua opinião.

Questionário - Alunos

Por sugestão, da Direção da escola, foram indicadas três turmas de cada um dos anos de escolaridade do ensino secundário, sendo distribuídos em cada uma delas doze inquéritos que conduziu aos seguintes resultados:

- Os alunos inquiridos, cerca de 67% são do sexo feminino e cerca de 33% são do sexo masculino (**gráfico nº 1**), e as suas idades variam entre os 15 e os 19 anos, com predominância de alunos com 16 e 17 anos (**gráfico nº 2**).

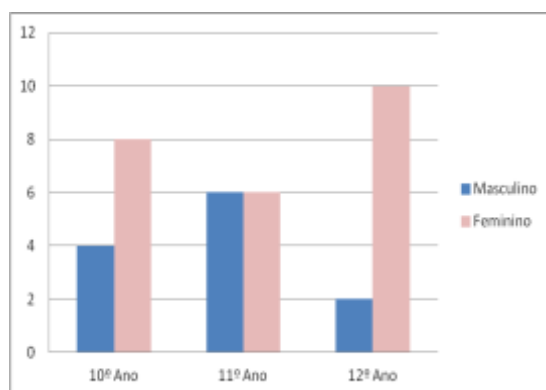


Gráfico nº 1 - Distribuição dos alunos por sexo

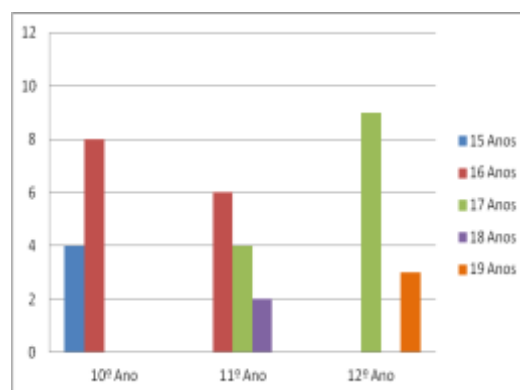


Gráfico nº 2 - Distribuição dos alunos por idade

- A percepção dos alunos inquiridos, sobre a importância da existência da biblioteca escolar, diverge de acordo com o ano de escolaridade, destacando-se no 10º e 11º anos de escolaridade a muita importância e no 12º ano de escolaridade a pouca importância (**gráfico 3**).

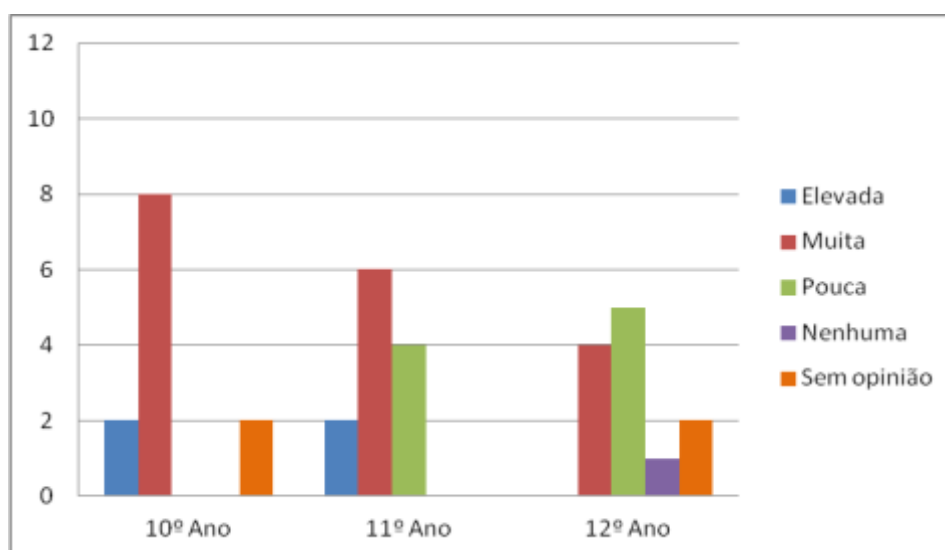


Gráfico nº 3 - Importância para os alunos da existência da BE

- Verificamos que o 11º ano de escolaridade é quem mais frequenta a biblioteca escolar, ao passo que o 12º ano de escolaridade é quem menos a frequenta (**gráfico nº 4**) e que a grande maioria dos alunos considera suficiente a sua frequência (**gráfico nº 5**).

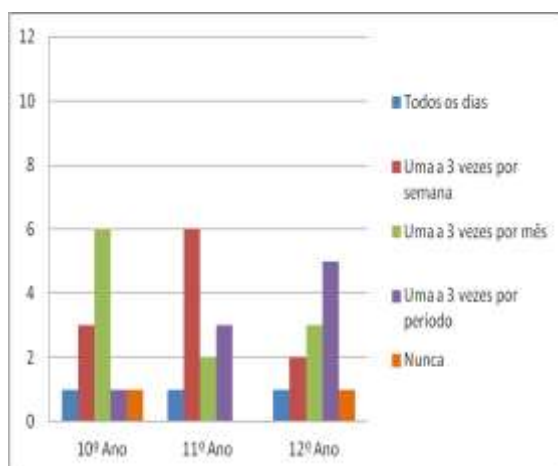


Gráfico nº 4 - Períodicidade de frequência da BE por parte dos alunos

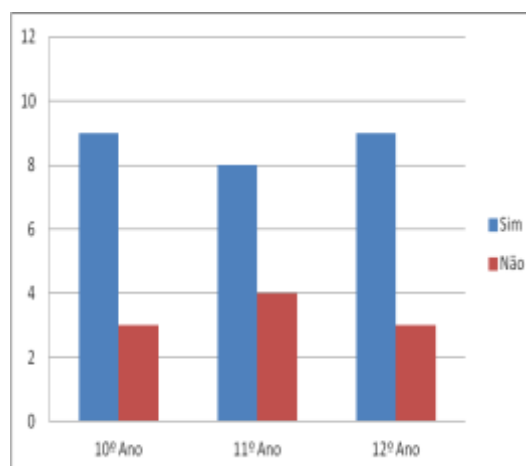


Gráfico nº 5 - Parecer dos alunos sobre a frequência da BE

- Dos três alunos do 10º ano de escolaridade que consideram insuficiente a frequência da biblioteca escolar, apontam como razão, um deles o não ter nada de interessante e dois não respondem; dos quatro alunos do 11º ano de escolaridade, há unanimidade em considerar não terem tempos livres, sendo apontada por um deles uma outra razão, que é o espaço não ser atraente; dos três alunos do 12º ano de escolaridade, há unanimidade em considerar que o espaço não é atraente e dois deles referem ainda que não tem nada de interessante (**gráfico nº 6**).

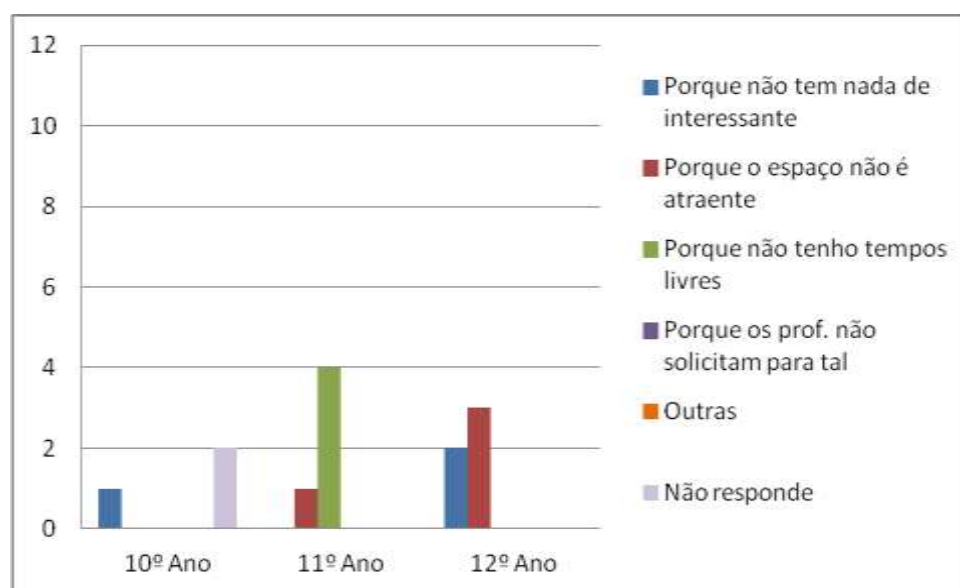


Gráfico nº 6 - Razões pelas quais os alunos não frequentam mais vezes a BE

- A grande maioria dos alunos apresentam como finalidades de utilização da biblioteca escolar a utilização da internet e o efetuar pesquisas para a execução de trabalhos escolares e cerca de 27% referem que a frequentam com a finalidade de ler (**gráfico nº 7**).

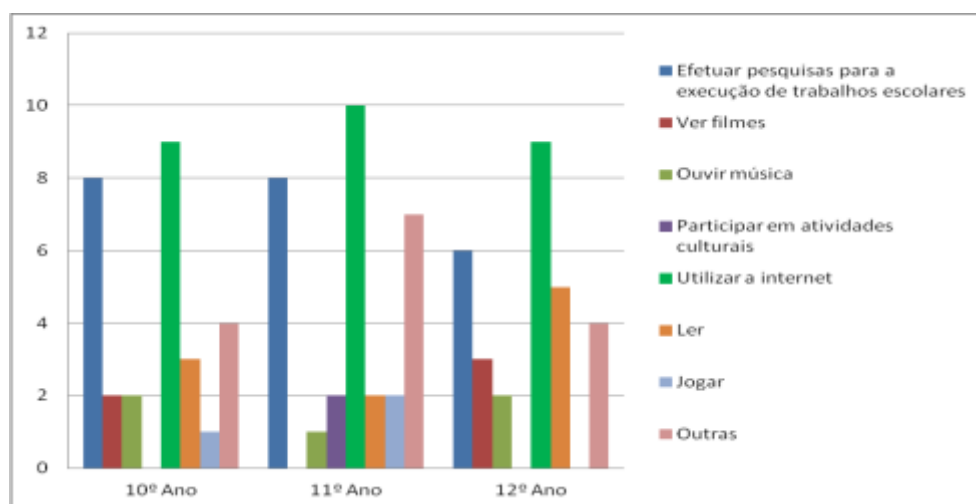


Gráfico nº 7 - Finalidades dos alunos em utilizar a BE

- O recurso utilizado pela quase totalidade dos alunos é o computador, para de seguida surgirem os livros e dicionários (**gráfico nº 8**).

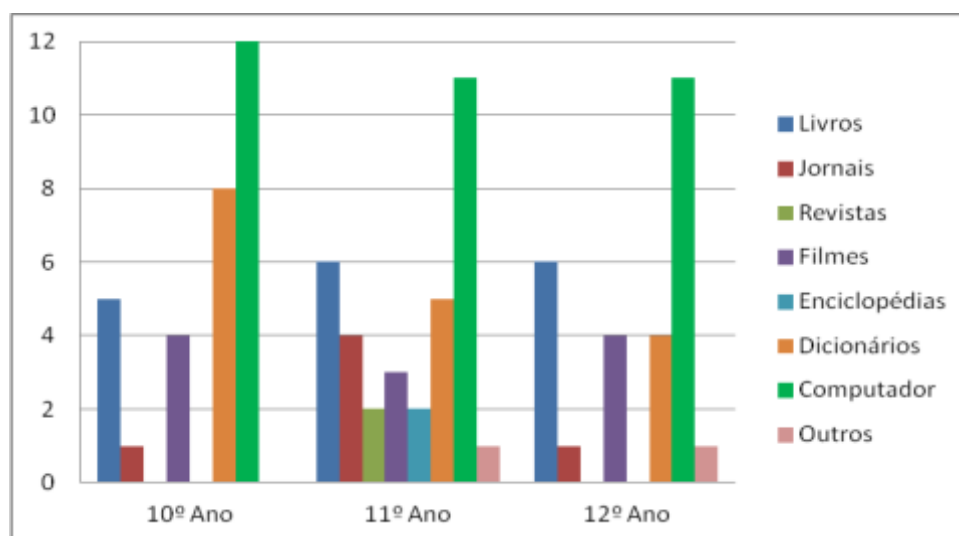


Gráfico nº 8 - Recursos mais utilizados pelos alunos na BE

- A feira do livro é a atividade realizada pela biblioteca escolar que mais cativa os alunos, para de seguida surgir as ações de formação/sensibilização, havendo um grande equilíbrio de opções nas restantes (**gráfico nº 9**).

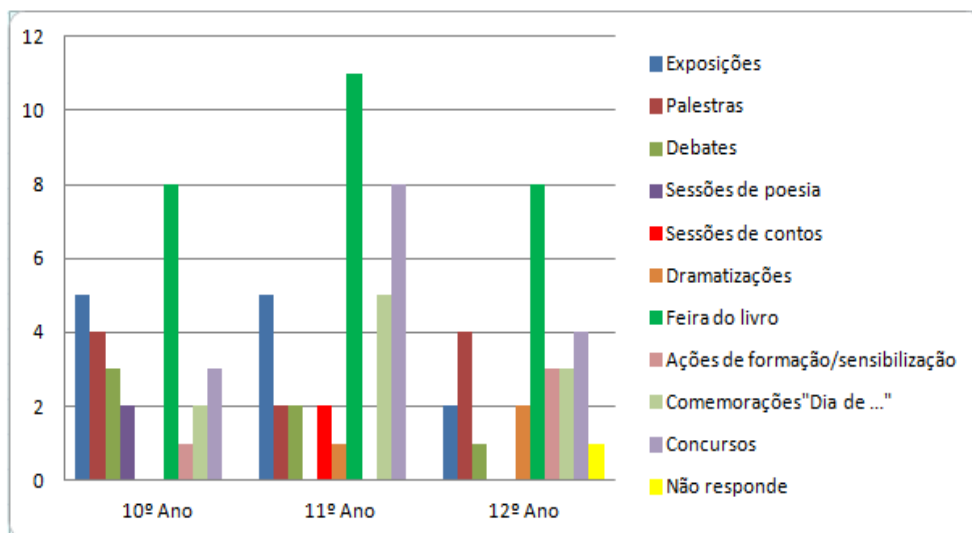


Gráfico nº 9 - Atividades realizadas pela BE consideradas mais interessantes pelos alunos

- Dado que o recurso mais utilizado na biblioteca escolar é o computador, cerca de 42% dos alunos assumem que é o recurso que mais falta faz, é notória a falta de mesa de som para os alunos do 10º ano (**gráfico nº 10**).

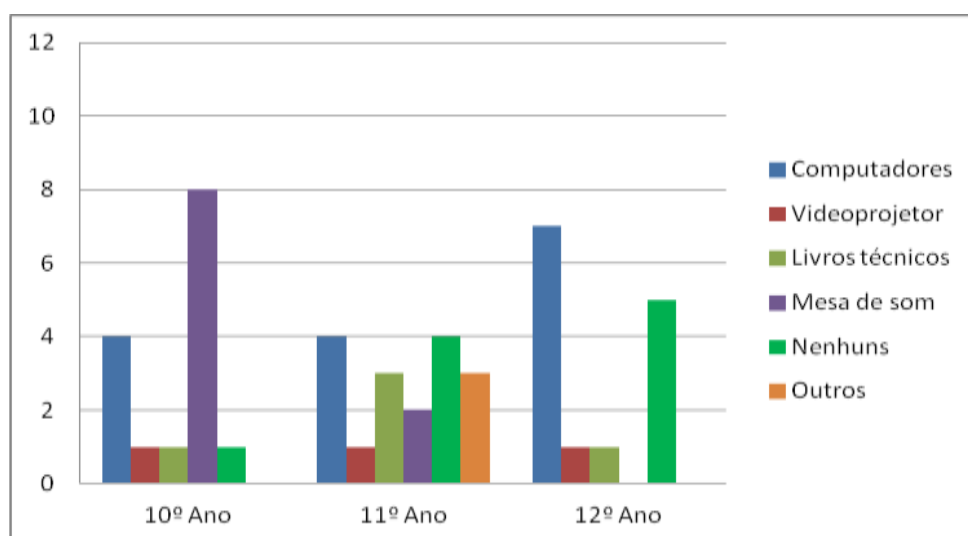


Gráfico nº 10 - Recursos que os alunos consideram em falta na BE

- Constatamos que o ano que mais frequenta a biblioteca escolar, 11º ano de escolaridade, ou não tem opinião formada ou considera a equipa da mesma, prestável e simpática, por sua vez o ano que menos a frequenta, 12º ano de escolaridade, ou não tem opinião formada ou considera a equipa da BE indiferente. O 10º ano de escolaridade, na sua grande maioria, considera a equipa da BE prestável (**gráfico nº 11**).

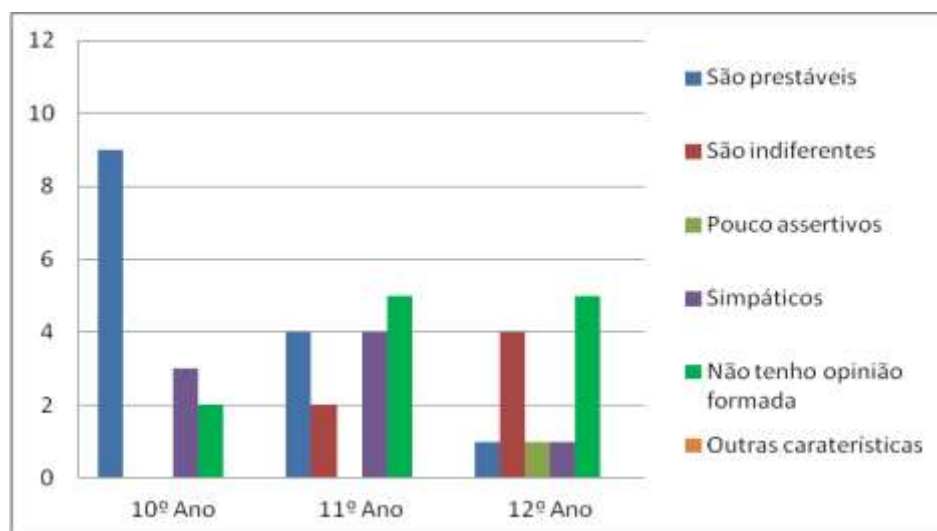


Gráfico nº 11 - Características atribuídas pelos alunos à equipa da BE

Relativamente à questão aberta: “**Que sugestões indicas para que a biblioteca escolar te satisfaça/cative?**”, verificámos, uma proporcionalidade direta entre o número de respondentes e a importância e frequência da biblioteca escolar, assim, no 10º ano de escolaridade responderam 75% dos alunos, no 11º ano de escolaridade 100% e no 12º ano de escolaridade apenas cerca de 17%.

As sugestões apresentadas pelos alunos do 10º ano de escolaridade, dão primazia às novas tecnologias, pelo que deveria a biblioteca escolar possuir, PS3 e PS4, tablet`s, plasmas com meo, mais computadores e internet sem problemas constantes de falhas, no entanto também enunciam a necessidade de livros mais variados e interessantes.

Por sua vez, os alunos do 11º ano de escolaridade referem a necessidade de mais silêncio, mais computadores, restrição de sites e jogos, internet mais operacional, funcionários mais simpáticos, mais atenciosos e menos arrogantes, espaço com decoração mais atrativa, maior, com melhor aspeto, mais organizado e diferenciação de zonas de estudo - computadores, mais e melhor divulgação das atividades, promover e

despertar o gosto pela leitura e ajuda na realização de trabalhos.

Os alunos do 12º ano de escolaridade referem que os funcionários deveriam apresentar mais conhecimentos acerca do papel que têm que desempenhar e que se trata de um local acolhedor.

Questionário - Professores

Deslocámo-nos à sala de professores e aleatoriamente foram distribuídos dez inquéritos pelos presentes, resultando o seguinte:

- Os professores inquiridos, 50% são do sexo masculino e 50% são do sexo feminino (**gráfico nº 12**) e que 30% têm idade compreendida entre os 35 e 45 anos e que 70% têm mais de 45 anos de idade (**gráfico nº 13**).

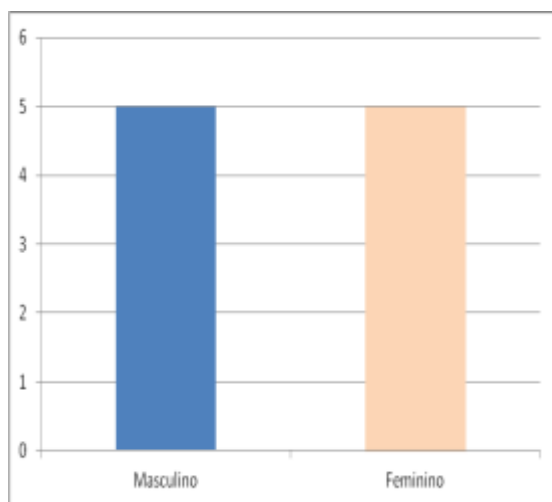


Gráfico nº 12 - Distribuição dos professores por sexo

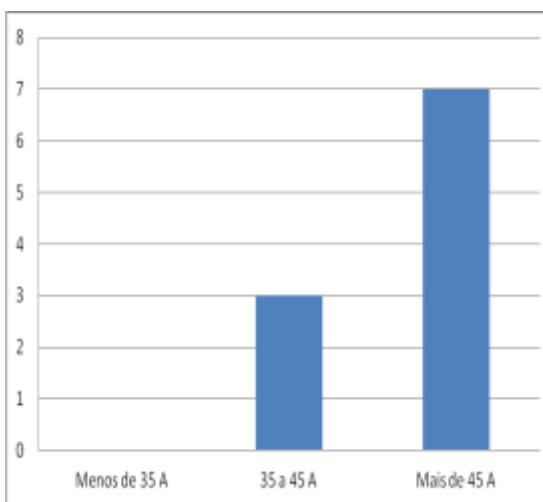


Gráfico nº 13 - Distribuição dos professores por idade

- O grupo de recrutamento, ao qual pertenciam os professores inquiridos, teve uma distribuição mais ou menos equitativa, salientando-se o grupo 500 - Matemática com três inquiridos e nota-se a ausência do grupo 520 - Biologia e Geologia, que poderia ser considerado importante e ao mesmo tempo representativo (**gráfico nº 14**).

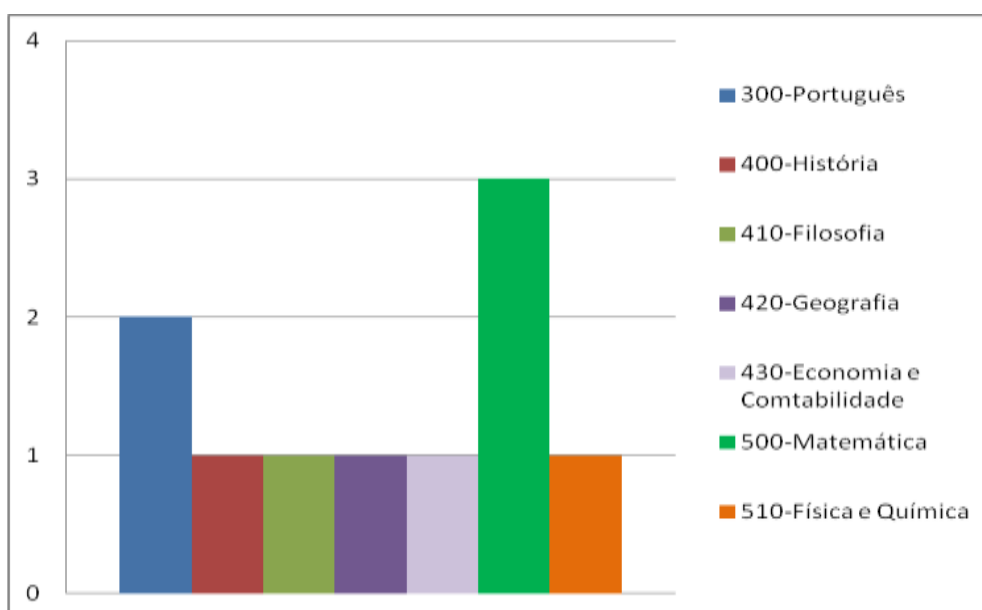


Gráfico nº 14 - Distribuição dos professores por grupo de recrutamento

- Dos professores inquiridos 80% pertence ao quadro de nomeação definitiva e apenas 20% são contratados (**gráfico nº 15**) e quanto ao tempo que já leccionam nesta escola, 60% já o fazem à pelo menos dezasseis anos, 20% entre seis a dez anos e os outros 20%, equitativamente entre três a cinco anos e há menos de dois anos (**gráfico nº 16**).

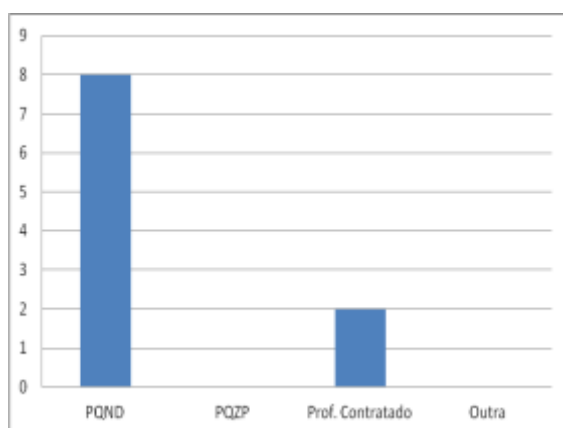


Gráfico nº 15 - Situação profissional dos professores

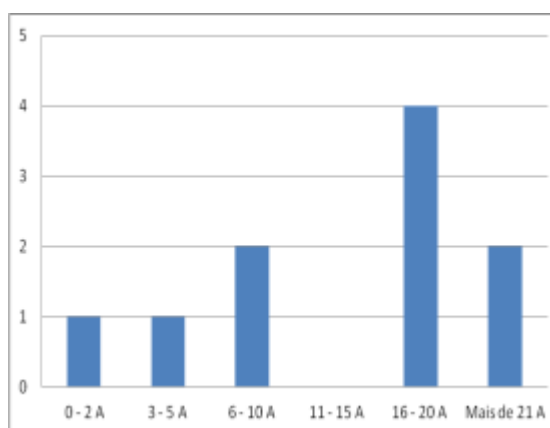


Gráfico nº 16 - Tempo de leccionação nesta escola

- A perceção dos professores sobre a importância da existência da biblioteca escolar reparte-se equitativamente (50%) por elevada e por muita (**gráfico nº 17**).

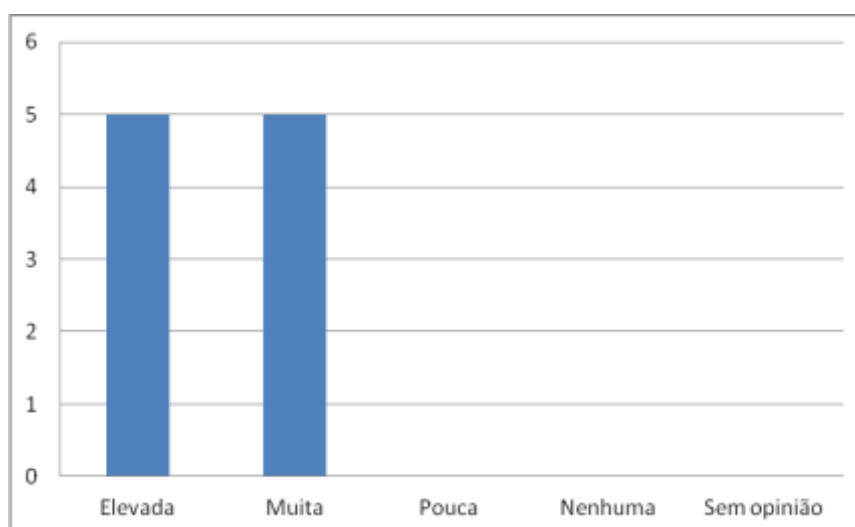


Gráfico nº 17 - Importância para os professores da existência da BE

- Quanto aos professores sugerirem aos alunos a utilização da biblioteca escolar para a realização de trabalhos de pesquisa, 60% recomendam-na frequentemente e 40% apenas ocasionalmente (**gráfico nº 18**).

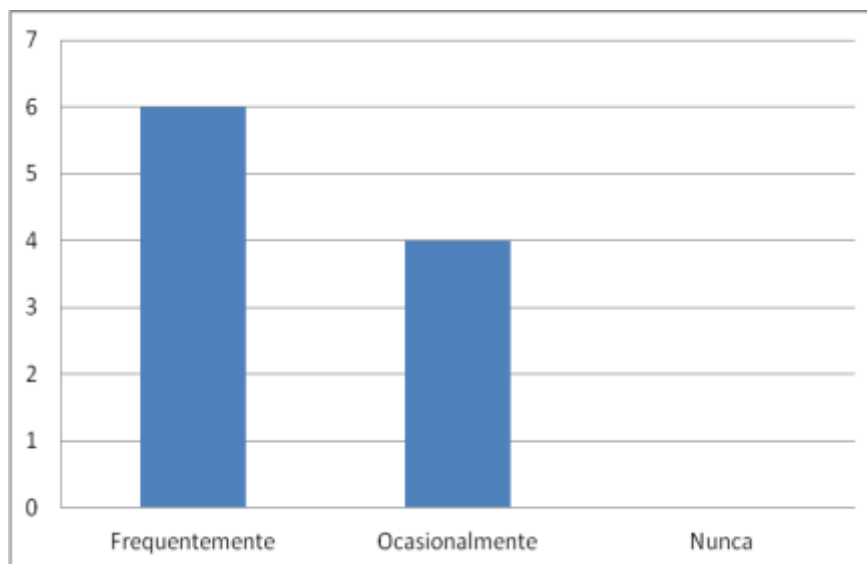


Gráfico nº 18 - Frequência com que os professores sugerem aos alunos a utilização da BE para a realização de trabalhos de pesquisa

- Verificamos que 40% dos professores frequentam apenas a biblioteca escolar uma a três vezes por período, 30% uma a três vezes por mês e só 30% a frequentam uma a três vezes por semana (**gráfico nº 19**).

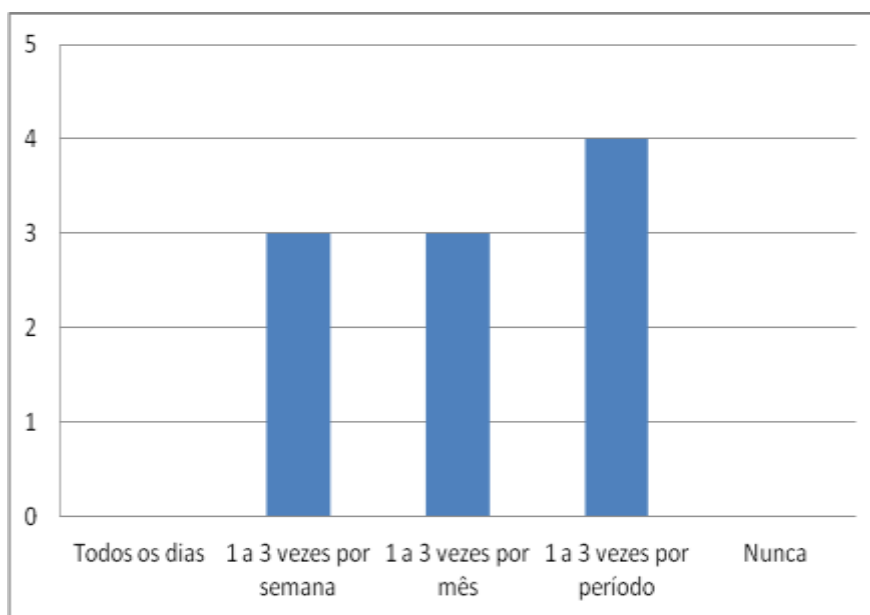


Gráfico nº 19 - Periodicidade de frequência da BE por parte dos professores

- Constatámos que 80% dos professores tem conhecimento dos materiais existentes na biblioteca escolar com interesse para o seu grupo de recrutamento, 10% não responde e apenas 10% não possui conhecimento dos mesmos (**gráfico nº 20**).

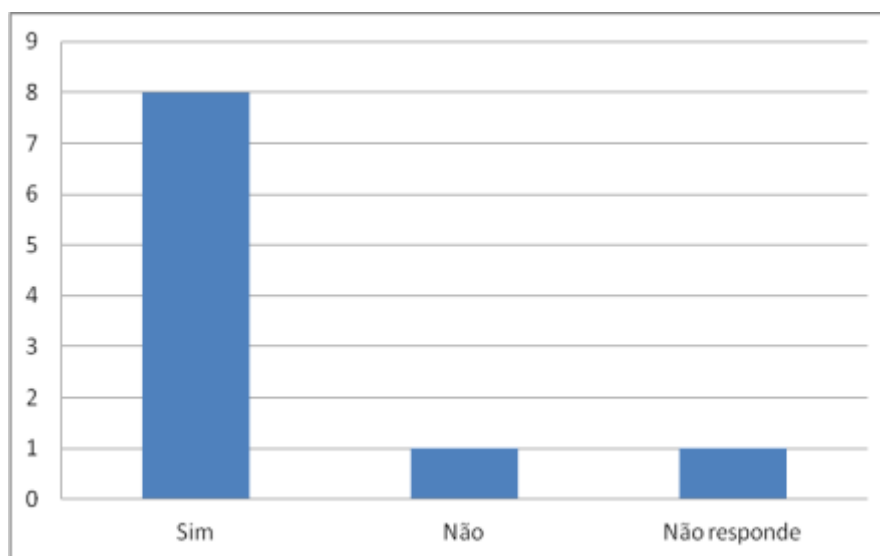


Gráfico nº 20 - Conhecimento por parte dos professores dos materiais existentes na BE para o seu grupo de recrutamento

- Os materiais existentes na biblioteca escolar são em número suficiente para 60% dos professores e 40% consideram-nos insuficientes (**gráfico nº 21**).

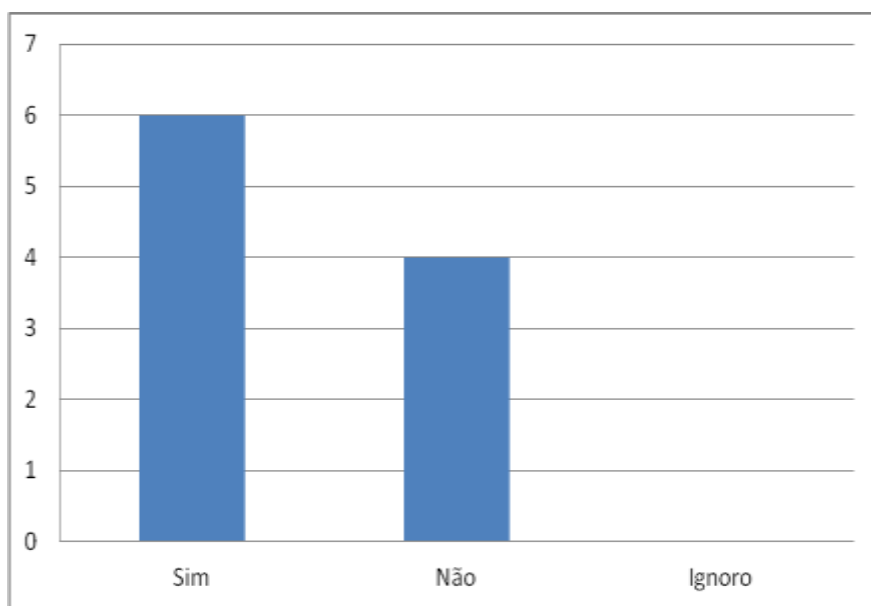


Gráfico n° 21 - Parecer dos professores sobre os materiais existentes na BE

- Há por parte de 60% dos professores o envolvimento na indicação de materiais a adquirir pela biblioteca escolar, enquanto que 40% não revela essa preocupação (**gráfico n° 22**).

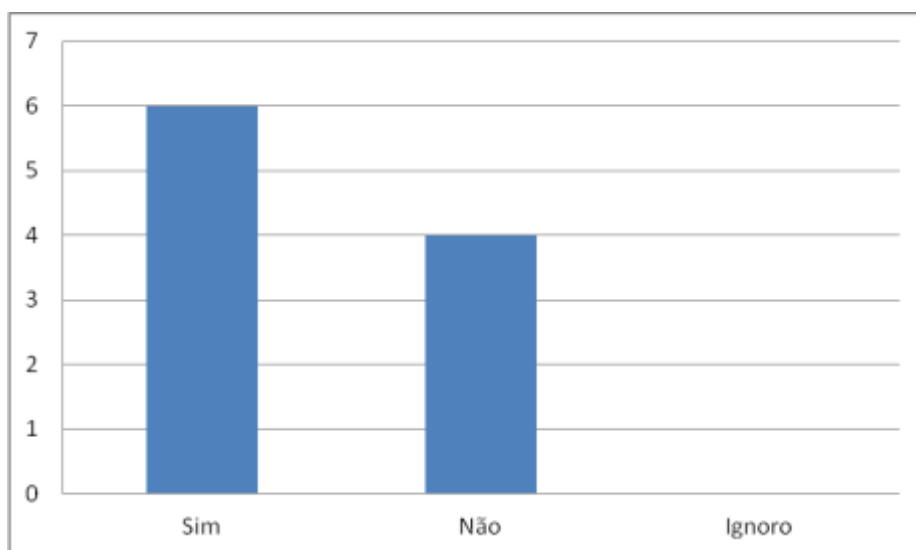


Gráfico n° 22 - Indicação dos materiais a adquirir pela BE por parte dos professores

- O blogue da biblioteca escolar é conhecido pelo menos por 80% dos professores (**gráfico n° 23**).

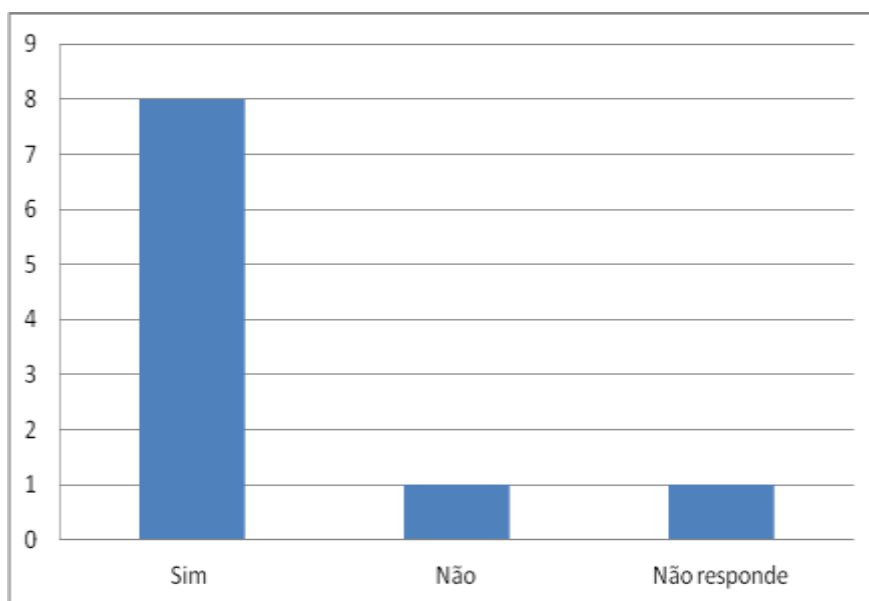


Gráfico 23 - Conhecimento do blogue da BE pelos professores

- Os recursos/fundo documental é o que mais agrada aos professores na biblioteca escolar, para de seguida surgir o espaço (**gráfico n° 24**).

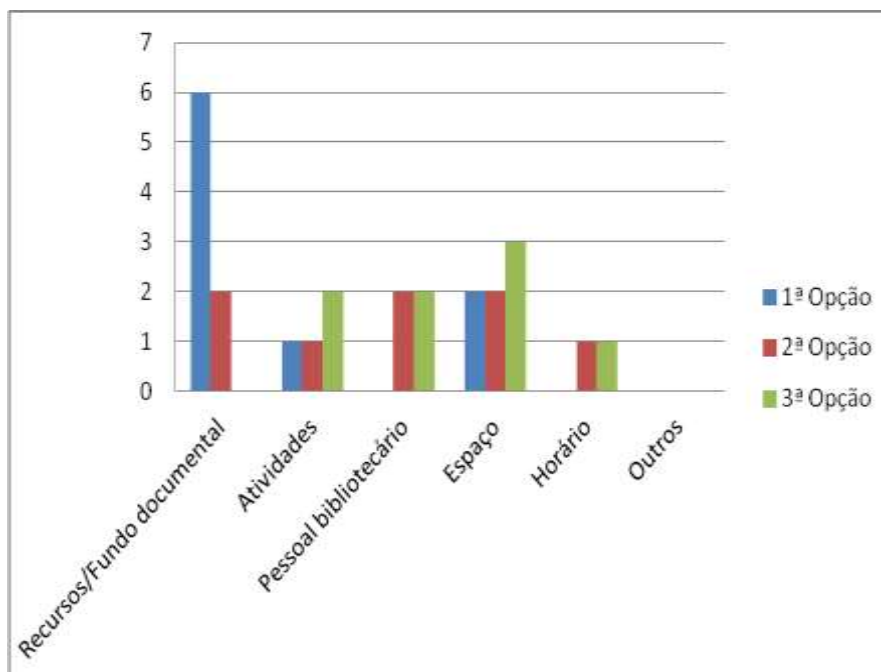


Gráfico n° 24 - Aspectos que mais agradam aos professores na BE

- A quase totalidade (90%) dos professores consideram muito importante a biblioteca escolar na consecução dos objetivos educativos e apenas 10% lhe atribuem pouca importância (**gráfico nº 25**).

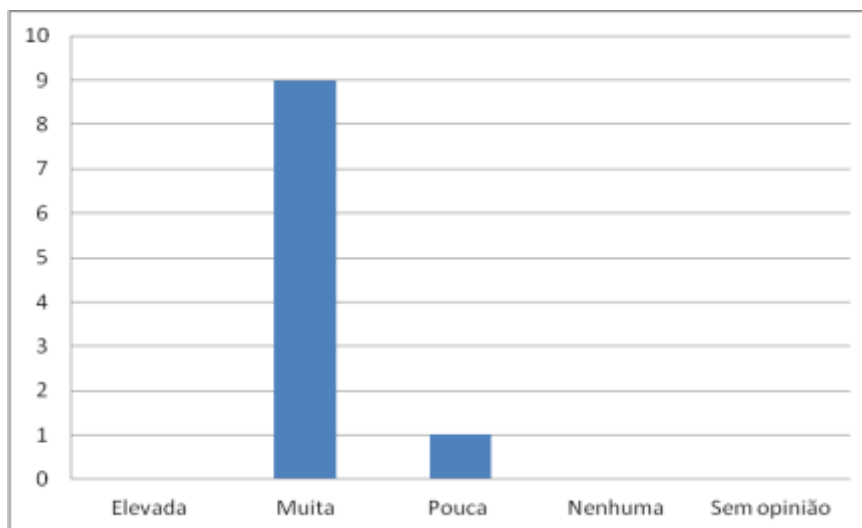


Gráfico nº 25 - Importância atribuída pelos professores à BE na consecução dos objetivos educativos

Relativamente à questão aberta: “**Que sugestões indica para que a biblioteca escolar possibilite mais satisfação?**”, responderam 30% dos professores, dos quais, 10% refere a “colocação de funcionários com formação”, 10% indica “mais atividades no âmbito da leitura” e 10% aponta “-Promova atividades com mais frequência - Filmes e documentários mais atuais - Mais interação entre o pessoal docente e a biblioteca”.

Questionário - Assistentes Operacionais e Assistentes Técnicos

A Direção da escola, indicou o encarregado dos assistentes para a distribuição aleatória de seis inquéritos pelo pessoal do qual é responsável, resultando o seguinte:

- Dos assistentes inquiridos cerca de 67% são do sexo feminino e 33% do sexo masculino (**gráfico nº 26**) e as suas idades situam-se em cerca de 33% entre os 35 e os 45 anos e 67% possuem mais de 45 anos (**gráfico nº 27**).

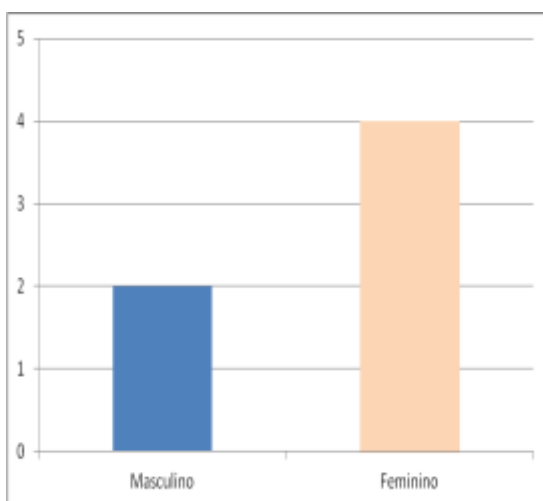


Gráfico nº 26 - Distribuição dos assistentes por sexo

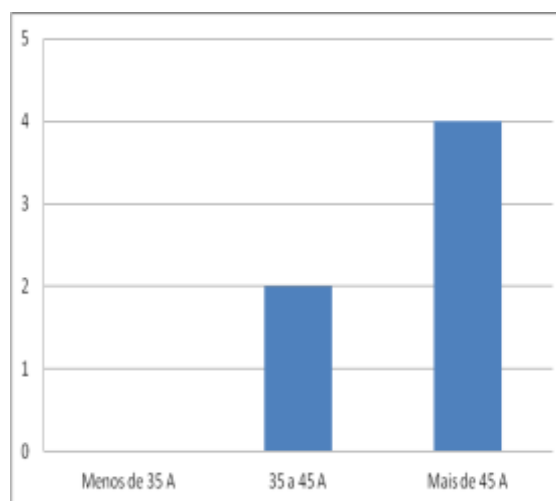


Gráfico nº 27 - Distribuição dos assistentes por idade

- A situação profissional dos inquiridos é que 50% pertence ao CIT/ Quadro (RPSC), cerca de 33% pertence ao CIT/ Quadro (RGSS) e 17% apresenta outra, ADSE, situação que não existe (**gráfico nº 28**) e quanto à função que desempenham, cerca de 83% são assistentes operacionais e apenas 17% são assistentes técnicos (**gráfico nº 29**).

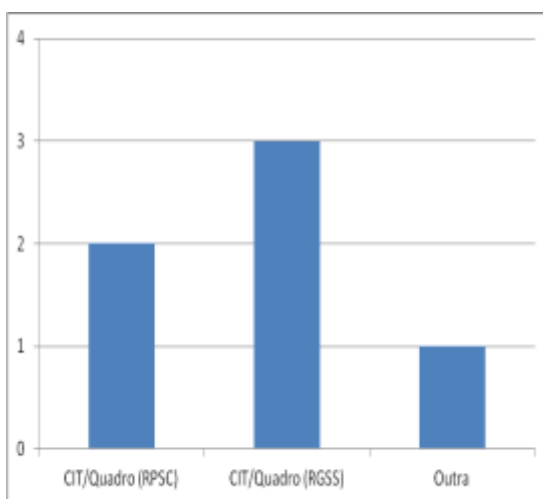


Gráfico nº 28 - Situação profissional dos assistentes

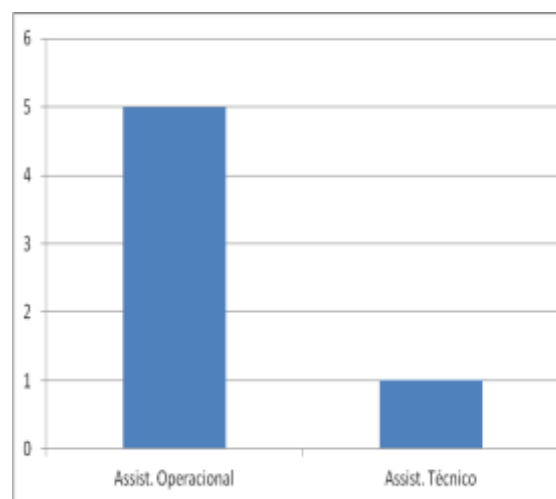


Gráfico nº 29 - Função desempenhada pelos assistentes

- Cerca de 83% dos assistentes encontra-se nesta escola há mais de 10 anos e 17% entre 3 e 10 anos (**gráfico nº 30**) e a totalidade dos inquiridos conhece a biblioteca escolar (**gráfico nº 31**).

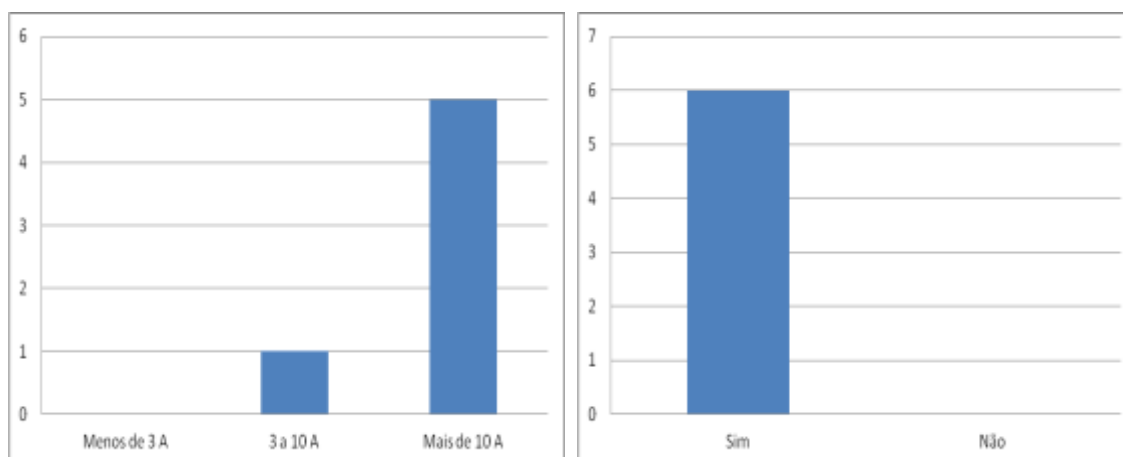


Gráfico nº 30 - Tempo de serviço dos assistentes nesta escola

Gráfico nº 31 - Conhecimento da BE pelos assistentes

- Apenas cerca de 33% dos assistentes se desloca frequentemente à biblioteca escolar e 67% o faz ocasionalmente (**gráfico nº 32**).

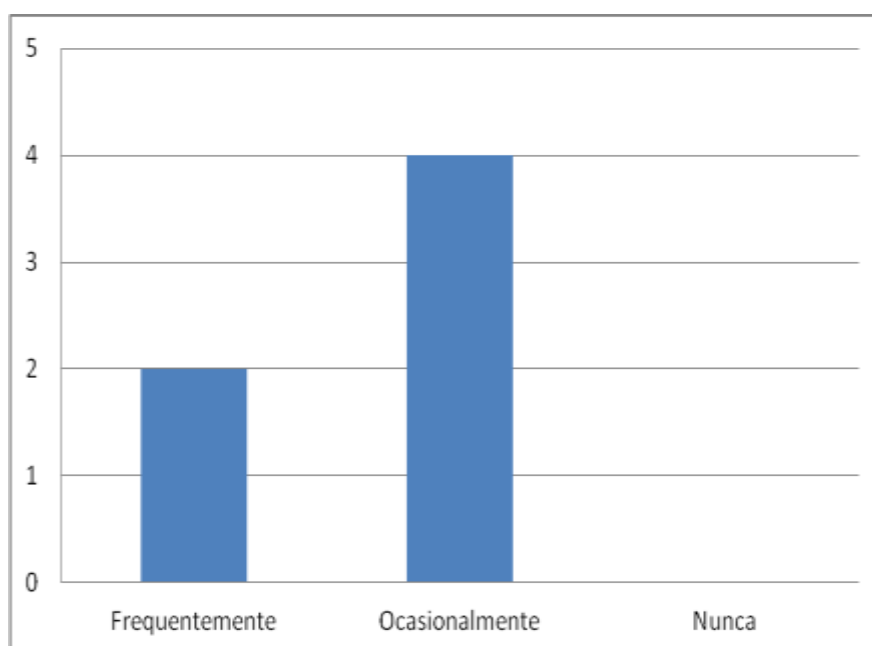


Gráfico nº 32 - Frequência com que os assistentes se deslocam à BE

- Os motivos apresentados para a frequência da biblioteca escolar é de 50% para ler jornais/revistas e os outros 50% para requisitar/consultar livros, no entanto um dos respondentes ainda indicou uma outra, “controlar alunos e funcionários” (**gráfico nº 33**).

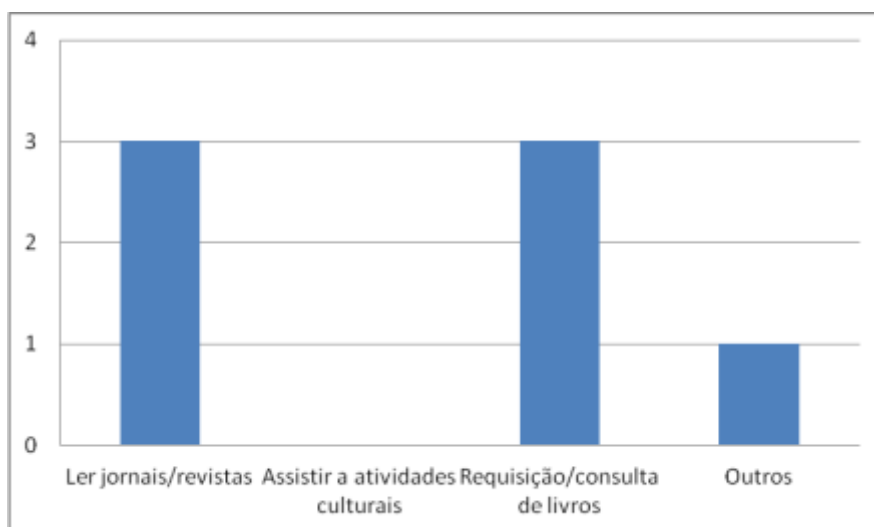


Gráfico n.º 33 - Finalidade com que os assistentes frequentam a BE

- Só cerca de 33% dos assistentes mostra um grau de satisfação elevado relativamente à biblioteca escolar enquanto que 67% sentem uma satisfação moderada (**gráfico n.º 34**).

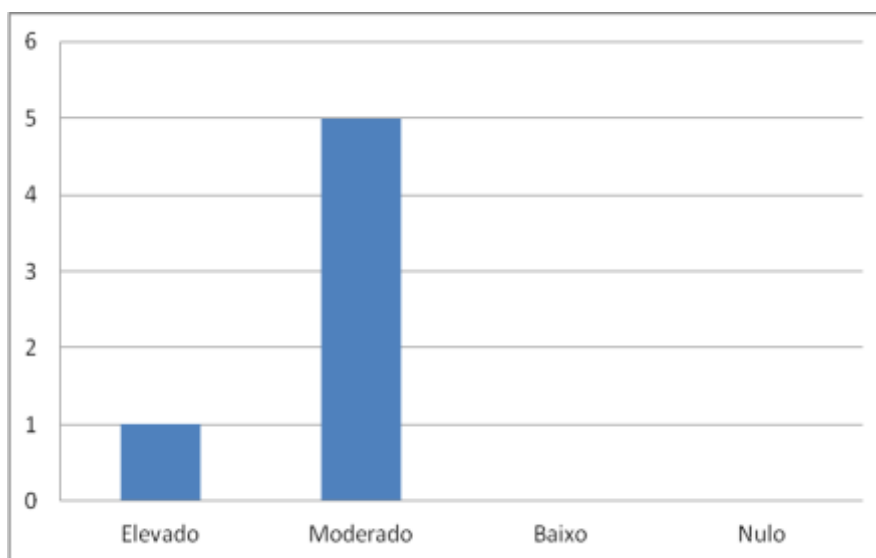


Gráfico n.º 34 - Grau de satisfação dos assistentes relativamente à BE

- Os recursos/fundo documental é o aspeto mais importante da biblioteca escolar para a totalidade dos assistentes, para de seguida surgir com 50% a disponibilidade do pessoal de apoio e por fim 17% o espaço (**gráfico n.º 35**).

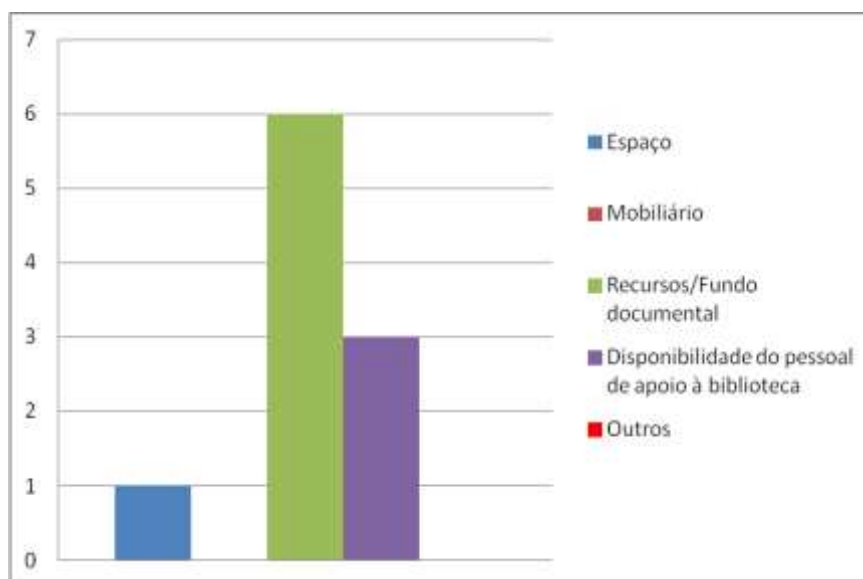


Gráfico nº 35 - Aspectos considerados mais importantes na BE pelos assistentes

- Todos os assistentes são unânimes em afirmar que conhecem as atividades realizadas pela biblioteca escolar (**gráfico nº 36**) e os meios para obter esse conhecimento é através da página da escola 50%, do boletim informativo 33% e do blogue da biblioteca 17% (**gráfico nº 37**).

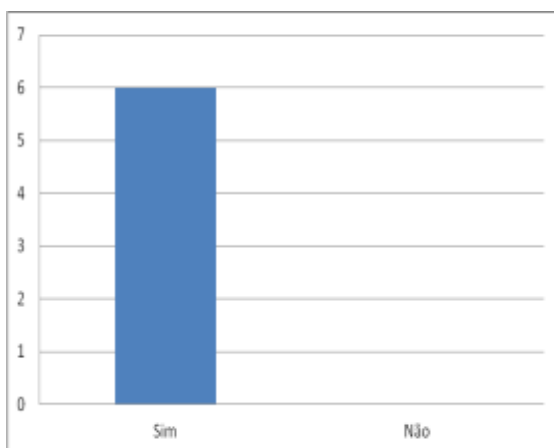


Gráfico nº 36 - Conhecimento das atividades da BE pelos assistentes

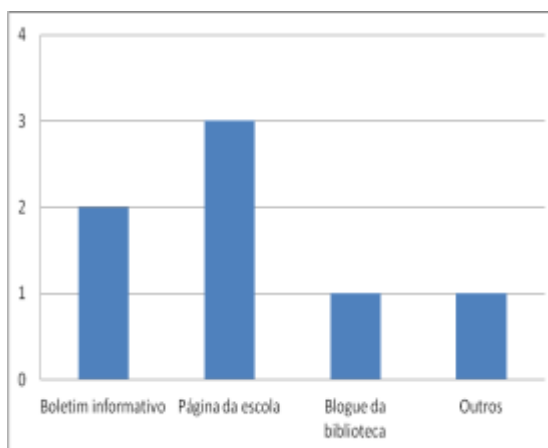


Gráfico nº 37 - Meio utilizado pelos assistentes para obter conhecimento das atividades da BE

Relativamente à questão aberta: “**Que sugestões indica para que a biblioteca escolar o(a) satisfaça/cative mais.**”, responderam apenas cerca de 17% dos inquiridos, tendo referido que são necessários mais professores na hora de almoço e atividades para todo o agrupamento, tipo ações de sensibilização (tabaco, drogas bebidas).

Questionário - Encarregados de Educação

Deslocamo-nos por três localidades do concelho de Gouveia para o preenchimento de dezoito questionários repartidos equitativamente pelos encarregados de educação dos três anos de escolaridade, tendo resultado o seguinte:

- Dos encarregados de educação inquiridos cerca de 78% são do sexo feminino e 22% do sexo masculino (**gráfico nº 38**) e as suas idades situam-se em cerca de 11% com menos de 35anos, 56% entre os 35 e os 45 anos e 33% com mais de 45 anos (**gráfico nº 39**).

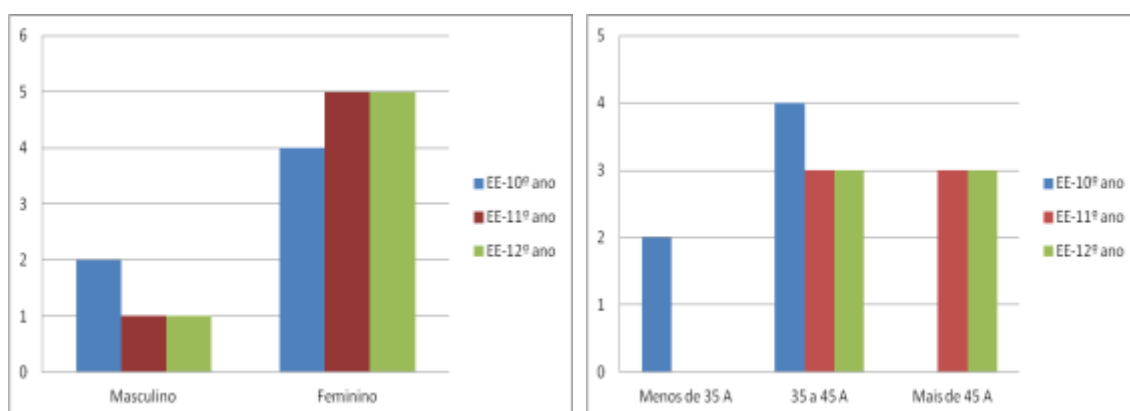


Gráfico nº 38 - Distribuição dos EE por sexo **Gráfico nº 39** - Distribuição dos EE por idade

- Há cerca de 83% dos encarregados de educação que não conhece a biblioteca escolar da escola que o seu educando frequenta e apenas 17% a conhecem (**gráfico 40**) e estes últimos, raramente a frequentam (**gráfico 41**).

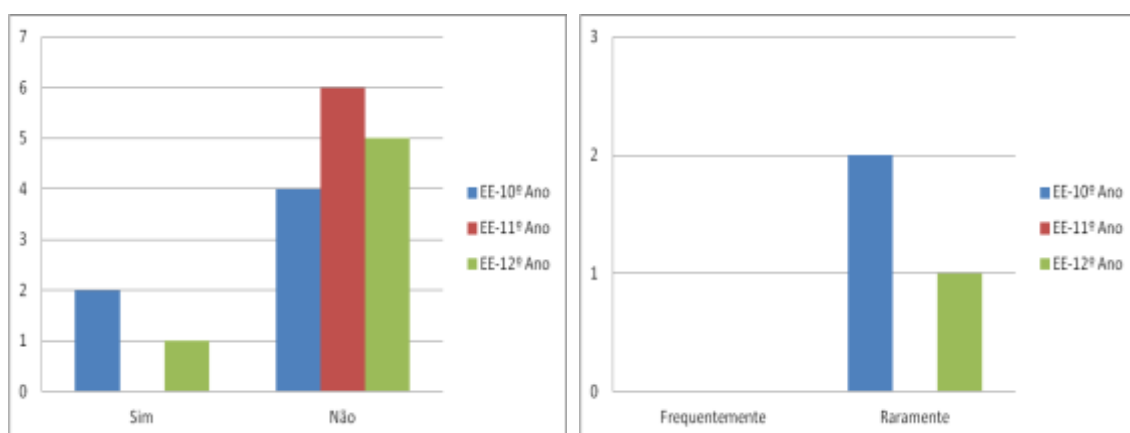


Gráfico nº 40 - Conhecimento da BE pelos EE **Gráfico nº 41** - Frequência com que os EE se deslocam à BE

- Quanto aos motivos que estão na origem da frequência escolar pelos encarregados de educação, um deles indicou duas opções e maioritariamente é para assistir a atividades culturais, seguindo-se o acompanhamento do educando e a requisição/consulta de livros (**gráfico nº 42**).

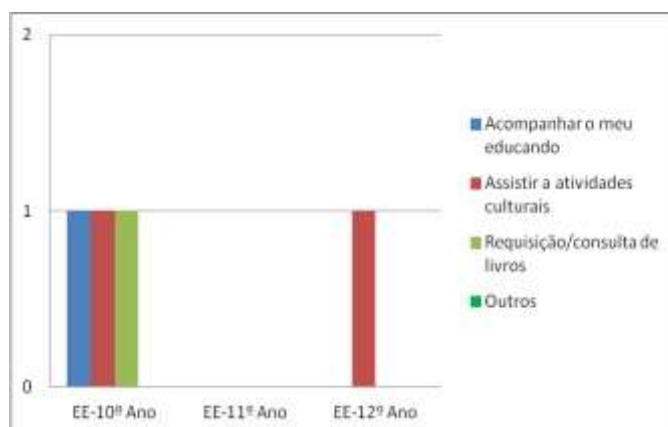


Gráfico nº 42 - Motivos da frequência da BE pelos EE

- Os encarregados de educação deveriam indicar três opções relativamente aos aspetos que consideram mais importantes na biblioteca escolar e apenas os encarregados de educação dos alunos que frequentam o 10º ano de escolaridade cumpriram conforme o solicitado, pelo que 33% omitiram opções. Houve unanimidade em considerar os recursos/fundo documental como o aspeto mais importante, para um número significativo (78%) optar pelo espaço, seguindo-se o mobiliário (50%) e por fim (39%) a disponibilidade do pessoal de apoio à biblioteca (**gráficos n.ºs 43 e 44**).

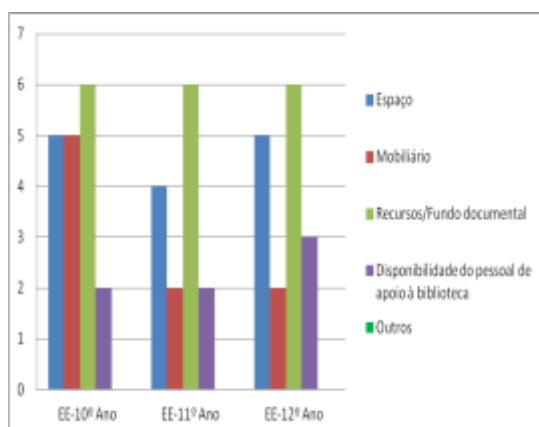


Gráfico nº 43 - Aspetos considerados mais importantes na BE pelos EE

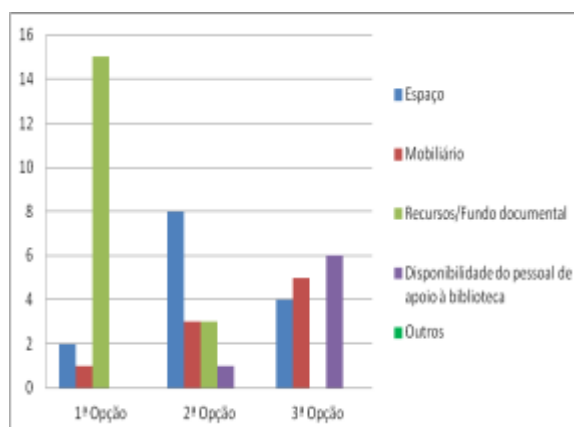


Gráfico nº 44 - Preferências dos EE quanto aos aspetos mais importantes na BE

- Há unanimidade em os encarregados de educação considerarem como muito importante a biblioteca escolar no desenvolvimento das aprendizagens dos seus educandos (**gráfico nº 45**).

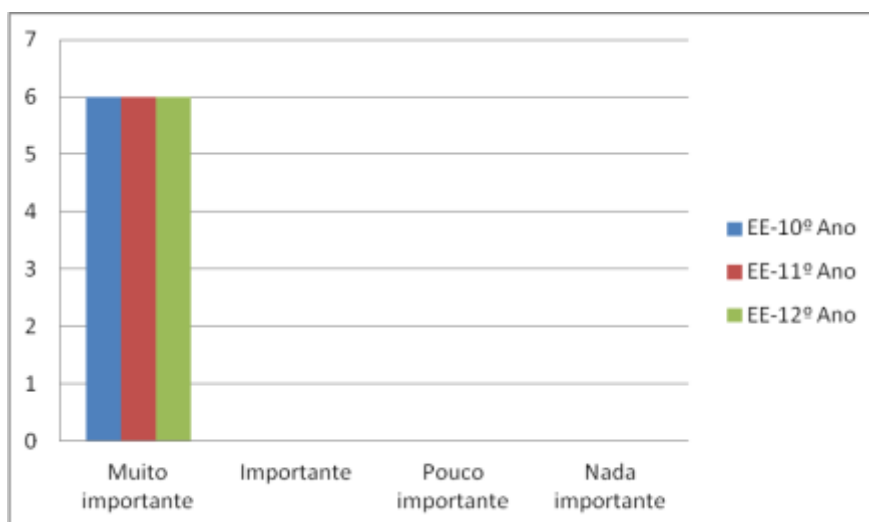


Gráfico nº 45 - Importância atribuída pelos EE à BE para o desenvolvimento das aprendizagens dos seus educandos

- Sobre o conhecimento ou não das atividades realizadas pela biblioteca escolar, há por parte dos encarregados de educação uma repartição equilibrada, exceção feita aos alunos do 12º ano de escolaridade, que tende ligeiramente para o desconhecimento (**gráfico nº 46**) e o meio para obtenção dessa informação é essencialmente através do seu educando, havendo uma minoria, sobretudo dos alunos do 10º ano de escolaridade que procuram outros meios, tais como, página da escola e boletim informativo (**gráfico nº 47**).

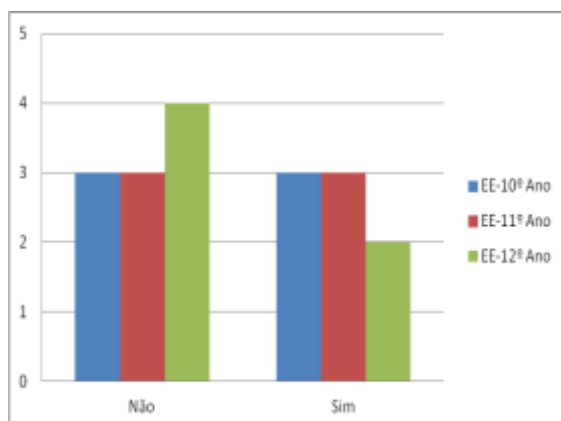


Gráfico nº 46 - Conhecimento pelos EE das atividades realizadas pela BE

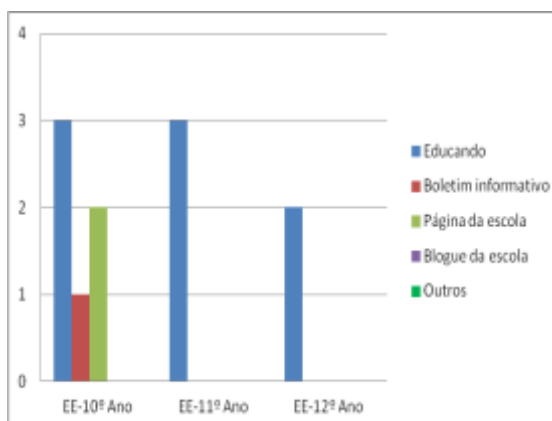


Gráfico nº 47 - Meio utilizado pelos EE para obter conhecimento das atividades da BE

Relativamente à questão aberta: **“Que sugestões indica para que a biblioteca escolar satisfaça/cative mais o seu educando?”**, cerca de 17% dos encarregados de educação dos alunos do 10º ano de escolaridade responderam, tendo referido que “Continuação das atividades já praticadas sendo muito positivas para a aprendizagem dos alunos” e cerca de 17% dos encarregados de educação dos alunos do 12º ano de escolaridade responderam, sugerindo que, “- Alargar o horário de funcionamento; - Tenha sempre um professor na biblioteca; - Motivar mais os EE com atividades conjuntas com os seus educandos (p. exº concursos)”.

Concluindo, constatamos que toda a comunidade escolar, considera a biblioteca escolar uma mais valia no dia a dia da escola, no entanto, apresentam um conjunto de aspetos que deveriam ser alterados ou melhorados para atingir a satisfação plena.

ANEXO 3

**PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO, À DIREÇÃO DA ESCOLA, PARA
APLICAR OS QUESTIONÁRIOS À COMUNIDADE EDUCATIVA**

Seia, 03 de abril de 2013

Licínio Alberto
16/04/2013

Exma. Sr.ª Diretora do Agrupamento de Escolas de Seia

Sou Licínio Alberto Nogueira Amaral, Professor do Quadro de Nomeação Definitiva, do Grupo de Recrutamento 430, na Escola Secundária de Seia e aluno de Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta.

No âmbito da Dissertação de Mestrado que estou a elaborar, pretendo realizar um estudo sobre as **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**. Neste contexto, é necessário recolher dados através de inquérito por questionário junto de assistentes operacionais e técnicos, alunos, encarregados de educação e professores. Garanto, sob compromisso de honra, que todos os dados serão tratados de forma anónima.

Solicito a V.ª. Excelência que autorize a passagem dos questionários junto da comunidade escolar.

Agradeço desde já a colaboração.

Com os mais respeitosos cumprimentos

Atenciosamente


(Licínio Alberto Nogueira Amaral)

ANEXO 4

**PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO, AOS ENCARREGADOS DE
EDUCAÇÃO, PARA APLICAR O QUESTIONÁRIO AOS SEUS
EDUCANDOS**

Agrupamento de Escolas de Seia

Exmo. Sr. ou Sr.^a Encarregado de Educação

No âmbito da elaboração de uma tese de Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**, o professor Licínio Amaral, da Escola Secundária de Seia, pretende recolher dados através de um inquérito por questionário aplicado aos alunos.

Averiguar da satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Pede-se, por isso, a sua cooperação.

O preenchimento do questionário é anónimo e não serão pedidos dados pessoais do seu educando. Solicita-se a sua autorização para que o trabalho se possa realizar.

O Professor Investigador

Eu, _____ Encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____ N.º ____ T.ª ____ do ____ ano de escolaridade, declaro que Autorizo /Não Autorizo o preenchimento, pelo meu educando, do questionário, para a elaboração de uma tese de Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Data: ____/____/ 2013

Assinatura do Enc. de Educação: _____

ANEXO 5

GUIÕES DAS ENTREVISTAS

Guião da entrevista estruturada ou dirigida à Diretora do Agrupamento.

GUIÃO DE ENTREVISTA

Este guião destina-se a orientar uma entrevista estruturada ou dirigida a efetuar à Diretora do Agrupamento de Escolas de Seia, sobre a importância da Biblioteca Escolar na satisfação da comunidade educativa.

A entrevista realizar-se-á no Gabinete da Diretora, terá a duração de 15 minutos e será objeto de negociação prévia com a mesma, com a finalidade de:

- Explicar o propósito da entrevista;
- Explicar qual o tipo de entrevista e qual o tempo aproximado da mesma;
- Garantir o consentimento do entrevistado;
- Garantir a privacidade e o anonimato do entrevistado;
- Solicitar autorização para gravar a entrevista.

O tipo de questões a serem utilizadas na entrevista serão abertas, permitindo ao entrevistado expressar-se livremente.

Tema A

Análise genérica da importância atribuída à existência da Biblioteca Escolar no Agrupamento.

1 - Objetivos

- 1.1. Envolvimento Direção - Biblioteca Escolar.
- 1.2. Perceção sobre o funcionamento da Biblioteca Escolar.

2 - Questões

- 2.1. Que relacionamento é mantido com a Biblioteca Escolar?
- 2.2. Que linhas orientadoras estão subjacentes para o funcionamento da Biblioteca?
- 2.3. Que ação desenvolve a Direção na aquisição de materiais para a Biblioteca?
- 2.4. O que pensa sobre o papel da Biblioteca no dia a dia do agrupamento?

Tema B

Análise das motivações para a envolvimento e a satisfação da comunidade educativa.

1 - Objetivos

- 1.1. Participação/utilização da comunidade educativa nas atividades desenvolvidas/recursos disponibilizados.
- 1.2. Averiguar se há preocupação da Direção para que a comunidade educativa se envolva e sinta satisfeita, com a Biblioteca Escolar.

2 - Questões

- 2.1. De que modo a Direção promove o envolvimento da Biblioteca Escolar com a comunidade educativa?
- 2.2. Como avalia a Direção, a satisfação da comunidade educativa, perante a Biblioteca?

Guião da entrevista estruturada ou dirigida à PB da Escola Secundária.

GUIÃO DE ENTREVISTA

Este guião destina-se a orientar uma entrevista estruturada ou dirigida a efetuar à Professora Bibliotecária da Biblioteca Escolar da Escola Secundária de Seia, sobre as atividades e recursos disponibilizados à comunidade educativa, de modo a averiguar quais as principais linhas de orientação nas opções tomadas para a sua concretização e satisfação da comunidade educativa.

A entrevista realizar-se-á no Gabinete de Trabalho - Bloco C, terá a duração de 15 minutos e será objeto de negociação prévia com a mesma, com a finalidade de:

- Explicar o propósito da entrevista;
- Explicar qual o tipo de entrevista e qual o tempo aproximado da mesma;
- Garantir o consentimento do entrevistado;
- Garantir a privacidade e o anonimato do entrevistado;
- Solicitar autorização para gravar a entrevista.

O tipo de questões a serem utilizadas na entrevista serão abertas, permitindo ao entrevistado expressar-se livremente.

Tema 0

Análise da caracterização social da entrevistada.

Objetivo: Identificar as características da professora bibliotecária.

Questões: Idade, situação profissional, tempo na escola, formação especializada (Se sim, qual?), ...

Tema A

Análise genérica da Biblioteca, sobre as atividades que desenvolve e os principais recursos que possui.

1 - Objetivos

- 1.1. Identificar as atividades desenvolvidas/Recursos disponibilizados.
- 1.2. Conhecer as estratégias para a seleção das(os) mesmas(os).

2 - Questões

- 2.1. Que tipos de atividades são desenvolvidas pela Biblioteca?
- 2.2. Que linhas orientadoras estão subjacentes para a opção por esse tipo de atividades?
- 2.3. Que tipo de recursos a Biblioteca disponibiliza à comunidade educativa?
- 2.4. O que pensa sobre os recursos que a Biblioteca disponibiliza?
- 2.5. Como são selecionados e adquiridos os recursos da Biblioteca?

Tema B

Análise das motivações para a envolvimento e a satisfação da comunidade educativa.

1 - Objetivos

- 1.3. Aferir da participação/utilização da comunidade educativa nas atividades desenvolvidas/recursos disponibilizados.
- 1.4. Averiguar se há preocupação da Biblioteca para que a comunidade educativa se envolva e sinta satisfeita.

2 - Questões

- 2.1. O que pensa sobre a participação/utilização da comunidade educativa nas atividades/recursos?
- 2.2. Que formas de divulgação são utilizadas para cativar/atrair o maior número possível de elementos da comunidade educativa?

ANEXO 6

ENTREVISTAS

Entrevista à Diretora do Agrupamento de Escolas de Seia

Entrevistador - E

Diretora do Agrupamento de Escolas de Seia - DAES

E - Bom dia Sr.^a Diretora!

DAES - Bom dia Licínio!

E - Quando solicitei esta entrevista, elucidei sobre a finalidade da mesma e os procedimentos a ter sobre a mesma. Tem alguma dúvida?

DAES - Não, podemos avançar!

E - Que idade tem?

DAES - Tenho 52 anos.

E - Há quanto tempo exerce cargo(s) de Direção?

DAES - Exerço cargos de Direção e Gestão Escolar há treze anos.

E - E neste agrupamento?

DAES - Neste Agrupamento de Escolas estou há três anos.

E - Em traços largos, o que pensa do agrupamento que dirige?

DAES - O AES é um novo mega agrupamento que resultou da agregação de três unidades de gestão distintas, uma escola secundária e dois agrupamentos, cada uma com identidades bem vincadas, daí que esta nova unidade é um agrupamento ainda, em construção, em busca de uma identidade própria. As escolas deste agrupamento são locais onde diariamente se dão respostas a inúmeras solicitações, através de um trabalho cooperado e alicerçado no sentir comum, com a indução de orgulho, da pertença, do respeito, da confiança, entre os diferentes elementos da comunidade educativa: direção, pessoal docente, pessoal não docente, alunos, família e comunidade. Este envolvimento, que temos vindo a construir, preconiza a interação e colaboração de todos como corresponsáveis no processo educativo, de modo a atingir um nível de qualidade que pretendemos de excelência.

É uma unidade com distintos profissionais capazes de alcançar o objetivo primordial de qualquer escola, o sucesso dos seus alunos e a construção de um percurso escolar sólido e completo.

E - Que relacionamento é mantido com a BE?

DAES - A BE e o seu trabalho são acompanhados com regularidade, como a comunicação pelas PB do que pretendem desenvolver, da observação de atividades, outros. As PB e a sua equipa têm apoio e condições para participarem em reuniões que permitem aprofundar a ligação da BE à escola, por exemplo, reuniões de Conselho Pedagógico, departamentos, conselhos de turmas, docentes, outros.

E - Que linhas orientadoras estão subjacentes para o funcionamento da Biblioteca?

DAES - A Biblioteca já não é mais vista como um espaço onde se arrumam livros ou coleções mas sim como uma organização que fornece serviços relativos à documentação e informação. A BE é um serviço constituído por um conjunto de recursos humanos qualificados, físicos e documentais devidamente organizados e está concebida como verdadeiro espaço de aprendizagem assumindo-se como centro de recursos ao dispor de toda a comunidade escolar, onde convivem pessoas de diferentes faixas etárias, de vários níveis económicos, várias raças. É parte integrante do processo educativo, espaço privilegiado de formação e do trabalho letivo, tornando-se um pólo dinamizador da vida pedagógica da escola. Neste sentido é também uma estrutura que coordena os diferentes saberes e as diferentes áreas curriculares pela promoção das literacias.

Acrescente-se que a BE está contemplada nos documentos institucionais que regulamentam o agrupamento: Projeto Educativo, Regulamento Interno, Projeto Curricular de Escola; A BE é também referida nos Projetos Curriculares de Turma, através do incentivo à sua utilização regular como meio de apoio ao estudo, à pesquisa de informação e à realização de trabalhos.

- O RI da escola contempla os seguintes aspetos: missão e objetivos da BE; organização funcional do espaço; organização e gestão dos recursos de informação; gestão dos recursos humanos afetos à BE; serviços prestados à comunidade escolar no âmbito do projeto educativo.

- O Regimento de funcionamento da BE contempla um capítulo dedicado à articulação da BE com as restantes estruturas pedagógicas do agrupamento (v. regimento da BE).

- A BE adequa os seus objetivos, recursos e atividades ao currículo nacional, ao projeto curricular da escola e aos projetos curriculares das turmas (ver atividades desenvolvidas ao longo do ano em parceria com as várias turmas, no âmbito das ciências, educação sexual, metas curriculares, ...).

- O plano de ação e o plano anual de atividades da BE entroncam nas quatro finalidades do projeto educativo do agrupamento e estão relacionados com o plano anual de atividades do mesmo; referem ainda, de forma explícita, atividades de articulação com o agrupamento (v. plano de ação da BE, plano anual de atividades da BE e plano anual de atividades do agrupamento).

E - Que ação desenvolve a Direção na aquisição de materiais para a Biblioteca?

DAES - Embora a BE não tenha uma verba anual (por sugestão das PB), no entanto, apresenta condições – recursos materiais para cumprir os requisitos necessários de funcionamento de acordo com as orientações da RBE, designadamente para a renovação dos equipamentos e a atualização da coleção.

E - O que pensa sobre o papel da Biblioteca no dia a dia do agrupamento?

DAES - A BE tem de ir ao encontro dos novos paradigmas sociais, económicos, culturais e educacionais. A função da BE, para além de formar leitores competentes é cada vez mais um suporte indispensável ao desenvolvimento curricular e tem como principal missão apoiar a escola no desenvolvimento do Projeto Educativo. O desenvolvimento do currículo faz-se de saberes transversais e as TIC promovem a sua articulação na medida em que constituem em si mesmo o espaço e os recursos para esta integração.

A BE assume uma importância fundamental, enquanto mediadora do acesso à informação e dos processos de construção do conhecimento. Sobre a BE recai a responsabilidade de colaborar com os professores disciplinares no desenvolvimento das competências que permitam aos alunos realizar com sucesso os seus trabalhos académicos, desenvolver processos de metacognição para uma aprendizagem ao longo da vida e ser leitores autónomos e críticos, capazes de ler nos mais variados suportes.

A BE, enquanto centro de recursos tem o potencial para participar em todos os currículos das disciplinas, num ambiente de partilha e colaboração com os professores e com os alunos da sua escola, tendo sempre como base várias competências: na literacia da informação, trabalho colaborativo e seleção de informação tendo em conta a sua relevância, autoria e pertinência. Contribuindo assim para o desenvolvimento pessoal dos alunos, no sentido destes lerem melhor, aprenderem a pesquisar, melhorarem as competências tecnológicas, aprenderem mais e assim terem melhores resultados.

A BE, como o espaço interdisciplinar integrado no projeto pedagógico, é um meio primordial para desenvolver competências, possibilita e oferece espaços e recursos: físicos e humanos para a concretização da atividade, partilha da mesma através do trabalho colaborativo entre os professores das diferentes disciplinas e da BE.

É importante realçar para além da componente física a componente humana da BE. O PB surge cada vez mais como elemento estruturante da dinamização de várias competências: liderança, planeamento, organização, coordenação, motivação, ser desafiador, gestor de conflitos, conservação, gestão orçamental, renovação de acervo e apoio aos leitores/ utilizadores.

Existem, no meu ponto de vista, características fundamentais num PB entre elas: dinamismo, disponibilidade, simpatia, profissionalismo, tolerância, paciência, amabilidade, saber orientar de forma a cativar os leitores, pois sem alunos não há BE. É importante e cada vez mais essencial a colaboração do PB e da sua equipa com os seus pares de forma a ir ao encontro da função da BE de agente facilitador das aprendizagens e ao desenvolvimento individual dos utilizados (alunos).

E - De que modo a Direção promove o envolvimento da BE com a comunidade educativa?

DAES - A direção tem apoiado a biblioteca em todos os projetos dinamizados pela BE, quer no âmbito da promoção da leitura, como o Projeto Leituras há Muitas, o projeto das maletas com as escolas do 1.º ciclo e Jardins de Infância que não têm biblioteca, quer no âmbito das literacias da informação, científicas. Este ano, a equipa dinamizou atividades no âmbito das ciências com os JI e escolas do 1.º ciclo, apresentando um projeto ciência viva. Durante a semana da leitura, a equipa da BE envolve sempre toda a comunidade escolar inclusive os Pais e familiares dos alunos.

A equipa de BE celebrou:

- parcerias internas com as seguintes estruturas pedagógicas da escola/do agrupamento: Jardins de Infância e Escolas Básicas do 1º Ciclo, Grupos Disciplinares de Português 2.º Ciclo e Português 3.º Ciclo, Educação Especial, Espaço Lúdico (v. estatísticas de empréstimos);
- parcerias externas com as seguintes instituições: Biblioteca Municipal, Câmara Municipal, Juntas de Freguesias e Associações.

Ainda há pouco, as professoras bibliotecárias solicitaram o preenchimento de uma

grelha do modelo autoavaliação da biblioteca escolar – MABE – domínio D – Gestão da BE e como diretora do agrupamento avalei, no ponto 2 do questionário – “De que forma é a BE apoiada para desenvolver as competências e o sucesso dos alunos” -, como “implementado com sucesso” nos itens “ A BE é apoiada nas suas iniciativas para promover as competências de leitura, na integração dos recursos da BE e possibilidades de trabalho no processo de planificação e no desenvolvimento das atividades formativas e curriculares; implementação de procedimentos comuns na escola/agrupamento para o desenvolvimento de competências de informação, por exemplo, na utilização de um modelo de pesquisa; identificação de necessidades de formação para o desenvolvimento das competências tecnológicas e de literacias de informação dos alunos; identificação de necessidades de formação para o desenvolvimento das competências tecnológicas e de literacias de informação dos docentes e iniciativas para promover as competências de leitura) e um ponto com “implementado, mas a requerer ações para melhoria” no item “envolvimento da BE nas decisões relacionadas com a política de gestão da informação dentro da escola/agrupamento e a sua ligação ao PTE e a outros projetos”.

E - Como avalia a Direção, a satisfação da comunidade educativa, perante a Biblioteca?

DAES - Mediante os relatórios apresentados pelas professoras bibliotecárias, as BE revelam-se uma mais valia, pois foi aplicado um inquérito a alguns elementos da comunidade educativa, concluindo-se que as bibliotecas surgem como recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído papel central em domínios tão importantes como: a aprendizagem da leitura; a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura; a capacidade de selecionar informação e atuar criticamente perante a quantidade e diversidade de fundos e suportes que hoje é posta à disposição das pessoas; o desenvolvimento de métodos de estudo, de investigação autónoma; o aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística.

E - Não tenho mais questões, deseja acrescentar mais alguma coisa?

DAES - Não, não tenho mais nada a dizer.

E - Então, o meu obrigado pela disponibilidade manifestada.

DAES - Não tem de quê.

Entrevista à professora bibliotecária

Entrevistador - E

Professora bibliotecária - PB

E - **Muito bom dia!**

PB - Bom dia Licínio!

E - **Quando solicitei esta entrevista, elucidei sobre a finalidade da mesma e os procedimentos a ter sobre a mesma. Tens alguma dúvida?**

PB - Não, estou esclarecida e consciente da importância da mesma.

E - **Então, dando início à mesma, qual a tua idade?**

PB - Tenho 49 anos.

E - **Qual a situação profissional?**

PB - Sou professora do quadro de nomeação definitiva do Agrupamento de Escolas de Seia, Escola Secundária de Seia, local onde leciono desde o ano letivo de 1988/89, 25 anos.

E - **Este tempo de serviço, foi sempre na BE?**

PB - Não, na Biblioteca estou há onze anos.

E - **Possuis alguma formação especializada?**

PB - Neste momento tenho formação especializada na área das bibliotecas escolares: pós-graduação em Gestão de Bibliotecas Escolares e pós-graduação em Ciências da Informação e da Documentação.

E - **Que tipo de atividades são desenvolvidas pela Biblioteca?**

PB - A Biblioteca desenvolve atividades de promoção do livro e da leitura, de defesa e promoção da cultura, de desenvolvimento das literacias da informação, de apoio aos programas curriculares, de desenvolvimento das capacidades de autonomia, de aquisição de competências de recolha, seleção, tratamento e utilização da informação e lúdicas.

E - **Que linhas orientadoras estão subjacentes para opção por esse tipo de atividades?**

PB - As linhas orientadoras para a opção por esse tipo de atividades estão de acordo com os princípios do Manifesto das Bibliotecas Escolares da Unesco: apoiar e promover

os objetivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola; criar e manter nos jovens o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida; proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer; apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade; providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas; organizar atividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social; trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola; defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia; promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela; desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação; associar a leitura, os livros e a frequência de bibliotecas à ocupação lúdica dos tempos livres.

E - Que tipo de recursos a Biblioteca disponibiliza à comunidade educativa?

PB - A Biblioteca disponibiliza à comunidade educativa diferentes e diversificados recursos, nomeadamente um fundo documental constituído por livros (obras de referência, enciclopédias, dicionários, romances...), DVD, CD CR-ROM, documentos VHS, jornais e revistas; um blogue com indicação de links importantes para realização de trabalhos de pesquisa e publicação de materiais essenciais para a elaboração de trabalhos; computadores portáteis para utilização em sala de aula para realização de trabalhos de pesquisa; computadores fixos no espaço da Biblioteca para realização de pesquisas e atividades de lazer; duas televisões e respetivo leitor de DVD para visionamento de filmes ou programas de TV.

E - O que pensas sobre os recursos que a Biblioteca disponibiliza?

PB - No que se refere ao fundo documental, é atualíssimo no que refere à Literatura Portuguesa e Estrangeira traduzida para português. Nas restantes áreas é menos

atualizado por diversas razões: os docentes não dão informações para a aquisição de documentos das áreas que lecionam e que seriam essenciais para consulta, as verbas para aquisição de fundo documental não existem, o que torna difícil a aquisição de documentos atualizados. Os jornais e as revistas são em número reduzido, sendo, apenas, um, diário; as revistas são somente duas, uma semanal e outra quinzenal. A coleção de CD e CD-ROM é muito desatualizada e a coleção de DVD é bastante atual. Portanto, os recursos da Biblioteca, no que se refere ao seu acervo, não me satisfazem, o mesmo acontecendo com os utilizadores, especialmente os alunos. Relativamente aos restantes recursos, penso que são suficientes para satisfazer as necessidades dos utilizadores.

E - Como são selecionados e adquiridos os recursos da Biblioteca?

PB - Os recursos são selecionados a partir de indicações dadas pelos docentes, que como referi, anteriormente, raramente fazem qualquer indicação à professora bibliotecária dos recursos a adquirir e quando o fazem solicitam documentos antigos e esgotados, o que inviabiliza a sua aquisição. Muitos documentos são selecionados pela professora bibliotecária tendo em atenção o conteúdo dos documentos e os currículos dos alunos, tentando desta forma disponibilizar documentos atualizados aos utilizadores. A aquisição é mais complicada uma vez que a maioria das vezes não há dinheiro para os comprar. Normalmente são adquiridos com algum dinheiro que se consegue através da realização de diversas feiras, venda de livros e rifas. No que se refere à literatura portuguesa ou estrangeira as novidades que se encontram na biblioteca resultam da oferta de alguns leitores, especialmente da professora bibliotecária.

E - O que pensas sobre a participação/utilização da comunidade educativa nas atividades/recursos?

PB - A participação da comunidade educativa nas atividades desenvolvidas pela Biblioteca é muito positiva, mas poderia ser muitíssimo positiva se o corpo docente encarasse as atividades desenvolvidas como um complemento dos programas curriculares e não como algo solto que não tem nada a ver com os seus conteúdos. Há uma grande falta de cooperação/colaboração dos docentes na programação e dinamização de atividades conjuntas, mesmo que estas estejam relacionadas com os conteúdos lecionados nas aulas. Alguns dos recursos são muitíssimo utilizados, nomeadamente os computadores, quer os portáteis quer a requisição do espaço da

Biblioteca para pesquisa nos fixos. Os alunos participam nas atividades porque lhes é dito que devem participar, mas, muitas vezes, os docentes não lhes explicam porque estão presentes, quais são os objetivos que se pretendem atingir e o que se espera da sua presença.

E - Que formas de divulgação são utilizadas para cativar/atrainr o maior número possível de elementos da comunidade educativa?

PB - Para divulgação das atividades recorro à publicação da informação, normalmente cartazes, na página da escola, no blogue da Biblioteca, no Portal da RBEMS (Rede de Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia) e na emissão de emails quer aos docentes quer aos alunos. Em algumas situações distribuimos impressões dos cartazes de divulgação pelos espaços da Escola e pelas Instituições do Concelho. Uma outra forma de divulgação das atividades da Biblioteca é o Jornal do Agrupamento "Vivências...".

E - Chegámos ao final, mais uma vez o meu obrigado.

PB - Não há nada para agradecer. Pois, esta entrevista poderá de certa forma, trazer alguns benefícios para as BE em geral.

ANEXO 7

**ANÁLISE DE CONTEÚDO
DAS
ENTREVISTAS**

Análise de conteúdo da entrevista à Diretora do AES

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
1. Análise da caracterização social da entrevistada.	Tempo de serviço no cargo	O tempo de serviço no cargo coincide (ou não) com o tempo de serviço no AES	<i>Exerço cargos de Direção e Gestão Escolar há treze anos. Neste Agrupamento de Escolas estou há três anos.</i>
	Tempo de serviço no AES		
	Conhecimento/opinião do AE	O que pensa do agrupamento que dirige	<i>As escolas deste agrupamento são locais onde diariamente se dão respostas a inúmeras solicitações, através de um trabalho cooperado e alicerçado no sentir comum, com a indução de orgulho, da pertença, do respeito, da confiança, entre os diferentes elementos da comunidade educativa: direção, pessoal docente, pessoal não docente, alunos, família e comunidade. Este envolvimento, que temos vindo a construir, preconiza a interação e colaboração de todos como corresponsáveis no processo educativo, de modo a atingir um nível de qualidade que pretendemos de excelência.</i>
2. Análise genérica da importância atribuída à existência da Biblioteca Escolar no Agrupamento	Relação com a BE	Tipo de relacionamento	<i>A BE e o seu trabalho são acompanhados com regularidade, (...)As PB e a sua equipa têm apoio e condições para participarem em reuniões que permitem aprofundar a ligação da BE à escola.</i>
	Linhas orientadoras que estão subjacentes para o funcionamento da BE	Orientação da BE	<i>A BE é um serviço constituído por um conjunto de recursos humanos qualificados, físicos e documentais devidamente organizados e está concebida como verdadeiro espaço de aprendizagem assumindo-se como centro de recursos ao dispor de toda a comunidade escolar, (...)tornando-se um pólo dinamizador da vida pedagógica da escola. (...) é também uma estrutura que coordena os diferentes saberes e as diferentes áreas curriculares pela promoção das literacias. (...) a BE está contemplada nos documentos institucionais que regulamentam o agrupamento: Projeto Educativo, Regulamento Interno, Projecto Curricular de Escola; A BE é também referida nos Projetos Curriculares de Turma, através do incentivo à sua utilização regular como meio de apoio ao estudo, à pesquisa de informação e à realização de trabalhos; - O Regimento de funcionamento da BE contempla um capítulo dedicado à articulação da BE com</i>

			<i>as restantes estruturas pedagógicas do agrupamento (v. regimento da BE).</i>
	Ação desenvolvida pela Direção na aquisição de materiais para a Biblioteca	Forma de aquisição de materiais para a BE	<i>Embora a BE não tenha uma verba anual (por sugestão das PB), no entanto, apresenta condições – recursos materiais para cumprir os requisitos necessários de funcionamento de acordo com as orientações da RBE, designadamente para a renovação dos equipamentos e a atualização da coleção.</i>
	Opinião sobre o papel da Biblioteca no dia-a-dia do agrupamento	Importância da BE para o agrupamento	<i>A BE tem de ir ao encontro dos novos paradigmas sociais, económicos, culturais e educacionais. A função da BE, para além de formar leitores competentes é cada vez mais um suporte indispensável ao desenvolvimento curricular e tem como principal missão apoiar a escola no desenvolvimento do Projecto Educativo. O desenvolvimento do currículo faz-se de saberes transversais e as TIC promovem a sua articulação na medida em que constituem em si mesmo o espaço e os recursos para esta integração. A BE assume uma importância fundamental, enquanto mediadora do acesso à informação e dos processos de construção do conhecimento. Sobre a BE recai a responsabilidade de colaborar com os professores disciplinares no desenvolvimento das competências que permitam aos alunos realizar com sucesso os seus trabalhos académicos, desenvolver processos de metacognição para uma aprendizagem ao longo da vida e ser leitores autónomos e críticos, capazes de ler nos mais variados suportes. (...) Contribuindo assim para o desenvolvimento pessoal dos alunos, no sentido destes lerem melhor, aprenderem a pesquisar, melhorarem as competências tecnológicas, aprenderem mais e assim terem melhores resultados.(...) É importante e cada vez mais essencial a colaboração do PB e da sua equipa com os seus pares de forma a ir ao encontro da função da BE de agente facilitador das aprendizagens e do desenvolvimento individual dos utilizadores (alunos).</i>

3. Análise das motivações para a envolvência e a satisfação da comunidade educativa.	Promoção do envolvimento da Biblioteca Escolar com a comunidade educativa	Formas de envolvimento promovidas pela direção	<p><i>A direção tem apoiado a biblioteca em todos os projetos dinamizados pela BE, quer no âmbito da promoção da leitura, como o Projeto Leituras há Muitas, o projeto das maletas com as escolas do 1.º ciclo e JInfância que não têm biblioteca, quer no âmbito das literacias da informação, científicas. Este ano, a equipa dinamizou atividades no âmbito das ciências com os JI e escolas do 1.º ciclo, apresentando um projeto ciência viva. Durante a semana da leitura, a equipa da BE envolve sempre toda a comunidade escolar inclusivé os Pais e familiares dos alunos.</i></p> <p><i>A BE é apoiada nas suas iniciativas para promover as competências de leitura, na integração dos recursos da BE e possibilidades de trabalho no processo de planificação e no desenvolvimento das atividades formativas e curriculares; implementação de procedimentos comuns na escola/agrupamento</i></p>
	Como avalia a Direção, a satisfação da comunidade educativa relativamente à BE	Avaliação da satisfação da Comunidade educativa	<p><i>Mediante os relatórios apresentados pelas professoras bibliotecárias, as bibliotecas escolares revelam-se uma mais valia, pois foi aplicado um inquérito a alguns elementos da comunidade educativa, concluindo-se que as bibliotecas surgem como recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído papel central em domínios tão importantes como: a aprendizagem da leitura; a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura; a capacidade de seleccionar informação e actuar criticamente perante a quantidade e diversidade de fundos e suportes que hoje é posta à disposição das pessoas; o desenvolvimento de métodos de estudo, de investigação autónoma; o aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística</i></p>

Análise de conteúdo da entrevista à PB do AES

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
1. Análise da caracterização social da entrevistada.	Situação profissional	Professor(a) do quadro de escola/agrupamento	<i>Sou professora do quadro de nomeação definitiva do Agrupamento de Escolas de Seia</i>
	Tempo de serviço	O tempo de serviço na escola coincide (ou não) com o tempo de serviço exercido como PB	<i>Tenho 25 de anos de serviço (...). Na Biblioteca estou há onze anos.</i>
	Formação especializada	Especialização para o exercício do cargo de PB	<i>Tenho formação especializada na área das bibliotecas escolares, pós-graduação em Gestão de Bibliotecas Escolares e pós-graduação em Ciências da Informação e da Documentação.</i>
2. Análise genérica da Biblioteca, sobre as atividades que desenvolve e os principais recursos que possui.	Atividades desenvolvidas pela Biblioteca	Tipo de atividades	<i>Atividades de promoção do livro e da leitura, de defesa e promoção da cultura, de desenvolvimento das literacias da informação, de apoio aos programas curriculares, de desenvolvimento das capacidades de autonomia, de aquisição de competências de recolha, seleção, tratamento e utilização da informação e lúdicas.</i>
	Linhas orientadoras que estão subjacentes na opção das atividades	Orientação das atividades	<i>(...) de acordo com os princípios do Manifesto das Bibliotecas Escolares da Unesco.</i>
	Tipo de recursos que a Biblioteca disponibiliza à comunidade educativa	Recursos da BE	<i>(...) um fundo documental constituído por livros, DVD, CD CR-ROM, documentos VHS, jornais e revistas; um blogue com indicação de links importantes para realização de trabalhos de pesquisa; computadores fixos no espaço da Biblioteca para realização de pesquisas e atividades de lazer; duas televisões e respetivo leitor de DVD para visionamento de filmes ou programas de TV.</i>
	Opinião sobre os recursos que a Biblioteca disponibiliza	Grau de satisfação quanto aos Recursos da BE.	<i>(...), no que se refere ao seu acervo, não me satisfazem, o mesmo acontecendo com os utilizadores, especialmente os alunos. Relativamente aos restantes recursos, penso que são suficientes para satisfazer as necessidades dos utilizadores.</i>
	Como são selecionados e adquiridos os recursos da Biblioteca	Quem seleciona e adquire os recursos da Biblioteca	<i>Os recursos são selecionados a partir de indicações dadas pelos docentes. (...) Muitos documentos dão selecionados pela professora bibliotecária tendo em atenção o conteúdo dos documentos e os currícula dos alunos,. (...) A aquisição é mais complicada uma vez que a maioria das vezes não há dinheiro para os comprar. Normalmente são adquiridos com algum dinheiro que se consegue através da realização de diversas</i>

			<i>feiras, venda de livros e rifas. No que se refere à literatura portuguesa ou estrangeira as novidades que se encontram na biblioteca resultam da oferta de alguns leitores, especialmente da professora bibliotecária.</i>
3. Análise das motivações para a envolvência e a satisfação da comunidade educativa.	Opinião sobre a participação/utilização da comunidade educativa nas atividades/recurso	Participação/utilização da comunidade educativa nas atividades/recurso	<i>(...) é muito positiva, mas poderia ser muitíssimo positiva se o corpo docente encarasse as atividades desenvolvidas como um complemento dos programas curriculares e não como algo solto que não tem nada a ver com os seus conteúdos. Há uma grande falta de cooperação/colaboração dos docentes na programação e dinamização de atividades conjuntas (...). Alguns dos recursos são muitíssimo utilizados, nomeadamente os computadores: os portáteis, a requisição do espaço da Biblioteca para pesquisa nos fixos. Os alunos participam nas atividades porque lhes é dito que devem participar, mas, muitas vezes, os docentes não lhes explicam porque estão presentes, quais são os objetivos que se pretendem atingir e o que se espera da sua presença.</i>
	Formas de divulgação são utilizadas para cativar/atrair o maior número possível de elementos da comunidade educativa	Divulgação das atividades	<i>(...) recorro à publicação da informação, normalmente cartazes, na página da escola, no blogue da Biblioteca, no Portal da RBEMS (Rede de Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia) e na emissão de emails quer aos docentes quer aos alunos. Em algumas situações distribuimos impressões dos cartazes de divulgação pelos espaços da Escola e pelas Instituições do Concelho. Uma outra forma de divulgação das atividades da Biblioteca é o Jornal do Agrupamento "Vivências...".</i>

ANEXO 8

MATRIZ DE OBJETIVOS DOS QUESTIONÁRIOS

Matriz de objetivos do questionário aos alunos.

Enquadramento do questionário relativamente ao projeto de investigação:

Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense.

Questão de investigação: Quais os contributos da Biblioteca Escolar para a satisfação da comunidade educativa?

Esta questão subdivide-se nas seguintes subquestões:

- Que conceções possuem os elementos da comunidade educativa relativamente à Biblioteca Escolar?
- De que forma contribui a Biblioteca Escolar para a promoção e dinamização cultural da comunidade educativa?
- Como são perspetivados os benefícios resultantes da existência da Biblioteca?

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Itens
Caracterizar a amostra.	- Identificar o ano de escolaridade, género e idade dos alunos.	1. 2. 3.
Conhecer as conceções dos alunos sobre a BE.	- Avaliar a importância da existência da BE, para os alunos. - Averiguar a frequência da BE, pelos alunos. - Identificar os motivos para a frequência da BE, os recursos mais usados e as atividades mais relevantes para os alunos.	4. 5. 6. 7. 8. 9. 10.
Analisar o grau de satisfação com a BE	- Avaliar a satisfação relativamente à BE.	11. 12.

Matriz de objetivos do questionário aos professores.

Enquadramento do questionário relativamente ao projeto de investigação:

Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense.

Questão de investigação: Quais os contributos da Biblioteca Escolar para a satisfação da comunidade educativa?

Esta questão subdivide-se nas seguintes subquestões:

- Que conceções possuem os elementos da comunidade educativa relativamente à Biblioteca Escolar?
- De que forma contribui a Biblioteca Escolar para a promoção e dinamização cultural da comunidade educativa?
- Como são perspetivados os benefícios resultantes da existência da Biblioteca?

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Itens
Caracterizar a amostra.	- Identificar o género, idade, grupo de recrutamento, tempo de serviço, situação profissional e permanência dos professores na escola.	1. 2. 3. 4. 5. 6.
Conhecer as conceções dos professores sobre a BE.	- Avaliar a importância da existência da BE, para os professores. - Averiguar a frequência da BE, pelos professores. - Identificar o (des)conhecimento dos materiais existentes na BE, pelos professores.	7. 8. 9. 10. 11. 12. 13.
Analisar o grau de satisfação com a BE	- Avaliar a satisfação relativamente à BE.	14. 15. 16.

Matriz de objetivos do questionário aos Assistentes operacionais e Assistentes técnicos.

Enquadramento do questionário relativamente ao projeto de investigação:

Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense.

Questão de investigação: Quais os contributos da Biblioteca Escolar para a satisfação da comunidade educativa?

Esta questão subdivide-se nas seguintes subquestões:

- Que conceções possuem os elementos da comunidade educativa relativamente à Biblioteca Escolar?
- De que forma contribui a Biblioteca Escolar para a promoção e dinamização cultural da comunidade educativa?
- Como são perspetivados os benefícios resultantes da existência da Biblioteca?

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Itens
Caracterizar a amostra.	- Identificar o género, a idade, a situação profissional, a função e o tempo de permanência dos assistentes operacionais e assistentes técnicos na escola.	1. 2. 3. 4. 5.
Conhecer as conceções do pessoal não docente sobre a BE.	- Averiguar sobre o conhecimento da BE, pelos assistentes operacionais e assistentes técnicos.. - Avaliar a frequência da BE, pelos assistentes operacionais e assistentes técnicos. - Identificar os motivos da frequência da BE, pelos assistentes operacionais e assistentes técnicos.	6. 11. 7. 8.
Analisar o grau de satisfação com a BE	- Avaliar a satisfação relativamente à BE.	9. 10. 12.

Matriz de objetivos do questionário aos Encarregados de Educação.

Enquadramento do questionário relativamente ao projeto de investigação:

Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense.

Questão de investigação: Quais os contributos da Biblioteca Escolar para a satisfação da comunidade educativa?

Esta questão subdivide-se nas seguintes subquestões:

- Que conceções possuem os elementos da comunidade educativa relativamente à Biblioteca Escolar?
- De que forma contribui a Biblioteca Escolar para a promoção e dinamização cultural da comunidade educativa?
- Como são perspetivados os benefícios resultantes da existência da Biblioteca?

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Itens
Caracterizar a amostra.	- Identificar o género, a idade e o ano de escolaridade do aluno/educando, relativamente aos encarregados de educação.	1. 2. 3.
Conhecer as conceções dos EE sobre a BE.	- Averiguar sobre o conhecimento da BE, pelos encarregados de educação. - Avaliar a frequência da BE, pelos encarregados de educação. - Identificar a importância da BE, para os encarregados de educação.	4. 10. 5. 6. 7. 8. 9.
Analisar o grau de satisfação com a BE	- Avaliar a satisfação relativamente à BE.	11. 12.

ANEXO 9

QUESTIONÁRIOS FINAIS

QUESTIONÁRIO

ALUNOS

Este questionário destina-se à recolha de dados para a elaboração de uma dissertação, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Averiguar a satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Por isso, o teu contributo é precioso.

Agradeço, desde já, a tua colaboração no preenchimento deste questionário.

Preenche-o com sinceridade, mostrando o que realmente pensas.

Este questionário é anónimo, por isso ninguém vai saber as respostas que deres.

1. Ano de escolaridade

10.º Ano

11.º Ano

12.º Ano

Ensino Noturno

2. Género

Masculino

Feminino

3. Idade

_____ anos

4. Qual a importância da existência da biblioteca escolar na tua escola?

Elevada.

Média.

Baixa.

Nenhuma.

Sem opinião.

5. Com que frequência costumás utilizar a biblioteca escolar?

- Todos os dias.
- Uma a três vezes por semana.
- Uma a três vezes por mês.
- Uma a três vezes por período.
- Uma a três vezes por ano letivo.
- Nunca.

6. Consideras suficiente a tua frequência da biblioteca escolar?

- Sim (Se foi esta a tua opção passa à questão 7.)
- Não

6.1. Indica a principal razão porque não frequentas mais vezes a biblioteca escolar.

- Porque não tem nada de interessante.
- Porque o espaço não é atraente.
- Porque não tenho tempos livres.
- Porque os professores não solicitam para tal.
- Outras (diz quais). _____
- _____
- _____

7. Com que finalidade utilizas a biblioteca escolar?

(Indica apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolheres).

- Efetuar pesquisas para a execução de trabalhos escolares.
- Ver filmes.
- Ouvir música.
- Participar em atividades culturais.
- Utilizar o computador.
- Estudar.
- Ler.
- Jogar.
- Outras (diz quais). _____
- _____
- _____

8. Indica os recursos a que mais recorres na biblioteca escolar.

(Indica apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolheres).

 Livros. Jornais. Revistas. Filmes. Enciclopédias. Dicionários. Computador. Outros (diz quais). _____

_____**9. Quais as atividades realizadas pela biblioteca escolar que consideras mais interessantes?** (Indica apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolheres). Exposições. Palestras. Debates. Sessões de poesia. Sessões de contos. Dramatizações. Feiras do livro. Ações de formação/sensibilização. Comemorações “Dia de ...” Concursos. Outras (diz quais). _____

_____**10. Que recursos consideras que fazem falta na biblioteca escolar?** Computadores. Videoprojector. Livros. Mesa de som. nenhuns. Outros (diz quais). _____

QUESTIONÁRIO

PROFESSORES

Este questionário destina-se à recolha de dados para a elaboração de uma dissertação, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Averiguar a satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Por isso, o seu contributo é precioso.

Agradeço, desde já, a sua colaboração. Este questionário é anónimo.

1. Género

Masculino Feminino

2. Idade

_____ Anos

3. Indique o seu grupo de recrutamento.

4. Tempo de serviço

_____ Anos

5. Qual a sua situação profissional?

PQND.

PQZP.

Professor contratado.

Outra.(Indique qual) _____

6. Há quanto tempo leciona nesta escola?

_____ Anos

7. Que importância atribui à existência da biblioteca escolar?

- Elevada.
- Média.
- Baixa.
- Nenhuma.
- Sem opinião.

8. Sugere aos alunos a utilização da biblioteca escolar para a elaboração de trabalhos de pesquisa?

- Sempre.
- Muitas vezes.
- Às vezes.
- Raramente.
- Nunca.

9. Com que frequência utiliza a biblioteca escolar?

- Todos os dias.
- Uma a três vezes por semana.
- Uma a três vezes por mês.
- Uma a três vezes por período.
- Uma a três vezes por ano letivo.
- Nunca.

10. Conhece os materiais escolares existentes na biblioteca escolar com interesse para o seu grupo de recrutamento?

- Sim.
- Não.

11. Considera suficientes os materiais existentes na biblioteca escolar?

- Sim.
- Não. **Diga quais?** _____

12. Dá indicações de materiais a adquirir pela biblioteca escolar?

- Sempre.
- Muitas vezes.
- Às vezes.
- Raramente.
- Nunca.

13. Conhece o blogue da biblioteca escolar?

- Sim.
- Não.

14. Que lhe agrada mais na biblioteca escolar? (Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher)

- Recursos/Fundo documental.
- Atividades.
- Equipa da biblioteca.
- Espaço.
- Horário.
- Outros (*Indique quais*). _____
- _____
- _____
- _____

15. Que importância atribui à biblioteca escolar na consecução dos objetivos educativos?

- Elevada.
- Média.
- Baixa.
- Nenhuma.
- Sem opinião.

QUESTIONÁRIO

ASSISTENTES OPERACIONAIS E TÉCNICOS

Este questionário destina-se à recolha de dados para a elaboração de uma dissertação, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Averiguar a satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Por isso, o seu contributo é precioso.

Agradeço, desde já, a sua colaboração. Este questionário é anónimo.

1. Género

Masculino Feminino

2. Idade

_____ Anos

3. Situação profissional

CIT/Quadro (RPSC) CIT/Quadro (RGSS)
 Outra (*Indique qual*) _____

4. Função

Assistente Técnico Assistente Operacional

5. Há quanto tempo se encontra nesta escola?

_____ Anos

6. Conhece a biblioteca escolar?

Sim Não (**Se foi esta a sua opção passe à questão 9.**)

7. Com que frequência se desloca à biblioteca escolar?

- Todos os dias.
- Uma a três vezes por semana.
- Uma a três vezes por mês.
- Uma a três vezes por período.
- Uma a três vezes por ano letivo.
- Nunca.

8. Que motivos estão na origem da frequência da biblioteca escolar?

- Ler jornais/revistas.
- Assistir a atividades culturais.
- Requisitar/consultar livros.
- Outros (*Indique quais*). _____
- _____
- _____
- _____

9. Como classifica o seu grau de satisfação relativamente à biblioteca escolar?

- Elevado
- Moderado
- Baixo
- Nulo

10. Que lhe agrada mais na biblioteca escolar? (*Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher*)

- Espaço.
- Mobiliário.
- Recursos/Fundo documental.
- Disponibilidade do pessoal de apoio à biblioteca.
- Outros (*Indique quais*). _____
- _____
- _____
- _____

QUESTIONÁRIO

ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Este questionário destina-se à recolha de dados para a elaboração de uma dissertação, no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta, sobre o tema: **“Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense”**.

Averiguar a satisfação da comunidade educativa relativamente à biblioteca escolar é fundamental, para que se criem condições que conduzam a uma utilização eficaz dos seus espaços e recursos. Por isso, o seu contributo é precioso.

Agradeço, desde já, a sua colaboração. Este questionário é anónimo.

1. Género

Masculino Feminino

2. Idade

_____ Anos

3. Que ano frequenta o seu educando?

10.º Ano 11.º Ano 12.º Ano

4. Conhece a biblioteca da escola que o seu educando frequenta?

Não (Se foi esta a sua opção passe à questão 8.)

Sim

5. Com que frequência se desloca à biblioteca escolar?

Uma vez por semana.

Uma vez por mês.

Uma vez por período.

Uma vez por ano letivo.

Nunca.

6. Considera suficiente a sua frequência da biblioteca escolar? Sim Não (Se foi esta a sua opção responda à questão 6.1.)**6.1. Indique as razões porque não frequenta mais vezes a biblioteca escolar.** Porque não são promovidas atividades específicas para os EE/Pais. Porque o espaço é inadequado para EE/Pais. Porque a biblioteca não solicita para tal. Por falta de tempo. Outras (diga quais). _____

7. Que motivos estão na origem da frequência da biblioteca escolar?

(Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher).

 Acompanhar o meu educando. Assistir a atividades culturais. Requisitar/consultar livros. Outros (diga quais). _____

8. Que aspetos considera mais importantes na biblioteca escolar?

(Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher).

 Espaço. Mobiliário. Recursos/Fundo documental. Disponibilidade do pessoal de apoio à biblioteca. Outros (diga quais). _____

9. Que importância atribui à biblioteca escolar para o desenvolvimento das aprendizagens do seu educando?

- Elevada.
- Média.
- Baixa.
- Nenhuma.
- Sem opinião.

10. Tem conhecimento das atividades realizadas pela biblioteca escolar da escola que o seu educando frequenta?

- Não.
- Sim. (Se foi esta a sua opção responda à questão 10.1.)

10.1. Por que meio toma conhecimento das atividades da biblioteca escolar?

(Indique apenas 3 opções, atribuindo 1 à principal, 2 à seguinte e 3 à última que escolher).

- Educando.
- Boletim informativo.
- Página da escola.
- Blogue da biblioteca.
- Outros (diga quais). _____
- _____
- _____

11. Como classifica o seu grau de satisfação relativamente à biblioteca escolar?

- Elevado
- Moderado
- Baixo
- Nulo

ANEXO 10

**DISTRIBUIÇÃO DAS SUGESTÕES APRESENTADAS PELA
COMUNIDADE EDUCATIVA PARA QUE A BE CRIE MAIS
SATISFAÇÃO**

SUGESTÕES DOS ALUNOS

Sugestões	Ano de escolaridade			
	10º ano	11º ano	12º ano	Ensino noturno
A BE precisa de mais livros técnicos, principalmente mecânica, eletricidade e hidráulica. Os de eletrónica estão desatualizados (1964) e alguns volumes foram furtados, necessitando atualização.	0	1	0	0
A biblioteca deveria ter funcionárias mais simpáticas, que em vez de fazer com que os alunos não tenham apetite de lá ir, façam para que exista mais alunos na biblioteca.	1	0	0	0
A biblioteca devia ter funcionários mais simpáticos, que não estivessem sempre de mau humor e que ajudassem os alunos.	1	0	0	0
A D. X não devia estar no pavilhão C, pois já estão lá muitos que chegam.	1	0	0	0
Abrir clubes, como fotografia, história, entre outros. Mais livros de preparação para testes.	0	0	1	0
Acho que devia realizar mais exposições de arte quer para os alunos do curso, quer para a restante comunidade escolar. E não dar tanta “atenção” a sessões de contos e poesias ...	1	0	0	0
Acho que na última semana de aulas de cada período poderia dinamizar, em conjunto com os alunos e professores, uma semana cultural com atividades de humanidades, artes entre outros para alunos de ciências assim como vice-versa. Convidar pessoas para darem palestras sobre assuntos do dia-a-dia, uma espécie de semana em que não nos focássemos apenas nas disciplinas do nosso curso, mas sim ganhássemos asas e pudéssemos voar para outros horizontes. Acho que isso iria cativar os alunos, não todos como è óbvio, mas aqueles que procuram aplicar o ditado “o saber não ocupa lugar” nas suas vidas.	1	0	0	0
Agora a biblioteca em si, acho que não poderia estar melhor!!	1	0	0	0
Algo relacionado com música e filmes.	2	0	0	0
Apresentação de vários livros.	1	0	0	0
Aquisição de mais livros e filmes. Criação de teatros.	1	0	0	0
Arranjar playstations para nas horas de almoço jogarmos, assim o tempo passa mais rápido.	1	0	0	0
Atividades didáticas.	1	0	0	0
Atividades lúdicas.	0	2	0	0
Atividades para tempos livres.	0	0	1	0
Bibliotecárias mais simpáticas e um serviço mais tolerante.	0	1	0	0
Campanhas de promoção à leitura.	0	0	1	0
Concursos de Karaoke.	1	0	0	0
Concursos, mais computadores e atividades educativas	0	0	1	0

Criação de um espaço mais interativo, que cativa os alunos à leitura.	0	0	1	0
Deixar jogar nos computadores.	0	1	0	0
Deve estar aberta à noite. Devia ser um espaço de debate, com profissionais capazes de aconselhar os alunos nas pesquisas.	0	0	0	1
Devia estar aberta ao ensino noturno, para possibilitar consultar os vários materiais e usufruir de livros que nem sempre é possível adquirir por motivos financeiros.	0	0	0	1
Devia estar mais tempo aberta.	0	0	0	1
Disponibilizar mais computadores. Melhorar o acesso à internet.	0	0	1	0
Divulgar as atividades e convidar mensalmente um autor. Atendimento mais simpático e funcional.	0	1	0	0
Divulgar mais os concursos e atividades realizadas, através dos professores de português junto das suas respectivas turmas.	0	1	0	0
Divulgar melhor as atividades realizadas. Realizar mais atividades educativas e de lazer. Abrir mais cedo e fechar mais tarde. Para que os alunos tirem mais proveito antes e depois das aulas. Mais secretárias, cadeiras e computadores. Melhor luminosidade na área reservada aos livros.	0	0	1	0
É sugiro que façam mais atividades para cativar os alunos a lerem mais e a ler coisas que desconhecem.	1	0	0	0
Esteja aberta no horário noturno.	0	0	0	4
Fazer mais chá de letras. Fazer mais chá de letras.	0	1	0	0
Fazer mais concursos e sessões de sensibilização.	0	1	0	0
Fazer mais exposições de arte.	0	1	0	0
Fazer mais palestras e exposições. Ter livros mais variados e atuais.	0	0	1	0
Fazer mais palestras, concursos, etc.	1	0	0	0
Fazerem mais jogos para os alunos.	1	0	0	0
Incentivar com atividades entre alunos das várias turmas.	0	0	1	0
Internet mais rápida e eficiente.	0	1	0	0
Livros mais atuais.	0	0	1	0
Maior e melhor variedade de livros.	1	0	0	0
Mais atividades como exposições, visitas de escritores à escola com acesso de todos os anos.	0	1	0	0
Mais atividades, mais conteúdos a nível de informação e melhor atendimento.	0	0	1	0
Mais atividades.	2	2	1	0
Mais computadores.	3	0	1	0
Mais dramatizações e concursos.	1	0	0	0
Mais palestras e debates.	0	1	0	0
Mais palestras e possuir uma maior variedade de documentos sobre a informação atual.	0	0	1	0

Mais portáteis, pois os que existem não são em número suficiente.	0	0	1	0
Mudar as bibliotecárias (algumas), realizar mais exposições, mais tipos de filmes e livros.	1	0	0	0
Mudar de funcionários e realizar mais atividades.	0	1	0	0
Mudar para funcionários mais simpáticos.	0	1	0	0
Nada a sugerir, porque se encontra fechada à noite.	0	0	0	1
Nada de especial	6	3	1	0
Nada, acho a biblioteca com boas condições, as senhoras são simpáticas, tem uma extensa variedade de livros, tem computadores em condições e muitos filmes.	1	0	0	0
Não me ocorre nenhuma ideia.	0	1	0	0
Não ocupar a biblioteca com aulas, deslocar as turmas para salas com computadores.	0	1	0	0
Não se realizem aulas na biblioteca, por vezes os alunos necessitam de utilizar a biblioteca e não podem. Mais tolerância da parte das funcionárias. As atividades são bastante boas.	0	1	0	0
Não sugiro nada!	1	0	0	0
Novas atividades.	1	0	0	0
Os funcionários da biblioteca são pouco simpáticos e atenciosos, com as pessoas que a frequentam, estando sempre a implicar ao mínimo de barulho.	0	1	0	0
Para além de ser um espaço para consultas e pesquisas, deve desenvolver atividades como: feiras de cultura, religiões, etc..	0	0	1	0
Para cativar os alunos, a biblioteca poderia organizar mais atividades, como concursos, debates, palestras e dramatizações. Penso que na escola se poderiam realizar concursos que abordassem diversos temas, como literatura e ciência, permitindo aos alunos a apresentação de poemas e a escrita de artigos científicos.	1	0	0	0
Permitir jogos de computadores, pois estão bloqueados. Bloquear o facebook. Dividir a biblioteca em duas partes: uma para computadores para jogar e outra dedicada ao estudo. Colocar funcionários que respeitem mais os alunos.	0	1	0	0
Poderiam fazer workshops, apelativos. Estarem mais presentes na vida dos alunos.	1	0	0	0
Por matraquilhos, alguns divertimentos.	1	0	0	0
Possuir funcionários com bom caráter e personalidade. Pois, são muito antipáticas. Abaixo a funcionária X.	0	1	0	0
Promover concursos com prémios entre colegas ou turmas. Mais atividades e mais publicidade das mesmas.	0	1	0	0
Promover mais atividades práticas com filmes em vez de livros.	0	0	1	0

Propor mais atividades, para poder cativar mais a comunidade educativa, atividades que envolvam toda a comunidade escolar. Tornar o espaço mais “divertido”, de forma a explorar os gostos dos jovens.	1	0	0	0
Que arranjam mais computadores	1	0	0	0
Que desempenham mais funcionalidades, que o espaço de estudo seja mais agradável e que haja mais visitas de autores. Como por exemplo: Francisco Salgueiro.	1	0	0	0
Que os funcionários sejam mais atenciosos e simpáticos.	0	1	0	0
Que sejam desenvolvidas mais atividades com os alunos em tempo de aulas	0	0	1	0
Que tenha mais atividades, novidades nos filmes, nos livros (mangas, livros sobre fantasias exº guerra dos tronos).	1	0	0	0
Realização de concursos de trabalhos de pesquisa relacionados com a matéria das várias disciplinas.	0	0	1	0
Realização de mais feiras do livro e eventos a nível de artes e das ciências sócio-económicas. Algumas das funcionárias são antipáticas.	0	0	1	0
Realização de semanas temáticas. Exºs semana da aventura, semana dos romanos, ...	0	0	1	0
Realizar e promover concursos. Realizar sessões de filmes e/ou comentários com o objetivo de aproximar os alunos da dimensão cinematográfica.	0	0	1	0
Realizar mais ações de formação. Aumentar a qualidade dos livros e de outros produtos de pesquisa.	0	1	0	0
Realizar mais ações de formação. Aumentar a qualidade dos livros e de outros produtos de pesquisa.	0	1	0	0
Sessões de filmes pelo menos uma vez por semana. Chamar mais escritores portugueses à escola.	0	1	0	0
Sessões sobre obras estudadas na disciplina de Português.	0	0	1	0
Sugiro que a BE faça mais atividades para todos os alunos, sejam de que curso forem, talvez, realizarem mais palestras, exposições e também outras atividades culturais.	1	0	0	0
Sugiro que a contínea mais velha da biblioteca seja posta na rua! Pois esta trata mal os alunos.	1	0	0	0
Sugiro que algumas das funcionárias não sejam tão “más”, pois certas vezes os alunos não estão a fazer nada de mal e as funcionárias começam a refilar com os alunos que estão calados e sossegados. Acho também que deviam melhorar o serviço de acesso à internet na biblioteca, pois certas vezes os alunos necessitam de tal para estudarem e não têm acesso à mesma, por motivos de acesso. Deveriam de ter mais calma, ser mais simpáticos, isto os funcionários! Acho também que deviam melhorar o serviço de acesso à internet na biblioteca, pois certas vezes os alunos necessitam de tal para estudarem e não têm acesso à mesma, por motivos de acesso.	1	0	0	0

Sugiro que aumentem o número de diversidades de livros, pois muitas das vezes não chegamos à conclusão de qual livro havemos de escolher, isto porque quase todos tratam do mesmo assunto.	1	0	0	0
Sugiro que os funcionários sejam mais simpáticas e ajudem na procura de livros e enciclopédias. Adquirir mais livros de vários géneros. Realizar mais exposições e feiras.	0	0	1	0
Talvez mais dicionários de inglês, porque às vezes já estão todos requisitados e outras pessoas precisam deles.	1	0	0	0
Tem tudo o que uma biblioteca necessita.	0	1	0	0
Ter mais atividades para cativar os alunos. Realizar workshops	1	0	0	0
Ter uma sala de computadores à parte, para permitir um melhor utilização por toda a comunidade escolar. Ser mais colorida.	0	0	1	0
Tirem de lá a funcionária X.	0	1	0	0
Tornar mais fácil a requisição de materiais.	0	1	0	0
Tornar o espaço mais atraente. Realizar atividades atrativas para os alunos.	0	0	1	0

SUGESTÕES DOS PROFESSORES

A equipa deve integrar professores de todas as áreas disciplinares e também alunos.	1
Alargamento do horário de funcionamento. Criação de um espaço mais reservado para o visionamento de vídeos.	1
Aquisição de mais recursos - filmes, documentários e manuais.	1
Colocar um docente, de cada área disciplinar, pelo menos um tempo semanal, para ajudar os alunos na elaboração de trabalhos.	1
Dar formação sobre como utilizar os recursos.	1
Dinamizar seminários para professores sobre aspetos didáticos/pedagógicos ou em geral das suas práticas educativas. Organização de tardes culturais, com professores e/ou alunos para divulgação e discussão de resenhas de artigos, livros ou estudos na área da educação.	1
Espaço reduzido e inadequado para atividades. Insuficiente o número de computadores portáteis. Outros nichos de salas a ela ligadas que ampliassem a sua função.	1
Estar aberta à Quarta-Feira à tarde. Ter mais computadores. Promover debates sobre temas variados.	1
Estar aberta no horário noturno.	1
Funciona bem, não me ocorrem sugestões, mas, como em tudo haverá alguma insuficiência.	1
Incentivar a comunidade educativa, em particular os alunos, para a utilização/aproveitamento dos recursos da BE.	1
Integrar alunos e EE na equipa da BE. Ter horário noturno.	1

Ir junto dos grupos disciplinares procurar sugestões.	1
Maior abertura para ser utilizada como local de estudo/trabalho individual. Espaço para divulgação de novos materiais. Serem criados estímulos de verdadeira leitura e pesquisa.	1
Mais atividades que envolvam os alunos.	2
Mais materiais de apoio para as atividades letivas.	1
Mais silêncio e menos perturbação.	1
Melhor apetrechamento em livros técnicos relacionados com os cursos que a escola oferece.	1
Melhorar a divulgação dos recursos que possui. Possibilitar a consulta, registo e pedido online dos recursos disponíveis através de uma aplicação informática.	1
Melhoria dos recursos a disponibilizar em função das disciplinas lecionadas.	1
Não deve ser utilizada para implementação de castigo, quando há ordem de saída da sala de aula.	1
Necessidade de mais e melhores equipamentos informáticos.	1
Prolongamento do horário. Espaço reservado para visualização de vídeos, filmes, talvez com a utilização de auriculares.	1
Promoção de ações/atividades que vão de encontro ao interesse dos alunos. Maior envolvimento de alunos/turmas na divulgação de atividades. Promover a participação, sobretudo, do corpo docente. Melhorar a coordenação da equipa da biblioteca, envolvendo todos os que a compõem a participar nas atividades.	1
Quem tem horas de biblioteca deve ser escolhido aleatoriamente e com caráter rotativo, para não adquirirem exclusividade.	1
Requalificar o espaço tornando-o mais acolhedor e confortável. Rentabilizar e atualizar as obras de caráter científico e pedagógico. Colocação em rede com bibliotecas do concelho e com as nacionais. Reformular procedimentos de consulta e requisição de livros e vídeos. Revitalizar os sistemas informáticos direta e indiretamente ligados aos serviços da biblioteca.	1
Se tirarem os computadores, será que seria frequentada por alunos?	1

SUGESTÕES DOS ASSISTENTES OPERACIONAIS E TÉCNICOS

Colocar mais computadores.	1
Como não sou frequentadora da biblioteca, não tenho opinião correta para responder.	1
Nada a apontar.	1
Não me ocorre grande coisa, dado que considero o serviço da biblioteca muito bom!	1
Não tenho sugestões.	1
Mais atividades e informações para aumentar o seu precioso contributo.	1
Melhoria contínua.	1
Que os alunos se saibam comportar perante o espaço que frequentam.	1
Ter mais livros de apoio ao estudo, em certas disciplinas.	1
Ter mais livros.	1
Ter uma atividade noturna.	2

SUGESTÕES DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

	10º ano	11º ano	12º ano	Total
Apoio ao estudo. Fornecimento de material escolar. Realização de atividades culturais.	0	1	0	1
Atividades de apoio ao estudo, principalmente a Matemática.	0	0	1	1
Aumentar o número de livros para preparar os exames.	0	1	0	1
Boa disponibilidade e variedade dos serviços. Funcionários capazes de auxiliar na consulta e pesquisa. Mostrar aos alunos que a biblioteca não é apenas um sítio de livros.	0	0	1	1
Concursos de leituras e outras atividades com interesse para os alunos.	0	0	1	1
Dar apoio direto aos alunos. Ter conhecimento do Boletim informativo.	0	1	0	1
Desenvolvimento de mais atividades para a motivação da leitura recreativa.	0	0	1	1
Deve continuar como está.	0	0	1	1
Embora não conheça, o meu educando diz que funciona bem, pelo que se deve manter assim.	0	1	0	1
Funcionárias mais simpáticas e atenciosas para com os alunos.	0	0	1	1
Haver mais recursos tecnológicos e bibliográficos.	0	1	0	1
Mais colaboração e funcionários mais simpáticos.	0	1	0	1
Mais computadores.	1	0	0	1
Mais concursos, com trabalhos realizados nas várias disciplinas e com prémio, para levar os alunos a serem mais competitivos.	0	0	1	1
Mais dicionários de Inglês para os alunos.	1	0	0	1
Mais divulgação da informação sobre as atividades realizadas.	1	0	0	1
Mais ligação da BE aos EE, nomeadamente através de atividades conjuntas com os pais e educadores. Maior publicitação das atividades, através da edição de um Boletim para a população Senense. Solicitar apoio aos EE para a realização de atividades.	0	0	1	1
Mais livros e cadernos de exercício a determinadas disciplinas.	1	0	0	1
Mais livros, menos jogos e clubes.	0	0	1	1
Mais materiais didáticos, que facilitem e incentivem a aprendizagem dos alunos. Disponibilizar professores para a ajuda da realização de trabalhos.	1	0	0	1

Mais materiais educativos e meios informáticos.	0	1	0	1
Melhoramento dos serviços.	0	1	0	1
Melhorar os recursos para a pesquisa de informação para a realização de trabalhos escolares.	1	0	0	1
Mudar de funcionários.	0	1	0	1
Mude de funcionárias, X e Y, estão sempre a implicar com alguns e outros não, segundo queixas do meu educando.	0	1	0	1
Não pode pronunciar-se porque desconhece.	1	0	0	1
Não posso dar uma opinião de algo que não conheço.	0	0	1	1
Novos livros e filmes. Mudança do espaço.	0	1	0	1
Possua diversidade de documentos e outras formas de informação que facultem aos alunos informação atual e credível.	0	0	1	1
Proceder a uma atualização sistemática dos materiais didáticos e científicos. Melhorar e revitalizar os seus espaços físicos.	0	0	1	1
Prolongar o horário de funcionamento, inclusive à quarta-feira à tarde, para possibilitar aos alunos a ocupação de tempos livres de forma mais saudável.	1	0	0	1
Promover atividades educativas, ações de leitura e informações aos EE. Alargar o horário de funcionamento. Mais mobiliário.	0	0	1	1
Promover atividades relacionadas com os interesses atuais.	0	1	0	1
Promover mais atividades práticas, como ver filmes relacionados com as matérias lecionadas, entre outros.	0	0	1	1
Que a biblioteca tenha uma verba para a renovação do fundo bibliográfico das diferentes disciplinas, em diferentes suportes. Que os professores adiram mais à articulação de atividades com a biblioteca. A biblioteca é de todos e é um excelente recurso de aprendizagens.	0	1	0	1
Que seja diversificada a nível de informação, que tenha um bom apoio de auxílio ao aluno e que seja diversificada a nível de atividades escolares.	0	0	1	1
Que um professor siga de guia aos alunos, que os motive à leitura fazendo ver as diferenças entre os vários escritores.	1	0	0	1
Realização de atividades educativas.	0	0	1	1

Recursos atualizados e suficientes, que permitam aos alunos a utilização de forma rápida e eficiente.	0	1	0	1
Seja apelativa e que sirva melhor as funções para que foi criada, nomeadamente informar melhor sobre a possibilidade dos pais poderem usar a biblioteca e requisitar livros.	0	1	0	1
Sejam tomadas medidas com alguns funcionários, porque são antipáticos e criam mau ambiente.	0	1	0	1
Tenha tudo o que eles necessitam.	1	0	0	1
Tornar mais fácil a requisição de livros/material escolar.	0	1	0	1
Um bom ambiente.	1	0	0	1
Um espaço maior! Mais computadores e mais simpatia a nível de funcionários. Mais colaboração a nível escolar.	0	1	0	1
	11	18	16	45